



É possível mentir e dizer a verdade
ao mesmo tempo?

JOSEPH
KANON

Passagem de
Istambul

Benvirá

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOSEPH KANON

Passagem de
Istambul

Tradução
Márcia Frazão

Benvirá

Para

*David Kanon,
meu companheiro de Istambul*

&

*Michael Kanon,
meu compositor*

Bebek

A primeira tentativa teve de ser cancelada. Foram precisos alguns dias para arranjar uma embarcação e uma casa segura, e então, poucas horas antes da partida, o vento *poyraz** irrompeu, uivando nordeste abaixo e encrespando as águas à medida que varria o mar Negro. As ondas do estreito de Bósforo, que geralmente não ultrapassavam a altura do casco das embarcações quando atingiam as *yalis** fechadas ao longo da costa, agora se agitavam e arrebetavam nas docas. Lá do cais, Leon mal conseguia avistar o lado asiático, os tênues fios de luz se ocultavam atrás de uma cortina de chuva. Quem se arriscaria a entrar no mar? Se até as barcas mais sólidas se recolheriam, o que dizer de um frágil barco de pesca ilegal. Leon imaginou um pescador calculando suas possibilidades — mar violento, sem visibilidade —, torcendo para que a repentina silhueta a quarenta metros de distância não fosse um cargueiro do qual seria impossível se desviar. Ou vislumbrando mais outro dia a salvo no porto, amarrando as cordas e bebendo aguardente de ameixa ao lado do aquecedor. Quem poderia culpá-lo? Só um louco se arriscaria a entrar no mar com aquela tempestade. O passageiro podia esperar. Dias de planejamento. Perdidos devido ao tempo ruim.

— Quanto tempo mais? — perguntou Mihai, encolhendo-se dentro do casaco.

Estavam estacionados logo abaixo da Rumeli Hisari, observando o balanço dos barcos atracados que quase se soltavam das amarras.

— Meia hora mais. Se ele se atrasar e não me encontrar aqui...

— Ele não vai se atrasar — disse Mihai, com desdém, olhando-o de cima para baixo. — Ele é o figurão?

— Isso eu não sei. Sou apenas o garoto de recados.

— Que frio danado — comentou Mihai, ligando o motor. — Nesta época do ano...

Leon sorriu. Era sempre verão na Istambul dos sonhos, as mulheres tomavam sorvete pelas calçadas dos parques, os caiaques flutuavam. Nos invernos, a cidade tremia em meio a braseiros e suéteres, de alguma forma surpreendida pelo frio.

Mihai deixou o ar quente ligado por alguns minutos, depois o desligou e encolheu-se dentro do casaco, como uma tartaruga no casco.

— Então venha comigo, mas sem perguntas.

Com a mão, Leon desembalou o vidro da janela do carro.

— Não há nenhum risco para você.

— Maravilha. Uma novidade. Você não podia fazer isso sozinho?

— Ele está vindo de Constância. E, pelo que fiquei sabendo, só fala romeno. O que faremos? Linguagem de sinais? Mas você...

Mihai descartou aquilo com um aceno.

— Claro, é alemão. Um dos seus novos amigos.

— Você não é obrigado a fazer isso.

— É só a retribuição de um pequeno favor.

Mihai acendeu um cigarro, iluminando por um segundo uma cara enrugada e um cabelo em tons de pimenta-do-reino e sal. Naquele momento, mais de sal que de pimenta. Quando Leon o conheceu, tinha cabelo escuro e ondulado — aquele seu estilo dândi era conhecido em todos os cafés da Calea Victoriei, em Bucareste.

— Aliás, para ver os ratos fugindo... — disse com ar pensativo. — Não nos deixaram sair. E agora olhe só para eles.

— Você fez o que podia. — Passaporte palestino, permissão para solicitar fundos e alugar barcos em Bucareste... até a última tábua de salvação acabou sendo eliminada.

Mihai deu uma tragada e olhou fixamente para a água que escorria pelo para-brisa.

— E como você está se sentindo? — disse, por fim. — Parece cansado.

Leon encolheu-se, sem responder.

— Por que está fazendo isso? — Mihai olhou para ele. — A guerra acabou.

— Verdade? Ninguém me contou.

— Claro, eles querem começar outra.

— Ninguém que eu conheça.

— Cuidado para não gostar disso. Você começa achando divertido... — A voz de Mihai se embargou, enrouquecida pelo fumo, sem perder o sotaque dos Bálcãs. — E depois isso se torna uma coisa como as outras. Um hábito. Como este aqui. — Mostrou o cigarro. — Você toma gosto.

Leon o encarou.

— E você?

— Nada muda para nós. Continuamos salvando judeus. — Mihai fez uma careta. — Agora os salvamos de nossos amigos. Nada de vistos para a Palestina. Para onde eles deveriam ir? Polônia? E pensar que o estou ajudando a se entender com um nazista. Que mundo maravilhoso.

— Por que um nazista?

— Por que tudo isso? Por acaso é algum pobre refugiado? Não, talvez seja alguém que conheça os russos. Quem sabe seja até mais importante...

— Mera suposição sua.

— E você não se importa com isso? Com o que entrega?

Leon olhou para o vazio e depois para o relógio.

— Bem, seja lá quem for, não chegará esta noite. Acho que vou dar um telefonema. Só para me certificar. Naquele café.

Mihai fez menção de ligar o carro.

— Vou estacionar mais perto.

— Não, fique aqui. Não quero que o carro...

— Entendo. Você sai correndo pela rua no meio da chuva. Fica encharcado. Depois vem correndo de volta, molhando-se ainda mais, para o carro que tinha deixado esperando. Isso não vai parecer nada suspeito, se alguém estiver espiando — disse Mihai, ligando o motor.

— O carro é seu — disse Leon. — Só isso.

— E você acha que ainda não o viram?

— Eles viram? Você deveria saber — disse Leon.

— Sempre presumo que sim. — Mihai deu uma volta na rua e estacionou em frente ao café. — Agora, é só esperar. Seco. Mas diga uma coisa: se ele chegar... sua encomenda... terei de levá-lo... para qualquer lugar em que ele for se hospedar?

— Não.

Mihai balançou a cabeça.

— Melhor assim. — Girou a cabeça para a janela ao lado. — Dê logo esse telefonema. Antes que acabem desconfiando.

Quatro homens jogavam dominó e bebericavam um chá em copos de vidro. Ergueram os olhos e Leon lhes pareceu o que queria aparentar: um *ferengi** apanhado pela chuva e sacudindo um chapéu encharcado em busca de um telefone. Ele ruborizou, levemente excitado. O gosto pela coisa. Teria Mihai percebido aquilo, o modo como ele se sentia, teria ele deixado aquilo escapar? O plano estava indo por água abaixo. Naquela mesma noite, Leon tinha ido de bonde até a última parada de Bebek e depois a pé até a clínica. Um caminho percorrido uma infinidade de vezes. Se o tivessem seguido, talvez estivessem esperando estacionados e abrigados da chuva a um quarteirão de distância dos portões da clínica, aliviados porque conheciam o paradeiro dele. Mas, depois, ele atravessou as espessas moitas de oleandro próximas ao portão lateral do jardim em direção à estrada do Bósforo e encontrou Mihai. Sentiu-se subitamente livre, quase eufórico. Ninguém poderia tê-lo visto no escuro. Se estivessem por perto, estariam fumando entediados e certos de que ele ainda estava na clínica. Essa outra vida, essa simples caminhada até o carro, era só dele.

O telefone estava na parede próxima ao banheiro. O aparelho retiniu estridente em meio a um silêncio que só era quebrado pelo estalo dos azulejos e o chiado da água fervendo. Um *ferengi* que fala inglês, responderiam aqueles homens, se alguém perguntasse.

— Tommy? — Estava em casa. Por sorte, não tinha saído para jantar.

— Ah, estava esperando seu telefonema — respondeu Tommy, com um estalo de gelo ao fundo, no tom ameno de quem estivesse em uma boate. — Está atrás daquele relatório... eu sei, eu sei... e meu estenógrafo não apareceu. Problema com os barcos. Típico, não é? Primeiro indício do mau tempo e as balsas... — Leon imaginou a cara redonda do outro lado da linha, o contorno da mandíbula preenchido, carnudo. — Consigo isso para você amanhã, está bem? Quero dizer, o contrato pronto. Só estamos esperando as cotas. Passei metade do dia no telefone com a American Tobacco; portanto, você está no mesmo barco com eles. Só preciso agora das assinaturas. — Na Commercial Corp., a agência do período da guerra que servia de fachada para Tommy no consulado.

— Tudo bem. De qualquer forma, estou preso na clínica. Caso você passe por perto e queira checar.

— Não. Só amanhã. Peço desculpas por isso. Deixe-me fazer algo por você. Pago uma bebida no Park. — Era uma nota dissonante. Tão tarde?

— Estou em Bebek.

— Esperarei você. — Era uma ordem, então. — Não se preocupe, eu o farei rolar até a sua casa. — Era a piada padrão deles. O prédio onde Leon morava ficava na base da ladeira do Park Hotel, antes da ampla curva da Aya Paşa.

— Você me dá uma hora?

— Para vir de Bebek? — Fora surpreendido. Estávamos no limite.

— Dê uma olhada lá fora. Talvez o lugar esteja lotado. Reserve um banco para mim.

Os jogadores de dominó continuavam concentrados no jogo, fazendo-se de surdos. O que mais poderiam fazer? Leon pediu um chá ao *barman*, para compensar o uso do telefone. Aqueceu a mão no copo e só então se deu conta de que estava congelado e com os sapatos molhados por dentro. E agora o Park, todos ali dentro olhando sem olhar, a voz de velhote de Tommy se elevando a cada drinque.

— Que chuva, hein? — disse Leon ao entrar no carro. — Vai estar livre amanhã?

Mihai balançou a cabeça afirmativamente.

— Está acontecendo alguma coisa. Vamos tomar um drinque no Park.

— Muito excitante esse negócio de tabaco — disse Mihai.

Leon sorriu.

— Como sempre.

Na realidade era um negócio sonolento, uma rotina tão previsível quanto um livro de ponto. Agentes compravam de Latakia a folha já seca, e ele arranjava os embarques e depois pegava o trem até Ancara, onde obtinha os vistos de exportação. Partida às seis de Haydarpaşa, chegada às dez na manhã seguinte. Foi assim que tudo começou, carregando coisas no trem para Tommy, documentos que não podiam constar dos malotes diplomáticos, coisas relativas à guerra. Até então, sem dinheiro envolvido. Um ajudante norte-americano que não se embebedava em balcões de bares na companhia de Socony e Liggett & Myers e Western Electric, homens intercambiáveis, homens de negócios sortudos, que não participavam da guerra. Tommy lhe pedira que ajudasse a Commercial Corp. a comprar cromo, pois assim os alemães não poderiam obtê-lo, e de repente ele estava dentro da guerra, um combate peculiar que se dava em jantares no Abdullah ou em recepções no consulado, onde as facções se alinhavam nos extremos da sala. Guerra de coquetéis. Mais tarde, mais inteirado da situação, ele se surpreendeu com a grande quantidade de pessoas que também estavam envolvidas. Rastrear a carga pelos canais. Coletar fofocas. Assumir o papel de adido comercial que precisava de dinheiro. Todos teciam teias, espionavam-se uns aos outros, enquanto o Emniyet, serviço de segurança nacional turco, espionava a todos. Nada mais sonolento que isso.

— Vou levá-lo pra casa. Talvez esteja querendo trocar de roupa.

— Nada disso, vamos voltar para a cidade. Quero dar um pulo na clínica. Só pra dar uma espiada.

Mihai só perguntou quando se aproximaram da clínica.

— Como ela está?

— Na mesma — respondeu Leon, em tom neutro.

Ou seja, nada mais a declarar. Mesmo assim, Mihai inquiria. Anna ainda estava viva para Leon, era uma presença, e não uma paciente na clínica Obstbaum, uma retirante para dentro de si mesma. Antes, os outros perguntavam o tempo todo — interrogatórios dolorosos no bar, preocupações inquietantes no escritório. Mas depois começaram a se esquecer de que ela continuava presente. Fora da vista, fora do pensamento. Exceto para Leon, cuja ferida não se fechara. Anna poderia voltar a qualquer momento, com a mesma rapidez com que partira. E alguém estaria à espera.

— Sabe o que acho? — disse Mihai.

— O quê?

— Às vezes acho que você faz isso por ela. Para provar alguma coisa. Só não sei o quê.

Leon calou-se, sem questionamentos.

— Ainda conversa com ela? — continuou Mihai.

— Sim.

— Diga-lhe que temos um barco lá fora. Ela vai gostar de saber.

— Passou pelas patrulhas britânicas?

— Passou longe. Do contrário, estaríamos no Chipre. Diga que foram trezentos. Salvamos trezentos.

Leon retornou pelo mesmo lado da rua, pelo mesmo jardim de entrada. Fez menção de tocar a campainha, mas a porta estava destrancada. Franziu a testa, aborrecido com o descuido dos funcionários. Mas quem tentaria sair e quem gostaria de entrar? A clínica era uma espécie de casa de repouso, um lugar de retiro total. O dr. Obstbaum era um dos refugiados alemães acolhidos por Atatürk* nos anos 1930, os mesmos que ajudavam a nova república a se estabelecer. Os mais abastados haviam se deslocado para Bebek, ou para mais perto, para Ortaköy, onde as encostas cobertas de figueiras e tílias os faziam evocar a terra natal. Ou, quem sabe até por imitação, eles simplesmente tivessem seguido o primeiro a se assentar. Grande parte da equipe médica da clínica ainda era constituída de alemães, o que para Leon era

bastante útil; era a língua de Anna, ela poderia entender se ainda estivesse ouvindo. Claro, as enfermeiras que a banhavam e a alimentavam tagarelando em volta eram turcas. Mas isso não importava para Leon, o que o preocupava era que ela estava mais isolada que nunca. O próprio dr. Obstbaum o encorajara a conversar com ela.

— Não fazemos ideia se ela escuta. Esse tipo de melancolia... talvez isso tenha a ver com respostas, não com consciência. O cérebro não está desligado. Caso contrário, ela não estaria respirando nem apresentando a função motora. A ideia é manter o nível de atividade. Talvez esse nível aumente com o tempo. Por isso, música. Ela escuta? Não sei. Mas alguma parte do cérebro escuta. Alguma coisa funciona.

Nada de músicas perturbadoras, apenas as conhecidas, que ela ouvia dentro de casa. Notas apazíveis para preencher o silêncio dentro dela. Se é que ela as ouvia.

— Na maioria das vezes, acho que estou falando comigo mesmo — disse Leon.

— Todos aqui falam consigo mesmos — retrucou Obstbaum, numa piada de mau gosto. — É um dos grandes prazeres da vida, evidentemente. Pelo menos você sabe que está sendo interpelado.

— Já está tarde — disse a enfermeira em turco, num sussurro, lançando um olhar de relance na água que pingava do casaco de Leon.

— Ela está dormindo? Só darei boa-noite. Sinto muito por...

Mas a enfermeira abriu a porta bruscamente. Ela não tinha nada a ver com os caprichos dele. Ele ficaria falando sentado, como sempre, mas ela teria de retornar e fazer outra checagem, outra ronda; em contrapartida, era uma clínica particular e quem pagava era ele.

Anna estava deitada na cama, o quarto na penumbra, apenas sob a luz do luar. Leon a pegou pelas mãos e ela abriu os olhos, mas não o reconheceu. Isto era desconcertante: ela apreendia o que estava em volta e não esboçava a menor reação. Aqueles que a penteavam e circulavam pelo quarto... eram acontecimentos a distância, meros borrões de movimento.

— Como está se sentindo? — perguntou Leon. — Está bem aquecida? — Fez um aceno em direção à janela; ouvia-se a chuva batendo na vidraça.

Ela não respondeu. Fazia tempo que ele já não esperava respostas. Quando falava, ele próprio respondia por ela, respostas silenciosas que mantinham as coisas em movimento. Às vezes, quando se sentava a seu lado, a voz dela soava dentro da cabeça dele, num diálogo fantasmagórico, pior que falar com os próprios botões.

— Mas aqui está bom, não está? — Ele apontou para o quarto. — Aconchegante. *Gemütlich*.^{*} — Como se a mudança de idioma importasse.

Soltou a mão dela e sentou-se na cadeira.

Ela era uma tagarela quando ele a conheceu; passava do alemão para o inglês como se um único idioma não abarcasse tudo o que tinha a dizer. Percorria todos os cantos com os olhos, às vezes ultrapassando as palavras, outras vezes esperando por elas, sempre de rosto iluminado. E o estranho é que continuava com o mesmo rosto, parado no tempo, a pele bonita, a linha suave da bochecha, cada detalhe exatamente como antes, o envelhecimento se neutralizava enquanto estava fora. Somente os olhos estavam diferentes, vazios.

— Estive com Mihai esta noite. Mandou lembranças. Disse que já tem um barco em atividade. Já tem gente fugindo. — Queria algo que pudesse ser registrado, algo que a fizesse se preocupar. Obstbaum recomendara que não a deixasse preocupada e que só relatasse coisas cotidianas, assuntos domésticos. Mas como o médico poderia saber? Só porque exercia uma atividade onde ela residia? Será que ela se importaria em saber que Fatma estava doente e que a irmã é que faria a faxina? — Trezentas pessoas — continuou ele. — Isso quer dizer que precisam operar novamente. Mossad. Quem mais podia ser? Um

barco grande como aquele...

Leon se deteve. A última coisa a ser mencionada era uma recordação. Segundo o diagnóstico de Obstbaum, tudo se desencadeara durante o naufrágio do *Bratianu*. Cadáveres boiando na água. Crianças. E a mente de Anna escapando de tudo, baixando uma cortina. Obstbaum também recomendara que a instalassem no quarto em frente ao jardim; nem pensar nos quartos de frente para o Bósforo, onde transitavam navios o dia inteiro, deixando possíveis lembranças para trás. Leon acatara isso. Em Istambul, todos queriam uma vista para o mar — leis do período otomano impediam a construção de prédios que bloqueassem a vista. E um quarto com vista para o jardim era bem mais barato. Além do mais, era um prazer olhar para aquela encosta com ciprestes, pinheiros-mansos e uma árvore-de-judas, cujos botões cor-de-rosa desabrochavam na primavera. Em qualquer outro lugar, isso seria uma fortuna, mas, ali, era possível pagar. E sem nenhum barco à vista.

— Acho que vou precisar me virar no romeno. Estão trazendo alguém, mas não me disseram quem é. E agora me querem como babá. Recorri ao antigo senhorio de Georg para conseguir um quarto. Nos arredores de Aksaray. Nunca pensarão em procurar num bairro muçulmano. E depois o tempo fechou...

Ele flagrou-se ouvindo a própria voz, dizendo nomes em alto e bom som, dizendo o que ninguém mais poderia saber, as palavras escorriam e ecoavam inutilmente. Até que lhe ocorreu outra ironia: só quando ela entrou naquele estado é que finalmente puderam conversar. Coisas que antes não eram ditas, segredos de outras pessoas agora eram confiados com toda a segurança. Pelo menos alguns. Mesmo porque certas gavetas não podiam ser abertas, certas coisas não podiam ser ditas. “Seus pais morreram. Embora não saibamos ao certo, talvez estejam mortos. Ainda não constam das listas. Você não faz ideia de quantas listas existem por aí. As fotos. Estive com uma mulher. Só por sexo. Achei que isso era... errado... mas agora desejo isso. Não foi como entre nós dois. Foi diferente. Acho que você nunca mais vai voltar. Não posso dizer isso... não posso dizer para você... mas acho que é verdade. Não sei por que isso aconteceu conosco. Fiz muitas coisas. É melhor deixar essas gavetas fechadas.”

— Encontrei Gus Hoover. Socony vai mandá-lo para casa. Mas ainda não há um barco. O que acha disso? Arrumaram um veleiro para ele. É uma grana alta, mas sei muito bem que eles têm de sobra para gastar. Consegue imaginar a Reynolds fazendo isso por mim? Não que eu queira ir. Mas você sempre quis, não quis? Conhecer Nova York. — Ele fez uma pausa, um tempo para a resposta. — Talvez quando estiver melhor. Ainda não podemos tirá-la daqui com você desse jeito. E aqui posso cuidar de você. — Apontou para o quarto. — Você está bem melhor neste lugar. — Fez outra pausa. — Você poderia tentar. Obstbaum diz que a questão não é essa. Mas... e se for? Você poderia tentar. Tudo voltaria a ser como antes. Melhor ainda. A guerra acabou. Todas aquelas coisas terríveis.

Mas Leon sabia que nem tudo tinha acabado... ainda havia gente nos campos, ainda havia barcos circulando, coisas das quais ela tentava escapar e que ainda estavam acontecendo. Voltar para onde? Para ele? Não devia ter aberto essa gaveta. E tudo por minha culpa? Outra baixa de guerra, diria Obstbaum. E se ela tivesse deixado o mundo para escapar dele? Só ela sabia a resposta e não responderia nada. Nunca. Se Gus e todos os outros voltassem para casa, ele continuaria naquele mesmo lugar, conversando consigo mesmo enquanto ela olhava fixamente para o jardim. “Você precisa ser paciente”, dizia Obstbaum. “A mente é como uma casca de ovo. Suporta as mais tremendas pressões. Mas, quando racha, não é nada fácil emendá-la.” Uma explicação ao estilo Humpty Dumpty, tão boa quanto qualquer outra, mas quem se sentava naquele lugar era ele, o mundo que estava rachado era o dele.

— Não posso me demorar. Tommy quer tomar um drinque no Park. Logo numa noite como esta. Claro que uma simples chuva não impediria Tommy de tomar um drinque. Por enquanto. Sabe o que me passou pela cabeça? Ele está a fim de me envolver. Na operação. Quer dizer, um trabalho como o desta noite não é mais trabalho de mensageiro. Tem grana na jogada. É uma questão de tempo para que ele... —

Tagarelice. Preenchimento do tempo. — Você está precisando de alguma coisa?

Ele se levantou e se aproximou da cama. Acariciou os cabelos escuros de Anna. Levemente, um toque furtivo — um contato físico seria irreal, porque não se pode tocar alguém que não está presente. E sempre havia aquele instante em que ele se encolhia apreensivo, na expectativa de que ela se mexesse e o agarrasse loucamente pela mão. Acariciou-a na fronte com o dorso da mão, um impulso suave que a fez fechar os olhos do jeito que ficava depois que eles faziam amor.

— Durma um pouco — disse, baixinho. — Eu voltarei.

Mas não no dia seguinte. No início, ele a visitava todas as noites, numa espécie de vigília, mas os dias passaram e se preencheram de outras coisas. E o pior é que, mesmo sem querer, também passou a deixá-la de lado.

Lá fora, Leon saiu andando e observando os carros estacionados na estrada litorânea. Mas ele não os poderia ver, poderia? Não se eles fossem realmente bons. Depois de algum tempo, desenvolve-se um instinto. A polícia turca se atrapalhava toda quando Anna trabalhava com Mihai. E acabou plantando alguém — um policial entediado que se vestia em trajes civis e se achava invisível atrás da fumaça do cigarro — no saguão do Continental, onde o Mossad tinha um escritório. Seu trabalho era arranjar os vistos para o trem semanal até Bagdá, o caminho por terra em direção à Palestina. Era um escoamento lento de refugiados, mas isso era legal. A polícia observava quando Anna se dirigia aos escritórios do Crescente Vermelho e quando ela checava as listas em Sirkeci, e também observava a baldeação para Haydarpaşa — era um padrão familiar que não os deixava desconfiar de nada. Quando começou o trabalho ilegal — os barcos de Mihai —, continuaram seguindo Anna até Sirkeci, e continuaram fumando no saguão.

Mais tarde, o trabalho de Anna também passou a servir de cobertura para Leon. Quem precisava ser vigiada era a esposa judia que trabalhava para o Mossad e não seu marido norte-americano. Uma vez, Leon estava jogando tênis no Sümer Palas, em Tarabya, e um suposto policial trocou algumas palavras com ele. A esposa. Sem dúvida bem-intencionada, mas as atividades que ela exercia já estavam chamando atenção. A Turquia era um país neutro. Eles eram convidados naquele país. E cabia à esposa cuidar do lar do marido. Ninguém queria vê-lo constrangido. Nem a R. J. Reynolds Company. Nem o governo turco. Leon se lembrou de como se plantara emudecido na frente do hotel, observando os arbustos de hortênsias e prendendo o riso enquanto saboreava a inesperada dádiva. Anna era suspeita, não ele.

Mas isso era uma iniciativa da polícia local. O Emniyet, a polícia de segurança, estava em todos os lugares, nunca à vista, era como o ar que respiravam. Era a vantagem de estar na própria casa. Macfarland tinha passado na central de polícia e estava convencido de que eles tinham infiltrado alguém lá, o que sugeria que talvez soubessem sobre Leon. Embora fosse extraoficialmente, fora dos registros. Só que Tommy não tirou o dinheiro do bolso. Onde eles poderiam rastreá-lo? Pela lista de despesas? Tommy pegava trabalhos de *freelancer*, como naquela noite.

A praça estava vazia, nenhum bonde à vista, apenas duas mulheres encolhidas debaixo dos guarda-chuvas esperando um *dolmuş*.* De repente, o improvável: um táxi, provavelmente fora da rota, oriundo de alguma corrida da Taksim. Ele fez sinal, entrou e olhou por cima do ombro, pensando que talvez se acendessem os faróis de um carro que os seguiria. Mas ninguém o fez. Girou o corpo para trás. Apenas uma linha estreita de tráfego, todo mundo abrigado da chuva dentro dos veículos. Em Arnavutköy, um carro colou na traseira do táxi e depois se afastou, deixando-os de novo sozinhos. Ninguém. A menos que o táxi fosse do Emniyet. Mas logo o motorista reclamou de alguma coisa, os detalhes se perderam no ruído do para-brisa, e Leon se deu por satisfeito. Talvez nem tivesse precisado sair furtivamente da clínica para encontrar Mihai na rua. Talvez ninguém mais estivesse espiando. Talvez Mihai estivesse

certo. Aquilo se tornara um hábito.

Quando Leon chegou, Tommy já estava no Park, de rosto corado e bochechas brilhantes. Os ombros largos ainda conservavam as linhas fortes de quem tinha jogado pela Universidade da Pensilvânia, mas com o resto do corpo alquebrado e arqueado pelos muitos anos sentado e pelos muitos trabalhos extras.

— Cristo, você está encharcado. Caminhou até aqui? Sente-se, espante o frio. Mehmet, que tal uma dose dupla? Vamos beber ali — disse Tommy, levantando-se com um pequeno grunhido e se dirigindo a uma mesinha encostada no lambril da parede.

Leon não esperava encontrar tanta gente, provavelmente hóspedes do hotel indecisos em sair, embora houvesse muitas mesas disponíveis. Fazia semanas que a grande varanda externa com ampla vista para o promontório de Istambul estava fechada. Antes, a varanda ficava lotada e os garçons pareciam aves voando de um lado para o outro com bandejas nas mãos, os frequentadores trocando palavras e olhando em volta em busca de outros rostos. Pareciam mesmo cegonhas.

— Desculpe-me por hoje à noite — continuou Tommy. — Só fiquei sabendo quando recebi a mensagem. Algum problema com o lugar?

— Não, reservei por um mês. Não sabia quanto tempo ele...

— O mês inteiro? Quanto isso vai custar para nós?

— Fica em Laleli. É barato. Você poderá pagar.

— Laleli. Que merda de lugar é esse? Fica no lado asiático?

Leon sorriu.

— Há quanto tempo está aqui?

Tommy deu de ombros.

— E o que faremos depois de o tirarmos?

— Leve suas mulheres para lá. É um lugar bom e privado.

— Sim, só nós e as moscas. E lá vamos nós. — Tommy comentou, enquanto a bebida era servida. —

Obrigado, Mehmet. — Ergueu o copo. — Ao céu azul e à navegação tranquila.

Leon ergueu o copo e tomou um gole. Gelado e revigorante, com um toque de zimbro. Mehmet colocou uma tigela de prata com pistaches à mesa e se retirou.

— Cristo, imagine o que ele já ouviu aqui — disse Tommy, observando o garçom mais à frente. — Durante todos esses anos...

— Talvez nem preste atenção em nada.

— Todos prestam atenção. A questão é em quem?

— Além de nós?

Tommy ignorou a pergunta.

— Dizem que os garçons daqui recebem em dobro. Às vezes, até mais. E de todos. Lembra daquele que levava recadinhos amorosos para Von Papen e depois se virava de costas e fazia a mesma coisa para os ingleses? — Ele balançou a cabeça com ar irônico. — Seis meses fazendo isso. Não se pode tirar o mérito dele.

— E o que resultou de bom disso tudo? Alguma vez alguém disse aqui no Park o que você queria saber?

Tommy sorriu.

— Vive-se de esperança. Vive-se de esperança. De qualquer forma, não era esse o ponto, não acha? O ponto era saber. O que eles diziam e não diziam. Poderia ser útil para alguém. Alguém que conseguisse

juntar as peças.

— E acha mesmo que havia alguém assim?

— Cristo, tomara que sim. Do contrário... — Tommy fez uma pausa. — Mas vou lhe contar uma coisa. Este lugar também era divertido. Era um verdadeiro circo. Todo mundo. No mesmo espaço. Packy Macfarland logo ali, e o tal do *Kraut*, o que fingia que era da marinha, sentado bem perto dele. Marinha. E aquele japa, o Tashima, talvez se lembre dele, de óculos, como um Tojo magricela. No início, cheguei a pensar que era ele. E Mehmet ouvindo a todos.

— Bons e velhos tempos.

Tommy ergueu os olhos, pego pelo próprio tom.

— Vamos lá, Tommy. É um pouco cedo para os últimos ritos no Park. Mehmet ainda está à escuta. Sabe Deus para quem. De que vale isso.

Tommy balançou a cabeça em negativa.

— Este lugar está acabado.

Leon passou os olhos ao redor, já sob um leve efeito do drinque.

— Bem, os alemães se foram. E o general Tojo também. Não era isso que queríamos que acontecesse?

— Eu me refiro ao lugar como um todo. Uma cidade neutra numa guerra em que todos têm interesse. Os turcos chegando? Ficando? O que há com todo mundo? E agora? Agora, é só lidar com os turcos.

— Você ainda tem a mim no negócio com os barcos — disse Leon, terminando o drinque. — Ainda estamos aqui.

— Não por muito tempo.

— O que quer dizer?

Tommy desviou os olhos e ergueu a mão para outra rodada.

— Vai voltar para casa? — Leon tentou adivinhar.

— Nós precisamos conversar.

— Por isso estamos tomando este drinque? — Não era um novo trabalho...

Tommy assentiu com a cabeça.

— Eles estão mudando a operação.

Nenhuma reação.

— Que operação?

— Aqui. Todos nós. Pelo menos a maioria.

— E você?

— Washington. Você sabe, em setembro eles nos ofereceram o Departamento de Guerra. Desconfio de que não podiam se livrar do Bill com tanta rapidez. O que o G-2 queria esse tempo todo. Pesquisa e Análise foram para o Estado. A unidade inteira. E agora estão na Pesquisa de Inteligência. O pessoal de escritório. Mas, e o campo? O que o Departamento de Guerra fará com os oficiais de campo? A guerra acabou.

— Diga isso para os russos — retrucou Leon.

— É na Europa. Não aqui. Cristo, Leon, não achou que ficaríamos aqui para sempre, achou? Depois da guerra? — A voz de Tommy tornou-se um tanto defensiva. — Ah, Mehmet. — Um intervalo para mais alguns goles, uma piadinha que Leon não ouviu porque olhava para o rosto de Tommy, as bochechas vermelhas que se mexiam à medida que as palavras escapuliam. Saber o que estava por vir. Cuidar da própria transferência e cuidar dos negócios. Uma escrivanhinha no Departamento de Guerra? Ou alguma coisa mais próxima do bar Mayflower? Leon olhou para mais um drinque, de estômago embrulhado. E agora? De volta à escrivanhinha na Reynolds, dias sem fim.

— E quando isso acontece?

— No fim do mês.

Só isso.

— E eu?

— Você? Achei que ficaria feliz por tudo acabar. Você nunca disse que queria... Lembra que tive de persuadi-lo? Se bem que reconheço que depois mergulhou de cabeça. Você foi o melhor que já tive. Não sabe disso? Não sabe que sempre achei isso? — Tommy fez um movimento como se estivesse prestes a pegar Leon pela mão, mas se deteve. — Posso escrever uma carta de apresentação para você... quer dizer, dominar o turco já é alguma coisa. Mas já estão fechando o escritório daqui. Todos estão retornando ao G-2 e você não quer se juntar ao exército, ou quer? — Olhou por cima do copo. — É hora de voltar para casa, Leon. A OWI* já está quase toda preparada. Todo mundo está voltando para casa.

— E eu voltaria para os Estados Unidos para fazer o quê? Já se passaram dez anos.

— Você não quer ficar aqui. O que há aqui?

Minha vida.

— A Reynolds pode providenciar sua transferência. Que tal ser um figurão na indústria do tabaco?

Seria possível? Uma sala no meio de um longo corredor com outras salas, compartilhando uma secretária e não uma vista para a praça Taksim. Uma casa em Raleigh, com um pequeno quintal, e não aquele apartamento na Aya Paşa, com vista para o mar de Marmara. Onde Anna ficaria?

Leon balançou a cabeça.

— Não quero transferir Anna. Ela já está bem melhor. Um progresso real. Uma mudança agora... — Mentir sem fazer esforço era uma das razões que faziam dele o melhor.

— Se quer saber, ela ficaria muito melhor nos Estados Unidos. Lá poderiam fazer de tudo por ela. Os hospitais de lá... — Tommy se deteve. — Você está com um olhar engraçado. O que é? Dinheiro?

— Dinheiro? — Leon bufou. — O que você paga? Pelo que sei, não muito. — Apenas o suficiente para fazer a diferença. — É a bebida, suponho. — Empurrou o copo. — Estou agitado. Toda essa espera em volta. — Ergueu os olhos e notou que Tommy o encarava atrás de olhos vidrados e alertas. — Você sabe que nunca fiz isso por dinheiro.

— Sei e aprecio isso.

— Só estou surpreso porque estamos pulando fora. Idiotice. Cuidar de papeladas num escritório.

— Quer cuidar de outra coisa? A Western Electric está precisando de gente. Para cuidar do Oriente Médio, de todo o território. O cara atualmente no comando está de partida.

— Para Washington?

— Foi o que fiquei sabendo.

— Você também tinha alguém na Western?

— Leon.

— Pelo visto, não põe todas as fichas na mesa, não é? — Gavetas separadas, segredos separados.

— É mais seguro assim.

— Em breve, você estará longe de tudo isso. Chega de Lend-Lease.* Chega de OWI. Western Electric. Nem mesmo aquele cara do negócio de tabaco.

— Que cara?

Leon sorriu.

— Vou sentir saudade de você. Quando vai partir?

— Logo que conseguirmos transporte aéreo. Para o nosso amigo. O que ficou enjoado esta noite.

— Vai com ele?

— Não queremos que ele viaje sozinho. Poderia se perder. Só precisamos que ele fique aqui por um dia ou mais. Depois, todos os nossos problemas estarão resolvidos. Mas, enquanto estiver com ele...

bem, não preciso lhe dizer isso. Não é a primeira vez que você faz isso. Só seja cuidadoso.

— Sempre.

— Refiro-me a esse em especial. Muita gente quer falar com ele. Então, as velhas regras. Ele não pode sair. Ele não pode...

— Conheço as regras, Tommy. Se isso o deixa tão nervoso, por que você mesmo não o pega?

— Espalhe as apostas, Leon. E desta vez sem minha presença na mesa. Nada que seja visível, nada que me comprometa. Só vou fazer as malas e partir. Você só precisa cuidar do pessoal do avião, só isso. Mas não posso colocar esse cara lá dentro. As luzes se acenderiam a bordo. Aqui, eu não sou invisível.

— E eu sou.

— Você é autônomo. Ninguém espera por algo assim. Não em relação a ele.

— O que esse cara tem para ser levado pessoalmente a Washington?

— Leon.

— Você me deve isso.

Tommy encarou o parceiro e terminou o drinque.

— Muita coisa — disse em seguida, balançando a cabeça. — Até aqui. — Levou a mão à própria testa.

— E também um lindo álbum de fotos.

— De onde?

— Da mãe Rússia. Reconhecimento aéreo. Os alemães fotografaram tudo enquanto ainda podiam. São imagens valiosas agora.

— E como ele as conseguiu?

— Isso eu não sei dizer. Talvez tenham caído de um caminhão. Acontece. Quer outro?

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Preciso ir embora. Para começar a ser invisível. Termine este aqui.

— Bem, já que estou pagando...

Leon se levantou.

— Até qualquer noite.

— Amanhã, então. Mais um e você estará livre.

Leon se desconcertou com a frase de Tommy.

— Quem é ele?

— Atenderá pelo nome John.

— Como Johann? Alemão?

— Como John Doe. — Tommy ergueu ligeiramente os olhos. — Nada de gracinhas, está bem? Deixe as perguntas para Washington. Só cumpra o seu papel. Haverá um bônus, se eu puder conversar com eles a respeito.

— Não dou a mínima para isso.

— Tudo bem. Bom para o país. Repito: pense nisso como se eu não soubesse de nada, pelos bons tempos. — Tommy girou a cabeça ao redor.

— Você vem?

— Só vou acabar este. E dar uma última olhada aqui. Isto aqui não era danado de divertido? — disse Tommy, com a voz e o olhar sentimental.

Leon pegou o casaco ainda úmido.

— Em todo caso — acrescentou Tommy, em tom de novo cortante. — Mas em que raio de lugar fica Laleli?

— Passando a universidade. Antes de chegar a Aksaray.

— Cristo, quem é que vai lá?

— A ideia é justamente essa.

Ainda chovia forte e Leon tremia dos pés à cabeça quando chegou encharcado ao apartamento. O Cihangir Apartments, no Aya Paşa, logo depois do Park, era uma construção dos anos 1920 que ainda preservava um toque de modernidade no saguão — embora o reboco já despencasse, anunciando uma decadência ainda maior. A Reynolds comprara para a companhia um apartamento nesse lugar atraída pelo aquecimento central. Um luxo. Mas a falta de combustível deixou os radiadores frios durante toda a guerra, e agora Leon só contava com aquecedores domésticos, cujas poucas fileiras de serpentinas não eram capazes de esquentar nem mesmo as mãos. Um elevador esporádico. E uma água quente que entrava escassamente pela torneira e já estava fria quando a banheira enchia.

Nada disso importava. Na primeira vez em que Leon entrou naquele apartamento com Anna, durante o ritual de entrega das chaves, ambos só tinham olhos para a janela, uma vista para os telhados de Cihangir, as mesquitas de Kabataş e Findikli e a boca aberta de um Bósforo vivo e lotado de embarcações. Nos dias claros, avistava-se a Torre de Leandro, o parque verdejante de Topkapi. No primeiro ano, sempre se sentavam à janela após o trabalho para tomar um drinque enquanto observavam as barcas que cruzavam as águas rumo à Ásia e os cargueiros que atravessavam o estreito. Sem varanda, aquela janela era uma tela de cinema particular.

— Vocês vão adorar este lugar — disse Perkins, um tanto ansioso na ocasião. — Se precisarem de ajuda, chamem o sr. Cicek, o zelador do prédio, se não me engano. É muito bom com a chave inglesa. E pronto para qualquer eventualidade. Portanto, se precisarem de alguma coisa...

— Oh, é maravilhoso. Do jeito que é — disse Anna de olhos cravados na vista. — Como alguém pôde sair daqui?

Mas isso ocorreu quando tudo era novidade e Istambul era quase mágica, um lugar onde podia respirar depois de ter saído da Alemanha. Leon lembrou-se do primeiro dia em que saiu da estação de Sirkeci em meio a um enxame de motocicletas, odor de peixe frito, bandejas com pilhas de *simits** equilibradas à cabeça dos vendedores ambulantes e um sem-número de barcos ancorados no cais de Eminönü, uma barulheira sob a luz do sol. Enquanto observava os graciosos minaretes de Sinan, que espetavam o céu durante o trajeto de táxi pela ponte Galata, um bando de pássaros alçou voo, circulou a cúpula da mesquita Yeni e depois mergulhou de volta para a água, em ondulações luminosas. Ele considerou aquele o lugar mais maravilhoso que já tinha conhecido.

Durante as primeiras semanas, os dois não tinham olhos nem para o alinhamento das velhas casas de madeira que rangiam de negligência, nem para as ruelas entupidas de lixo e lama, nem para as fontes rachadas e infiltradas pelo musgo. Só tinham olhos para a cor, as montanhas de especiarias, bem diferentes da Alemanha, e a água por todos os lados, uma cidade onde se pegavam balsas só para circular à margem, observando cúpulas e torres e deixando de lado ruas tortuosas e sujas. Anna queria apreciar tudo, os afamados pontos turísticos e também o que era descoberto nos livros: as escadas de Camondo, que se torciam pelo monte Galata abaixo, a igreja búlgara em ferro fundido e os mosaicos bizantinos nas imediações das muralhas da cidade velha, onde faziam piqueniques no gramado amarelo, observando os gigantescos ninhos de cegonhas nas ruínas. À época, a fachada da edificação era de gesso verde-limão, e os pés de plátanos no meio sombreavam a Aya Paşa. Só mais tarde a sujeira se fixou nas bordas e a brancura da limpeza desbotou, só mais tarde tudo aconteceu com eles.

Cicek tinha passado uma pequena pilha de correspondências por debaixo da porta. Será que tinha bisbilhotado e reparado em alguma coisa interessante? Mas até que não havia chegado muita coisa

naqueles dias. Nada de casa por via aérea e nenhum envelope grosso com selo do consulado. Choviam convites quando ele e Anna eram recém-chegados à cidade, tanto para partidas de tênis como para festas e recepções da incansável vida social da comunidade europeia. Mas, quando ela adoeceu, os convites escassearam, só restaram contas e eventos onde ele podia comparecer sozinho, nada mais. Ele pegou a correspondência — enfim, um convite, um envelope grosso — e tremeu de frio novamente, até dentro de casa estava gelado. Foi até o lado da porta, ligou o aquecedor de ambiente e abriu o envelope. Uma festa na casa de Lily era algo a ser pensado. Refeições e mais refeições e uma *yali* aquecida, mesmo naquela época do ano, nunca era um problema para os ricos. Uma mulher que realmente pertencera ao harém de um sultão, coisa do século anterior, e que agora propiciava coquetéis para turcos modernos que deixavam as esposas em casa — outro paradoxo de Istantbul.

Leon baixou os olhos. As serpentinas brilhavam e não produziam calor, como de costume. Pelo menos era possível tirar as roupas molhadas. Enquanto se dirigia ao banheiro, ia se despindo das roupas que estavam coladas ao corpo. Pegou o roupão e estremeceu de frio, quase num espasmo. Gelado até os ossos, literalmente. Estendeu as roupas em cima do cano do chuveiro para secar e depois apertou ainda mais o roupão e retornou à mesa de bebidas para pegar um conhaque. Você não quer ficar doente, não antes de fazer o trabalho. Coisa que o próprio Tommy poderia ter feito facilmente, se deixasse John Doe seguro e fora de vista no consulado até que o avião estivesse pronto. Por que envolver Leon em tudo? Um bônus para você, caso faça a sua parte. O conhaque queimou ao descer pela garganta, o único calor no quarto. Mas afinal, por que fazer em partes? A menos que Tommy não quisesse que ninguém do consulado e ninguém do seu próprio escritório soubessem. Eu não sou invisível. Nenhuma conexão até que se reunissem no avião. Um alemão com fotografias. Talvez importante, a ponto de obter uma mesa maior em Washington para Tommy. Planejar. Você foi o melhor que já tive. Elogio barato de quem só olhava para o próprio umbigo enquanto Leon saía para comprar tabaco.

Examinou o resto da correspondência. A conta de luz, uma propaganda de ternos sob medida e um cartão de Georg Ritter, o cavaleiro homônimo da frente. No verso do cartão, um desenho a caneta de um tabuleiro de xadrez. “Um jogo esta semana? Quinta-feira?” Amanhã. Bem, quinta-feira, não. Teria sido melhor telefonar. Georg podia ter feito isso. Por que mandar um cartão quando simplesmente podia telefonar? Mas um telefonema seria uma intrusão. Pode-se ignorar um cartão, não respondê-lo se preferir, formalidades de Georg para lidar com o mundo, como se os últimos cinquenta anos não tivessem acontecido. Cartões de visita, bilhetes, uma *pneumatique*, como se tudo isso ainda existisse, inclusive aquele apartamento com mobiliário pesado e estatuetas Meissen, relíquias da velha Europa. Georg gostava de Anna, era uma espécie de padrasto, e agora, como pai idoso, era fácil de ser negligenciado. Ninguém o obrigava a mandar cartões, lembretes gentis. Um jogo uma vez por semana, algumas fofocas, apenas uma companhia... sem muito a perguntar. Ligar no dia seguinte e marcar uma data.

Leon deixou o convite em cima do piano que o próprio Georg encontrara para eles. Afinado, teclas espanadas, pronto para que ela voltasse a tocar. Durante a guerra, tocava Mendelssohn. Já que não se podia tocar *jüdische Musik* na Alemanha, Anna empinava o nariz para os nazistas com lieder. Ao longo da cauda do piano, estava uma fileira de fotos emolduradas que Leon considerava um memorial de guerra. Os pais de Anna vestidos para uma caminhada no Tiergarten, a última imagem que enviaram antes de serem levados. Uma foto da própria Anna dos tempos em que ainda tinha um sorriso aberto e palavras. Phil ajoelhado na pista de algum lugar do Pacífico junto à equipe de terra, as hélices atrás das cabeças. Seu inesperado irmão temporão, os muitos anos de diferença de idade os mantinham distantes, e de repente só tinham um ao outro como família. Leon recebera um telegrama, o único restante. Desaparecido em ação sobre a Nova Guiné. E, alguns meses depois, uma carta de um oficial que sobrevivera ao campo japonês e que o informava de que Phil fora valente até o fim. Sabe-se lá o que isso significava. Talvez

uma espada samurai enfiada por trás do pescoço, talvez uma disenteria, de qualquer maneira, o último laço de Leon com os Estados Unidos tinha partido. Mas, estranhamente, a perda de Phil o aproximara ainda mais dos Estados Unidos, como se quisesse fazer parte do país, mesmo que apenas para carregar papéis para Tommy, como se isso pudesse ajudar em alguma coisa, uma espécie de mecânico de solo que verifica o óleo enquanto aguarda os outros.

Jogou uma coberta sobre os ombros e sentou-se ao lado da lareira elétrica. Mihai, um de seus novos amigos, é que tinha percebido. Agora, uma passagem VIP para Washington. O que Anna teria dito? Quem mais faria o reconhecimento das fotos? Um nazista ou um ladrão. Novos amigos. Não era o que imaginava fazer quando tudo começou. Um inocente trem até Ancara, e depois um jantar no Karpić's para entregar os papéis. Sem precisar passar na embaixada, apenas na cidade e a negócios. E depois Tommy o incumbiu de fazer outras coisas.

— Você tem o dom das línguas. — disse ele então. — Quem entende o turco? E o *Kraut*. — Era o legado do avô de Leon: inglês na escola, alemão em casa. — Você devia se orgulhar... a língua de Schiller.

Claro que ele não se orgulhava, escondendo isso dos amigos, era um embaraço, até que um dia apareceu um trabalho, não em Paris, onde queria, mas ainda assim no exterior e pago em dólares. Um trabalho após outro, e depois Hamburgo e depois Berlim, onde conheceu Anna.

E depois as viagens à terra natal tornaram-se menos frequentes. Seguiu-se o falecimento da mãe dele, e com isso já não havia razão para ir. Ficaram em Berlim até a Noite dos Cristais, quando os pais de Anna suplicaram em pânico que a levasse para Nova York, dizendo que os seguiriam tão logo as coisas se arrandassem. Mas quando seria isso? Havia um oceano entre eles, era algo decisivo. E depois, quase por acaso, surgiu o trabalho na Reynolds, um lugar seguro e perto o bastante para que pudesse resgatá-los de lá. Podia-se pegar um trem Viena–Sofia–Istambul duas vezes por semana.

Mas nunca o pegaram; protelaram até que ninguém mais pudesse sair, a menos que fossem resgatados, a menos que Anna e Mihai os resgassem com um dos barcos. Anna nunca parou de tentar, mesmo quando já não era mais possível encontrá-los, quando eram mais dois desaparecidos. E àquela altura Leon já trabalhava para Tommy. Ajudava à maneira dele, combatendo os nazistas. E agora tinha de escondê-los.

Olhou pela janela ainda embaçada de chuva. E se não tivesse chovido à noite? E se John Doe tivesse feito tudo? Será que Tommy teria falado das fotos para ele? Pelo menos de algumas? Só cumpria seu papel. Enquanto eu planejo. Não era por dinheiro, não faltavam maneiras de ganhar dinheiro, mas a finalidade das coisas. Só isso. Estremeceu novamente. Já não se livrava mais do frio, mas havia algo mais por trás, um mal-estar. Por quê? Talvez apenas pelo silêncio. Janelas fechadas e imunes às sirenes das embarcações e à barulheira dos carros pelas ruas íngremes abaixo. Riscou um fósforo e o som ecoou ao redor. Aninhou-se ainda mais na coberta, um velho encolhido em frente à lareira. Não propriamente uma lareira, não propriamente um velho. Ou será que era muito velho para ser chamado de volta a Washington? Tommy já estava de partida. Isso o incomodava. Uma pílula e depois se meteria na cama, debaixo do velho edredom de Anna, sempre quentinho.

Entrou no banheiro. Fez menção de abrir a caixa de remédios e se deteve. Viu uma pessoa bem diferente do outro lado do espelho, onde se olhava a cada manhã. Quando isso tinha acontecido? Não eram o cabelo grisalho nem os olhos cansados. Aparentemente, continuava mais ou menos o mesmo. Era algo pior, uma sensação de que o tempo se esgotava. Por que Tommy não se incumbiu de arrumar um substituto? Era uma das regras. Por que não pediu o endereço da casa segura? Descuidado, já com a cabeça no avião, e Leon que ficasse para trás e fizesse a limpeza. Nunca fora invisível ali. Por que então um drinque no lugar mais visível de Istambul? Só para dizer que estava de partida? Isso poderia ter sido feito depois. Por que fazer contato antes que o trabalho estivesse terminado? Para constar do relatório de

Mehmet. Ou de quem quer que fosse. Tommy King e um colega de trabalho enchendo a cara no Park à noite, e sem precisar esperar por um barco no meio da chuva. Resguardava-se, como sempre fazia. Um passo à frente.

Leon continuou inquieto durante toda a manhã, mexendo em papéis e canetas. Mandou Osman sair duas vezes para pegar café. Em certo momento, olhou para o telefone. Tommy não ligaria naquele dia, iria se manter a distância até o final da operação. Lá fora, estava a praça Taksim ensolarada e praticamente limpa pela tempestade. Um tempo perfeito para navegar. Mas não havia nada a fazer a não ser esperar o dia passar. O relógio quase não se movia.

Ficava sempre ansioso antes de um trabalho. Esse era simples, mas nunca se sabia. Era uma quinta-feira, à tarde estaria com Marina, e a insinuante ansiedade formigava em sua pele e enchia sua cabeça de perguntas sobre como seria o dia — o sol da tarde capturando a poeira nas cortinas, o invólucro de seda fina que ela chamava de quimono e o cinto levemente solto de modo a se desprender de vez com um toque; ele respirando com dificuldade ao longo da escada, quase lá, e torcendo para que ela não o visse ansioso. Mas isso se tornava evidente quando Marina abria a porta. Era sempre assim. E, depois, um súbito recolhimento, o embaraço por querer demais. Não era uma boa maneira de agir. Apenas uma vez por semana, assim não seria uma traição e funcionaria como uma consulta médica, nada mais que um tempo reservado. Seria um caso se fosse com a esposa de algum europeu, emoções imprevisíveis, uma traição. Aquilo era uma transação muito mais simples: se você paga, aquilo não significa nada.

Leon nunca tinha pago por sexo antes, mas que opções havia em Istambul? Casas em vielas que ladeavam a água à margem do monte Galata? E ter de aguardar lá embaixo com marinheiros e estivadores para dez minutos no andar de cima e depois ter meses de doença? Apartamentos próximos às boates da Taksim? Junto com empresários, em meio a papéis de parede vermelhos e desbotados e assumindo o risco de esbarrar em algum conhecido? Então, no bar do Pera Palas ele ouviu falar de uma garota com um local de atendimento próprio. Na primeira vez, ficou nervoso e atordoado com a ideia. Era a primeira mulher em um ano, mas depois disso se repetiu a cada semana.

O que ele não esperava é que faria um sexo diferente do que fazia com Anna, furtivo e inebriante como nos tempos de adolescência. Mas ele sabia que as coisas mudariam se a visse com mais frequência. Eles ficariam unidos por novos laços e depois a culpa e depois as tardes não seriam mais apenas corpo e prazer. Ele desconfiava de que ela também tinha o mesmo sentimento, uma espécie de alívio pelo fato de ambos só quererem o corpo um do outro e cada qual cuidar sozinho de tudo o mais. Eles faziam sexo, só isso. Todo o resto era deixado de lado.

Certa vez, ele se ofereceu para sustentá-la. Pagaria pelo quarto dela.

— Não quero isso, não. Só me pague, como sempre.

— Por que não? As coisas ficariam mais fáceis para você.

— Ah, para mim. E por que faria isso? Porque assim eu não receberia mais ninguém. Esse é o sentido. Só você. Mas eu continuaria fazendo o que faço e depois mentiria para você. Vamos deixar as coisas como estão.

— Você se deita com muitos?

— Está com ciúmes? Se você quer uma virgem, procure em outro lugar.

— Não quero procurar em lugar nenhum.

— Quer saber quando perdi a virgindade? Quando tinha doze anos. Tarde demais para ser ciumento.

— Você gosta deles?

— Todos fazem a mesma pergunta. E agora, você. De alguns, sim, de outros, não. Gosto de me deitar com você. Não é o que quer saber? Nenhum de vocês se preocupa de verdade com os outros. Só se preocupam em saber “como é comigo?”. Mas, de um jeito ou de outro, todos fazem a mesma pergunta. “Como são os homens que você recebe?” Fazem isso para ouvir histórias.

— E conta para os outros alguma história sobre mim?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— O que poderia contar? Quinta-feira à tarde, isso é tudo que sei de você. Alguém que não me fazia perguntas. Até hoje. E agora? Pagar por meu quarto. Eu é que pago por meu quarto. Uma vez prometi a mim mesma que, se nunca saísse deste lugar, continuaria tendo o meu próprio quarto, só meu, e não uma casa qualquer com gente zanzando de um lado para o outro. Isto aqui é meu. — Ela olhou ao redor do quarto. — Eu mesma pago por este quarto.

— Mas paga este quarto desse jeito. — Ele apontou para os lençóis desarrumados na cama.

— Pois é.

— Já estou pagando de qualquer maneira.

— Não pelo quarto.

Só então Leon se deu conta de que Marina era sustentada por outro homem. As tardes das quintas não passavam de um dinheiro extra guardado debaixo do colchão. E os outros também não passavam de dinheiro extra. Será que esse outro homem sabia a respeito dele? De repente, aquelas tardes seguras e privadas pareceram devassadas e inseguras. Tornava-se ainda mais importante investigar. A curiosidade em relação aos outros homens já o tinha levado a observar o edifício por algum tempo. Eram europeus, sempre no período da tarde, como ele próprio. Somente um turco aparecia à noite, em horários estranhos, talvez porque ele nunca soubesse quando poderia dar uma escapada. Ela só mantinha as noites livres para o turco.

— Mas por que você quer saber? — Ela devolveu a pergunta, quando ele a pressionou.

— Ele sabe ou não sabe sobre mim?

— Não sabe. Já lhe disse isso.

— E sobre os outros?

— Acha que são tantos assim?

Ele aguardou.

— Sabe ou não sabe?

Ela fechou o roupão e pegou um cigarro.

— Não sabe. Por quê? Quer contar para ele?

— Você disse que não queria mentir para mim. Mas mente para ele.

— Talvez eu sinta alguma coisa por você.

— E agora está mentindo para mim.

Ela o olhou com um sorriso irônico e começou a fumar o cigarro.

— Eu sou uma prostituta. Isso é o que mais fazemos. Está surpreso?

— Diga-me.

— Ora, dizer o quê? Deixe-me em paz; ele é meu salvador. É assim que ele vê as coisas, como um conto de fadas. Ele paga este quarto para que eu seja uma princesa, uma princesa na janela. Como nos quadros.

— E ele é o príncipe?

Ela deu uma risada.

— O paxá. Roubou o prédio de um armênio. Lembra-se do *Varlik Vergisi*?* Lembra-se dos tributos impostos aos judeus e armênios inadimplentes que tinham os bens penhorados e depois eram mandados

para os campos de concentração? Foi assim que ele se apropriou do prédio. E me cedeu este quarto. Sem aluguel. Mas acabo pagando de um jeito ou de outro. É isso que quer saber?

— E ele acha que você desistiu? Dos outros?

— Acha que sou grata. E realmente sou. Mas tenho de pensar no futuro. Um dia ele pode se cansar de mim. Tudo pode acontecer. Afinal, ele é homem, um simples negociante de Şişhane que nunca imaginou que teria alguma coisa assim, uma garota esperando por ele no quarto. Mas agora ele é um poderoso proprietário de imóveis. Aluguéis. E pensar que foram os impostos talvez que me tiraram de algum outro lugar. É estranho como as coisas funcionam.

— Por que estranho?

— Eu sou armênia. Ele rouba um armênio e cede um quarto para uma armênia. Acho que ele não sabe disso. Uma mulher... para ele todas são a mesma coisa. Por isso minto para ele. E não minto para você.

— Por que não?

— Sei muito bem quem ele é. Um ladrão. E você... não sei ao certo. Você nunca me diz nada.

Ele a pegou pelo pulso.

— Não vim aqui para conversar.

— Não como os outros... acho que é por isso que eles vêm aqui: para contar os problemas deles.

— Talvez eu não tenha problema nenhum.

Ela ergueu os olhos e eles se entreolharam por um segundo. Uma conexão repentina, sem dizer nada, sem nada a dizer.

Leon e Ed Burke encontraram-se para almoçar num restaurante da Passagem das Flores, à mesa sob as luminárias belle époque da varanda. Ed pediu um vinho e o bebeu quase todo. Leon só bebericou um pouco para acompanhar e quase não tocou nos mexilhões recheados. Estava com a cabeça em outro lugar.

— E quando volta para casa? — perguntou Ed.

— Por que a pressa?

— Não vai querer esperar muito tempo. Já concluíram o negócio de importação. Onde eles conseguem moeda forte? Mais um ano aqui, teríamos trabalho estritamente doméstico. É melhor sair agora.

— Estou comprando, não vendendo. E eles ainda estão abertos para negócios.

— Até a porra dos russos se apossarem do lugar. Sempre quiseram isso. — Ed olhou para a avenida Istiklal Caddesi abaixo da varanda, apinhada de bondes e carros antigos. — Nada disso vai junto, não importa o inferno que venha pela frente. — Olhou novamente para a rua. — Você sabe que as mulheres ainda usavam véus quando cheguei aqui.

Será que Marina também usava véu quando menina? Mas era uma armênia, uma cristã, até então isso era desconhecido, ela era uma outra peça no esquema. Como será que ela se vestia quando saía? Leon nunca a tinha visto com outra roupa a não ser com o quimono de seda que sibilava suavemente quando roçava por dentro da coxa enquanto ela andava. Ergueu os olhos e Ed continuava falando.

— Soube do Tommy? Acabou tudo no consulado. Está de volta a Washington.

— Sério? — disse Leon, evasivo.

— Achei que vocês dois eram inseparáveis como ladrões.

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Eu o ajudei a fazer um negócio uma única vez, só isso.

— Que tipo de negócio? — perguntou Ed, subitamente curioso.

— Cromo. Eu conhecia algumas pessoas em Ancara.

— Bem, isso sempre ajuda, não é?

— Sempre. — Leon atentou para o que estava por trás das palavras. Mas Ed manteve a mesma expressão cansada e abatida, como a de Fred Allen, agora com bolsas debaixo dos olhos.

— Conselho Econômico de Guerra. É para onde ele vai. Mas a guerra acabou — continuou Ed.

— Eles mudam o nome. Coisas do governo. Você está no governo.

— Não no lugar para onde ele vai.

— O que quer dizer?

— Ora, acha mesmo que Tommy faria alguma coisa extra na surdina?

— Como o quê?

— Coisas secretas. Nunca suspeitou disso?

— Tommy? Quem confiaria um segredo a ele? Basta embebedá-lo.

— Você trabalhou com ele. Quem sabe, talvez você...

— Trabalhei. Em Ancara, eu o coloquei em contato com algumas pessoas. Só isso. O que está querendo dizer com tudo isso?

— A guerra acabou. O que isso importa agora? Só estou querendo saber. Estou certo ou não?

— Pergunte a ele. Por que diabos eu iria saber?

— Claro que você diria exatamente isso, não é?

Leon olhou para Ed, forçando uma risada.

— Talvez. Se eu não tivesse uma mulher estrangeira. Alemã, pelo amor de Deus. Sou a última pessoa que faria esse tipo de pergunta. — A cobertura de Anna ainda era útil. — E aposto que ninguém perguntaria isso a Tommy. Com a boca gigantesca que ele tem. O que está querendo dizer... Achei que tudo estava acabado na OWI. Disseram que eles caíram fora. Então, talvez a gente nunca fique sabendo.

— OWI — repetiu Ed, balançando a cabeça. — E o colégio. Lembra que no início de 1942 o Robert College recebeu um grupo inesperado de novos professores? Eram sempre encontrados nas festas e nunca se referiam às salas de aula.

Leon sorriu.

— Talvez só tivessem vindo pela paisagem. — Que era uma colina de frente para Bebek e para o Bósforo. Coquetéis no terraço à luz do luar. Nada que os missionários fundadores tivessem em mente. — Vai com calma, Ed. Acha que aqueles sujeitos faziam paraquedismo? Aqueles quatro-olhos? Com Tommy? Nunca o vi abrir um livro. Aposto que ele não sabe nem mesmo onde fica o colégio.

Ed sorriu, como um gato lambendo creme.

— Ele vai dar uma festa lá.

— Uma festa?

— Não foi convidado?

Leon deu de ombros.

— Já lhe disse, não somos tão chegados assim. Que tipo de festa?

— Somente algumas bebidas. Uma despedida dos amigos. — Ed aguçou os olhos. — Dos amigos que ele não conhece.

— Isso é a cara do Tommy. Uma desculpa qualquer. E quando vai ser essa festa?

— Hoje à noite. Por que não vai? Quanto mais gente, melhor. Foi o que ele me disse. Para encher o lugar.

Com testemunhas. Para despistar.

— Não posso hoje à noite.

— Algum encontro quente?

— Minha esposa.

— Desculpe — disse Ed, sinceramente constrangido. — Bem, tente dar um pulo lá mais tarde. Não fica longe do caminho. Ela não está em Bebek?

Leon assentiu com a cabeça. Perto do colégio. Mas não estaria tão distante da estrada litorânea quando o barco aportasse. Tommy estava se divertindo. Se alguém o seguisse, não se distanciaria de Bebek e ficaria à espreita e esperando que ele descesse a colina. Dando festas e evitando barcos.

— Na hora vejo o que poderei fazer. — Acenou para pedir a conta. — Antes, descubra quem é quem para que eu não acabe dizendo o que não poderia.

— Acha que estou brincando.

— Acho que o lugar está afetando você. Venha, me dê a conta.

— Me diga uma coisa, então.

— O quê? — disse Leon, deixando algumas liras em cima da conta.

— Lembra-se daquele secretário do Von Papen? O cara que mudou de lado?

— O que pediu asilo. Claro que me lembro.

— Eu estava no consulado naquele dia. E para quem o mandaram? Para Tommy. Por que faziam isso?

Uma ligação afobada, uma reação instintiva, um esquecimento das regras.

— Não faço ideia, Ed.

— Pense nisso — disse Ed, tomando outro gole de vinho enquanto se recostava na cadeira. Leon se lembrou de outra ocasião em que Ed especulara sobre um jogo de gato e rato sem sentido. Para saber exatamente o quê?

— Preciso me apressar — disse Leon, olhando para o relógio. — Já é quase fim do mês. — Levantou-se. — Muito cuidado hoje à noite. Com os professores. Língua solta.

— Muito engraçado. Mas sou capaz de jurar que estou certo.

— Tentarei levar isso em conta mais tarde. — A mentira de Leon é aceita por ambos.

Ele pegou uma porta lateral que saía na rua do mercado de peixe, estreita e escorregadia devido ao gelo derretido e à gordura de fritura velha. Passou por barracas abarrotadas de vegetais em direção a Mesrutiyet, uma rua extensa com edifícios residenciais, observando o Chifre de Ouro* a oeste. O que Ed queria, afinal? Talvez Tommy pudesse se esgueirar pelos becos a fim de ocultar a verdadeira jogada. Convido-os para uma festa enquanto meu *freelancer* faz o trabalho de campo.

A rua fez uma curva e abraçou uma colina íngreme, descortinando o mar lá embaixo. No passado, viam-se centenas de velas naquele lugar. Um mergulho na rua, e depois cruzava-se o Pera Palas e seguia-se acima, percorrendo ruas estreitas em direção à estação da Tünel. Logo atrás, o prédio de Marina, um bloco de apartamentos cinzento, encardido e negligenciado. Algumas janelas davam para a praça, onde os passageiros desembarcavam do funicular, mas a de Marina era voltada para os estaleiros de Şişhane e para as águas plácidas do distante estuário.

— Posso ver minha vida toda daqui — disse ela uma vez enquanto fumava na janela, enrolada no quimono habitual. — Minha infância está lá embaixo. — Fez um aceno de cabeça em direção às ruas espremidas atrás das docas. — Se eu me inclinar assim... bem, talvez seja melhor, não consigo ver a casa. De qualquer forma, é o mesmo morro. Algumas ruas diferentes. Uma outra vida.

— E agora... — Leon parecia desinteressado.

— Agora, aqui. Gosto daqui. E gosto de olhar daqui.

Leon olhou para o relógio. Ainda era cedo, a curiosidade de Ed fez com que ele se adiantasse. Marina não se importaria. As quintas-feiras lhe pertenciam. “Você não podia esperar?”, diria ela, e abriria o roupão de maneira provocante, pronta para ser tomada nos braços e apalpada nos seios desnudos.

Logo que saiu da praça, avistou um homem saindo do edifício. Parou por um instante para enxergar melhor debaixo do sol e endireitar o chapéu. Um terno ocidental. Não era um macacão ou *jellaba* dos

trabalhadores que geralmente circulavam naquele prédio. Girou quase totalmente o corpo, seguiu até a banca de revistas da estação e observou um jornal — talvez estivesse sendo seguido. Girou o corpo novamente. O homem caminhava em direção ao bonde de Istiklal. Moreno, maçãs do rosto proeminentes e nariz fino, mas não era necessariamente um turco. Era alguém que tinha ido ao prédio no meio da tarde. E que agora passava por entre a multidão para pegar o bonde. Ele sentiu um calor repentino. Claro que ela recebia outros, isso não era novidade. Mas não na quinta-feira. Essa era a questão. Ele não era qualquer um que esperava na fila, como os marinheiros na casa de Galata. Ilusão de algo mais, um dia inteiro pago. A menos que o homem tivesse saído de outro lugar, de outro apartamento. Acontece que não era isso. Às vezes sabe-se das coisas por instinto.

— Chegou adiantado — disse Marina ao abrir a porta, o ar dourado, as persianas semifechadas para atenuar a luz.

— Sei disso. É que me esqueci do seu amigo.

Ela hesitou por um segundo.

— Que amigo? — disse, ainda hesitante, tentando encontrar um tom.

— Eu o vi saindo.

— Ah, sim, sou a única que mora aqui — ela retrucou rapidamente.

— Quem era ele?

— Ninguém. Você é mesmo infantil. Fingindo que é ciumento. — Ela apertou o cinto. — Feche a porta.

Viu o balde? No patamar? Outro vazamento.

— Você deveria se queixar.

— Ora, para o *kapici*.* Um edifício como este...

— Para o proprietário. era ele?

Ela chegou mais perto.

— Olhe para mim. Nos meus olhos. Assim vai saber que não estou mentindo. Não estive com ninguém hoje. Você sabe que se pode sentir o cheiro de outra pessoa. Na pele. Está sentindo o cheiro de alguém?

— Apenas perfume.

— Isso mesmo. O perfume que você gosta. — Ela o encarou novamente. — Não estive com ninguém hoje. Tudo bem? — Esfregou a virilha dele com uma das mãos. — As quintas são reservadas para você. Sabe muito bem disso. — Acariciou-o com a outra mão e o fez ter uma súbita ereção. As duas mãos se confundiam no movimento e o excitavam.

Leon pegou um *dolmuş* para Bebek e puxou conversa com outros passageiros para que isso fosse lembrado depois — um estrangeiro que arranhava o turco. Anna já tinha se alimentado e se trocado para dormir, vestia uma camisola leve, que ela parecia nem notar.

— Só vou ficar até que ela durma — disse para a enfermeira, segurando uma revista que levava para ler. Uma visita relâmpago, sem hora marcada para sair. Quinze minutos depois, atravessava a entrada do jardim de volta à rua onde Mihai o esperava.

— Alguém por perto?

— Noite agitada. Os egípcios estão dando uma festa — comentou Mihai, observando o velho palácio de verão do *khedive* pelo para-brisa.

— Algo mais?

— Não dá para ver. Sem lua.

Fora dos limites da cidade, noite escura, apenas algumas janelas amarelas ainda visíveis através dos

ciprestes e pinheiros. As luzes de um cargueiro em trânsito que se refletiam na água do Bósforo logo eram engolidas pela escuridão.

— Já, já veremos se temos companhia — disse Leon, olhando pela janela enquanto Mihai ligava o carro.

Mas nada se movia às pressas pela noite, nem emparelhava com o carro; era o tráfego de inverno, sem o engarrafamento habitual.

— Vamos chegar adiantados — comentou Leon.

— O tempo nunca é exato. Como um trem.

— De qualquer maneira, hoje não chove. Já verifiquei a previsão. Tempo aberto ao longo da costa.

Mihai olhou de novo para a água escura. Onde Jason navegara o *Argo*.

— Já esteve com Anna? Falou sobre o barco?

Leon balançou a cabeça.

— Se é que ela ouviu.

— Dizem que a audição é o último sentido que se vai depois de um derrame.

— Ela não teve um derrame.

Mihai não disse nada. O ocorrido se dera no navio que ele próprio organizara junto com Anna para além de Constância. Superlotado e listado, preso em Istambul para reparos e depois à espera de autorização para zarpar, com duzentas pessoas se revezando no convés. Os dois se viravam com água, comida e medicamentos que Anna conseguira de fontes desconhecidas. Mercado negro de drogas. Além do mais, sem vistos, e depois o pânico e todos assistindo a uma repetição do *Struma*, o navio mandado de volta e torpedeado no mar Negro, todos para o fundo juntos. Segundo os rumores, um único sobrevivente.

Assim, tomou-se uma decisão, uma corrida desesperada ao longo do Mármara, a noite sem lua era uma esperança de êxito na fuga. Uma decisão tanto de Mihai como de Anna. Valia a pena correr o risco. O que os turcos poderiam fazer? Rebocá-los de volta para Istambul, onde de qualquer maneira já estavam apodrecendo? Melhor tentar alguma coisa.

Mais tarde, disseram que os motores não poderiam suportar aquela velocidade e aquele peso. Superaqueceram. E ninguém sabia como o fogo começara. Provavelmente, uma súbita explosão e as chamas incendiaram a noite. O navio acabara de sair de Yedikule, ainda estava próximo, de modo que o fogo seria avistado, mas as embarcações de salvamento se atrasaram. O *Bratianu* então rachou enquanto os passageiros gritavam e submergiam, deixando a costa repleta de corpos, tal como troncos. Anna chegou a salvar alguns, nadadores fortes que conseguiram manter-se à tona agarrados aos remos, mas as crianças sucumbiram. Talvez tenha sido depois disso, enquanto observava os escombros e os cadáveres que flutuavam sob as luzes do navio, que alguma coisa também se quebrou dentro dela, outro motor superaquecido.

— É possível que haja outro — disse Mihai. — Outro navio. Os ingleses já estão cuidando do *Brindisi*, e já estamos tentando conseguir outro aqui.

— Isso devia chegar aos meus ouvidos?

— Por que não? Não temos segredos entre nós. Exceto os que você não me conta.

Leon o olhou nos olhos.

— Não sei quem é ele.

— Já que você o diz... Bem, uma surpresa para nós dois. *Eine kleine Überraschung*.

— Está tão certo assim de que é um alemão?

— Alguém mais sai dessa maneira? Os norte-americanos. Primeiro os colocam nos tribunais. E agora os levam para casa. Uma mudança sentimental, muito útil.

— Não se pode colocar todo mundo em julgamento.
— Por que não? Eles nos queriam todos mortos. Sem exceções.

— Anna é alemã.

— Uma judia. É diferente.

— Isso é o que eles queriam que todos pensassem.

— E conseguiram. Agora, já sabemos quem somos.

— Onde conseguiu o navio? — perguntou Leon, mudando de assunto.

— Trabzon. Claro, uma porcaria. Mas, se for capaz de chegar até aqui, por que não até a Palestina?

— Um cargueiro?

— Talvez para o seu tabaco. De Trabzon. Tabaco e avelãs.

Leon apontou pelo para-brisa.

— Pare aqui.

— Não estou vendo ninguém.

— Eles nos verão.

Estacionaram na área de descarga próxima ao cais. Algumas embarcações disponíveis para contratação balançavam contra os postes de amarração, talvez os proprietários estivessem abrigados do frio no bar do outro lado da rua. Ninguém mais nos arredores.

Mihai pôs um gorro de marinheiro e o puxou sobre as orelhas.

— Vamos torcer para que não se atrasem. Que frio danado.

Caminharam até a beira da calçada e observaram a água escura. A qualquer momento, a menos que a embarcação tivesse de se esquivar de uma patrulha nas proximidades de Garipçe.

— Já conseguiram dinheiro? — perguntou Mihai. — Não vai querer perder tempo em barganhas.

Leon bateu no bolso sobre o peito.

— Na entrega. — Olhou para Mihai e apertou as orelhas para aquecê-las. Dois homens no frio, delineados pelas luzes de um bar que se projetavam por trás. E para quê? Precisavam de uma mudança urgente.

— Ouviu isso? — O ronco de um barco em direção a eles, silhuetas sombrias e refletidas na água.

— Certo — disse Mihai. — Um, dois, três. Vamos. Você paga e eu pego John com o carro.

O barco de pesca chegou apagado ao cais e jogou uma corda.

— John? — disse Leon, sentindo-se um tolo, como se isso fosse uma senha.

O passageiro balançou a cabeça. Magro, mais baixo que o imaginado, mais ou menos da mesma altura de Mihai. Um casaco pesado de lã. Ele empurrou uma caixa de apoio contra a amurada.

Mihai estendeu a mão e o puxou para fora do barco.

— Vá. O carro está logo ali. Fique atrás — disse, apressado e de olhos grudados no rosto do passageiro, a fim de identificar suas intenções.

Mais abaixo, o pescador disse alguma coisa em turco e Leon respondeu, resoluto, tentando suplantar a voz do homem.

— A mochila. — John apontou para dentro do barco. — Aquela mochila é minha.

Mihai olhou e relutou por um instante, o que fez John olhar para ele com ar interrogativo.

— Já vou pegá-la — disse Mihai, saindo do transe. — O carro. Ali. Rápido.

— Está tudo bem? — perguntou John a Leon, que pareceu subitamente ansioso e confuso.

Leon fez um gesto despreocupado.

— Claro que está tudo bem. Entre no carro.

— E meu dinheiro? E meu dinheiro?

Leon tirou um envelope do bolso e o entregou ao pescador, que contou as notas imediatamente.

— Está tudo aí. Jogue a mochila e caia fora daqui. — disse Leon ao ouvir a porta do carro bater mais atrás. — Antes que alguém veja.

— Ah. Antes que alguém veja *você*.

— Jogue logo a porra da mochila — disse Mihai, nervoso, pondo um pé no barco e esticando-se para pegá-la.

— Primeiro preciso contar — disse o pescador. — Quem é você, afinal? Ninguém falou que eram dois. Era para ser só um homem.

— Conte logo — disse Leon, impaciente, enquanto o pescador resvalava o polegar por entre as notas. Barba por fazer, rosto grosseiro.

— Nada extra para um dia extra?

Leon sentiu a tensão que envolvia Mihai ali a seu lado.

— Agora, não — disse, às pressas e de improviso. — Depois que você voltar. E que soubermos que ninguém o viu. — Era algo que Tommy arranjaria com facilidade. Algumas propinas.

— A mochila — disse Mihai, em voz baixa e quase ameaçadora, fazendo o pescador pegá-la e levantá-la pela alça sem pestanejar. Mihai ajeitou-a sobre o ombro.

— Luzes apagadas até se distanciar do ancoradouro — disse Leon, alertado por um feixe de faróis na estrada.

Mihai atirou a corda de volta.

— O cara disse alguma coisa? Vocês estiveram juntos por dois dias.

O pescador balançou a cabeça em negativa.

— Ele não fala turco. Só jogávamos dominó.

— Você terá o dinheiro quando voltar — disse Leon. — O extra.

O pescador sorriu, com uma linha irregular de lacunas entre os dentes.

— *Inshallah* — disse, levando uma das mãos ao peito. Foi até os controles e empurrou a alavanca para a frente. O barco engasgou e, depois que o motor roncou, saiu balançando na escuridão. O ronco continuou audível, mesmo quando já estava fora de vista.

— Eles têm sorte por dispor de gente que faça isso. Que faça isso assim — disse Mihai.

— Vamos, vamos sair daqui.

Mihai se voltou para Leon.

— Você sabe o que está fazendo?

— O que quer dizer?

Cantada de pneus e batida de uma porta de carro. Mihai girou o corpo e girou novamente, o ar em volta explodiu e o arremessou para trás, como se tivesse levado um soco. Ele soltou um grito agudo e chocou-se contra alguma coisa. A mochila zuniu pelo ar e ele se projetou para a frente e saiu rolando.

— Abaixе-se! — Soltou um grunhido rouco enquanto se rastejava pela calçada e se colocava atrás da mochila.

Outro tiro acertou o concreto ao lado da mochila. Mihai rolou mais um pouco. Leon curvou-se e espremeu-se contra o concreto. Fora da luz, mas ainda exposto e com os pensamentos um minuto atrasados na tentativa de entender o que estava acontecendo. Talvez seu estado fosse como o dos soldados quando tudo à volta se move com muita rapidez, a fim de matá-los. Medo de se mijar todo.

Leon levantou levemente a cabeça e observou o cais. Os tiros soaram tão alto que todos poderiam ter ouvido. Ele esperou pelas pessoas correndo em fuga do bar à frente. Mas ninguém apareceu, e até as luzes do bar estavam escondidas pelo volume escuro do carro de onde tinham partido os disparos.

— Mihai — sussurrou.

— Mantenha-se abaixado. — disse Mihai, puxando uma arma do bolso e agachando-se um pouco mais

para trás da mochila. — Role para longe! — acrescentou, com a voz ainda rouca. — Não fique parado.

Mas outro disparo pipocou novamente próximo à mochila. Mihai era o alvo e ele então retornou ao mesmo ponto sombrio onde tinha sido atingido. Leon notou que o companheiro ainda estava firme e de arma na mão. Não havia nada além de uma tênue luminosidade refletida na rua, o que não o impediu de localizar o ponto. De repente, outro estouro, mais alto que os anteriores, quase no seu ouvido, seguido por um grunhido no outro carro, um grito de surpresa e uma silhueta tentando se manter de pé e tombando. Fez-se um silêncio tão profundo que se podia ouvir o rangido das cordas dos barcos.

— Mihai? — sussurrou Leon, rastejando de barriga para manter a cabeça baixa.

— Acertei o cara.

Leon aproximou-se e só então percebeu que a mão de Mihai estava coberta de sangue.

— Jesus.

— Vamos logo para o carro. Não sabemos quantos...

Mihai se ajoelhou e se moveu acorocado e de olhos fixos no outro carro. Leon o seguiu e mais à frente percebeu uma sombra de joelhos no chão e de mão estendida.

— Cuidado! — gritou Mihai, espremendo-se novamente no solo. — Minha mão. Está difícil. — Passou a arma para Leon. — Pegue-a.

Por um segundo, talvez menos, Leon manteve-se de olhos cravados na arma e pegou-a como se aquele pequeno lagarto cinzento e salpicado de sangue vivo pudesse se voltar contra ele.

— Rápido!

Sem se dar conta de nada, Leon apontou a arma e disparou por puro reflexo. Soaram um outro grunhido e o estalo de uma cabeça contra o solo. Mihai levantou-se, curvado, e saiu em disparada arrastando a mochila.

— Entre no carro — disse Leon, pegando a mochila e arriscando uma pequena arrancada. Àquela altura, era um alvo fácil. Mas em movimento rápido.

Apoiou-se de costas no carro e, ouvindo a própria respiração, puxou a maçaneta da porta para entrar. Esticou-se por cima do banco e abriu a outra porta para Mihai, que se projetou para dentro ainda abaixado e com um movimento contorcido.

— Aqui. — E entregou a chave.

Leon encaixou-a e girou-a na ignição quase ao mesmo tempo.

— Mantenha-se abaixado.

Leon pisou fundo no acelerador, e as rodas guincharam e pularam. Saiu a toda a velocidade da área do estacionamento, virou à esquerda de volta à rua e passou na frente do bar. Ninguém lá fora. Será que ninguém tinha ouvido? Disparos inconfundíveis e de surpresa, nenhuma avaria nos carros. Talvez estivessem se espremendo atrás das janelas do bar. Ou então nada acontecera e tudo não passara de um sonho febril. Mas a mão de Mihai sangrava. E as dele tremiam, o corpo todo tremia pelo choque da adrenalina ainda alta. Claro que alguém tinha disparado.

— Eles me garantiram que não haveria problemas — disse John no banco traseiro, em tom apreensivo.

Leon olhou pelo espelho retrovisor, surpreendido sabe-se lá por que pela outra presença, como num reflexo tardio.

— Você está a salvo — disse Mihai.

— Você os viu? — perguntou Leon por cima do ombro. — Quantos?

John balançou a cabeça em negativa.

— Eles acharam que você era eu — disse para Mihai. — Você estava com a mochila.

Leon olhou pelo espelho novamente, observando-o pela primeira vez. Cabelo curto e grisalho, que escasseava nas têmporas e o deixava quase careca. Cara fina e apertada por cima de bochechas salientes.

Olhos curiosos que também o espiavam pelo espelho.

— Como está a mão? — perguntou a Mihai.

— Consigo movê-la.

— Pegue uma camisa na mochila — disse John. — Envolve essa mão. Estanque o sangue.

— Não preciso de camisa — disse Mihai, olhando pelo espelho e puxando um lenço do bolso traseiro.

— Alguém atrás? — perguntou Leon.

— Talvez haja. Eles só mandariam um?

— Eles?

— Pouco importa quantos querem pôr uma bala na sua cabeça — disse Mihai, olhando de novo pelo espelho. — Faz ideia de quem seja?

John olhou para trás sem dizer nada.

— Você trouxe uma arma — disse Leon, olhando para o banco.

— Para uma emergência.

— Para uma emergência. Não havia qualquer razão para achar... — disse Leon, agora com a voz abalada por lembrar o episódio no cais.

— Há sempre uma razão — disse Mihai, com displicência. Olhou pelo espelho. — Não acha isso também?

— Para onde vamos? — perguntou John, sem obter resposta.

— Para algum lugar seguro — respondeu Leon. — Não se preocupe.

— Para o consulado?

— De que forma? — disse Mihai. — Dentro de um malote diplomático? Assim os turcos não o veriam?

Leon o olhou, surpreso pelo tom ainda agressivo.

— Não se preocupe — disse de novo, olhando pelo espelho enquanto fazia uma curva fechada à direita em direção à cidade.

— O que está fazendo? — perguntou Mihai.

— Não podemos perder ninguém na estrada litorânea. É melhor tomar o caminho de volta — disse Leon.

— Que caminho de volta?

— É só olhar para trás. — Leon apontou para a janela traseira.

Seguiu pela ladeira íngreme rumo a Nispetiye, curvado para a frente e concentrado na estrada sinuosa e escurificada pelos pinheiros.

— Ninguém?

— Não.

— É difícil guiar por aqui. — Subúrbios com ruas sombreadas que circulavam colinas; fácil de perder-se, mesmo durante o dia.

— Seu nome é mesmo John? — Mihai puxou conversa, apoiando a mão ensanguentada. — Muitos Johns, então. Ivan. Johann. Ion na Romênia.

John olhou para o espelho.

— Alexei — disse. — John era apenas para o pescador.

Mihai manteve-se olhando para trás por um segundo e depois se voltou para Leon.

— Quem sabia sobre o resgate?

— Aqui? Ninguém. Foi por isso que me usaram. Alguém de fora.

— Então esse é o seu fim — disse Mihai para Alexei, girando no assento e encarando-o. — Alguém está querendo acabar com você.

Alexei se limitou a olhar para ele.

— Alguma ideia?

— Não.

— Claro, provavelmente o pescador. Se alguém pagou mais. Mas quem? Quem quer matá-lo? Alexei assumiu um ar resoluto, como se estivesse movendo uma peça de xadrez no tabuleiro.

— Todo mundo — disse. — Por que acha que estou recorrendo a vocês? Tem um cigarro?

Leon enfiou a mão no bolso e puxou um maço.

— Muito obrigado — disse Alexei, acendendo um cigarro. — Por ter salvado a minha vida.

Mihai balançou a cabeça.

— Foi isso mesmo, não é? Salvei a sua vida. E a mochila salvou a minha. As coisas funcionam assim.

— E se o cara não estiver morto? — perguntou Leon, chegando a uma interseção e virando à esquerda em direção ao Yildiz.

— Quem? Nosso amigo? De qualquer forma, é como se estivesse morto. Ele não pode ir ao hospital. O que diria?

Leon sentiu um vazio no estômago. O cara tinha de estar morto. E ele próprio não tinha sentido nada, exceto o pânico cego de revidar os disparos para salvar a própria pele. Isso devia ser diferente para os franco-atiradores, um alvo e a certeza de que irão matar. Desapegados e sem tremer depois, e também não se agarram ao volante de cabeça quente.

— Era para ser um simples resgate — disse.

Ficaram em silêncio por algum tempo. Leon contornou a borda escura do parque Yildiz, onde o sultão Abdul Hamid se cercara de muros pelo medo das sombras. Olhou pelo espelho retrovisor. Ninguém os seguia.

— Conhece aquela farmácia na Taksim? A que fica aberta durante a noite toda? Precisamos de iodo para isso aí.

Leon avistou o letreiro verde da farmácia e estacionou em fila dupla à frente de uma barraca de *borek*. Olhou para os dois lados quando pisou na rua. Ficaria mais atento a partir daqueles disparos. Entrou na farmácia e pediu iodo e ataduras; ah, uma aspirina, uma ideia tardia para aparentar que era uma compra normal, de itens variados. Retornou ao carro com a sensação de que tinha acontecido alguma coisa, alguma mudança no ar, mas Mihai e Alexei não comentaram nada. Talvez houvesse ocorrido uma mudança só nele, uma súbita e incômoda sensação de mal-estar. Agora suspeitava como Abdul Hamid.

— Merda! — Mihai engasgou ao receber a aplicação de iodo.

Leon seguiu ladeira abaixo, de novo em direção à Ponte Galata.

— Vai conseguir dirigir para casa? Com isso? — Apontou para o curativo.

— Ficarei bem. Preocupe-se apenas com ele. — O olhar duro de Mihai fez com que Leon se sentisse culpado.

Cruzaram o estuário e subiram até a cidade antiga, atravessando os monumentos turísticos e, depois, Beyazit. Fez uma descida na Laleli Caddesi em direção à estação de Yenikapi, um trecho de pequenos hotéis e lojinhas de tecidos baratos.

— Vamos sair logo — disse Leon depois de parar. — Não podem ver o carro aqui.

— Quem?

Leon apontou para uma luz três portas abaixo.

— Hotel.

— É seguro? — perguntou Alexei, subitamente vulnerável e de olhos fixos na rua.

— Tomara que sim — disse Leon, voltando-se para Mihai. — Tem certeza de que tudo vai dar certo?

Os olhos de Mihai se encontraram com os de Leon e se desviaram quando ele devolveu a mochila para Alexei.

— Pegue, é melhor mantê-la fechada. Talvez seja útil novamente. — Mihai passou para o banco do motorista e entregou a arma para Leon quando já estava lá fora com o outro. — Fique com isso. E fique de olho na retaguarda.

Leon pegou a arma, de novo com a sensação de que estava viva, e balançou a cabeça.

— Mantenha o carro fora da rua. Ninguém pode vê-lo. — Hesitou. — Sinto muito.

Mihai deu de ombros.

— Não se desculpe. Apenas tire-o de Istambul.

— Você nunca esteve lá. Confie em mim.

— E ele?

Os dois saíram descendo pela calçada enquanto o carro se afastava. Na ladeira mais abaixo, três homens irromperam das sombras, talvez a caminho de um *mihanye*. Naquele lugar, a noite pertencia aos homens que vagavam pelas ruas em grupos entediados, com suas mulheres seguramente trancafiadas a distância. Claro que havia exceções: uns poucos vadiavam nas imediações da estação, à espera de algumas horas em algum hotel. Os vendedores de Izmir, com malas de amostras. E trabalhadores de todo o país em busca de trabalho. Era um bairro de passagem e de rostos novos.

Leon entregou um papel dobrado para Alexei.

— Caso eles peçam. Mas talvez não peçam.

— O que é isso?

— Seu *tezkere*. Passaporte interno. Documento dos estrangeiros.

— Estrangeiros. E eu sou o quê?

— Búlgaro. Eu não sabia que nacionalidade você poderia ter. Se você dominava o turco.

— Não. — Alexei olhou de relance para o passaporte. — Autêntico?

Leon assentiu.

— De um refugiado conhecido meu. Mudou-se daqui.

— Seu amigo... — Alexei apontou para o ponto onde o carro tinha parado. — Ele é romeno.

— Era. Por quê?

— Falou em romeno comigo. No carro. Só para ver se eu sabia romeno.

— Por que romeno?

— Os romenos se parecem com a gente. Eles se reconhecem uns aos outros. Algo na voz, talvez. — Alexei olhou para o passaporte. — Agora... búlgaro, Jakab?

— Judeu búlgaro. Por isso você partiu.

— Judeu — disse Alexei para si mesmo, como se tentasse ajeitar um chapéu.

Mas o recepcionista da noite não solicitou o *tezkere*. Um sujeito pálido de nariz aquilino e olhos pequenos só podia ser búlgaro. Pegou o dinheiro e entregou para Leon uma chave presa a um chaveiro com um pompom. Leon pediu dois copos. Ele fez uma careta, dirigiu-se a uma sala nos fundos e voltou com dois copos de *raki*, murmurando uma cansada e monótona explicação em turco.

— O que ele disse? — perguntou Alexei na escada.

— Procurem não fazer muito barulho — respondeu Leon, com os copos na mão.

A luz do corredor era acesa por um interruptor que cronometrava o tempo suficiente apenas para se enfiar a chave na porta, porque logo desligava. No pequeno quarto, um papel de parede manchado recobria as paredes, e uma cortina presa a uma haste separava o armário, apropriado para estadias curtas. Uma privada turca, um chuveiro sem banheira. Alexei olhou ao redor.

— Ficarei aqui por quanto tempo?

— Cerca de meia hora — disse Leon, movendo a cortina da janela que se abria para a rua. — Não desfaça a bagagem.

— Ah. Onde, então?

— Em algum lugar melhor. — Leon olhou para a cama malfeita, coberta por uma colcha de *chenille* cor-de-rosa, mais adequada para mulheres. — Privado.

— E o cara lá embaixo?

— Há um caminho de saída. — Leon pôs os copos em cima da mesa.

— E você trouxe algum *raki*?

— Não.

— Por quê, então...

— Se alguém checar, ele dirá que estamos fazendo uma festa aqui. E amanhã estaremos dormindo. Isso nos dará tempo para cairmos fora.

— Um jogo — disse Alexei. — Esconde-esconde.

Leon não respondeu; acendeu um cigarro e encostou-se na parede, deixando a cama, o único assento, para Alexei.

— Dois lugares. Esperava problemas? — perguntou Alexei.

Leon balançou a cabeça.

— Só queria estar à frente do Emniyet. Caso estejam observando. Você ainda não está nos Estados Unidos. E está ilegal aqui. Não poderemos fazer nada se o pegarem.

— Eram eles? Lá no barco?

— Não. O Emniyet não gosta dos que chegam aqui, mas pode mandá-los de volta. Sem precisar matá-los.

Alexei encostou-se na cabeceira carcomida.

— Quem, então? Os russos. Velhos amigos, talvez. Não os turcos. Nem meus novos amigos — disse, encarando Leon. — Não antes que tivéssemos conversado.

— As fotos estão na mochila? — disse Leon.

— Que fotos?

— As fotos aéreas dos alemães. Achei que estivesse trazendo...

— Acha que sou um mensageiro? Não carrego nada comigo. As fotos... Bucareste já organizou tudo. Sua embaixada está com elas. Talvez já esteja no malote de Washington. Quem sabe? Você é mesmo eficiente?

— Você não está aqui?

Alexei sorriu.

— Um homem de sorte. Bons quartos de hotel. Viagem para os Estados Unidos. Todos querem ir para lá. — Abaixou os olhos. — Antes que os russos os peguem. E a essa altura já sabem que estou aqui. Em Istambul.

— Mas não onde está.

Alexei ergueu os olhos.

— Claro. Não onde estou.

Leon se virou e observou a rua.

— Alguma coisa? — perguntou Alexei.

— Nada, tudo tranquilo. Daremos mais alguns minutos para eles. — Leon se virou de novo para a cama e o viu de olhos fechados. — Não fique muito confortável.

— Só uma cochilada. Fico cansado o tempo todo. Já me sentia cansado antes mesmo de tudo isso começar. — Alexei sorriu para si mesmo. — Talvez seja a idade.

Leon reparou que ele tinha um rosto mais suave de olhos fechados, mas ainda seco e abatido, como se tivesse perdido o fôlego depois de uma corrida. Retornou à janela, apalpando a arma no bolso do casaco,

ainda sem acreditar que era real. Quarto de hotel decadente, copos de *raki* vazios, homem morto no cais... eram como fragmentos de outra vida. Ele só tinha apanhado o trem de Ancara e tratado dos papéis. E agora estava com uma arma no bolso.

— Tudo bem — disse, zanzando de um lado para outro, ainda ansioso —, é melhor deixar a luz acesa. É muito cedo para deitar.

— Mas você mesmo disse que ninguém está de olho.

— Eu também não achava que haveria alguém no cais.

Alexei concordou.

— Foi interessante, se quer saber. Como me salvei? Chegamos cedo. Um pouco mais tarde e eu não teria entrado no carro. Estaria...

— Onde eles achavam que você estaria. Saindo do barco com uma mochila.

— Quem matou o cara? Você ou seu amigo?

— Nós dois.

Leon manteve a porta aberta, um feixe de luz até que Alexei chegasse à escada dos fundos, e depois seguiram em frente aos esbarrões na parede. Ultrapassar os degraus na penumbra até que não foi difícil, porque recebiam uma luminosidade vinda do térreo. Um rádio soava alto no escritório do recepcionista, abafando o rangido dos passos. Alexei quase não tocou no corrimão, parecia acostumado a sair pelos fundos de mochila no ombro e sem fazer barulho. Ninguém no balcão. Pisaram no térreo. Risadas da plateia no rádio. Em seguida, só um corredor, e depois deixaram o almoxarifado para trás e chegaram à porta dos fundos, que nem estava trancada. Na rua dos fundos, com dimensões de um beco, Alexei tropeçou numa lata de lixo e prendeu o fôlego, apoiando-se na tampa para não cair. Leon acenou com a cabeça para a rua à frente. Ninguém nos arredores, os frequentadores do *mihanye* estavam na colina mais ao longe.

— Para onde vamos? — perguntou Alexei quando chegaram a Ordu Caddesi, esquivando-se de um bonde que passava vazio.

— Para o outro lado. A poucos quarteirões.

Ruas pequenas e tranquilas, seguidas por uma rua mais ampla que descia em direção à mesquita de Şehzade. Depois, uma construção moderna, com uma campainha na entrada, e não mais um pátio com um *kapici* intrometido. Leon puxou uma chave e abriu a porta. Alguns interruptores nas escadas, que pelo menos funcionavam. O impecável saguão cheirava levemente a desinfetante.

— Mais um andar — disse Leon quando chegaram ao patamar.

— Quem mora aqui?

— O pessoal da universidade. É perto daqui.

— Alunos?

— Não, eles não poderiam pagar.

— Então, sou um professor?

— Você não é nada. Não pode sair. Nem está aqui.

Era um apartamento meramente funcional, mas um bálsamo se comparado ao hotel.

— Abasteci a geladeira — disse Leon. — Acho que há tudo de que você precisa. Pelo menos para os próximos dias.

— Poucos dias?

— Talvez menos. Vai depender do avião.

Alexei jogou a mochila na cama e pegou uma garrafa que estava em cima de um móvel ao lado.

— Enfim, o *raki*.

— Não para mim. Preciso ir.

— Não nos falamos mais esta noite? — Alexei pareceu surpreso, talvez achando que Leon seria como Tommy, apenas uma babá. — Sem perguntas?

— Mais tarde.

— De qualquer maneira, junte-se a mim. Um brinde de boas-vindas. — Alexei serviu as bebidas e ergueu o copo. — Por viagens seguras.

— Viagens seguras — repetiu Leon, sentindo o calor da bebida que descia garganta abaixo, finalmente alguma coisa real.

— Não vai ficar aqui? — perguntou Alexei. — Como meu cão de guarda?

— Aqui é seguro.

— Seguro — repetiu Alexei, em tom neutro.

— Ninguém nos seguiu até aqui.

— Sei disso. Também trabalhei nesse ramo. Então, o único risco agora é você.

— Eu?

— Quando voltar. Ou amanhã virá outra pessoa? De qualquer maneira, as visitas deixam rastros. Como as migalhas da história de João e Maria. Por isso, talvez seja melhor ficar aqui. — Alexei assumiu um ar suave outra vez, servindo-se de outra dose de *raki*. — Faz dois dias que não falo com ninguém. Jogar dominó não é a mesma coisa. Jogo de simplórios. É comum nas montanhas. Em cada aldeia. Ficam sentados nos cafés e click, clack. Dois dias só disso.

Leon abriu um sorriso discreto.

— Ficar bem por enquanto. Basta ficar aqui.

— E para onde eu iria? — Alexei se dirigiu a janela. — Onde estamos? Em que parte?

— Na cidade velha.

— Constantinopla — disse Alexei, com ar afetado, como um estudante recitando o dever de casa. — E aquilo? — Apontou para uma grande sombra do outro lado da mesquita.

— Aqueduto de Valente.

— Aqueduto? Dos romanos?

— Bizantino. Século iv. — Era uma informação obtida de Anna enquanto passeavam.

— Quatro? — Alexei pareceu sinceramente impressionado, como um turista. — E ainda é utilizado?

— Não mais. Faz mais ou menos cinquenta anos que não é.

— Ou seja, nada é para sempre. — Alexei esboçou um sorriso. — E claro que é por isso que estamos aqui. A nova ordem. Outra. Desta vez, de vocês.

Leon esvaziou o copo.

— Eu preciso ir.

— Tomara que esta dure por um tempo — continuou Alexei, girando o corpo e de novo olhando para o aqueduto. — Não poderei mudar de lado novamente. Vocês são os últimos.

Leon o observou por um momento. Não era o que esperava, não um resgate, um dos nossos, era apenas alguém que comprava a própria vida com a traição.

— Estarei de volta amanhã. Precisa de alguma coisa?

— Talvez algo para ler. — Alexei apontou para a estante vazia. — E agora nem mesmo dominó. O que farei? Remoer meus pecados? É o que os sacerdotes me recomendavam.

— Quando?

— Quando eu era jovem. — Alexei riu. — Quando eu ainda não tinha pecados.

— Tranque a porta quando eu sair — disse Leon, virando-se de costas.

— Só mais uma coisa? A arma? — Alexei estendeu a mão.

— Você está seguro aqui.

— Assim estarei ainda mais seguro. Por precaução. — Alexei se manteve de olhos firmes e Leon entregou a arma. — Obrigado. — Olhou para a arma e depois para os lados. — Muito confiantes esses norte-americanos. Nenhum guarda.

— Você não é um prisioneiro. Já se esqueceu de que foi você que veio até nós? — disse Leon de improviso, arriscando um palpite.

— E se mudei de ideia?

— Mudou de quê?

Alexei abriu um sorriso irônico.

— Não restaram muitas escolhas. Foi o que você quis dizer. Não restaram — disse para si mesmo, dando de ombros.

— Vejo você amanhã, então.

Alexei ergueu a cabeça.

— Faço votos para que assim seja.

Lá fora, Leon atravessou a rua que seguia em direção à mesquita de Süleyman, e de repente agachou-se num canto ainda à entrada do prédio por alguns minutos, só para se certificar. Ninguém nas ruas. Sentiu o mesmo formigamento de alerta que sentira no cais, como se estivesse sob efeito de cafeína. Poderia ter arrumado alguém para vigiar o prédio. Se bem que não havia razão para isso. Não até algumas horas antes. Um simples resgate, apenas fazer com que alguém escorregasse para dentro e para fora do país, tal como um truque de cartas. Nada de tiroteios, nada de corpos deitados em poças de sangue. E nada de ser arrastado e atirado ao Bósforo, para ser mais um segredo na água.

Olhou para o alto, e a janela iluminada trouxe o rosto de Alexei de volta, cauteloso e depois cansado e de olhos baixos. Claro que em outros tempos teriam sido olhos confiantes, em um corpo ereto e de uniforme. Ele agora era um romeno e não mais um *wehrmacht* ou o que quer que seja que aparentasse. Talvez com o mesmo chapéu pontiagudo e ombreiras. Combatendo ao lado dos alemães na marcha rumo a Stalingrado. E agora na mira dos russos. Era ele o alvo da bala que alvejara Mihai — que deu sorte por estar com a mão e não com a cabeça alguns centímetros acima da mochila. Leon viu a si mesmo esparramado no concreto úmido do cais, na expectativa e com medo de respirar.

Afastou-se da passagem e seguiu pelas ruas escuras ao redor da mesquita, e depois pelas vielas ainda mais escuras abaixo do Grande Bazar, apenas perturbadas pela luminosidade ocasional que vazava das persianas ou pelo som de um rádio. Aquelas vielas continuavam tão escuras quanto nos tempos da construção do aqueduto pelo imperador Valente. Uma cidade atemporal, de casas com beirais dourados e cascalhos lisos e descascados. Leon, que até então não temia as ruas de Istambul, nem mesmo os becos de bairros como Fatih, pontuados de cabeças cobertas de panos e encaradas longas, agora se assustava com a qualquer movimento farfalhante. A certa altura, dois cães ferozes de rua, daqueles que se alimentam do lixo, levantaram as cabeças quando o viram passar.

Leon continuou em direção ao leste, através de Cağaloğlu, onde estavam as redações dos jornais locais. Será que já tinham informações sobre o tiroteio? Talvez já estivessem imprimindo as páginas. Assassinato em Bebek. Misterioso tiroteio no Bósforo. Sem testemunhas. E sem sequer suspeitar que uma testemunha abrigava-se do outro lado das janelas. Tanto a testemunha quanto o próprio assassino. O turbilhão de luzes na encosta do bairro de Sirkeci o fez reconhecer que a súbita falta de ar que o vergava a todo instante não tinha nada a ver nem com Alexei, nem com Mihai e nem com o serviço frustrado, mas com o homem que acabara de matar, uma fronteira que nunca esperava transpor. O disparo ainda ecoava em sua cabeça. Uma vida que se esvaiu em um segundo, como se fosse nada.

Já na estação, pegou um táxi até o Park. Seriam apenas alguns minutos para marcar presença. Fingiria observar alguém na grande sala de jantar *art déco*, acenaria para Mehmet no bar e usaria o banheiro dos homens no saguão, e assim seria avistado pelos frequentadores que depois diriam vagamente que o tinham visto ali naquela noite.

Alguns minutos depois, já estava de volta a Aya Paşa. Cruzou com o sombrio consulado alemão antes de chegar ao prédio onde ficava seu apartamento, girou a chave na fechadura e paralisou-se: a porta estava destrancada. Ouviu ruídos e empurrou a porta suavemente. Luz apagada, mas o ambiente cheirava a tabaco, um cigarro ainda aceso por perto. Levou a mão ao bolso, mas lembrou que já não estava com a arma. Um passo à frente, um débil rangido. Não era um ladrão, era um conhecido. Alguém o esperava. Quem?

— Acenda a luz, pelo amor de Deus. — A voz de Mihai deu vida ao apartamento. — Sou eu.

Leon ligou o interruptor do corredor e entrou na sala. Mihai fumava sentado ao lado da janela, onde só se via o brilho da brasa do cigarro.

— Como entrou? — perguntou Leon.

— Até uma criança entraria.

— O que está fazendo aqui?

— Pensando.

— Pensando em quê? — Leon acendeu o abajur da mesa.

A súbita luminosidade fez Mihai piscar os olhos.

— O que você sabe. O que você não sabe. Se você é um tolo. E algumas outras coisas.

Leon apontou para a mão enfaixada.

— Já está achando que eu sabia? Eu não devia ter perguntado...

— Isso não importa. — Mihai apontou para o carrinho de bebidas. — Tome um drinque.

— Já bebi.

— Ah, sim? Com Alexei? — disse Mihai, enrolando a voz ao pronunciar o nome. — Alguma celebração?

— Não exatamente.

— E o que achou dele? Boa companhia?

— Preocupado.

— Ora. Sirva-me um drinque. Não quer um, também?

Leon preparou duas doses e estendeu um copo.

— Reação natural — disse Mihai. — Fui baleado. Também não me sinto muito bem.

— Não é só isso. Está desgastado.

— Uma figura simpática. E agora um amigo muito útil. — Ele pegou a bebida. — Quem foi o mandante? De hoje à noite?

— Você sabe que não posso lhe dizer.

— Escrúpulos numa hora dessas? O que me diria se a bala tivesse me atingido?

— Faz alguma diferença saber quem foi? E do que tudo isso se trata?

— Negociação com o inimigo. Um drinque com o diabo — comentou Mihai, ainda de copo na mão.

— Ele não é mais inimigo.

Mihai olhou para Leon e, depois, para o copo.

— Então, me perguntei, ele é um tolo? E agora já sei. Sente-se.

— Tem algo em mente? — perguntou Leon, enquanto pegava uma cadeira.

— Em mente, sim. Não na consciência. Ainda. Pensei: ele não sabe. Ele deve saber.

— Saber o quê?

— Quem é o cara. Esse seu Alexei. Preciso adivinhar o que você acha? Os romenos. Bem, aliaram-se com os alemães. Como não o fariam? Era a coisa oportuna. Nosso amigo também. Que escolha? Então, Stalingrado, os russos avançando, empurrando. *Dentro* da Romênia. E agora a Alemanha está perdendo e quem aparece? Por que então não fazer um acordo com eles? Esqueça os fascistas. Combata os russos. É a coisa certa. Acontece que algumas pessoas são pegas no meio disso. Nosso amigo, por exemplo. Os russos não o perdoam e o colocam nos tribunais. Como Antonescu. E então ele foge. Já que tem algo a vender. Coisas que ele sabe. Não estou certo até agora?

Leon assentiu com a cabeça.

— Apenas um concorrente nesse negócio. Era melhor não fazer muitas perguntas. O exército romeno inteiro era fascista, logo ele também era fascista. Mas agora os comunistas estão no encalço dele, recomendação que vale por si mesma. Em tais circunstâncias, você pega o que pode pegar. Tudo bem. Um oportunista. Mas um oportunista nosso. Não é o que você pensa?

— Não pensei nisso. Não sei.

— Mas eu, sim. Eu o reconheci. Antes de levar uma bala por ele. Talvez você ache que ele não seja... tão bom assim, mas a política dos romenos é assim. Quem pode culpá-lo por querer salvar a própria pele?

— Você, ao que parece.

— Claro, eu. Sei muito bem quem é Jianu. Esse é o nome dele. Um açougueiro. Mas você não sabe, suponho. O que faço, então? Fico de boca fechada? Alguém está do meu lado? Antes eu confiava minha vida a Anna. Matamos um homem esta noite... você e eu. E você sem saber de nada.

— Explique-me, então — disse Leon, calmamente.

Mihai olhou para a mão ferida.

— Sirva-me outro drinque. Está doendo.

— Já infeccionou?

— Tantas preocupações. Por onde começar, então? Pelo rei Carol, que enfia a mão no bolso de todo mundo? O lobo na porta. Mesmo assim, graças a Deus, odiando os judeus. Por isso, a Legião do Arcanjo Miguel. Conhece-a? A Guarda de Ferro.

— Conheço.

— Que grupo ímpar. Bolsas cheias de terra romena em volta dos pescoços. Cerimônias singelas, onde bebem sangue um do outro. Como selvagens. Meus compatriotas. Bem, não até então. Estou na Palestina. E minha família quer saber por que sou sionista. Jassy é uma cidade judaica. Quer dizer, foi. Então, estou na Palestina e as coisas pioram para os judeus. E sou enviado pelo Mossad até Bucareste para tirá-los de lá. O palácio Athénée, todos agrupados no mesmo lugar. Janta-se em Capsa e suborna-se alguém, e em seguida retorna-se ao palácio e suborna-se outra pessoa. Ainda se pode fazer isso naquele lugar. Mas quantos judeus sabem? Depois, Carol foge com sua amante Lupescu... e carregando o cofre. Um final feliz, ao menos para eles. Para ninguém mais. E agora Michael é o rei, mas, na realidade, o general Antonescu é o próprio exército. Enquanto isso, a Guarda de Ferro está à solta, mais selvagem que nunca. Exterminando gente. Até mesmo do governo. *Pogroms*, naturalmente, o que mais seria? Excessos terríveis. Enfim, isso é demais até mesmo para Antonescu. Ele envia tanques do exército para combater a Guarda de Ferro, fascista contra fascista. Mas Hitler prefere Antonescu. Não é tão louco assim. Alia-se a ele. E acontece o mesmo com nosso amigo Jianu. Seu Alexei.

— Ele estava na Guarda de Ferro?

— Mas agora ajuda Antonescu a arrasá-la. E assim Antonescu une-se ao Eixo e invade a Rússia com seu exército. Um reinado de terror em Odessa... a partir dos julgamentos deste verão, como você sabe. Deportações da Bessarábia. Todos os judeus. Criação de campos de extermínio pelos romenos... os

únicos que não eram administrados pelos alemães. Segundo as estimativas, exterminaram quase duzentos mil. Quase um recorde. Meus compatriotas.

— E Alexei?

— Agora, braço direito de Antonescu, que gostava dele. Alguém que poderia trair a Guarda? Quem melhor para o trabalho de inteligência? Ele sabia como atingir os russos. Os romenos tinham um bom serviço de inteligência, até Stalingrado. Mas ele também sabia sobre os judeus. O exército cuidava das deportações. Era a Guarda mais uma vez. Em 1941, já tinham esvaziado Jassy.

— Sua família.

— Todo mundo. Depois, as questões maiores. Até que começaram a ser derrotados. E acabaram sabendo, após Stalingrado. Antonescu se desesperou tanto que fez investigações preliminares... dessa vez, para salvar os judeus, para ajudá-los a chegar à Palestina. Ou seja, para vendê-los. Eu estava aqui na ocasião. Compramos alguns. Os norte-americanos compraram muito mais. Eles tinham grana. Talvez Antonescu já estivesse pensando em como tudo isso acabaria e tratando de fazer alguns amigos para depois. Ele deveria ter olhado com mais atenção para a própria casa. Quando foi deposto, em 1944, onde é que estava o leal Alexei? Fora do alcance. — Mihai fez uma pausa. — Até que você o encontrou.

— Isso quer dizer que ele sabia. Mas isso não é o mesmo que...

— Puxar o gatilho? É isso que quer dizer?

Leon desviou os olhos, perturbado.

— Talvez eu esteja indo rápido demais para você.

— Posso imaginar. Ele vendeu a própria mãe. O que devo fazer?

— Não permitir que possa vender a mãe novamente. Logo, logo Antonescu será julgado. Mas Alexei, não. E por que não?

— Porque fez um acordo. — Leon ergueu os olhos. — Mas não fez isso comigo.

— Portanto, você não é responsável. Ninguém é responsável. — Mihai tomou um gole, deixando o ar assentar. — Que os comunistas cuidem dele. E que ele seja julgado. Junto com Antonescu.

— Julgamento encenado. Eles não julgam ninguém. Eles matam.

— Neste caso, morte merecida.

— Talvez ele seja mais valioso do jeito que está. Não sei. Não sei o que ele sabe.

— Mas eu sei quem ele é. Já lhe disse isso, um açougueiro. Só não lhe disse o motivo.

Leon ergueu a mão.

— Isso não importa. Não cabe a mim...

— Só mais uma coisa. E depois você decide. A Guarda. Já lhe disse que houve excessos. Mas o que essa palavra quer dizer? Excessos. Conhece Bucareste?

— Não.

— O principal distrito judeu era Dudești. Arrepiaram naquele lugar durante três dias. Primeiro, Strada Lipsani, uma onda de assassinatos e saques. Depois, floresta de Băneasa, onde os obrigaram a cavar buracos antes de alvejá-los. Por que isso? Ninguém alegou nada. Eram judeus e ponto final. Mas, no segundo dia, antes da decisão de Antonescu de enviar os tanques, a Guarda enlouqueceu e agiu com extrema brutalidade. Talvez tenham bebido sangue um do outro novamente, quem sabe? Pela coragem. Que coragem? Quem lutava contra eles? Judeus aterrorizados que imploravam pelas próprias vidas? Foi nesse dia que pegaram duzentos judeus, homens e mulheres, e os levaram para Străulești. — Mihai engoliu o resto da bebida. — Um matadouro. Sul da cidade. Um abatedouro.

Leon ficou petrificado e mudo.

— Colocaram os judeus em cima das esteiras transportadoras. Nus e de quatro. E os fizeram balir, como animais. Aos prantos, suponho, talvez aos gritos, mas também aos balidos, como se estivessem na

ordena. Em seguida, foram enfileirados e receberam o mesmo tratamento que os animais recebem. Cabeças cortadas, membros cortados, e depois pendurados nos ganchos. Carcaças. E ainda marcaram as carcaças. — Mihai balbuciou em romeno e traduziu. — “Adequado ao consumo humano.” Selo do inspetor. — Deu uma pausa. — Você decide.

Leon arregalou os olhos sem palavras, como se a esteira ainda estivesse em movimento, com o sangue jorrando e escorrendo pelas calhas.

— E Alexei estava lá? — perguntou, marcando o tempo de estômago embrulhado.

— Não houve testemunhas. Entre os judeus. Apenas a Guarda. Mas na ocasião ele ainda estava com a Guarda. Foi visto lá. Pergunte a ele.

— Você mesmo disse que ele vendeu a Guarda.

— Quando foi conveniente. Uma boa jogada. — Mihai fez outra pausa. — Você decide.

Leon se calou por um momento.

— Não posso decidir — disse, por fim. — A mim não cabe decidir.

— Cabe a alguém.

— A você também não.

— Também não, a mim só cabe falar romeno, dirigir o carro e me manter de boca fechada. Isso era antes. Ajudar um homem como esse a escapar? Não farei parte disso. E o mandante... talvez nem saiba de nada. Mas precisa saber. E alguém então poderá decidir.

— Você não fez parte disso. Eles nem sabem que você estava lá.

— Isso já não é tão fácil agora. Talvez você não tenha pensado a respeito do que isso significa agora para mim.

Leon aguardou, observando-o.

— Pude pensar mais um pouco. Tive um tempo para isso. — Mihai apontou para o quarto. — Enquanto você estava tomando um drinque. Quem eram aqueles, esta noite? Russos? Tudo bem. Quem mais estaria interessado? Detê-lo... e depois mandar uma unidade de três ou quatro homens. Nesse caso, talvez já tenham limpado a sujeira e descartado o corpo. Mas ninguém nos seguiu. Isso é mais importante que a preocupação de Jianu com o companheiro caído. Mas ninguém o seguiu. Ou seja, ele deve estar sozinho. Pense no que isso significa.

— Sei o que isso significa.

— Sabe? Já pensou nisso também? Ninguém tira o corpo do lugar. Fica lá para ser encontrado. E será encontrado. Passa a ser um assunto de polícia, mesmo que seja o Emniyet. E o que estão procurando? Minha arma. Meu carro. Quem me protege agora? O chefe que você não pode me dizer quem é? Quem ordenou que eu ajudasse o açougueiro? Também estou trabalhando para ele agora. E tenho o direito de saber.

— Nunca pensei...

— Tarde demais para isso. Dizemos à polícia que foi em legítima defesa? Então, teremos que dizer o que estávamos fazendo lá.

Leon fixou os olhos na bebida.

— Eles podem rastrear o carro e chegar até você?

— Essa é sua resposta?

— Podem ou não podem? Onde está o carro?

— Na garagem.

— Onde estive a noite toda, bem longe da suspeita de quem quer que seja. Nada de especial em relação ao carro, caso o tenham visto lá do bar. A menos que tenham anotado o número da placa. Mas poderia ser o carro de qualquer um.

— Então, não tenho nada com que me preocupar.

— Não há nada que o ligue ao fato.

Mihai encarou Leon.

— A não ser você.

— Se der alguma zebra, você será protegido. Prometo. Falarei com...

— Serei protegido. Um palestino que ajuda os norte-americanos e mata os russos. Eu estaria fora do país em um dia.

— Pelo menos não estaria na cadeia.

— São minhas escolhas. E meu trabalho aqui? Quem faria isso?

— Você não esteve lá — disse Leon, em tom equilibrado. — Ninguém sabe, exceto Alexei, que já vai embora.

— O açougueiro fica livre. E nós recebemos proteção e damos proteção a ele. O que estou fazendo agora é protegê-lo dessa maneira. — Mihai torceu os dedos — Um nó difícil de desatar.

— Sei lá.

— É o que dizem os alemães — continuou Mihai, ironicamente. — Todos. — Pôs o copo na mesa, preparando-se para sair. — Quer dizer que esta noite rendeu um bom trabalho. Ele está seguro e nós também. E os turcos que fiquem com o problema. O corpo. Mas ainda resta algo a pensar. Como é que os russos sabiam? Os arranjos? Onde ele estaria? Só você. Desarmado. Tão fácil que poderiam mandar apenas um homem. E, se sabiam de tudo, o que mais poderão saber? Nesse caso, não estaríamos tão seguros assim. Nem ele. — Levantou-se ao concluir.

O telefone tocou duas vezes mais alto que o habitual. Ambos se assustaram, como se tivessem sido tocados por mãos inesperadas no ombro. Leon olhou para o relógio e para Mihai, que por sua vez balançou a cabeça com nervosismo. Um outro toque inundou a sala. Leon pegou o fone abruptamente.

— Leon? Faz um tempão que estou querendo falar com você. — Era Ed Burke. Numa hora dessas.

— Eu estava no Park. — Já prestando contas para Ed Burke e construindo álibis. — Você sabe que hora...

— É sobre Tommy — disse Ed rapidamente. — Achei que você saberia de alguma coisa.

— Saber o quê?

— Já que estava em Bebek com sua esposa. Não poderíamos passar na polícia.

— Polícia? — Somente um eco.

— Não soube? Ele está morto. Assassinado.

— O quê? — Leon sentiu uma primeira onda de calor pelo corpo todo. Tommy também atingido. Ele é que deveria ter esperado pelo barco e não um *freelancer*. Então, sabiam onde ele estava. Girou a cabeça e notou que Mihai o observava.

— Leon, ainda está aí?

Tinha de dizer alguma coisa.

— Assassinado? Acidentalmente? — disse, tentando manter a voz firme.

— Não foi bem assim. Um tiro. Em Bebek. Liguei por isso. Achei que você teria ouvido alguma coisa antes que tivessem bloqueado a área inteira. Bloquearam tanto pela água como pelo forte.

— Rumeli Hisari* — disse Leon, automaticamente, sem ouvir o que dizia. — Tiro? — A cabeça girava e seu sangue parecia correr em duas direções. — Pela água?

— No desembarque de um barco. Foi o que também me perguntei. Que inferno de lugar para se estar naquela hora. Tommy deixa de lado a própria festa, talvez por conta de alguma coisa em andamento. Cristo, nunca se sabe, não é? Talvez tivessem avistado o carro e achado que ele estava com dinheiro. Ou sabe-se lá com o quê.

— Deus — disse Leon, em tom inexpressivo. — Um tiro?

— Não se espera por uma coisa dessas aqui.

— Não se espera, não — repetiu Leon. — Um disparo e um baque no escuro, um estalo de cabeça no asfalto.

— Bem, eu não queria incomodar você.

— Que é isso, ainda bem que telefonou. Obrigado. — Carros de polícia, lanternas, abordagens no café. O sangue lhe subiu à cabeça e incendiou-lhe o rosto.

— Aviso se ouvir alguma coisa sobre os arranjos.

— Arranjos?

— Bem, acha que Barbara vai querer enterrá-lo aqui? Quer dizer, se mandar o corpo para casa...

— Barbara — disse Leon, casualmente. A viúva, a loira que flertava depois do segundo drinque.

— Ela precisou identificar o corpo — disse Ed. Está a par do ocorrido. Para quem mais telefonara? — Que inferno de situação. Uma hora você está na festa e na outra...

— Não consigo acreditar — disse Leon, como se esperava que dissesse.

— Você não viu nada? Parece que colocaram metade da força na rua.

— Não enquanto estava nas imediações. — Leon fez uma pausa. — Quando isso aconteceu?

— Logo depois que ele saiu da festa, suponho.

— Eu já tinha saído. Jesus, um tiro.

— Bem, vou desligar. — Ed pareceu um tanto decepcionado por não ter obtido mais detalhes. — Mas insisto em dizer... que inferno de lugar para se estar naquela hora. — Jogando verde.

— Mais uma vez obrigado, Ed — disse Leon, sem replicar.

Ele desligou o telefone e se voltou lentamente para Mihai.

— O que aconteceu? — perguntou Mihai, encarando-o.

— Você precisa pensar mais um pouco. Não era um russo.

* É um vento frio que sopra a nordeste na região do Bósforo. [n. e.]

* Termo em turco que designa as casas construídas à beira da água em Istambul (em especial, à beira do mar). [n. t.]

* Estrangeiro. [N. E.]

* Mustafá Kemal Atatürk (1881-1938). Fundador da República da Turquia e seu primeiro presidente. [n. e.]

* Confortável, em alemão. [n. e.]

* Micro-ônibus utilizados na rede de transporte público na Turquia. [n. e.]

* United States Office of War Information (Departamento de Informação de Guerra dos Estados Unidos). Operou entre 1942 e 1945. [n. e.]

* Programa de fornecimento de empréstimos financeiros e suprimentos dos Estados Unidos a seus aliados europeus durante a Segunda Guerra Mundial. [n. e.]

* Espécie de pão em forma de rosca, popular na Turquia e na Grécia. [n. e.]

* Tributação sobre a riqueza imposta aos turcos em 1942 com objetivo de angariar fundos para uma eventual participação na Segunda Guerra Mundial. [n. e.]

* Estuário que divide em duas partes o lado europeu de Istambul. [n. e.]

* Porteiro, em turco. [n. e.]

* Forte localizado em Istambul. [n. e.]

Laleli

Leon ficou à espera de um telefonema a manhã toda... do escritório de Tommy no consulado, ou talvez até do próprio cônsul. O acontecimento em Hürriyet se diluía, um disparo contra um empresário, mas os detalhes já se propagavam pela comunidade estrangeira. Por que não convidaram Barbara para a festa na faculdade? Por que Tommy saía mais cedo? Por que se afastara da cidade? Suspeitas que transitavam através das linhas telefônicas, mas ninguém achava que Tommy estaria de caso com outra mulher, ao menos com nenhuma que pudesse ter atirado nele. Sem roubar nada. De acordo com Barbara, a carteira ainda estava no bolso dele quando a polícia o encontrou. A arma dele também disparara e talvez isso tivesse assustado os agressores. Mas por que ele portava uma arma?

Manhã cheia, zanzando de um lado para o outro e sempre de olho no telefone, na expectativa. Turhan, a secretária, uma das mulheres modernas de Atatürk que não cobriam a cabeça, embora retornasse para a casa da família ao anoitecer, acabou deixando o trabalho de lado depois de ter atendido inúmeras chamadas quase sem fôlego e de olhos arregalados e interessados. Em dias normais, não acontecia muita coisa na R. J. Reynolds, mas naquele dia o telefone não parava de tocar e Leon não recebia a chamada desejada.

Ao meio-dia, na janela com vista para a Taksim, ele se deu conta de que estava sozinho, de que ninguém o procuraria. Ninguém sabia de nada. Será que o nome dele aparecia em algum registro ou em alguma ordem de pagamento? Tommy colocara as apostas na mesa do jeito que gostava. Usando alguém de fora para que ele próprio ficasse de fora, um bode expiatório a quem responsabilizar se alguma coisa desse errado. Mas por que teria feito isso? Era um trabalho rotineiro, que não exigia as precauções habituais. Tommy nem perguntara se a casa era segura, apenas se interessara pelo bairro.

Por que isso? A resposta era a mesma que dera a si mesmo a noite toda. O endereço não importava. Alexei não chegaria lá. Seria morto no cais. E quanto ao próprio Leon? Também seria deixado no cais. Tommy se esgueiraria de volta ao carro sem saber ao certo se tinha sido reconhecido? Impossível correr esse risco. Claro que também o matariam. Um alvo fácil que não esperava por nada e que apenas pegava uma mochila. Dois mortos deixados para trás. Quem matou quem? Como Tommy bolara isso? Como bolara a cena? Lembrou-se da cara dele, corada, no bar do Park. Já estava planejando. Isso sempre levava Leon de volta à mesma pergunta e à mesma resposta, que espreitava e que não estava pronto para aceitar. Agarrou o parapeito da janela, como se agarrasse o turbilhão que girava em sua cabeça.

Além do mais, Alexei tinha de ser entregue a alguém. Quem? O pessoal de Tommy na OWI se dispersara. Onde estavam os que tinham sido plantados no Robert College? Mas esses infiltrados não sabiam de nada, porque Tommy não os utilizara. Nenhum telefonema. E agora Leon comandava a operação. Precisava encontrar o elo seguinte da cadeia. Talvez houvesse um nome, em Ancara ou em torno da mesa de Tommy.

Leon chegou ao consulado, que já estava cercado de pequenos agrupamentos, atraídos pelas viaturas

policiais na rua, e de patrulheiros, que filavam cigarros dos guardas no portão. A escultura da águia norte-americana pairava por cima das cabeças. Já não era mais apenas uma questão de consulado, mas também de mensageiros. Um crime. Polícia. Em busca de respostas. Tommy queria descartar seu próprio homem. Quem acreditaria nisso? O cônsul acreditaria nisso? A única versão seria a de que ele assassinara Tommy. Seria a palavra dele contra a de um homem morto. Sem prova nenhuma senão a do próprio Alexei, que nem existia para a polícia.

Ele ergueu os olhos. Um movimento no portão: o cônsul cumprimentava um turco corpulento de terno. Cigarros apagados, ordens dadas, policiais deixados para trás e o restante em direção ao portão. Passaram ao lado como se ele fosse um pedaço de pau no córrego. Ninguém sabia. Entraram nos carros, redigiram relatórios. Ninguém o observou. Continuou no mesmo lugar por algum tempo. Farejou o ar em volta, parado, invisível. Ninguém sabia.

Eles combinaram um encontro para a segunda-feira no mercado de livros usados, uma passagem estreita à sombra dos plátanos nos arredores da mesquita de Beyazit. Enquanto esperava, Mihai folheava um livro na barraca de obras inglesas situada quase no final da passagem.

— Chegou atrasado. Alguma novidade sobre o carro?

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Nenhuma. Se alguém o viu, não disse nada. E nenhum telefonema do consulado. Ninguém.

— Chegou a dizer que já tinha conseguido um avião.

— Isso era trabalho de Tommy.

— E agora é seu. Precisa tirá-lo. Ele já deve estar em pânico... onde o deixou?

Leon não respondeu.

— Vão procurar nos hotéis. É a primeira coisa que fazem.

— Não o deixei em hotel. — Leon pegou um livro de capa manchada.

— O cara em Istambul e nós aqui... um cara que venderia qualquer um. Barato. Bom para ele, ruim para nós.

— Mas nós não... quer dizer...

— Acha que poderá convencê-los com alguma explicação? Se, por hipótese, dissermos a verdade, o que estávamos fazendo naquele lugar. Só para efeito de argumentação. Seu novo amigo pode esclarecer isso — disse Mihai, em tom subitamente severo. — Ótima estratégia, essa de dizer a verdade. E depois? Seu embaixador intervém? Que embaraço para ele. Mas, admitindo que intervenha... Um trato. Nenhuma prisão. Em vez disso, somos deportados. Visto de residência? Revogado. Se acreditarem em nós. — Olhou ao longe. — Nada de explicações.

— Isso não será preciso. Já lhe disse que ninguém sabe de nada. Se puder colocá-lo no consulado...

— Consulado. Já é caso de polícia. Um corpo. Assassinato. O Emniyet já deve estar com um par de orelhas no local. No mínimo. Leve-o para o consulado, e a polícia... — Mihai deixou que o pensamento se fechasse por si mesmo. — E os russos. Se já estão à espreita, não devia sequer pensar em levá-lo até o portão. Talvez seja o que ele mereça, mas, por ora, não é a melhor opção, um acidente. E a polícia.

— De qualquer forma, ele precisa contar para alguém. Contar tudo.

Mihai fez uma careta.

— Um confessor norte-americano para esse cara. Descrição garantida. — Largou o livro e ergueu um dedo. — Mas não aqui. Só depois que se mandar daqui. Os turcos não terão nada para usar contra nós. — Ajeitou o livro na bancada. — Exceto nossa relação. — Calou-se, enquanto olhava para Leon. — O que

fará se não houver esse avião?

— Tommy disse que havia.

— Tommy disse um monte de coisas. Conheço alguém no aeroporto. Pedirei para que verifique os aviões disponíveis. Não os de carreira, suponho, não os de passageiros. Militar?

Leon deu de ombros.

— Ótimo. Tudo bem, todos serão verificados.

— Olhe, não precisa se envolver nisso. Lembra-se de que você não estava lá?

— Se todos pensarem assim... Mas será que pensarão? — Mihai olhou de esguelha. — Aviso-o sobre o aeroporto.

— Então, você também acha que há um avião.

— Provavelmente. Seu Tommy precisava despachar o cara. Queria uma cobertura para dar um ponto final aqui. Só que Jianu não coube nos planos. Graças a você. Já pensou nisso?

Leon também olhou de soslaio.

— A noite toda.

— Algo para pensar. — Mihai se virou e pôs a mão no braço de Leon para se despedir. — Há quanto tempo me conhece? — perguntou com ar sereno. — Há sangue aqui. Sangue. Precisamos cuidar um do outro. — Apertou o braço do amigo. — Fique de cabeça fria. Tudo normal. Caso contrário, eles irão farejar. Isso não é só por nós. Você sabe o que estou fazendo aqui. O que Anna fez aqui. é a última esperança dessa gente. E por essa gente é que me presto a ajudar um porco como Jianu. — Retirou a mão, ainda de olho no amigo. — Até porque você o quer vivo. Seu novo amigo norte-americano.

Leon pegou o bonde em Beyazit ainda preocupado. É algo para pensar. Atirar em Jianu, atirar nele. Fazia muito tempo que Tommy era outra pessoa? Mas como provar isso? Fazendo uma coisa levar a outra, tal como as estações no mapa em cima da porta. Duas mulheres de túnica e turbante conversavam ao lado, alheias ao que ocorria lá dentro, como se ainda estivessem no harém, enquanto alguns homens de bigodes duros e espessos olhavam indiferentes pela janela. E nem era a Europa. Lá fora, a cidade velha espelhava o passado. A mesquita azulada. O hipódromo. As corridas de bigas de mil anos antes. Tão antiga que já tinha visto de tudo, a Guarda de Ferro de Alexei, uma versão moderna de uma velha história, crianças empaladas, portas manchadas de sangue e corpos boiando e deixando nódoas no Chifre de Ouro. De tudo. Não o que Anna tinha visto, apegada às páginas de seu guia turístico. Azulejos de Iznik. Entalhes delicados de *minbar*. Uma cidade de maravilhas para ela, mas não para quem já não se surpreendia com nada.

Em Topkapi, um grupo de marinheiros saiu de uma visita turística ao harém e entrou no bonde, e Leon então olhou para trás. À primeira vista, meros rostos anônimos, mas a isso se seguiu um formigamento na pele. Um rosto conhecido. Lendo um jornal turco, de cabeça baixa, o mesmo cara que tinha saído do edifício de Marina. Coincidência? A que horas ele tinha entrado? Antes de Leon ou junto com ele? Ainda bem que não o tinha percebido. O cara continuou imóvel e sem tirar os olhos do jornal.

Leon se virou para a frente. Talvez sua imaginação se inquietasse com qualquer coisinha. Um bonde público, um cara que Marina disse que não conhecia. Não se vire para trás. O bonde desceu a colina em direção à agitada Sirkeci. Ele começou a suar.

As portas se abriram e a multidão entrou aos empurrões. Ele se sentiu sufocado por um instante, como se o ar tivesse sido sugado para fora do bonde. Soou a campainha. Conteve-se, à espera. E se lançou para a porta quando esta estava prestes a se fechar. Não olhar para trás. Um rosto na janela. Ou, talvez, não.

Isso ele nunca saberia. Hora de agir. Respirou o ar pesado de fumaça de óleo diesel e carvão e seguiu em direção ao cais de Eminönü. Perto da água, pensa-se melhor. Segue-se a lógica, uma coisa leva a outra. Tommy tinha usado alguém de fora.

Ele pegou a barca para Üsküdar. Sentou-se na popa aberta, com o casaco todo abotoado e com um copo de chá quase morno na mão. Repassou tudo novamente, cada movimento, como se estivesse em queda livre e sem rede embaixo para amortecê-lo. Observou os pássaros que sobrevoavam, tentando se apoiar em marcos: a torre Galata, os escritórios comerciais de Karaköy. Mas eram coisas irreais, só serviam para passar os dedos durante a queda livre. Até que uma questão girou por cima de sua cabeça. Onde Tommy queria que ele realmente estivesse. Agarre-se a isso, siga isso.

Alguém continuava à espera de Alexei. O pessoal de Bucareste, o barco de pesca. Uma ligação rompida por Tommy. E agora estariam à procura de Alexei. Mas não de Leon, ainda não. A armadilha se dobrara sobre si mesma: Tommy já estava com os pés no cais no mesmo segundo em que conseguiu alguém para cuidar de Alexei. E Mihai. De repente, a barca abalroou os pneus de borracha do cais e as pranchas deslizaram e se assentaram no lugar certo. Todos, um na mão do outro.

Ele mudou de barca e seguiu para Beşiktaş, ainda observando os arredores, na expectativa de encontrar o homem do bonde. Dois lugares. Era uma coincidência? Somente alguns homens em casacos de lã fumavam por perto, com indiferença. A cara dele não falava? Um assassinato. Ao desembarcar, continuou divagando no cais por um momento. Os passageiros que passavam ao lado o ignoravam, tal como a polícia no consulado. Ninguém sabia. Já podia voltar para o escritório. Tudo normal. Mas nada estava normal.

Anna estava sentada na cadeira e levantou a cabeça quando ele entrou. Embora com feições inexpressivas, percebia os movimentos em volta enquanto se deixava ser vestida e ainda ajudava. Ele se inclinou para beijá-la na testa e ela se deixou beijar sem qualquer hesitação.

— Aconteceu uma coisa — disse Leon, hesitando. Uma frase abrupta. — Está bem agasalhada? — Fez a pergunta enquanto ajeitava o xale nos ombros de Anna. A enfermeira abriu a porta-balcão, deixando uma fresta de ar. Ele acabou de ajeitar o xale. — Pensei em você quando estava na barca. Em como você ama a água. — Não tinha pensado nisso. Ela olhava fixamente para o jardim e ele precisava dizer alguma coisa. — Tommy King está morto. Levou um tiro. Foi um assalto. Acham que...

Ele se deteve e se afundou na outra cadeira, hesitando outra vez.

— Por que estou agindo assim? Com você? Não foi assalto. — Disse isso em voz alta e depois seguiu o olhar dela até o jardim, até a réstia de sol sobre o pé desfolhado de oliaia. — Eu estava lá — acrescentou suavemente. — Ele tentou matar um homem que estávamos trazendo. E também tentou me matar.

Anna continuou imóvel e de olhos fixos no jardim.

— Não me restou nada a fazer senão o que acabei fazendo. — Ele se mostrou de novo reticente. — Não senti nada. Não na hora. Só mais tarde é que... ainda não consigo explicar o que aconteceu, a ninguém, talvez só consiga depois de ajudar o homem a fugir. — Respirou fundo e desviou os olhos para outro ponto. — Não sei se poderei fazer isso. Tommy é que deveria... — Fez uma pausa. — E de repente lá estava ele de arma na mão.

Ouviu uma pergunta dela em sua mente e balançou a cabeça.

— Não parei de pensar nisso. A noite toda. Não teve jeito. Por qual motivo Tommy o mataria? Não paro de me fazer essa pergunta. Por que ele tinha de fazer isso? Às vezes acho que tenho a resposta. Sobre Tommy. E depois tudo vira de cabeça para baixo. Todos esses anos trabalhando para... meu Deus! Eu trabalhava para ele. Por quanto tempo ele foi...

Leon silenciou e agora eram dois sentados e em silêncio.

— Não era para acontecer nada. Só era um trabalho de babá. E agora o cara está por minha conta. Será

morto se eu... — Ele abaixou os olhos. — Um cara que teria matado você. Sem pensar duas vezes.

Levantou-se e colocou-se à janela, sem se interpor entre ela e o jardim. Um canteiro de áster próximo ao muro.

— Mas, se não o ajudar, os turcos cuidarão do caso. Então, será tratado como assassinato. E Mihai... — O pensamento de Leon ficou à deriva enquanto ele observava um pássaro que voava por entre os galhos. — Sabe o que cheguei a pensar? Que, se fizesse isso, se o despachasse... isso não passaria despercebido ao pessoal de Washington. Seria uma oportunidade de mostrar que sou capaz... — Fez uma pausa. — E depois pensei que teria sido melhor se Tommy o tivesse acertado. Os dois teriam ido juntos. Nada para explicar. Seria melhor se esse cara também estivesse morto. Mas que espécie de homem pensa uma coisa assim? Que espécie de homem?

Um reflexo no vidro, alguém na porta. Obstbaum.

— Doutor — disse ele, virando-se e mudando o tom. — Acabei de dizer para Anna... — Será que o médico tinha ouvido alguma coisa?

— Não quero interromper. — Obstbaum estendeu a prancheta, uma justificativa visual.

— Não, não, por favor — disse Leon, olhando para o relógio em seguida. — De qualquer forma, já está na hora. — Olhou para Anna. — Vou conversar com Georg. Ainda não conversei com ele. — Precisava aparentar normalidade. Olhou para Obstbaum. — É um velho amigo. Ela gostava muito dele. Não é mesmo, querida? Direi que você mandou lembranças. — Inclinou-se, beijou a testa dela e olhou de novo para Obstbaum. O que ele teria ouvido?

— Espero que ela melhore, conversando assim com ela — disse Leon da porta.

— Sua vinda é sempre boa. A atividade. E dois dias seguidos. Fiquei sabendo que veio na noite passada.

De quem? Por quê?

— Como ela está? — Leon ignorou a questão.

— Na mesma. — Obstbaum percebeu o que Leon expressava. — Você já sabe que isso nem piora nem melhora. Mas pelo menos não se deteriora. É bom conversar.

— Às vezes acho que só converso comigo mesmo. Sentado aqui. Isso me acalma um pouco.

Obstbaum balançou a cabeça.

— Um oásis. Gera esse efeito. Soube do tiroteio de ontem à noite? Lá na estrada? Saiu nos jornais. Os pacientes ficaram agitados, você sabe como é isso... só tivemos que acalmá-los. Mas para Anna nada aconteceu.

Leon olhou ao longe. A essa altura, a voz dele já estava registrada em algum lugar do cérebro dela.

— De qualquer maneira, isso é bom — acrescentou Obstbaum.

A chegada de Georg Ritter a Istambul ocorreu na semana em que Hitler se tornou chanceler. Um trabalho na universidade mal pagava o quarto de uma velha casa de madeira em Fener, mas, no tempo livre, ele trabalhava no manuscrito Lessing, um futuro garantido. Alguns anos depois, quando Leon e Anna chegaram, ele ainda trabalhava no mesmo manuscrito, e àquela altura havia se tornado uma verdadeira instituição entre a comunidade estrangeira, era o único que sabia onde obter vistos de residência, utensílios de segunda mão e aulas de turco. Georg e Anna compartilhavam a mesma paixão pela cidade, tanto pelos restaurantes de peixe como pelo melhor comerciante de tapete no Bazar, de modo que se tornara um pai *ersatz** para ela, tão irritadiço quanto o pai verdadeiro e com todas as convicções que os outros já tinham deixado para trás.

Quando a fiscalização de impostos confiscou a casa em Fener, mandando o proprietário, um grego, para um campo de trabalhos forçados, um ex-aluno de Georg, um turco rico, resgatou-o e acomodou-o num prédio de sua propriedade em Nişantaşı.

— Sou o único marxista do bairro — proclamava Georg. Mas era uma mudança conveniente. Pois agora podia chocar a burguesia apenas pelo fato de que também residia num lugar que antes não tinha condições de pagar, sem mencionar a proximidade do parque Yildiz, o que era bom para a sua cachorrinha.

— Se importa se dermos uma volta? Ela ficou presa o dia inteiro.

— Achei que você queria jogar xadrez.

Georg gesticulou com a mão.

— Com você? Sem surpresas. Primeiro, move os cavalos, mantendo os peões na retaguarda. — Ajeitou a coleira e trancou a porta. — Você está bem? Não me parece...

— Só cansado.

— Na sua idade... Espere e verá como vai se sentir depois. — Georg suspirou e o ar chiou nas suas bochechas rechonchudas.

— Como está o livro?

— Mendel quer usar o novo capítulo, o *Nathan der Weise*. Acha que os comentários sobre Saladino poderão despertar muito interesse. Até parece que os turcos o lerão. Um jornal alemão em Istambul; bem, onde mais? Na Alemanha? Pelo menos se mantém a chama viva.

— *Nathan*? — disse Leon, lembrando-se da cronologia. — Ainda falta muito, então?

Georg deu de ombros.

— Os últimos anos. Em Wolfenbüttel. Pouco felizes para ele, embora muito produtivos. Alguns capítulos, no mínimo. O túmulo do indigente, você sabe, o fim. Também será meu fim. E seu amigo? — perguntou interessado. — Onde é que será enterrado?

— Quem? Tommy? Já chegou aos seus ouvidos?

— Já chegou aos ouvidos de todos. Como um *western*. Karl May. Tiroteios em Istambul. — Georg balançou a cabeça em negativa.

— Eu não sei. Isso é com a esposa dele. Era só um conhecido, nem diria que era um amigo.

— Não? Só uns drinques no Park. — A reação de Leon não passou despercebida a Georg. — Os rumores circulam.

Leon manteve-se à espera, mas Georg recuou.

— Tem visto Anna?

— Sim, está na mesma.

Eles atravessaram os portões de acesso ao parque com colinas arborizadas e pontilhadas de pavilhões, o velho complexo do sultão.

— O que me pergunto é se ela ainda vê. — Georg apontou para as árvores. — Uma pena perder tudo isso. Mas o curso da mente... Abdul Hamid achava que era possível ouvir as árvores. Em qualquer lugar. Esse lugar era bem tranquilo. Sussurros. Isso o deixou pior. O que será que cochicham? A mente. Você sabe que a cada semana ele se tornava ainda mais convicto de que seria morto. Nas sextas-feiras, do grande *selamlık* até a mesquita de Hamidiye. Centenas de pessoas, todas alinhadas, só podiam vê-lo nessa ocasião. Talvez houvesse mesmo um assassino no meio da multidão. O tempo todo, durante as orações, na expectativa de ser baleado. Sabia que havia quinhentos escravos em Yildiz naquele tempo? Isso não faz nem quarenta anos, ainda nem se tornou história. Escravos aqui. E o povo ouvindo as árvores. — O tipo do detalhe que Anna amava.

— Como soube do drinque no Park?

— Alguém mencionou. Nem lembro mais quem. Isto aqui é um excelente criadouro de boatos.

— Um drinque de despedida — disse Leon, respondendo a uma pergunta não feita. — Ele já estava voltando para os Estados Unidos. Foi um assalto, segundo o que dizem.

— E sem levar dinheiro. Por isso, cada um tem uma versão.

— Qual, por exemplo?

— Você sabe, talvez seja coincidência, mas um homem desapareceu. E uma das versões é que esse homem fugiu depois de matar o seu amigo Tommy.

— Por quê?

Georg deu de ombros.

— Por uma centena de motivos, quem pode saber? Pelo visto era um tipo pouco confiável.

— Confiável — repetiu Leon, marcando tempo. — Será que estão sentindo falta desse homem?

— Amigos russos — disse Georg, esquadrinhando-o. — Talvez estejam atrás dele por ter se apossado de algo valioso. — Fez uma pausa. — Algo muito valioso para os russos.

— Dinheiro? É o que quer dizer?

— Dinheiro, claro. Favores. Tudo o que é necessário.

— Quanto? — perguntou Leon, acompanhando o raciocínio.

— Isso depende. Dicas, informações. Ficariam gratos por coisas assim. Mas, se alguém sabe onde ele está, onde pode ser encontrado, isso vale... sei lá, um bom preço. Uma boa soma. Claro, antes é preciso encontrar o homem que matou o seu amigo. Também tem esse aspecto positivo.

— Por que está me dizendo isso?

— Porque você também é suspeito. Não apenas você. Eles querem que todos saibam que qualquer ajuda será bem-vinda.

— Com uma recompensa. Mais Karl May. Por que não espalham cartazes?

— Fazendo piada... Não acha sério?

— Não sei, é sério? Eles são seus amigos. — Leon fez uma pausa. — Não sei se você ainda mantém contato com os camaradas. Anna disse que você tinha saído do Partido.

— Velhos laços, só isso. É um assunto sério. E nesse caso recorrem a todos os canais.

— Não à polícia.

Georg desviou os olhos para a cachorrinha.

— Alguma coisa, Georg? — disse Leon, apontando para as árvores. — Ninguém está ouvindo. Ou será que estamos aqui para isso? Para conversar... Foram eles que lhe pediram para me sondar? Por quê?

— Você era... sócio no negócio.

— De Tommy? Não fazíamos negócios.

— Um conhecido, tanto faz. Talvez tenha alguma ideia do motivo pelo qual ele foi baleado. Ele pode ter dito alguma coisa a você. Já que bebeu com ele na noite anterior. Você entende, eles tinham que me pedir isso.

— E forçá-lo a fazer isso. Desculpe. Ele não disse nada. Os camaradas acham que ele foi baleado por quê?

— Isso é justamente o que querem perguntar aos amigos dele.

— E estão dispostos a desembolsar uma recompensa para isso? Talvez devessem apenas ignorar.

— Isso não é possível.

— O que esse cara tem? O número do telefone de Stalin? — Leon girou a cabeça em direção ao pavilhão principal. — Mais um. Como o velho Abdul. Assassinos por todos os lados. Então, livre-se deles. Quantos agora? Milhões? É com essa gente que você quer fazer negócios?

— É um mundo de excessos.

— Não é justo.

— Ele matou seu amigo. Não tem a menor utilidade para você. Importa o que vai acontecer com ele? É uma rixa antiga só entre eles. Não com você.

— Então por que não fazer um pouco de dinheiro enquanto eles agem, não é, Georg? — Leon se virou para sair. — O que os faz pensar que esse cara atirou em Tommy?

— Sabemos que eles se encontraram. Um deles está morto, e o outro, desaparecido. Por que estaria desaparecido? A não ser que...

— Como é que sabem que eles se encontraram? Outro boato?

— O cara é capaz de tudo. — Georg não respondeu. — É violento. Não é confiável.

— Fico surpreso que o queiram de volta.

— Não o querem por muito tempo.

Leon olhou para Georg, que por sua vez olhou para trás.

— Ficarei de ouvidos atentos — disse Leon, enquanto saía. — Um favor para você. — Deteve-se. — Nem me passava pela cabeça. Todos esses anos. E você ainda com os camaradas.

— Apenas um mensageiro.

Leon balançou a cabeça.

— Já está entregue. — Saiu andando e em seguida se voltou novamente para Georg. — Acha mesmo que eu faria isso? Se soubesse? Vender um homem?

— Esse homem em particular? Seria a coisa certa a fazer.

Leon o encarou.

— Nesse caso, nem precisaria me pagar.

Leon identificou-se com três batidas.

— Trouxe um pouco de comida. — Entregou um saco de papel já manchado com a gordura dos *kebabs*. — Tudo bem?

Olhou o apartamento, que ainda estava arrumado como na noite anterior, sem roupas jogadas sobre as cadeiras vazias. Alexei estava sentado diante de um pequeno tabuleiro de xadrez para viagens. Apenas isso parecia ter sido tirado da mochila.

— O avião? Já temos um horário?

— Ainda não. Será preciso mudar de aeroporto. Depois da noite passada. — Uma desculpa necessária, porque nada mais estava seguro.

Alexei grunhiu e levantou-se.

— Quer um chá? Tudo que faço agora é beber chá. — Tossiu. — E fumar. — Pegou as colheres e acendeu a chaleira.

— Pelo visto, joga xadrez.

— Isso faz o tempo passar.

— Joga consigo mesmo?

— Faço um movimento e depois contorno o tabuleiro. Sabe o que é interessante? Chego do outro lado e a jogada está diferente. Penso em antecipá-la, mas dou outra volta e vejo outra coisa.

— Tentarei isso algum dia. Jogar dos dois lados.

Alexei olhou para Leon.

— Pegue a comida. Está mexida.

— Encontraram o corpo? — perguntou Alexei, enquanto levava a comida para a mesa.

— Encontraram.

— Então era só um homem. Talvez eu não seja tão importante. E agora alguém está muito bravo. Melnikov. Quem será que teve a ideia de mandar esse homem? Alguém vai pagar por isso. As coisas nunca mudam.

— Você o conhecia?

— Do setor político — respondeu Alexei, mastigando. — Sabe o que isso significa? Em Stalingrado? Os nazistas perseguindo-o pela frente, e Melnikov, pela retaguarda. Lá não há covardes. Nem piadinhas sobre Stalin. Ele ordenou que atirassem em todos imediatamente. Era mais fácil que mandá-los de volta para os *gulags*. Menos burocracia — acrescentou, amassando o saco. — Mas, em Bucareste, você tem tudo isso. A lista do pessoal dele. Isso é o meu depósito. Terei de fazer a mesma coisa de novo? E depois com um gravador? E mais e mais, até que surja algum desliz, algum nome que você esqueceu ou não esqueceu. Bem, todos fazem assim.

— Guarde a ladainha. Para um gravador. Não estou aqui para interrogá-lo.

— Não? Para quê, então?

— Para colocá-lo no avião.

— Ah, para ser meu amigo. Dessa maneira, é mais fácil fazer soltar a língua. Um pouco de confiança. E você, tem um nome? Ainda não me disse. — Alexei souou familiar, como alguém no bar. Levantou-se para servir o chá.

Leon imaginou o quadro de um matadouro com corpos dependurados nos ganchos. E à frente um homem comum preparando chá.

— Leon. — Apresentou-se.

— Leon? — repetiu Alexei, como se quisesse ouvir o resto do nome.

— Bauer.

Alexei estendeu um copo e armou um sorriso.

— Termo alemão. Fazendeiro. — Traduziu. — Também peão. — Apontou para o pequeno tabuleiro. — No jogo. Você é um peão?

— Todo mundo é.

Alexei ergueu os olhos, dando-se por satisfeito.

— Um filósofo. Uma novidade. Com os russos é diferente. Nada de sanduíches. Só punhos.

— Isso quando o interrogaram?

— Meu amigo, se eles tivessem me interrogado, você veria. — Alexei levou a mão ao rosto. — Nos ossos. Os prisioneiros aparecem com um rosto diferente depois dos interrogatórios. E tiram fotos para os arquivos. Quando estão vivos.

— Então, você teve sorte.

Alexei deu de ombros.

— Eu fugi. Sabia com quem estava lidando. Meu trabalho era saber quem eles eram. — Tomou um gole de chá. — Mas você já sabe disso. E não está aqui para me interrogar.

Leon olhou ao longe. Uma esteira transportadora. Pessoas berrando. E agora acendia um cigarro calmamente. Mas Tommy recordara os velhos tempos enquanto planejava matá-lo.

— Você tem esposa? — Alexei passou a mão no alto da cabeça, onde o cabelo estava tão curto que parecia haver parado de crescer.

— Tenho.

— Nos Estados Unidos?

— Não, aqui. E você? — Resposta obrigatória.

— Magda. Ainda como Lupescu. Mas ela não teve tanta sorte. Foi morta.

— Na guerra?

Alexei balançou a cabeça em afirmativa.

— *Partisans*. Em Bucovina. Faz três anos. De vez em quando é conveniente. Não ter nada a perder. —

Largou o cigarro. — Não é o que estava querendo saber? Se eles estariam usando alguém? Para me manter atrelado. — Balançou a cabeça em negativa. — Não há ninguém. Só eu. Já não sabia disso?

— Por que saberia?

— Tudo bem. Isso não é um interrogatório. O que você é então? A esposa aqui. Faz a cobertura.

— Empresário.

— Na Western Electric?

Leon ergueu os olhos. Quantos do pessoal de Tommy eles conheciam? Todos? Até os franco-atiradores?

— Não.

— Onde, então?

— Trabalho com frutas secas. Damascos. Figos.

— Damascos — disse Alexei. — É um bom negócio?

— Agora, quem está interrogando é você.

Alexei soltou uma risada.

— Só conversando. Gosto de você. Fazemos isso de forma diferente. Talvez melhor. — Inclinou a cabeça para o lado, ainda com ar divertido. — Sim, talvez sim.

— Isso porque você não faz ideia do que quero saber.

Alexei o olhou nos olhos, desta vez sem sorrir.

— Pois é. Portanto, vantagem sua. O que quer saber?

Leon hesitou, elaborando o pensamento.

— Como era em Străulești?

Alexei emudeceu e fitou os olhos de Leon. Sem pestanejar. Passado algum tempo, o cigarro queimou o dedo de Alexei, que o esfregou sem perder a calma, um jogo de nervos, captando as entrelinhas, agora com olhos neutros.

— Também fizemos isso — disse, por fim. — Informe a eles que soube de algo ruim. Para que pensem que você sabe tudo.

Leon esperou.

— Ninguém me perguntou isso antes. Seu pessoal. Por que então agora?

— Você estava lá.

Silêncio calculado.

— Foi seu amigo romeno que lhe contou.

Agora era Leon que emudecia.

— Algum dia os romenos deixaram de se trair entre si? É um dom nacional.

Alexei pegou outro cigarro.

— Bem, não sou o mais indicado para falar. — Fez uma pausa curta, balançando a cabeça. — Eu não fiz parte daquilo.

— Só do resto da Guarda.

Alexei assentiu com a cabeça.

— Foi quando concluí...

— O quê?

— Que eles eram loucos.

— E não eram loucos antes? Juramentos de sangue?

— Isso, não. Isso foi para chamar atenção. Para fazer com que se colocassem contra nós.

— Você também agiu assim.

— É o que você quer saber? Por que me coloquei contra a Guarda? É uma resposta fácil. Porque antevi o que estava por vir. O futuro era Antonescu.

— Por algum tempo.

— Pois é.

— E agora ele será julgado. Mas você, não.

— Julgado pelo quê?

— Você estava lá. Já é o suficiente.

Alexei assentiu.

— Ninguém está muito interessado no que houve. Só querem nos matar. Portanto, todas essas coisas podem ser descartadas.

— Então, você fez um acordo.

— Fiz, sim — disse Alexei, de olho em Leon. — Com você. — Levantou-se e acabou de tomar o chá.

— Sabe como são as multidões, não sabe? São como água. Não é possível detê-las. Resolveram estragar tudo. E quem poderia impedi-las?

— Não você. — Leon fez uma pausa. — Você sabia que elas fariam tudo aquilo.

— Não sabia — disse Alexei, elevando a voz. — Que seriam mortos, talvez. Até porque isso já estava acontecendo. Por toda Dudești. Mas aquilo... — subitamente deu de ombros. — Claro que sabia que todos acabariam morrendo no final.

Arrastou-se até a janela. Ficou deslizando a mão para o lado sombreado, até que a conteve e olhou fixamente para a sombra.

— Quando se está com as mãos sujas de sangue, importa como se chegou a esse ponto? — disse.

Sangue vertido de carcaças.

Alexei girou o corpo.

— Era isso que queria saber? Como estão as minhas mãos? — Estendeu uma das mãos. — Até que não está tão suja. E as suas? Nesse negócio? — Abaixou a mão. — Você sabe que pode ser fácil? Fazer o que nunca pensou que faria. Fácil. Só depois é difícil. Os outros esquecem, mas você tem que conviver com o passado, com o que fez. — Girou o corpo novamente. — O fato é que nos infiltramos na inteligência militar deles. Só isso deveria importar para você agora. Quer me ver julgado junto com Antonescu? Por quê? A Guarda? Os campos? Sou culpado de tudo. Talvez até da guerra. Também sou culpado disso. — Fez uma pausa. — Ninguém se importa mais com nada disso. Nem eles, nem você. Já é passado. — Olhou para cima. — Exceto seu amigo romeno. Muito ansioso em armar intrigas para você. Talvez faça isso para outras pessoas. Os romenos são capazes de vender qualquer coisa. No caso, eu.

Leon ficou intrigado. Uma vida revelada em uma sentença.

— Ele não pode fazer isso. Não sabe onde você está.

— Só você sabe. Se não o seguiram — disse Alexei, em tom desdenhoso. — E sobre o que vamos falar? Sobre os arranjos já feitos, o caminhão de Bucareste, o barco, este lugar... e também sobre o que aconteceu com os judeus? Já estão mortos. — Fechou a frase como se fechasse uma janela de uma vez por todas.

Foi buscar mais chá e ergueu as sobrancelhas à espera de uma réplica enquanto enchia de novo o copo de Leon, que assistia a tudo sem dizer nada.

— Tudo bem — disse Leon, por fim. — Falaremos sobre o tal norte-americano que trabalha para os russos.

Alexei simplesmente olhou para ele.

— Preciso saber.

Alexei olhou fixamente para ele e sorveu um gole de chá, como se passando o dedo sobre uma peça de xadrez ainda calculando e indeciso em movê-la.

— Há quanto tempo vem fazendo isso? — perguntou, por fim. — Este trabalho. Talvez ainda seja inexperiente para fazê-lo. É a única explicação. Por isso, ouça. Acha mesmo que lhe diria se soubesse uma coisa como essa? Já falamos de Bucarest... informação suficiente para fazê-lo entender que é real. O resto? Quando estiver fora e seguro. E se lhe respondesse agora? O que faria depois de esbagaçar o limão? Jogaria o limão fora.

— Não fazemos isso.

— Todo mundo faz — disse Alexei, em tom categórico. — Todo mundo. Portanto, pode esperar.

— Não espero mais. Preciso saber. Para o seu bem. Se ele tinha alguém mais aqui.

— Aqui? Um norte-americano aqui? — Alexei pareceu surpreso e aliviado. — Bem, sendo assim nem precisaria esperar. Minha negociação não é tão pequena. — Fez uma pausa. — O que quero dizer...

Leon o interrompeu.

— Não vale uma viagem para os Estados Unidos. Mas alguém em Washington poderia ser.

Entreolharam-se.

— Sim, ele poderia ser. — disse Alexei. — Mas estamos aqui. Desperdiçando tempo. Essas perguntas. Não conheço ninguém aqui. — Um outro gole de chá. — Está muito convicto de que há um homem assim aqui.

Leon balançou a cabeça.

— Por quê?

— Atirei nele ontem à noite. Lá no cais.

A princípio, apenas um lampejo de movimento no músculo facial de Alexei, compostura ainda mantida, e depois os olhos se deslocaram, seguindo involuntariamente os pensamentos, saltando de ponto a ponto.

— Identificaram o homem — disse ele. — Não é um russo.

— Não. Um dos nossos. Um que sabia que você estava chegando. E que tentou matá-lo. Por que faria isso? Em espaço aberto? Correr esse risco? A menos que tivessem de deter você a qualquer custo. Já que você não poderia ser devolvido para os russos... Se o fosse, esse homem ficaria exposto e teria de matá-lo.

— Ficaria exposto?

— Era o cara que liderava a operação que o trouxe para cá. Isso complica ainda mais.

— Liderava...

— De qualquer maneira, uma peça faria sua viagem acabar aqui. As coisas não sairiam conforme o planejado, mas ele estaria seguro e sem despertar suspeitas. E os russos teriam o desertor que queriam ter. Mas entrei em cena quando atirei nele e fiquei com você. Ou seja, você precisa me dizer alguma coisa. Existem outros? Estou errado?

Alexei pressionou as pontas dos dedos contra os lábios, formando um triângulo, como se orasse em pensamento.

— Não — disse por fim, hesitando em seguida, como se eliminando outras possibilidades. — Se eles tinham um homem em Ancara, por que não teriam outro aqui?

— Ancara — repetiu Leon, vendo a si próprio no Karpic's, deixando um envelope na banquetta.

— Durante a guerra. Já não tenho mais certeza disso. Entenda, sei que se trata apenas da GPU, a polícia secreta, e não das outras agências. Mas, você sabe o que isso significa. Os russos também sabem. Toda a operação. Eu preciso sair deste lugar. Isto aqui não é mais seguro.

— Nem ele nem os outros sabem nada deste apartamento. Então, nós estamos de volta ao ponto de

partida.

— Nada disso. Tudo está comprometido. O avião... seu plano ainda é esse?

— Não vejo por que não deve ser... caso haja algum.

Alexei balançou a cabeça em negativa.

— Eles já devem saber. Serei morto se me virem por lá. É melhor começar de novo. Tudo. Ajudarei você. Trabalharemos juntos.

Leon olhou para o alto, pego de surpresa. Um novo parceiro.

Alexei soltou uma tosse de fumante.

— Amadores. É minha sina. E o homem no comando trabalhando para o adversário.

— Pois é.

— E agora é você — continuou Alexei, esquadrinhando o parceiro da cabeça aos pés. — O novo *gazi*.

Quem mais poderia ser?

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Eu só sabia do Tommy.

— E você não fazia ideia — disse Alexei. — Do que ele realmente era.

— Não até ele atirar em você.

— Nem eu me dei conta. Romenos. Amadores. — Alexei tossiu de novo e empalideceu ainda mais. — Istambul. — A palavra o fez engasgar e parar de tossir. — Talvez isso termine aqui. Sempre me perguntei como seria. Quando me capturassem. — Olhou para o alto. — Enfim, nós traçaremos um novo plano.

— Nós? — disse Leon.

— Já não podemos confiar em ninguém agora. Não aqui. Não em Ancara. — Alexei levou a mão à boca, matutando. — Mas até que tivemos sorte.

— Como assim?

— Não estão no seu encalço. Já estariam aqui se estivessem. Achem que estou fugindo e não me escondendo. Quem me esconderia?

— É, quem?

— E, assim pensariam que eu já teria fugido. Podemos fazer isso. — Alexei fez uma pausa. — Ninguém mais sabe. Só você.

— Fazer o quê?

— Me tirar daqui. Istambul... é uma armadilha, agora. Precisamos sair daqui.

Leon ficou em silêncio e depois se levantou.

— Para salvar sua pele.

— Minha pele? Percebi como você ficou quando mencionei Washington. Ficha valiosa, não? Eles vão querer ouvir sobre isso. — Alexei olhou para o alto. — Sempre se tem alguma coisa para trocar.

Leon se deteve por um segundo, como se estivesse testando o próprio equilíbrio. Os olhos cinzentos e claros de Alexei insistiam. Em insinuar que não tinham visto nada no matadouro. Ele tinha dito isso. Mostrando sua ficha na negociação.

— Então, vamos começar com a arma — disse Leon. — Uma complicação a menos. É melhor devolvê-la.

— A arma? — Alexei pareceu surpreso. — O que vai fazer com a arma?

— Dar um sumiço nela — disse Leon, pegando o saco de comida vazio.

— E como faço para me proteger aqui?

— Use sua própria arma — disse Leon, observando o outro atentamente. — Claro que você tem uma. Só quis a outra para se sentir mais seguro. E talvez para testar se eu seria burro e a entregaria para você. — Ergueu a mão. — É a arma do crime. Evidência. Talvez possa usá-la para me colocar em Bebek. Se as

coisas não correrem bem. Não é mesmo?

Alexei abriu a mão, olhou-a e enfiou-a no bolso para tirar a arma, sorrindo discretamente.

— Você aprende rápido. — Entregou a arma.

— Você está certo em relação ao plano — disse Leon, pondo a arma no saco. — Vou bolar outra coisa.

— Caminhou até a porta. — Acalme-se. Está seguro aqui.

— Só isso me protege agora. — Alexei apontou para a fechadura. — Uma porta. — Olhou nos olhos do parceiro. — E você.

Leon alcançou a maçaneta.

— Aliás, será mesmo importante para você? O ocorrido em Străulești? Não participei daquilo. Do que fizeram. Seu amigo que diz o contrário está mentindo. — Alexei retornou ao caso. — Não participei daquilo.

Leon girou o corpo.

— Isso talvez me conforte.

De volta à barca, Leon postou-se no convés inferior e jogou o saco dentro d'água, um som encoberto pelo ronco dos motores. Naquelas mesmas águas, Ibrahim, o Beberrão, afogara o próprio harém em sacos costurados. Uma arma era mais fácil. Apenas mais um segredo no Bósforo. Nada mais o ligaria ao cais, nada mais o ligaria a Mihai. E muito menos a Alexei, desde que o fizesse atravessar os elos da cadeia que Tommy tentara quebrar. Um novo parceiro. Observou a água escura angustiado. A arma teria de se alojar no fundo e se sedimentar no lodo. Muito pesada para ser levada pela corrente. Mas já tinha lido em algum lugar que fluíam duas correntes no Bósforo, a da superfície, em direção ao sul, e a do fundo, a *kanal*, em direção ao norte, densa e salina e com força suficiente para arrastar um barco de pesca pela rede, puxando-o para fora do curso.

Lá dentro da cabine, um homem entregou um copo de chá para outro, cujo gorro era igual ao que Mihai usava. Um estivador? Um ladrão? Quem seria? Tommy sempre mandava que servissem drinks no Park, uma traição a cada segundo. Fez isso por anos a fio. Já não podemos confiar em ninguém. Com essa insinuação, Alexei pedia que Leon confiasse nele.

* Substituto, em alemão. [n. e.]

Pera

O funeral ocorreu na Igreja de Cristo, nas proximidades da torre Galata. Seguiu-se uma recepção na sala privada do Pera Palas. Tommy teria tido o mesmo serviço se tivesse morrido em qualquer outro lugar — os mesmos hinos, a mesma homilia sobre um homem levado muito cedo, os mesmos lenços úmidos de lágrimas. Mas não era a morte natural de um homem que se libertara de uma doença. Era um assassinato, uma violência perturbadora e talvez até vergonhosa, como se ele tivesse sido cúmplice da própria morte. Assim, os convidados disseram coisas reconfortantes para Barbara e voltaram a seus lugares com suas próprias conjeturas.

Leon colocou-se à parte enquanto os outros voltavam a seus lugares. Ed Burke postou-se ao lado de Barbara, cumprindo o papel de chefe enlutado, e o pessoal da Commercial Corp. ocupou o banco todo de trás. A comunidade empresarial e o pessoal do consulado estavam presentes em peso, uma reunião quase oficial, não fosse pelo grupo de rostos desconhecidos, parte da ampla rede social de Tommy. Lá nos fundos, alguns poucos turcos de famílias tradicionais que se arriscavam comparecendo à igreja, e dois tipos corpulentos que esquadrihavam a multidão com feições inexpressivas. Leon presumiu que eram da polícia.

Frank Bishop, da embaixada em Ancara, apresentou-se empertigado e formal, com terno preto e óculos redondos de armação de marfim. Chegou com a esposa, que até então era desconhecida para Leon, cujo contato com Frank geralmente se limitava a drinques no Ankara Palas ou a jantares no Karpić's, tempo suficiente para entregar papéis. A mulher estava de cabeça baixa, e Leon teve de se dobrar para olhar aquele rosto sombreado pelo chapéu. Pele pálida, apenas uma camada sutil de maquiagem, cabelo avermelhado, mais jovem que Frank. O representante da Liggett & Myers aproximou-se e distribuiu doces para os filhos inquietos do casal. Um comitê do clube enviou uma coroa de flores. Barbara caiu em prantos durante a leitura do Salmo 23. Segundo o sacerdote, Tommy era um homem de coração aberto que se preocupava com os outros. Leon sabia muito bem que ninguém naquela sala solene e arejada conhecia Tommy totalmente.

Após a cerimônia, agruparam-se na porta em meio a abraços e apertos de mãos, e depois seguiram ladeira íngreme acima. Um táxi que esperava por Barbara ocupava quase toda a rua estreita, mas os outros seguiram a pé; as esposas de braços dados com os maridos tiveram de se precaver para não estragar os saltos dos sapatos nas pedras do calçamento.

— Cristo, como é que os *hamals** conseguem fazer isso? — disse Frank, já sem fôlego quando chegaram ao topo.

— *Hamals*? — perguntou a esposa.

— Sim, os estivadores. Não são chamados assim? Os homens que carregam coisas. A gente vê algumas das cargas e se pergunta como é que conseguem ficar em pé.

— Só as mulas conseguem subir até aqui — disse Leon.

— Acho que você não conhece a minha esposa, Katherine — disse Frank.

— Kay — ela retrucou ferozmente, como se com raiva de alguma coisa. Usava óculos escuros para se proteger do sol de inverno, de modo que os olhos continuavam à sombra, como na igreja.

— Que bom que vocês vieram — comentou Leon, pegando um cigarro. — É uma longa viagem até Ancara.

— Pode me dar um desses? Importa-se? Ou isso não é certo? Na rua, quero dizer. Nunca sei o que é certo fazer neste país. — Sem raiva, se bem que com uma vaga impaciência enquanto esperava pelos outros.

— Você está entre amigos — disse Leon, acendendo o cigarro dela.

— Katherine, gostaria que não fizesse isso. — Frank pronunciou o nome dela com um tom discreto de censura.

— Ora, sei que preciso dar exemplo. Só duas baforadas. Aqueles *hinos*. Barbara emocionada. Nunca achei que ela desse dois centavos por ele.

— Katherine...

— Tudo bem. Não é apropriado. — Ela jogou fora o cigarro e o esmagou com o pé. — Desculpe — disse a Leon. — Não queria desperdiçá-lo.

Leon sorriu.

— Tenho de sobra. É meu negócio.

— Que negócio?

— Compro tabaco. Para exportação.

— Pensei que você fosse do consulado. Como todos eles. — Ela apontou com a cabeça para os outros.

— Só quando preciso de alguma autorização.

— Lá está Barbara — disse Frank. O táxi chegava à praça e esperava o bonde para fazer a volta. — Pelo menos, teremos uma refeição decente no Pera. E fica perto do consulado.

— Conveniente — disse a esposa.

— Hum. Segundo escritório de Tommy. Engraçado pensar que ele poderia estar lá.

O bonde passou e eles atravessaram.

— Ted — disse Frank a um homem à frente. — Katherine, se importa em seguir junto com os Kiernan? Preciso ter uma palavra com Leon. Depois nos encontramos lá em cima.

Ela ergueu a cabeça para protestar, mas Ted segurou-a pelo cotovelo e ela reprimiu a irritação sem se incomodar com despedidas.

— Você tem outro? — Frank apontou para o maço de Leon. — Precisamos conversar — disse, acendendo um cigarro. — Vamos caminhar. — Um tom seguro de inspetor de escola habituado a chegar aonde quer.

Os dois começaram a subir a Istiklal Caddesi.

— Isto está uma verdadeira confusão — disse Frank.

— Tommy, você quer dizer.

Frank assentiu com a cabeça.

— E não tenho muito tempo. O que você fazia para o Tommy? Além do trabalho de mensageiro.

— Apenas alguns favores — respondeu Leon, hesitante. — Conheço um monte de gente em Istambul.

— E sabe falar turco, sei disso — acrescentou Frank, consultando uma lista mental. — Tommy gostava de trabalhar fora do escritório. E, pelo que parece, tinha lá suas razões, mas isso bagunçou com os livros.

— Que livros?

— Reserva de verbas. Fundos especiais. Tommy gostava de fundos especiais. Fazia tudo certinho, os informantes não gostam de ser identificados em cheques, mas assim é difícil localizá-los.

— Está perguntando se Tommy me pagou? Ele me pagava uma refeição de vez em quando — disse Leon.

— Pagarei mais que isso.

Leon se deteve.

— Para fazer o quê?

— Para ser outro Tommy.

— O quê?

— Você é um homem de negócios. Sabe ler os livros, não sabe?

Leon balançou a cabeça e a sentiu leve, como se fundida entre o absurdo e a cautela.

— Talvez consiga ler os livros de Tommy. Uma confusão só. Talvez consiga dar algum sentido nos livros dele.

— Você já os examinou — retrucou Leon, ainda tentando encaixar as coisas.

— Precisamos colocar alguém na mesa dele. Até arranjarmos um novo homem. Lá no consulado alguém sabia que você trabalhava para ele? Pois é, não haverá suspeitas.

— Suspeitas de quê?

— De que você estará trabalhando para mim — disse Frank, surpreso, como se Leon não estivesse acompanhando o raciocínio. — Não posso usar ninguém lá de dentro. Aquilo está comprometido.

O mesmo termo usado por Alexei, o mesmo mundo.

— Acha que ele foi morto por alguém do consulado? — perguntou Leon, cuja voz pareceu sair de algum lugar fora do corpo.

— Ou alguém armou para ele.

— E quer que o encontre? — sussurrou Leon, agora desconfiado da própria voz.

— Vou encontrá-lo. Mas preciso de alguém que me ajude. Alguém de fora. Você o conhecia e sabe como ele trabalhava.

— E que certeza tem de que não fui eu? — Foi irresistível jogar um verde.

— Seus movimentos são calculados. Sinto muito por sua esposa, diga-se de passagem. Não tenho certeza. De qualquer maneira, essa operação teria de ser com alguém de dentro. Ele não teria permitido que você estivesse nisso. Nada pessoal. Apenas regras.

Uma lufada de ar irrompeu pela garganta de Leon, quase um sorriso, um estranho alívio da pressão. Claro que não desconfiavam de Tommy. Depois de morto, era o único em quem se podia confiar.

— Que operação? — disse Leon, só para testar.

— Olhe, você está nisso? Sei que durante a guerra... vocês fizeram muito. E agora você acha que a guerra acabou. Acredite em mim, não acabou. — Frank fez uma pausa. — Tommy sempre disse que você era bom.

Leon olhou para um bonde que se aproximava, pondo a cabeça no lugar.

— Não haverá problema nenhum com a Reynolds. Se isso o incomoda.

— Já conversou com eles — disse Leon, pego de surpresa. Esperou um pouco. — Que operação é essa?

Frank abaixou a cabeça.

— Ele estava trazendo alguém.

— Um dos nossos?

— Um deles, da inteligência militar russa. Uma lista de membros. Um monte de gente. Teria sido uma boa conversa.

— E agora?

— Bem, com a morte de Tommy, arrisco-me a dizer que já está de volta às mãos dos russos, não acha?

Ou então morto. De qualquer maneira, tomara que sim. A essa altura seria melhor para todos.

— Que já esteja morto — disse Leon, calmamente. O amigo da véspera.

Frank balançou a cabeça.

— E agora ele já nos conhece. Tommy não era o único metido nisso. Por isso torço para que já esteja morto. Mas precisamos estar certos disso — disse quase casualmente, sem ameaças, apenas com olhos de aço.

Leon pensou consigo que Frank Bishop ainda tinha o mesmo cabelo cor de areia e talvez os mesmos óculos que usava em Groton, mas com as feições endurecidas pelos anos no negócio.

— Como vai fazer isso?

— Quem saiu ganhando ao estabelecer um contato entre Tommy e os russos? Vamos começar por esse. Vamos encontrá-lo.

Leon prendeu o fôlego, o ar nublou-se em sua cabeça novamente, alimentando-se de si mesmo.

— Olhe, sei o que está pensando. Alguém matou Tommy. E talvez também tentem dar um tiro em você.

— Nada disso, não estava pensando nisso, não. Sério. — Uma ironia possivelmente complicada. Cair fora. — O que você quer que eu faça?

— Comece com as pessoas que lidavam com ele. Quem mais sabia?

Leon balançou a cabeça, ganhando tempo. Como sairia dessa? Sem explicações. Não, com explicações plausíveis. Todos preferiam acreditar em Tommy, porque tinham acreditado nele o tempo todo.

— Se você estava pensando no que achei que pensava, não o culpo por isso — disse Frank enquanto entravam na Mesrutiyet. — Quem matou Tommy vai querer se proteger.

— Claro.

— Que bom que não se assusta com tanta facilidade — disse Frank, como se colocasse uma anotação no arquivo.

Atravessaram os portões de ferro do consulado norte-americano. O escritório de Tommy ficava nos fundos, de frente para o estuário do Chifre de Ouro. Agora, era de Leon — algo tão surreal quanto assistir ao funeral do homem que ele próprio matara.

— Qual era o elo seguinte? — perguntou, com ar pensativo. — Como vocês iam tirar esse cara de Istambul?

— De avião. Não se preocupe, já o cancelamos — disse Frank. Aos ouvidos de Leon, foi como se uma porta se fechasse.

A sala de banquete do Pera transbordava de funcionários do consulado e de turcos que não tinham ido à igreja e que agora se enfileiravam de pratos na mão ao longo da mesa do bufê. Comida norte-americana: frango, salada de batata e rosbife frio, sem charutinhas de folhas de uva para que se lembrassem de onde estavam. Barbara recebia os convidados nas proximidades da porta, com o rosto manchado de lágrimas e as bochechas inchadas.

— Oh, Leon — disse, abraçando-o. — Obrigada por ter vindo. Isso ainda não parece real, não acha? Um dia ele tinha tudo... e no outro, um tiro. Não paro de pensar nos últimos minutos, *em como foi*.

— Pare — disse Leon, desconcertado. — Não pense nisso.

— Eu sei, eu sei, todo mundo diz isso. Logo agora que finalmente voltaríamos para Washington. Ele só falava nisso. Ajeitar nossas coisas por lá. Você sabe o que os barcos significam. E agora... o que farei?

— Não faça nada — disse Leon. — Tire um tempo para você. Não se precipite.

— Não posso ficar aqui.

— Onde fica sua casa?

— Boston, talvez — disse Barbara vagamente. — Mas isso é coisa de anos já passados. Você sabe o que é viver no exterior, você leva a casa com você. Não conheço ninguém em Washington. Isso era trabalho de Tommy. Frank. — Ela o pegou pelo braço quando ele se aproximou. — Todo esse caminho. Ancara.

— Como está se sentindo?

— Todos estão sendo muito amáveis. — Ela se mostrou subitamente gentil, como nos filmes a que assistia.

— Kay ficará aqui por alguns dias... prometi um descanso a ela... de modo que, se precisar de alguma coisa...

Barbara balançou a cabeça.

— Não fazia ideia de que havia tanta *papelada*... e agora querem que leve um formulário para casa. As cinzas dele. Quer dizer, o que mais poderia ser?

— Ted Kiernan poderá cuidar disso para você. É o trabalho dele, encarregar-se de coisas assim.

— Encarregar-se... — Ela iniciou a frase, mas Frank se afastou, desculpando-se pelo encontro que teria com outra pessoa. — Ele chegou aqui rápido demais, não acha? — disse, enquanto Frank se afastava. — Para assumir o escritório. Será que não poderia esperar mais alguns minutos? O corpo de Tommy ainda nem esfriou e ele aqui em Ancara...

— Barbara.

— Bem, esquece. O que isso importa? Política de escritório. Não estamos mais no governo, não é? E agora? Será que você poderia dar uma passada para me ajudar a resolver as coisas? Sempre me senti à vontade com você. — Ela lançou um olhar estranhamente coquete. — Tommy sempre tomou conta de tudo e agora...

— Está tudo bem com você em relação a dinheiro?

Ela balançou a cabeça.

— Sim, tudo bem, o problema é a papelada... — disse, com ar reticente. Isso fez Leon ver que ela o tinha interpretado mal, reagindo com uma intimidade inesperada. Esposa de Tommy.

— Fale com Ed Burke — disse ele, fazendo menção de sair. — Ed é advogado.

— Ora, Ed. Nunca trocou mais de cinco palavras comigo e agora, cada vez que me viro, lá está ele. Talvez ache que sou uma viúva rica. Imagine só, logo eu.

— Mas você vai precisar de um advogado. Será que Tommy deixou algum testamento?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não encontrei testamento nenhum. Acha mesmo... que na idade dele... — Caiu em prantos outra vez.

— Aqui está você — disse Ed, chegando por trás com um copo de bebida e trocando-o pelo copo vazio que Barbara tinha na mão.

— Obrigada, Ed — disse ela, com voz trêmula, assumindo um novo estado de espírito. — Você tem sido tão maravilhoso.

— Cabeça erguida — respondeu ele, erguendo o próprio copo.

— Não me deixe ficar embriagada. Só me falta isso.

— Isso não vai acontecer — disse ele. Amigo da família e agora ainda mais solícito a fim de ganhar um lugar à mesa, uma curiosidade à qual não resistia.

— Desculpe-me... sra. King? — O gerente do hotel perguntou se podia servir o champanhe.

— Bem, seria melhor com a sobremesa, mas, já que as pessoas estão querendo agora... — disse ela, seguindo-o.

— Você conhece Frank Bishop? — perguntou Ed.

— Só de cumprimentos. Em Ancara.

— Ele não tem cara de xerife? — Ed curvou-se para a frente, com ar de confiança.

— O que está querendo dizer?

— Isso vai provocar uma barulheira danada. Logo que chegar aos ouvidos deles, ele vai estar no avião.

— Não sei se estou entendendo, Ed.

— E tudo por causa de uma mesa na Commercial Corp. — Ed ergueu os olhos, como se soubesse das coisas.

— De quem você está falando? — perguntou Leon, olhando ao redor. Um homem que ele reconhecia, embora não conhecesse, alguém que se vê nas festas, embora ninguém conheça.

— Al Maynard. Western Electric. Conhece o Al?

Leon negou com a cabeça. Homem de Tommy.

— Tarde demais agora. Já está indo para Washington.

— Hum. Tommy mencionou isso.

— Mencionou? Por quê? Quer dizer, se você não conhece o Al...

— Bem, de fato. Mas Tommy achou que eu poderia me interessar pelo trabalho dele.

— Engraçado como as coisas funcionam. Agora, todo o poder de Tommy passa para o Al. O novo homem em Washington. Por vontade sabe-se lá de quem. Olhe só aquele cara, sugando Frank.

— Aquele que você disse que tem cara de xerife?

— Ninguém confia na polícia daqui. Mandaram o próprio homem deles. Sabem que não foi um assalto.

— E como sabem disso?

Ed acenou para Frank.

— Então por que o mandariam?

— Ed.

— Só estou dizendo o que todo mundo nesta sala está pensando. Todo mundo nesta sala.

Será? Leon olhou ao redor. Zumbido indistinto de bochicho social, além de atmosfera tensa, olhares de soslaio para Frank e sussurros quando Barbara passava, especulações e cochichos, cada qual com a própria ideia. Mas ninguém sabia de nada. De novo, a parte posterior do pescoço de Leon formigou. Ninguém sabia.

Frank voltou-se para outra pessoa. Outro elo da rede de Tommy? Talvez pudesse segui-lo ali dentro como num diagrama, descortinando cada ponto obscuro. Mas o que será que todos faziam naquele momento? Tinha começado observando os barcos e o tráfego no Bósforo. Drinques no Park, sempre à espera de uma indiscrição. Ninguém baleado. Até porque a guerra tinha acabado. Na nova guerra, você trazia assassinos à tona e os protegia. Dessa maneira, eles lhe falariam sobre outros assassinos. E com um cargo em Washington no fim de tudo. Abria-se então uma nova perspectiva. Esperava-se um novo Tommy.

— Posso filar outro cigarro? — perguntou Kay Bishop, irrompendo subitamente ao lado de Leon. — Ou é proibido fumar aqui dentro?

Ele girou o corpo, piscando os olhos de espanto.

— Fumar — ela repetiu.

Ele puxou o maço e se virou para apresentar Ed, que a essa altura já tinha saído. Por quanto tempo teria se mantido parado e de olhos atentos?

— Acho que você pode arriscar — disse, abrindo um sorriso de festa. — Com toda essa multidão.

Ela estava sem os óculos escuros, e ele então se viu diante de olhos perspicazes cujo brilho parecia drenar a luz daquela pele empalidecida, deixando à vista pontinhos de sardas. Ela o olhou com olhos firmes, que tremulavam nos lados, gerando um efeito de serena familiaridade, como se os dois fossem

velhos conhecidos e simplesmente estivessem retomando o fio de um bate-papo. Em seguida, ela arqueou as sobrancelhas com ar interrogativo e ele se deu conta de que estava sendo encarado.

— São verdes — ele disse. — Seus olhos. Como na canção.

— Só manchas. Na verdade, são castanhos. É um efeito da luz.

— Um efeito.

— É uma cantada?

— Desculpe — disse ele, surpreso. — Soou como cantada?

— Como posso saber? — respondeu ela. — Eu vivo em Ancara.

— Não dão cantadas em Ancara?

— Se eles fazem isso, perdi.

— O que eles fazem, então?

— As esposas jogam cartas. E os homens, isso eu não sei. Procuram se manter acordados, principalmente. De qualquer maneira, sem cantadas.

— A cidade do governo. É sempre assim. Guarda os problemas para mais tarde.

— E os turcos...

— Ah.

— Não, pior. Esses só olham. Como se você fosse um doce na vitrine de uma loja.

— É uma novidade para eles, homens e mulheres juntos. Não estão acostumados com isso.

— E os casados? Não conversam com as esposas?

Leon sorriu.

— Talvez por isso não conversem com você.

Kay levantou a taça em triunfo.

Ele continuou sorrindo, sentindo-se flutuante, e isso o pegou de surpresa porque desde Bebek não se sentia assim, a mente clara e sem girar em volta do nada.

Ela inclinou a cabeça em seguida.

— O quê?

— Nada. — Ele balançou a cabeça, envergonhado. Paquera. Com tantos lugares, logo ali. E paquerando a esposa de Frank. Que nem era tão bonita. Claro, os olhos eram. Que perfume.

— Pelo menos um turco quer conversar. Faz cinco minutos que está me olhando.

Leon seguiu os olhos de Kay e congelou. O cara não estava olhando para ela e sim para ele. O cara do prédio de Marina, o mesmo do bonde — apenas uma coincidência era permitida. Bigode fino, ainda não tinha reparado nisso.

— Como sabe que ele é turco? — perguntou, desviando os olhos rapidamente. — Talvez seja de outro lugar. — Puxando conversa. A sensação de flutuar se dissipou, sobrecarregado por uma inquietude insistente. Um olhar de relance. O cara continuava de olho vivo.

— Que jeito de olhar. Como se estivesse observando um espécime. Mas só vai poder olhar. Aposto que logo para de olhar. Vejamos. Olhos. Do que mais você gosta?

— De tudo — disse Leon, olhando-a por um segundo. — Mas provavelmente Frank também goste.

Kay petrificou, como uma bola suspensa no ar, e depois olhou para baixo.

— Não me entenda mal. Eu só estava... passando o tempo. Acaba-se aprendendo a fazer isso...

— Em Ancara. — Ele terminou a frase.

Ela tomou um gole da bebida.

— Lá ninguém fala assim.

— Assim, como?

— Com rodeios.

— Peça a Frank para tirar uma licença. Fique aqui por algum tempo.

— Ele terá de voltar. Mas ficarei aqui por alguns dias. Exatamente aqui, na verdade. — Ela olhou para o alto, como se olhando o próprio quarto através do teto.

— É sua primeira viagem?

— No primeiro dia em que chegamos aqui. Saímos direto do trem. Olhamos Topkapi. A grande igreja.

— Basílica de Santa Sofia.

— Depois, outro trem. Depois, Ancara. E, depois, o que mais poderia olhar?

— Mesquita de Süleyman. Comece por aí.

— O que mais? Nada de guias. Do que você gosta?

— Eu? De tudo. Da água. Dos barcos. Da comida.

— Comida?

— Não essa porcaria. A comida deles.

— Berinjela — disse Kay.

— Já viu o que eles fazem com berinjela? Os sultões tinham um *chef* só para berinjela.

— Você gosta daqui — comentou ela, avaliando-o com os olhos.

O cara se afastou da parede e se dirigiu à mesa do bufê, sem tirá-los de vista. Por que não se aproximava de uma vez? Mas não faria isso, não enquanto os dois estivessem conversando. Esperaria uma oportunidade melhor.

— Em camadas — continuou Leon. — Este lugar onde estamos. Construído pelo Orient Express. Os passageiros precisavam de um lugar para ficar. Um lugar amplo. Com tudo de mais moderno.

— Isto aqui? — Ela olhou ao redor daquela sala desbotada.

— À altura da elegância de então. Como o trem. A sala de jantar em Sirkeci tem o mesmo estilo. Naqueles dias, Pera era o bairro dos europeus. Abrigava as embaixadas, até que todas se mudaram para Ancara. Do outro lado da ponte da cidade otomana. Exceto isto aqui, tudo o mais era genuinamente otomano. Durante quinhentos anos. Antes disso, a colina era genovesa. Uma negociação, uma concessão dos bizantinos. Foram eles que construíram a torre. Os bizantinos predominaram por mil anos. Talvez possa ver os estaleiros do seu quarto. Ao longo de todo o estuário. Istambul é assim. Você está sempre em cima de camadas.

— E quanto a esta camada? Agora — ela perguntou interessada.

— Agora? A guerra foi um momento difícil para a Turquia.

— Mas eles eram neutros.

— Mantiveram um exército permanente. Apenas para emergências. Muito dinheiro para um país pobre. E agora estão falidos. A casa precisa de pintura, mas tiveram de adiar isso para o próximo ano. Então, tudo parece surrado. Mas acho que a guerra fez isso acontecer em todos os lugares.

— Menos em casa.

Ele silenciou, acatando o comentário de cabeça baixa.

— Menos lá.

— Mesmo assim, você quer ficar aqui — disse ela para si mesma enquanto lia o rosto dele. — Não se importa muito, não é? Antes, você se limitou a observar e isso não me deixou saber o que estava pensando. Dos outros, sim, mas, de você, não.

— Eu não sabia que eu era tão misterioso assim — ele disse suavemente. — Geralmente as pessoas não pensam dessa maneira.

— Bem, geralmente as pessoas, elas mesmas, não são misteriosas, não é? Então, não enxergam isso. E também não enxergam as camadas. — Ela desviou os olhos por cima do ombro dele. — Meu Deus, quem é aquela?

Ele se virou.

— Lily. Nadir.

— Mas quem é ela?

— O marido assumiu a Vassilakos Shipping. Depois que descartaram os gregos. Viúva. Em Washington, a chamariam de anfitriã. Promove festas.

— Não está malvestida.

Lily estava vestida para funeral, um traje de seda preto de gola alta, com ombreiras, diamantes discretos, bracelete estreito e um broche que se estendia sobre o tecido escuro com o brilho de uma estrela. Em cima dos cabelos louros como trigo, já com algumas mechas grisalhas, um pano preto pontilhado de fios prateados, um misto de gola *snood* e echarpe, um suave envoltório otomano que tornava todos os outros chapéus deselegantes.

— Não se veem joias como essas em Ancara.

— Tampouco aqui. Lily é um caso à parte.

Lily esquadrinhou o recinto lá da porta e saiu andando em direção a Barbara. Enquanto atravessava a sala, os convidados abriam passagem, com traquejo coreográfico e sociável. Em seguida, ela segurou as mãos de Barbara, um momento majestoso, e depois cochichou alguma coisa e apertou as mãos da viúva, que caiu em prantos, um gesto mais dramático que um abraço. A sala inteira assistiu à cena.

— Outra camada de Istambul — comentou Leon. — Ela esteve no harém de Abdul Hamid.

— No harém dele? Quantos anos ela tem?

— Não faz muito tempo que aboliram os haréns. Quarenta anos, ou menos. Ela ainda era uma criança.

— Criança?

— Eram geralmente mandadas ainda meninhas. Para treinamento — ele acrescentou em resposta ao espanto de Kay. — Não esse tipo de treinamento. Coisas domésticas. Boas maneiras. Nem todas dormiam com o sultão. E muito menos as crianças. Era um tipo de privilégio que as tornava uma *gözde*. Uma das “notadas”.

— Isso aconteceu? Ela foi notada?

— Não, era muito jovem. E depois teve sorte. Encontrou um protetor.

— É óbvio que encontraria — disse Kay, de olhos fixos no broche.

Acabadas as condolências, Lily afastou-se da viúva e passou ao lado do sujeito de bigode. Uma rápida olhadela a fim de passar despercebida; sem se deter, se bem que atenta à presença dele.

— Gostaria de conhecê-la?

— Você a conhece?

— Todo mundo conhece Lily. Possui uma das grandes *yalis* daqui. No Bósforo. Do trem, você só vê casas que parecem desmoronar e acaba achando que Istambul é só isso. Mas nunca vê as *yalis*. Os antigos jardins. O *khedive* frequentava essa *yali* quando chegou a Istambul. Mais tarde, foi comprada pelo marido de Lily. Agora, é só dela. Um grande amigo de Atatürk, por sinal. Isso desde os primeiros dias. Portanto, não faça comentários antitúrcos.

— Primeiro, Frank, e agora, você. Sou deixada de lado de vez em quando.

— Eu só quis dizer...

— Sei o que você quis dizer. Sou esposa de embaixador. Engraçado, ela não parece turca. Cabelos claros... Não se costuma ver...

— Circassiana. De origem.

Kay inclinou a cabeça.

— Não vou perguntar onde fica esse lugar porque não quero que saiba que não sei e por isso nunca saberei.

Leon sorriu.

— Agora, faz parte da União Soviética. Ao leste do mar Negro. Muito popular entre os sultões. Devido aos escravos.

— Os homens preferem as louras — disse Kay.

— Mesmo assim.

Mesmo cercada de gente, Lily girou o corpo, um instinto social de quem pressentia a aproximação de alguém.

— Leon — disse, com acento francês. — Que bom. Já estava à sua espera. — Estendeu a mão para ser beijada.

— Eu não sabia que você conhecia Barbara.

Os olhos de Lily faiscaram como os de uma criança travessa sendo flagrada.

— Não muito. Mas, querido, não pude resistir. Não se fala em outra coisa aqui. Imagine só. Um *roman policier* em Istambul. Eu tinha de vir.

— Mas um roubo...

— Ora, sem dinheiro. Ladrões turcos pegariam dinheiro, não pegariam? No Bósforo, à noite? Um acerto de contas, só isso. Um encontro fatal. Mas com quem? — Ela olhou em volta. — Talvez com a esposa ciumenta. Ela seria capaz de fazer isso. Tem mãos fortes, precisa senti-las. Uma arma não seria nada para ela.

Leon sorriu.

— Comporte-se. Conheça Kay Bishop. Chegou de Ancara.

— Com a embaixada? — Lily estendeu calorosamente a mão.

Kay balançou a cabeça.

— Com meu marido. É tão evidente assim?

— Todos de Ancara estão com a embaixada. Com quem mais estariam? A poeira. Meu Deus, quanta poeira. Obviamente, Kemal Atatürk queria uma cidade turca, e conseguiu, mas assim também acaba-se perdendo alguma coisa, suponho. Pobre Istambul, ele a achava tão decadente, ele era apenas um soldado. Os quartéis são bons, mas sabemos que para ele isso multiplicava a presença de estrangeiros. Naquela época, todas as lojas tinham placas em armênio, grego e hebraico. Agora, só turco. Até aqui. Esta cidade agora é turca.

— É a primeira visita de Kay.

— É mesmo? Então, encontrou o guia perfeito. Ninguém conhece a cidade como Leon. Sempre os estrangeiros... somos os verdadeiros habitantes de Istambul.

— Você? Já deixou de ser estrangeira desde...

Lily ergueu um dedo.

— Sem menção a idade. *Ça n'est pas gentil*. — Voltou-se para Kay. — Então, você precisa ir à minha festa. É tão difícil encontrar mulheres. Sair de casa, de alguma maneira, isso é uma novidade para elas. Os maridos prometem levá-las, mas nunca fazem isso. Leon, você pode levá-la? — Fez uma pausa. — Claro, o marido também.

— Ele já está de saída. Acho que irei sozinha.

— Ah — disse Lily, olhando para Leon. — Tanto melhor. Uma mulher a mais na cidade de Istambul. Mais preciosa que os rubis. Meu Deus, quanta histeria. — Barbara abria o berreiro do outro lado da sala. — Talvez ela ache que não está recebendo atenção suficiente.

— Lily...

— Claro, é verdade. É o dia da viúva. E com toda essa distração...

— A distração é você — disse Leon.

— Tomara que isso não seja verdade — disse ela, divertindo-se. — Num momento desses. Talvez seja melhor eu sair daqui.

— Isso é que seria uma distração. Você acabou de chegar.

Ela arqueou uma sobrancelha para Leon e voltou-se para Kay.

— E o que você acha? Sobre o assassinato. Tem alguma ideia?

— Não tenho a menor ideia. Mas disseram..

— Ora, um ladrão à noite. — Lily descartou a ideia com um aceno. — Mas até que é bem mais interessante, não acha? Sei que é egoísmo pensar assim, mas será bom para a festa, um *frisson* a mais. Durante a guerra era mais fácil, convidava um alemão e um russo e depois observava. Na mesma sala? Será que se ignorariam? Sem falar, claro, nas indagações sisudas... Os turcos ficariam de fora? Sempre havia alguma coisa. E, desde então, está um pouco entediante.

— Exatamente do que precisava na época — disse Leon.

— Está zombando de mim, mas isso é verdade. Por que não dizer? E também, claro, tão implausível. Um homem como aquele. Um grande amor? Como se pode imaginar algo assim? Talvez uma mulher da região abandonada por ele? Ou então um amigo norte-americano. Apenas uma *cinq à sept*, mas agora enciumada. De todo modo, alguém.

— Você é uma romântica, Lily — disse Leon.

— E você não é? E todos não são? Claro, os sortudos. Mas, neste caso, uma azarada. Pois reconheço que imaginar Tommy King como amante...

— Talvez não tivesse nada a ver com ele. Talvez ele só estivesse no caminho — disse Kay.

Leon olhou para ela surpreso, e de repente tudo retornou à sua mente, o cais, o tiroteio, a movimentação. Alexei disse: se olhar o tabuleiro pelo outro lado... Mas nada mudara. Só lhe restara uma saída.

— Os livros estão recheados de enredos como esse — continuou Kay. — Testemunhas que presenciam o que não deviam. Ou que estão por acaso...

— Mesmo assim, é terrível, não é? Morrer por acidente. Sem a faceta interessante de ser uma vítima. Apenas alguém... no caminho. Mas continuo achando que foi a viúva. Aquelas mãos.

— Ele foi baleado, Lily.

— E o gatilho? Não tem problema, *je t'assure*. Olhe só. Outra vez.

Um recém-chegado fazia Barbara se debulhar em lágrimas.

— Só os culpados choram assim.

— Não vejo graça nenhuma nisso — retrucou Leon.

Lily abaixou a cabeça, arrependida.

— É verdade. Afinal, é uma morte. — Olhou para Kay. — Mas você irá à minha festa?

— Claro. Muito obrigada.

— Talvez ele esteja por lá. Quem quer que ele seja.

— Que ideia — disse Leon.

— Por que não? Talvez ele também esteja aqui. Era um conhecido. Não era um estranho. Só pode ser isso.

— Por quê?

— Quem se deslocaria para um lugar como aquele para se encontrar com um estranho? Era um conhecido. Foi um tiro de perto.

— Como sabe disso? — Leon ficou alerta.

Lily deu de ombros.

— As pessoas comentam.

— Pessoas da polícia?

— Pessoas. Já disse que ninguém fala de outra coisa. Menos aqui, talvez. Aqui todos preferem pensar que foi um ladrão.

Leon esquadrinhou a sala por instinto. Frank se aproximou da mesa de bebidas e, ao dar meia-volta, o sujeito de bigode o cumprimentou. Educado, formal, talvez inócuo. Lily perguntou quais eram os planos de Kay. Era um ruído de fundo enquanto ele tentava ouvir outra conversa, distante demais para ser ouvida. O sujeito que saiu do prédio de Marina. Cliente? Por que Frank? Logo depois, Frank fez um aceno de cabeça em direção a Leon, como se apontasse para fora.

— O hotel pode providenciar um guia — disse Lily para Kay. — Mas, se Leon estiver livre... ele conhece tudo tão bem. Menos o comércio.

— Anna é que conhecia as lojas.

— Anna?

— Minha esposa — disse Leon.

— Oh — disse Kay, como se pega de surpresa. Será que não tinha visto a aliança dele? — Ela não está aqui?

— Ela está doente.

— Sinto muito. Alguma coisa séria?

— *Une maladie des nerfs* — disse Lily. — Terrível. Isso já faz tempo. Mas talvez em breve...

— É uma esperança. — Leon interrompeu-a. — Frank já tem meu número, se quiser conhecer alguma coisa. — Mudou de assunto, enquanto Frank se aproximava.

Kay levantou a cabeça para responder, mas baixou-a em seguida.

— Certamente Leon estará ocupado no escritório — disse Frank. — Ela poderá usar o Cook. Seria bom se pudesse recomendar uma boa refeição para ela.

Irritada, Kay olhou de relance para o marido.

Leon fez uma ligeira reverência.

— Tratarei disso — disse, tocando a mão dela.

— Sim — disse Kay, de novo polida. — E também da festa — acrescentou, olhando para Lily.

— Então... — Frank já estava querendo se retirar.

Mas Kay se deteve por um segundo, voltando-se para Leon.

— Muito obrigada. Pelas camadas.

Ele ficou observando enquanto o casal se despedia de Barbara.

— Está interessado na moça? — perguntou Lily.

— Acabei de conhecê-la.

— Essa é sua resposta? Para essa pergunta?

— Não. — Apenas uma resposta retórica. — Não banque o cupido comigo. Já estou muito velho.

— Ah, velho. Ela está interessada em você.

— Eu sou casado.

Lily suspirou.

— Fidelidade. Tão americano. Um turco...

— Jogaria cartas na casa de chá.

Lily riu.

— Sim, talvez. Só aqui em cima. — Ela levou o dedo à cabeça. — Mas se interessou por ela. Vi isso. E ela gosta de você.

— Você pode dizer isso após cinco minutos?

— Dois. E aquele marido. *Argh*.

— Bem, isso é problema dela. — Leon olhou para Lily. — Eu sou casado. Você também foi. Fiel. É o que todos dizem.

— É claro — ela anuiu. — Era o amor de minha vida. Como Anna era o seu. Mas a vida não se resume a isso. Fidelidade não é natural.

— Não acho isso.

Ela olhou para ele e o pegou pelo braço, sorrindo discretamente.

— Como preferir. Mas ela está interessada. Quer saber mais de você.

— Saber de mim.

— As mulheres gostam de saber. Detetives.

— E você descobriu?

— Quem sabe. — Ela deu uma palmadinha no braço dele. — É a parte decepcionante. Oh, não, outra enchente de lágrimas. — Apontou para Barbara. — Acho melhor sair daqui. Um gesto misericordioso para nós dois, talvez.

— Ela bebeu muito. Foi um dia difícil para ela.

— Acha mesmo? — Lily voltou-se para Leon. — Que estranho, os homens. Nós os conhecemos, e vocês não conhecem nada de nós. Essa mulher não está abalada. Por que estaria? Ah, seria o inconveniente, suponho.

— O suficiente para sua tese de *crime passionnel*.

— Bem, é divertido pensar assim. Um homem como aquele. Com outra mulher. Mas, obviamente, por motivo político. — Ela assumiu um ar realista. — Você sabe que ele estava com o... serviço secreto, os norte-americanos o chamam assim, como os britânicos, suponho.

— O quê?

— Bem, todos não estavam um pouco? Durante a guerra. — Ela esperou que ele respondesse.

— Nem todos.

— Não? Tudo bem. Mas Tommy... Hans Beckman me disse que Tommy estava. Lembra do Hans? Do consulado alemão? Sabia disso porque também estava na *deles*. De que maneira? Não faço ideia. Que homem mais indiscreto. Claro que perderam a guerra e talvez seja por isso.

— Lily — disse ele, baixinho.

— Bem, não acha interessante? Espiões. Espionando o quê? Uns aos outros. Mas logo agora que Hans e os alemães partiram. E que Tommy estava de volta para casa, com a fiel Barbara. Por que logo agora? Uma pergunta a ser feita, *n'est-ce pas*? Talvez por algum fato ocorrido durante a guerra. E agora o fato retorna. Os alemães nunca se esquecem. Pode ser que alguém ainda esteja combatendo. Sei lá.

— Você fala como se isso não importasse.

— Esse negócio? Ah, durante a guerra, sim, tudo importava. Agora, talvez nem tanto. Uma morte. Será tão importante assim no esquema das coisas? — Ela fez uma pausa. — Esse seu olhar. Acha que sou abominável. Essa morte é tão importante assim para você?

Leon girou a cabeça, perdido. Barbara chorava do outro lado da sala, provavelmente mais abalada do que Lily supunha. Insubstituível. Fora de cena, um gatilho e um disparo. Dele.

— Sei muito bem que se espera que todos sintam isso — continuou Lily. — E daqui a um ou dois meses? Será passado. O tempo... aqui é diferente. Sabe que cheguei a Istambul como escrava? Escrava. Naquele tempo nem me dava conta. As coisas eram assim. E nos deram novos nomes, para todas as garotas. Nomes poéticos. Graça Juvenil. Sempre Jovem. Eu era Dilruba, Capturadora de Corações. Bem, era o que eles esperavam. Os amigos me chamavam de Dili. Depois, resolvi mudar. Lily. E depois, de novo, Refik. Fico matutando, bem, a vida, os acontecimentos, parece que foram ontem. Mas na realidade faz muito tempo que tudo isso aconteceu. Escrava. Faz muito tempo que isso aconteceu. Em outro tempo.

Leon calou-se por um segundo, e sorriu em seguida.

— Capturadora de Corações.

— Sim, mas não como eles esperavam. Então, quem sabe? Talvez aqui também seja o inesperado. No fim das contas, um *crime passionnel*. — Ela desviou os olhos para Barbara. — Bem, preciso me despedir e deixar Niobe entregue à própria dor.

Logo que ela abaixou a mão, o homem que antes estava encostado à parede saiu andando por entre os convidados.

— Que fique entre nós o que Hans me disse — ressaltou ela. — Se bem que isso não importa mais. Já, já, todos saberão.

— Por quê?

— Com certeza, isso vai aparecer. Quando encontrarem quem fez isso. A menos que mantenham a coisa em silêncio. Não é o que sempre tentam fazer? Mesmo assim, alguma coisa sempre vem à tona. Não se esqueça de levar sua amiga à festa — acrescentou ela, apressada, enquanto se afastava.

Agora, o homem da parede chegava cada vez mais perto, olhando fixamente para Leon. Curiosamente, à medida que se aproximava, o bigode desaparecia. Outro efeito da luz. Um rosto sombreado, barba por fazer, certamente fazia a barba duas vezes por dia, mas sem bigode, o homem do bonde outra vez.

— Sr. Bauer? — disse ele ao chegar perto. — Posso me apresentar? Coronel Altan.

Leon balançou a cabeça.

— Pensei que talvez pudéssemos fumar um cigarro juntos. O senhor se importa?

— Lá fora, é o que quer dizer?

Altan estendeu o braço à frente para que Leon o seguisse.

— Você está com a polícia?

— Não. Por favor. — Altan estendeu o braço novamente, agora de modo incisivo.

Eles passaram por entre os convidados e chegaram à porta.

— Uma ocasião triste — disse Altan. — Era um homem popular.

Leon continuou calado e ofereceu um cigarro quando eles chegaram à rua.

— Coronel de onde? — perguntou, acendendo o cigarro.

— Emniyet — respondeu Altan, laconicamente.

— Sempre pensei que vocês nunca se revelavam.

— Uma cortesia. Para convidados estrangeiros.

— Para nos deixar à vontade. Uma conversa com a segurança do Estado.

— Sr. Bauer, nós não somos a Gestapo.

— Não, mas também não são apenas da polícia. É uma visita oficial?

— Ainda não.

Leon olhou para o coronel, tentando manter a calma. O Emniyet tinha carta branca para qualquer coisa. Podia detê-lo indefinidamente, podia revogar o visto. Não era a Gestapo, não havia batidas à porta no meio da noite, mas nem por isso era menos poderoso.

— Como posso ajudar?

— Você tomou uns drinques com King na noite anterior à morte. Conversaram sobre o quê?

— O retorno dele para casa, principalmente. Ele estava ansioso com isso.

— Não gostava da Turquia?

— Não, não é isso. Já estava sem trabalho aqui. E tinha um novo trabalho a fazer, só isso.

— Já estava sem trabalho aqui. E você trabalhava com ele?

— Não, a Reynolds tem uma licença comercial aqui. Há muitos anos. E a Commercial Corp., de propriedade de Tommy, integrava o esforço de guerra. Compra de cromo. Embargo de empresas que

vendiam para o Eixo. Coisas assim. Mas agora a guerra acabou e o trabalho, também.

— Eu me referi ao outro trabalho dele.

— O outro trabalho dele.

— Sr. Bauer, é melhor ser sincero em assuntos como esse. Sabemos qual era o trabalho do sr. King. Sabemos que de vez em quando vocês faziam.. o quê? Algumas irregularidades? Nosso negócio é saber de coisas como essas. Somos os ouvidos da Turquia.

— Ouviram Tommy King.

— E muitos outros.

— E agora querem saber quem o matou.

— Não exatamente. Isso é assunto da polícia.

— Por que então você...

— A polícia investiga crimes. Testemunhas. Balísticas. Alibis. Fazem as coisas à maneira deles. Metódicos. Eles também vão querer saber o que vocês dois conversaram no Park. E que movimentos fizeram na noite do crime. Bebek, bem conveniente, bem abaixo da estrada. Coincidência? Na noite anterior, drinques. Na noite em questão, ali pelas imediações. Vão desconfiar disso. Vão deduzir que vocês dois tinham um encontro. Vão perguntar quando você chegou e quando saiu da clínica. Polícia.

— Acha que fui eu quem atirou em Tommy?

— Isso não me importa.

Leon se limitou a olhar para o coronel.

— Não sou da polícia. Não trabalho para a justiça. Trabalho para proteger a República. Se você fez isso, a polícia vai descobrir. Ou talvez não. Nossa polícia nem sempre se sai bem. Excesso de trabalho, talvez. Seja como for, não estou nem aí. Não mataram nenhum turco. Se os *ferengi* querem se matar uns aos outros, isso é problema deles. Enquanto isso, ele é nosso.

— Até quando?

Altan baixou a cabeça, um silencioso “agora”.

— Mas não quer saber quem o matou?

— Para o registro, claro. Mas o que eu quero mesmo, sr. Bauer, é o romeno.

Eles estavam caminhando de volta a Tünel e pararam ao lado de um muro perto de Nergis Sok. Olharam em direção ao estuário. Uma névoa ao longo dos estaleiros bloqueava um sol de inverno esmaecido.

— O romeno?

— Sejamos francos. O romeno com quem King marcou um encontro. De grande interesse para vocês. Para os russos também. Um prêmio de guerra, por assim dizer.

— E acha que ele matou Tommy?

Altan deu de ombros.

— Isso não importa. O que importa é onde ele está agora.

— Talvez esteja com os russos.

— Não está.

— Como sabe?

— Porque sei.

Leon olhou para ele.

— Os ouvidos da Turquia? — Um pensamento a esmo. — Em toda parte. — Outro pensamento a esmo. — E entre nós também. Como sabe que Tommy foi se encontrar com alguém?

Altan encarou-o, sem dizer nada.

— Tommy nunca suspeitou disso? — perguntou Leon.

Altan apagou o cigarro.

— Não podemos estar em toda parte. Precisamos escolher com cuidado. O lugar provável do delito.

— Delito.

— Olhe aquilo. — Altan apontou para o Chifre de Ouro. — Antes, o centro mais importante do mundo.

Agora, tudo que fazemos é ouvir. Para nos proteger. Seríamos engolidos pelo urso russo se o ofendêssemos. E os Estados Unidos são ricos. — Voltou-se para Leon. — Embargam indústrias. Guerra deles, indústrias nossas. Então, no fim, também os ofendemos. Um ato de equilíbrio. Sabe o que essa guerra era para nós? A primeira foi uma catástrofe. Fim dos otomanos. Istambul ocupada. Grécia invadindo. Só Atatürk nos socorreu. Bem, com soldados... gregos. Depois, uma novidade. Os dois lados garantem, “podem vir”. Talvez outra catástrofe. Ou seja, andamos na corda bamba. Um passo, outro passo, sempre na expectativa de que nos empurrem ou nos prendam. E continuamos nessa expectativa. Um homem é baleado em nossas ruas. A polícia tem um crime. Mas nós podemos ter um incidente, o que piora tudo. Os dois lados podem cair em cima de nós. Por isso, queremos esse homem. Antes que vocês nos dividam para pegá-lo.

— Está dizendo que os russos pediram esse homem? Eles estão acusando...

Altan balançou a cabeça em negativa.

— Não podem fazer isso. Oficialmente, esse homem não existe. — Olhou ao redor. — Para todos vocês. Esse romeno não existe. Mas o que farão para pegá-lo? Já há alguém de Ancara aqui. Os russos oferecendo dinheiro. Linhas de batalha. E quem está no meio?

Oferta dos russos. Ouvidos em toda parte.

— Mas, se todos estão à procura dele, ninguém o tem.

— Esse ponto não me escapou.

— O que faria se o tivesse?

Altan sorriu consigo mesmo.

— É algo importante para ter nas mãos.

— Está dizendo que o venderia para quem pagasse mais.

— Não. Poderíamos defender melhor nossos interesses. Claro que a mim não compete decidir como fazer isso. Só posso encontrá-lo. — O coronel fez uma pausa. — Seria bom para a Turquia. Acabar com isso. Deslocar a guerra para outro lugar. Ficaríamos muito gratos se alguém nos ajudasse.

Leon o olhou nos olhos.

— Eu sou norte-americano.

— Com interesses aqui. Supostamente, com uma boa vida. E sua esposa? Satisfeito com os cuidados que ela recebe?

— Não poderei ajudá-lo, mesmo que quisesse. Nunca ouvi falar desse romeno.

— Não? Sinto muito por ouvir isso. — Altan esticou a mão para pegar um cigarro e aceitou o cigarro que Leon lhe ofereceu.

— Se você realmente sabe tudo que parece saber, também deve saber que eu não era nada para Tommy. Era um garoto de recados quando acontecia de estar a caminho do lugar certo.

Altan balançou a cabeça.

— Karpić's.

Leon calou-se, com ar pensativo. Há quanto tempo os observavam?

— Sabe muito bem que poderia ser deportado por isso.

— Estávamos lutando contra a Alemanha, não contra a Turquia.

— Na Turquia.

— Sou apenas um homem de negócios. E, pelo visto, você tinha um homem lá dentro. Pergunte a ele. Eu não fazia parte de nada.

— Foi apenas uma irregularidade. Isso é o que o torna tão interessante. Não o conhecemos.

— Esta conversa só tem a ver com isso?

— Não, digamos que seja um aviso. Para que não se envolva. — Altan se virou. — A não ser, claro, que já esteja envolvido. Excelente — acrescentou, olhando para o cigarro. — Realmente excelente. Tabaco americano? E ainda assim continua na Turquia.

— É uma mistura. O Virginia Bright é mais barato. Mas o Latakia, o turco, tem um sabor mais forte. Realça a mistura. E há um algo distinto no Latakia turco. Isso o associa com riqueza. Misturas personalizadas.

— Então, sorte para nós.

— A folha do Kentucky Burley faz de vocês competidores de respeito. Sente-se o sabor com uma tragada.

Altan desviou a atenção do cigarro.

— Então, é um conhecedor de tabaco.

Leon olhou para ele.

— É o meu negócio. É o que faço aqui.

— Claro. Um conhecedor. — Altan se mostrou pensativo. — Às vezes, vemos uma pessoa e achamos que a vimos antes, mas não lembramos de onde. Falo de você. Acho que o vi ontem no bonde. Talvez não. O chapéu. Sei lá.

— Onde foi isso?

— Beyazit. Era você? — Não era propriamente uma pergunta.

— Pode ter sido. Fui ver um amigo. Na universidade.

— É mesmo? Quem?

— Georg Ritter.

— Ah, nosso filósofo marxista. Não? Achei que a essa altura estava em Nişantaşı.

— O escritório dele. Ainda o mantém lá.

— Ele está bem? — Olhos observadores e atentos ao ritmo da conversa.

— Na verdade, não o encontrei. Estúpido, suponho, apenas uma passada rápida por lá, mas isso me deu uma desculpa para ir ao mercado dos livros. Você sabe, perto de Beyazit Camii.

— Você pronuncia corretamente. O *c* é complicado para os estrangeiros. Uma habilidade valiosa. Poucos norte-americanos conhecem nossa língua. Fico surpreso por não o requisitarem com mais frequência. Em alguma base regular, não apenas para recados.

— Prefiro o negócio de tabaco.

Altan arqueou as sobrancelhas.

— Nisso já estamos de acordo. Também preferimos você nesse ramo. — Saiu andando, seguido por Leon. — Mercado dos livros. Já estabelecemos algumas relações nesse lugar. Conhece o livreiro alemão? Aquele que fica num canto, como uma velha árvore? Não só para vender livros. Claro que os alemães negaram, mas depois pararam. É a melhor maneira de arrumar as coisas em silêncio.

— Que coincidência, você no mesmo bonde.

— Pois é. Ora, entendi, está achando que foi intencional? Que motivo teria para isso?

— Nenhum.

— Pois é. Eu estava no Laleli. Um hotel. Você sabe, a polícia verifica os hotéis rotineiramente. Depois de um crime. Nós queríamos saber do paradeiro do romeno. Talvez usasse nome falso, mas um *ferengi* quase sempre é lembrado.

— Esse também foi?

— Dois homens naquele hotel. Bêbados, disse o recepcionista. Marinheiros, ele supôs.

— Mas poderia identificá-los se os visse novamente?

— Ora, facilmente, suponho. Ambos. — Altan se voltou para Leon. — Claro, às vezes os recepcionistas não são confiáveis. Uma bebida incomum, uma festa. O quarto estava limpo.

— Geralmente os marinheiros são limpos.

— Sr. Bauer, já se embebedou alguma vez? Olhou para o seu quarto na manhã seguinte?

— A polícia poderia mostrar uma foto para o recepcionista. Do romeno. Assim, poderia ter certeza.

— Se tivessem uma foto.

— Você não tem?

— Sr. Bauer, a polícia tem seus próprios métodos. Nunca interferimos. — Altan não respondeu.

— Interferir? Emniyet? Vocês podem fazer...

— Acho que você não entendeu. A polícia faz o trabalho dela, mas é melhor que não resolvam esse crime.

Leon esperou que ele continuasse.

— Os homens se foram, não importa quem eram. E não importa o que tenham feito. Se a polícia encontrar quem matou o sr. King, provavelmente alguns amigos estarão envolvidos. Alguém será levado a julgamento. Os russos são explosivos. Ofendem-se muito rapidamente. Poderíamos perder o equilíbrio. Preferimos lidar com isso tranquilamente, longe dos olhos do público.

— E se o romeno atirou nele? Continuariam agindo assim?

— Agiríamos com muito mais discrição — disse Altan, em voz baixa. — Depois que o encontrássemos. — Girou o corpo e fez um aceno formal de despedida. — Obrigado pelos cigarros. Se não me engano, o tabaco turco vem principalmente da Costa Norte.

— Isso mesmo.

— Então, seu negócio o leva aos portos do mar Negro.

— De vez em quando.

— Talvez sua esposa também.

Leon não disse nada.

— Uma mulher com interesses judaicos.

— Ela é judia.

— Claro, entendo. Acontecimentos terríveis durante a guerra. Não se pode deixar de ser solidário. Salvar as pessoas é heroico. O que é ilegal quando uma vida está em jogo? Mas, obviamente, agora os tempos são outros.

— E o que o faz pensar que vidas não estão mais em jogo? Ouvem-se histórias todos os dias...

— E agora, um outro amigo para equilibrar as coisas. Os norte-americanos querem isso, os russos querem isso, e os britânicos... esses querem que os navios sejam detidos. Eles chamam de contrabando humano isso que você chama de refugiado.

— A Turquia era uma via de escape segura. Durante toda a guerra. Os que conseguiram escapar saíram por aqui.

— Mas agora há uma enxurrada deles. E os britânicos os mandam de volta. Para onde? Por mim, eu não... — Altan deu uma pausa. — Sei que sua esposa está doente. Não compartilha o mesmo interesse pelo trabalho que ela fazia?

— Não.

— Ótimo. Isso é uma dificuldade para a Turquia.

— Por que pergunta?

— Por nada. Só para conhecer suas simpatias. Tempos de mudança. Mar Negro... agora, um lugar bem problemático. Achemos que o romeno chegou por essa via. E agora todos os judeus. Um lugar que

precisa de mais ouvidos. Familiarizados com os portos.

Leon arregalou os olhos. Um convite? Um aviso? Mas Altan se manteve inexpressivo.

— Já viu humanos contrabandeados? Sabe com o que se parecem? — perguntou Leon.

— Sim. Esqueletos, alguns.

Os dois chegaram ao topo da ladeira, o mar de Mármara, o vislumbre de um azul distante por entre os telhados.

— E pensar que, quando Jasão navegou por ali — disse Altan, de olhos na água —, o mar Negro era uma novidade. Um lugar que escondia tesouros. Peles, âmbar e talvez até ouro. Agora, há cadáveres naquelas águas. Guerra na Europa. E os sobreviventes boiando em nossa direção.

— Eles estão apenas de passagem.

— Para onde? América? Não. Outra guerra. Os britânicos nos tomaram a Palestina. E agora nos pedem que os ajudemos a manter a paz no lugar. E temos de fazer isso. Manter o equilíbrio. — Altan fez outra pausa. — Você não ajudaria alguém a passar. Não arrumaria encrenca.

— Pelo visto, há um monte de coisas que você não quer que eu faça. Mas não faço nenhuma delas. Comercializo tabaco, isso é tudo. E agora o Emniyet me acusa... sei lá do que exatamente. Estou sob suspeita de alguma coisa?

Altan o olhou de relance.

— De não ser sincero, sr. Bauer, apenas isso. — Levou dois dedos à testa em saudação. — *Hosça kalin.** — Virou-se e se fundiu na multidão que transitava na estação do funicular.

Leon o observou de onde estava e depois retornou ao final da praça. Acendeu um cigarro, nervoso. Uma conversa com o Emniyet era o que todos temiam. Mas o que realmente tinha ou não sido dito? Apenas alusões, como o bigode que aparecia e desaparecia conforme a luz. Mas só era permitida uma coincidência, nunca duas, e de repente o bonde era a única coincidência. Olhou para a esquerda e desceu a colina em direção ao edifício de Marina. Talvez estivesse recebendo outro homem. Mas, assim, seriam duas coincidências. Imaginou os dois no quarto, Altan puxando o quimono para baixo e acariciando os ombros dela. Se é que não conversavam, a fumaça do cigarro saindo pela janela, talvez uma conversa semanal, também às quintas-feiras.

Jogou fora o cigarro e continuou descendo a rua, lembrando tudo que já tinha dito a ela. Será que Altan pagava pelo encontro? Por algo mais valioso que o corpo dela, um olho mágico e os segredos das vidas alheias. Só dele ou também de outros? Tudo que conversava com ela depois jazia nos lençóis amarrotados, com Altan à escuta.

O vestíbulo cheirava a gesso úmido. Ele nunca tinha notado isso, com os sentidos geralmente sobrecarregados de desejo. E também cheirava a sexo, a ponto de impregnar os dedos. Escada silenciosa, goteira em algum lugar no corredor, luz acinzentada através da janela translúcida do patamar, respiração mais curta e depois ansiosa. Ela contaria uma mentira? Uma mentira complementar à mentira anterior. Soou uma batida alta, o que contrariava o padrão da batida suave de quem sabia que ela estava esperando do outro lado.

Marina levou alguns minutos para atender. Leon aguçou os ouvidos para ouvir os passos. Pega de surpresa, ela fecharia o quimono abruptamente a fim de cobrir o corpo. Ela abriu a porta — hesitante, confusa e um tanto desconcertada, como era esperado. Sem perguntar o que ele estava fazendo ali. Sem o quimono, com um roupão de seda, ela deixou a porta entreaberta atrás de si.

— O que você contou ao Altan? — perguntou Leon.

Ela não respondeu, apenas olhou para ele enquanto decidia como reagir.

— Murat? — disse, por fim. — Como o conheceu?

— Acabamos de ter uma conversa.

— Você está em apuros?

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Ele só queria me assustar um pouco. Só queria que eu soubesse que ele está por perto.

Ela o olhou de relance e abriu a porta.

— Pode entrar, então. Ele falou se vem aqui?

— Não. Ele não sabe que eu sei.

— Sabe o quê? — Ela acendeu um cigarro.

— Eu o vi saindo do seu prédio. Um cliente?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Apenas informações? Ele não tomou nada em troca?

Ela olhou para o alto, um pequeno lampejo de raiva.

— O que você quer?

— Ele é do Emniyet. O que ele queria?

— Falar.

— De mim?

— De todos.

— E você respondeu tudo.

— Ele é do Emniyet. — Ela se justificou, agora exaurida de raiva. — Eu sou uma prostituta. Que escolhas acha que tive?

— O que ele queria saber?

— Sobre o dono do prédio. Estão interessados nele. Não sei por quê. Acha que eu perguntaria?

— E o que você sabe dele? O que acontece na cama?

Outro lampejo de raiva.

— Acha mesmo que o que acontece na minha cama é tão interessante assim? — Ela deu uma tragada, acalmando-se. — Queria saber o que esse homem diz. O que faz. Se às vezes fala de İnönü. Coisas assim.

— E de mim? O que você contou de mim?

— Nada. Conteí que você só vem aqui para fazer aquilo que fazemos. Foi tudo. De verdade. O que você conta para mim?

Ele imaginou os dois deitados na cama, uma conversa fiada flutuando com a fumaça.

Ela apagou o cigarro.

— Quem são seus amigos? Os do consulado. Você tem muito dinheiro? Sabe o que respondi? Que você tem o suficiente para mim. Ele só estava interessado em coisas assim. — Chegou mais perto de Leon. — Não há razão para se preocupar. — Tocou nele. — Não falei nada. Só me perguntou sobre o Bayar. Você só vem aqui para dormir comigo. Não é verdade? Não é por isso que vem aqui? — Acariciou o braço dele. — Você gosta.

— Por que não me contou?

— Ora. Porque você me diria que teríamos de parar com isso, e como eu poderia parar? Talvez você nunca mais viesse aqui.

— Quem sabe? Eu poderia ter dito alguma coisa que você teria usado. Num momento de fraqueza.

— Acha que eu faria isso?

— Talvez. Não foi por isso que recorreram a você? Uma boa recruta. Você ouve coisas dos outros o tempo todo.

Ela girou o corpo, irritada.

— Exatamente. O tempo todo. Coisas maravilhosas. Quer ouvir? Faz assim, faz. Mais... Quero vê-la assim. Claro, abra as pernas. — As palavras saíram aos berros. Foram vomitadas em jatos. — Ah, não quer mais ouvir? Por que não quer? Coisas maravilhosas. Por toda a minha vida. Só para ter isto aqui. — Apontou para o quarto. — O Emmiyet também não quer ouvir. Conte tudo o que o outro homem diz para você. O que vocês homens acham que os outros homens dizem para uma prostituta?

A porta do quarto se abriu. Somente uma cabeça, uma barba por fazer e a ponta de uma camiseta. Uma troca rápida de palavras em língua desconhecida. Marina impediu Leon de sair do quarto. Olhou para ele e fechou a porta sem dizer mais nada, uma atmosfera agora vazia e suspensa.

— Que foi isso? Que língua foi essa?

— Armênio — disse ela.

— Especialidade sua?

— Ele gosta, sim. — Ela assumiu um tom desafiador. — É melhor para ele. Na língua dele. Quer saber o que ele falou em armênio?

Leon girou o corpo. Foi pego pelo próprio reflexo, um desconhecido, embaçado como o próprio espelho, manchado de idade, nódoas amarronzadas ao redor das extremidades. Desgastado. Antes, uma alcova erótica; agora, um quarto em frangalhos, poeira à luz da janela, brilho de suor, um armênio ranzinza atrás da porta, uma magricela de roupão ali para satisfazê-lo, um bom retrato dela. Sem mexer sequer um músculo, olhou para o próprio reflexo por mais alguns segundos, o mesmo vazio que às vezes se seguia ao sexo. O homem no espelho olhou para trás, desenganado.

Foi pego pelo braço por uma mulher hesitante e retraída. Ele também olhou para ela com outros olhos, muito ruge nas maçãs do rosto, talvez do jeito que agradava ao armênio. Por um segundo, a estranha e chocante percepção do que significavam as escapadelas até a alcova de Marina, as tardes de espera e os pensamentos que realmente passavam pela cabeça dele.

— Apareça na quinta. Altan é um nada. Garanto isso, é um nada. Só queria saber do Bayar, não de você. — Ela fez uma pausa. — E eu nunca diria nada, ainda não sabe disso? Nunca diria nada a ele. Só que... ele queria saber quem vem aqui. Apareça na quinta. — Um meio sorriso, um aperto de braço. — Não conversaremos nada se não quiser.

Ela ergueu a mão e abaixou os olhos, agora resignada. Ambos sentiam alguma coisa no ar, o encanto da alcova se quebrara, como uma rachadura no espelho.

— Faria uma coisa por mim? — perguntou ele.

Ela ergueu os olhos.

— Não diga a ele que eu sei que ele vem aqui.

— Por que não?

— Talvez um dia lhe conte uma coisa. Uma coisa que ele gostaria de saber.

— E ele acreditaria nessa coisa. Já que eu é que contaria a ele. Você me usaria para isso.

— Não seria uma mentira.

— Não? Então, conte a ele você mesmo. Vocês dois são feitos do mesmo barro. Você quer fazer o que ele faz.

Leon se dirigiu à porta.

— Não durmo com ele — disse Marina, como se isso fizesse diferença.

— Por enquanto — retrucou Leon.

Leon pegou o bonde de Istiklal até o escritório, onde trocou mensagens com Turhan, e depois pegou um *dolmuş* até Aksaray, onde observou os outros passageiros que entravam nos ônibus. Fez isso para se certificar de que estava sozinho. O Emniyet fazia com que todos pensassem que a agência vigiava todos os lugares e sabia de tudo — essa não tinha sido a tônica de Altan no encontro? Mas ninguém podia ficar de olho o tempo todo. Somente um homem continuou parado como uma planta no mesmo ponto da estação, mas logo pegou um ônibus para o aeroporto. Leon seguiu em direção a Laleli, descendo a ladeira sinuosa até o aqueduto e depois subindo a colina.

Alexei abriu a porta. Atrás dele, havia um tabuleiro de xadrez com uma partida em andamento.

— Algo quente? — disse, observando a sacola na mão de Leon. Estava barbeado e de camisa passada, era o próprio militar. Leon pensou no armênio grisalho.

— Esquente uma lata de sopa.

Alexei rasgou o celofane da embalagem e abriu um pacote de cigarros.

— A comida não é lá essa coisa, mas o cigarro é excelente. Os cigarros norte-americanos chegam aqui facilmente? Em Bucareste, valem ouro.

— Tenho uma boa fonte.

— Por que essa cara, então? Algum problema? — disse Alexei, dando uma tragada.

— Saí de um funeral.

— Ah, do seu amigo? Como se sentiu? — Alexei parecia se divertir.

— E depois fui abordado por um cara do Emniyet.

— Por que você?

— Estão checando todos que conheciam Tommy.

— E?

— Já estão no seu encaixo. Talvez para jogá-lo nas mãos dos russos. É o mais provável desta vez. Você seria uma espécie de oferta de paz.

— Alimentar o animal para mantê-lo quieto. E meus novos amigos?

— Você também é a pauta do dia entre eles. A embaixada só mandou um homem de Ancara. O nome Frank Bishop significa algo para você? Se for o caso, preciso saber.

— Para me proteger? — Alexei esboçou um sorriso e balançou a cabeça em negativa.

— Ele cancelou seu avião. — Olhou para o alto. — Isso pode ser pensado de diversas maneiras, dependendo do quanto você confia nele.

Alexei descartou o assunto com um aceno, como se não valesse a pena.

— E quanto ao Tommy? Nenhuma suspeita?

— Continuam achando que ele morreu no cumprimento do dever. Porque o manteve fora do alcance dos russos.

— Sou deles agora?

— Já estão oferecendo dinheiro por você, segundo o que Frank ouviu. Também ouvi. Portanto, ainda não é deles.

— Então, tudo continua como antes.

— Não exatamente. Frank quer me colocar dentro do esquema para assumir o lugar do Tommy. Para descobrir quem atirou nele.

Alexei ergueu as sobrancelhas e desviou os olhos para o jogo de xadrez.

— Que tabuleiro complicado este agora. Cada movimento. — Levantou-se. — Cada vez que se toca uma peça. Muito perigoso para os peões. Gostaria de um pouco de chá? — Foi até o fogão. — Ou seja, precisamos ser muito cuidadosos agora. Só assim se sobrevive. Há um vazamento na Turquia. Alguém informou aos russos que eu estava aqui.

— Bem, talvez tenha sido Tommy.

— Isso é interessante — disse Alexei, sentando-se e sorvendo um gole de chá. — Mas não acho que tenha sido ele.

— O quê? — perguntou Leon, numa reação retardada.

— Não havia russos lá naquela noite. Só ele. Só um homem. Nem mesmo era um bom atirador. Os russos não agem dessa maneira.

— Prossiga — disse Leon, calmamente.

— Fiquei sozinho aqui o dia todo. O que podia fazer além de pensar? Vejamos por outro ângulo. Seu Tommy era o elo de Istambul? Pense em como isso funciona. — Alexei sorveu outro gole de chá. — Ele contrata o barco de pesca que me traz a Istambul. Ele me mantém aqui e me coloca no avião. Nada antes, nada depois, de modo que a cadeia está segura. Todos agem da mesma maneira. Mas por que atirar em mim aqui em Istambul? À vista do público. É um risco a ser sempre considerado. Por que não no litoral? Foram duas noites lá, não uma. Um atraso devido ao tempo. Por que não lá, se queriam me matar ou me despachar para algum lugar? Ele sabia onde estávamos. Ligou para checar se já estávamos chegando. Seria fácil fazer outra chamada. E ter os russos como parceiros para cuidar das coisas. Se todos estivessem lá dentro e não debaixo da chuva. Mas ele espera para cuidar do assunto em Istambul, uma decisão estranha, não acha?

— Mas ele estava lá. Com uma arma.

— Sozinho. Pode acreditar em mim, os russos não são conhecidos pela moderação. O que isso quer dizer?

Leon esperou em silêncio.

— Eles não sabiam. Nunca teriam lidado com isso dessa maneira.

— Mas você mesmo concordou que ele...

— Sim, e depois pensei melhor. Os prisioneiros têm tempo para pensar. Por que aqui? Uma vila de pescadores, um momento perfeito. Bebek, ainda provável, mas pouco indicado. E não estava sozinho.

— Por que então agiu daquela maneira?

— Porque não estava sozinho. Ele tinha você. Sem suspeitas de ligação com ele. Se atacassem a vila de pescadores, o vazamento seria rastreado. Mas aqui ele estava protegido. Ele tinha você.

Leon não disse nada.

— Nós estávamos lá para matar um ao outro. Isso é o que teria sido descoberto. E Tommy continuaria seguro. Não estava lá. Só nós dois.

Leon já tinha imaginado esse quadro e balançou a cabeça.

— Você era o único que sabia onde ocorreria o desembarque — continuou Alexei. — Isso é correto?

— Foi o que ele disse.

— Então, pense um pouco mais. Ele recorre a um estranho. Um estranho em quem confia. Para esse tipo de trabalho.

— Talvez não quisesse perder um dos seus próprios homens — disse Leon, em tom azedo.

— Não... quem será morto... você, outra pessoa, o que isso importa? Não é tempo para delicadezas. Confiança, eis o ponto.

— E ele não confia em seus próprios homens?

Alexei abriu a mão.

— Se ele não contou nada a ninguém, como faria para que os russos soubessem que eu estava aqui? Os russos não sabiam de Bebek, senão teriam aparecido lá. Mas agora estão oferecendo dinheiro. Como souberam?

— Alguém informou.

Alexei assentiu.

— Mas só Tommy sabia quando você chegaria. E eu.

— Mas a operação em si... talvez tenha chegado aos ouvidos de outros. Não o momento, mas o fato de que Tommy estava alertado e me faria passar. E qual é a conclusão óbvia após o terem assassinado... eu devia estar nos limites de Istambul. Talvez fugindo. Talvez capturado por outra pessoa. Mas não por eles. — Alexei olhou para Leon. — Estou seguro em relação ao elo seguinte. O problema está aqui. Já sabia disso desde o início, antes mesmo de começar a refletir sobre as coisas. — Caminhou até o tabuleiro e pôs o dedo em cima de uma peça. — Então, movimento seguinte. Os russos atrás de mim e agora, segundo você, os turcos. Ou seja, precisamos sair da Turquia. Você tem gente na Grécia. Edirne não é distante. Mas vamos precisar de documentos. — Curvou-se até a mochila e pegou um passaporte. — Agora é arriscado usar esse nome. — Abriu o passaporte. — Foto ainda boa, um pouco manchada pelo carimbo. Fácil de remover. Turco. Agora é melhor assim. Romeno, nem pensar. — Entregou o passaporte para Leon. — Pode fazer isso?

Leon assentiu.

— Então, o nome de um contato em Atenas fica para mais tarde. Só para depois que estivermos lá. Antes, não. Ninguém deve saber, nem aqui nem lá. Uma visita-surpresa. Entendeu?

— Vou precisar de um ou dois dias. Para a papelada.

— Não mais — disse Alexei, como um oficial no comando.

— A comida é suficiente? Não quero voltar aqui.

— É. — Alexei parou a mão no alto, como um guarda de trânsito. Foi até a porta em dois passos silenciosos, recostou-se à parede, de olhos bem abertos, tirou uma arma do bolso em câmara lenta e a manteve apontada. Leon olhou para a arma e prendeu o fôlego. Ruídos lá fora, que lhe tinham passado despercebidos. Alexei manteve-se em guarda por alguns segundos e depois abaixou a arma e afastou-se da porta.

— O casal do final do corredor — disse, já calmo. — Pararam no corredor. Talvez carregando alguma coisa.

— E você ouviu.

— Aprende-se a ouvir. A viver assim.

— Pelo visto, já encontrou sua arma.

Alexei balançou a cabeça.

— Não é muito. Duas seria melhor. Nunca se sabe quantos vão aparecer.

Leon não disse nada. Era assim mesmo, dia a dia, esperando.

— E outra arma faria diferença? — disse, por fim. — Para algum tiroteio?

— Não faria. Seria melhor fugir. Mas nem sempre é possível. Então, melhor estar atento. Sem surpresas.

— Fugir como? — perguntou Leon, esquadrinhando a sala com os olhos.

— A janela do banheiro dá para o pátio. Mas só há uma saída para a rua e pode aparecer alguém. Temos de imaginar isso. Escada de emergência até o telhado... Isso pode pegá-los de surpresa e facilitar o passo seguinte.

— Como sabe disso?

— Fiz uma tentativa. Um teste.

— Saiu daqui? Deveria ter ficado aqui. Não lhe disse para não sair?

— Sem um plano. Jogando xadrez dia e noite. — Alexei balançou a cabeça em negativa. — Como acha que continuo vivo? Ouvindo gente como você? Seria possível? Ficar esperando até que trouxesse os outros aqui.

— Não se deve confiar em ninguém — disse Leon, ainda pensando em si mesmo. — E o que vai fazer? Vai se sentar no telhado ou perambular por Istambul? Seria uma questão de tempo.

— Um mapa ajudaria. O número do seu telefone também. — Alexei lançou um olhar desafiador para Leon. — Se vamos ajudar um ao outro.

Leon relutou e depois puxou a carteira e estendeu um cartão de visita.

— Da sua casa? — perguntou Alexei, olhando para o número do telefone. — Ou do negócio de frutas secas?

— Do escritório — disse Leon. — Sempre tem gente lá, quando não estou.

Alexei olhou para o cartão por um tempo, memorizando-o, e depois o devolveu.

— Fique com isso.

— Se eles me matarem, o cartão os levará até você. Não se preocupe, já está aqui. — Alexei apontou para a própria cabeça.

Leon caminhou até a porta e se deteve.

— Se alguém mais tivesse informado a eles, haveria dois infiltrados. Tommy não saberia?

Alexei sorriu discretamente.

— Às vezes os russos fazem isso. Infiltram dois, ou mais, sem que se conheçam entre si... Se um é pego, não passa disso. Isso não leva aos outros. Washington age do mesmo modo. Os infiltrados não se conhecem.

Claro, um comentário casual.

— Às vezes, tudo dá errado. Houve um caso assim em Bucareste, todos suspeitavam de todos e vigiavam uns aos outros. E não sem razão. Situação típica de Bucareste. — Os cantos da boca de Alexei vincaram enquanto ele bufava. — Não fiz o mundo. Ele foi uma piada de outra pessoa.

— Mas Tommy atirou em você sem informar nada a ninguém.

— Sim. — Alexei balançou a cabeça, apreciando o movimento feito por Leon. — E não paro de pensar nisso. Heroísmo, talvez. Ele gostava de agir sozinho? Claro que os outros me queriam morto. Então, ele entrega o fato consumado aos outros. Usando você para proteger o próprio disfarce. Ou outra coisa qualquer. Sei lá... só sabemos que ele fez isso. Talvez você possa descobrir. Quando assumir o lugar dele. Descobrir por que ele fez isso.

— Talvez ele achasse que você merecia.

— Talvez — disse Alexei, atento ao que ouvia. — Ele também atirou em você.

Leon saiu pelos fundos e esquadrinhou o pátio para ver se Alexei estava certo. Uma saída. Ele se viu subindo às pressas a escada de emergência e atravessando o telhado, como um gato ladrão. Em sua oitava vida. Chegou à base da ladeira, virou para uma rua lateral e esperou para ver se alguém o seguia. Ninguém nos arredores, exceto duas mulheres turcas de casacos à altura dos tornozelos e com sacolas de corda nas mãos. Continuou parado, fazendo uma retrospectiva. Novos documentos.

Lá no cais, as embarcações de aluguel que ainda não tinham sido postas para fora do negócio pelas pontes, cruzavam o estuário. Já tinha passado o tempo em que se viam por toda a extensão da costa de Istambul gôndolas e caíques enfileirados, estampados nas antigas aquarelas com o mesmo refinamento e elegância dos barqueiros de turbantes e das senhoras de véus em missões misteriosas. Camadas.

O caíque era uma embarcação a remos com um pequeno motor de popa cujo timoneiro de turbante — idoso e gordo — cheirava a *raki* e queixava-se do preço do gás durante toda a travessia. Como é que um homem honesto podia ganhar a vida? Ou mesmo um desonesto. Leon ergueu os olhos e se lembrou de que

tinha prometido mais dinheiro ao barqueiro de Bebek — uma ponta solta. Mas o pedido acabaria na mesa de Tommy e agora Leon é que era Tommy.

Depois de se afastar dos estaleiros Koç, em Hasköy, ele percorreu alguns quarteirões até o escritório de Mihai, um velho edifício industrial cedido pelo proprietário judeu ao Mossad antes de ser confiscado pelo imposto sobre fortuna. Durante a guerra, o Mossad funcionava no Hotel Continental e alguns da equipe continuavam lá por conveniência, mas a unidade de Mihai se deslocara para o litoral. *Aliyah Bet*, a imigração ilegal, era uma espécie de arca de Noé, dizia Mihai. Então, nada melhor que estar localizada de frente para o mar.

Somente algumas janelas dos andares mais altos tinham vista para o mar. Uma névoa se estendia nos arredores das docas de manutenção. O resto do escritório, agora compartimentado por divisórias de compensado, parecia uma fábrica de roupas, tantas eram as máquinas de costura ali. Em cima da antiga mesa de corte que servia de escrivaninha para Mihai, um monte de passaportes empilhados e uma prancheta com listas.

— Desculpe-me o atraso — disse Leon em voz alta, para ser ouvido por todos.

Mihai ergueu os olhos, surpreso.

— Anna não vai se importar. Podemos pegar um táxi. Você sabe que não precisa fazer isso.

— Claro que sei — disse Mihai, arregalando os olhos como sinais de interrogação.

Leon fez um meneio de cabeça em direção à porta.

— Só um segundo — disse Mihai, agora no tom habitual. — Antes preciso cuidar disso. Vistos de destino. Ouro. — Começou a guardá-los num cofre.

Leon pegou um dos passaportes.

— Honduras? Isso é novidade.

— Um anfitrião generoso. Sem cotas.

Leon abriu o passaporte.

— Josef Zula, nascido em Lodz, seguindo para Honduras. Eles compram isso?

— Os romenos não se importam com o destino, desde que não permaneçam onde estão. São vistos oficiais. Cuba está dando para trás e já temos gente pronta para zarpar. Pedintes não podem escolher. Gostaria de pegar quantos? Terra dos livres. Judeus? Tudo cheio.

Leon largou o passaporte.

— Honduras não será uma surpresa para eles. Se você conseguiu. Isso deve ter custado muito.

— Quanto é muito para você? — Mihai fechou a porta do cofre e travou o segredo. — Não vamos deixar Anna esperando — disse em voz alta, e em seguida avisou ao secretário que estaria na clínica. Bases cobertas. — O que é tão urgente? — disse, já lá fora. — E lá vou eu para Bebek quando há tanto a fazer.

— Não consegui pensar em mais nada. Eles sabem que você faz visitas a Anna. Por que mais eu estaria aqui?

— Para conversar comigo? O que há de errado?

— Tive uma conversa com o Emniyet.

— Bem-vindo ao clube. O que há de tão extraordinário?

— No funeral do Tommy. Eles querem saber o que aconteceu. Já sabem que Alexei está aqui.

— Conversaram com você?

— Não só comigo. Um pequeno aviso, talvez. Fui alertado para não me envolver com você. Operações de *Aliyah*. Pensam assim porque Anna...

— Porque você poderia ajudar em vez de criar dificuldades? Conhecem muito pouco de você.

— Você não parece preocupado.

— Eu e o Emniyet somos velhos amigos. Às vezes, eles se interessam, outras vezes, não. Agora, estão interessados. Com os ingleses insistindo, Istambul está se tornando difícil. Mandaremos os comboios para a Itália. Portanto, só teremos de passar pela frota do Mediterrâneo e pelo bloqueio das águas costeiras. Moleza... como dizem na Força Aérea Real — disse Mihai, em tom irônico. — Era mais fácil durante a guerra. Eles tinham outras coisas para fazer. E agora estão concentrados em deter os judeus. Que os dois polos acabem com os judeus. Mas não com esses quatrocentos.

— Com vistos de Honduras.

— A maioria. E alguns outros. Tudo quente.

— Isso quer dizer que não tem um de reserva.

Mihai olhou para cima.

— Já estão feitos.

— Preciso de outro. De um passaporte novo.

— Para ele? O açougueiro? Isso se refere a ele? — Mihai encostou-se na cerca de arame de um pátio de sucata cinzenta e enferrujada. — Um assassino de judeus.

— É mais complicado que isso.

— Não, é fácil. Por que você está aqui? Achei que não faria contato. Se a polícia...

— Já não é mais só a polícia. Também é o Emniyet.

Mihai se calou.

— Achei que seria melhor você saber... em que pé as coisas estão. Não é nada fácil. É complicado.

— Fale, então.

Sem táxis nos estaleiros de Koç, os dois seguiram em direção à estação da barca de Hasköy. Leon se explicava e colocava tudo em ordem, como se estivesse arrumando a mesa, e Mihai não retrucava, só ouvia. Chegaram ao cais na hora em que a barca para Karaköy atracou e se puseram na popa aberta para conversar enquanto a multidão se amontoava lá dentro em busca de aquecimento. Mihai olhou fixamente para o cais vazio quando a barca se afastou, expelindo sua fumaça marrom de linhito.

— Ninguém na cola — disse. — Ninguém seguindo. Ficarão nessa de ir e vir. Agora que fizeram contato. É como eles agem. Para que você pense que estão sempre por perto. Vai ter de se acostumar com isso. — Olhou para Leon, como se ainda processasse o que tinha ouvido. — O cara é um assassino de judeus — acrescentou.

— Mas ele não é só isso. Preciso dos papéis.

— Não de mim.

— Só o endereço. De quem você usa. — Leon fez uma pausa. — Preciso tirá-lo de lá. Você sabe disso.

— Não o Mossad. Não podemos. Não esse cara.

Leon assentiu.

— Não o Mossad. Eu.

— Você. Um homem. — Mihai pensou por um segundo. — Saia disso agora. Ou nunca sairá.

— Sair como? Estou justamente lhe dizendo...

— Um cara como esse? Devolva-o para os russos. Ninguém ficará sabendo de nada. É só dar o endereço para eles e pronto. O cara desaparece. — Mihai se deteve. — E estaremos seguros.

— Ele seria morto. Você o mataria.

— Eu não faria isso. Eles fariam. — Mihai esfregou as palmas das mãos, como se as lavasse.

— Não — disse Leon, calmamente.

Mihai olhou ao longe.

— Dê outro nó, então. Amarre-se. Outro Houdini. Como fará isso? Como vai tirá-lo?

— Primeiro, preciso de documentos para ele.

Mihai pensou por um segundo.

— Não precisa de mim para isso. Agora, você é Tommy. Pode fazer todos os arranjos, bem debaixo do nariz dos norte-americanos. — Um meio sorriso. — Enquanto se investiga a si mesmo.

O táxi fez o percurso até Bebek em meia hora. Leon conversou com as enfermeiras, tanto para marcar presença como para ser observado, e depois os dois se dirigiram ao quarto de Anna. Ela estava sentada perto da porta do jardim, com um cardigã por cima dos ombros e do vestido. Mihai pegou-a pela mão e olhou-a nos olhos.

— Olá, querida — disse, acrescentando para Leon: — Ela piscou. Reconheceu minha voz.

— Talvez.

— Já temos um barco. — Mihai assumiu o tom sereno de início de conversa. — Leon já contou? Para quatrocentos. Dos gregos. Do sujeito que nos vendeu o *Ida*, lembra? Ari garantiu que o barco está em ótimo estado. Bandeira panamenha. Veremos. A maioria vem da Polônia. Dos campos. Você sabe que, depois dos campos, alguns voltaram para casa e para *pogroms* poloneses. — Fez uma pausa. — Mas isso acabou. Agora, está ocorrendo em Constância, então teremos de nos apressar. Há muito trabalho à sua espera depois que você melhorar. Barcos maiores. Na Itália, já há um barco para dois mil. Imagine só, dois mil de cada vez. Uma trabalhadora só para colocá-los a bordo. — Outra pausa, observando-a e levantando-se. — É sempre assim? Nenhuma melhora?

— Pelo menos, não há regressão. Segundo o médico, isso é o mais importante.

Mihai olhou fixamente para o jardim.

— Às vezes, acho que fui o culpado. Daquele trabalho. Pensei que ela era como eu. Mas ela não passava de uma mocinha.

— Ninguém foi culpado de nada.

— Eu sei. Se isso não tivesse acontecido, se isso não tivesse acontecido... — Mihai fez uma pausa. — Conheci mocinhas como ela. Tudo pela família. Bons pratos para a Páscoa. Mamãe tinha uma toalha de mesa... usava uma vez por ano, especial. Anna era assim. Uma filha. Fez isso por esse motivo, acho. Salvando os pais em algum lugar da mente. E depois, naquela noite em que as crianças se afogaram... isso começou. Mas não de uma só vez. Lembra? Um pouco de cada vez, um apagar de luzes. E, no fim, a casa toda no escuro. — Deu de ombros e de repente os olhos marejaram. — Sem regressão. Como assim? A partir de quando? Lembro quando você veio aqui. Vocês dois. Como olhava para ela. — Olhou para o jardim novamente, o quarto em silêncio. — E o que vai acontecer com ela? E se alguma coisa acontecer com você?

Leon não respondeu. Outro nó sendo atado.

Mihai se virou de costas.

— Para um assassino de judeus.

— Eu sabia que eles mandariam alguém — disse Ed Burke, com as bolsas sob os olhos inchadas e agitadas. — Acham que um de nós fez aquilo.

— Ninguém disse isso, Ed. Só me pediram para dar uma olhada nos livros.

— Mas eles acham isso. Por que não promoveram Phil?

Leon deu de ombros.

— E por que Frank ainda está aqui?

— Ele vai voltar para Ancara. Qual é o problema, Ed? Não me pediram para inspecionar seus livros

— disse Leon, em tom malicioso e quase provocativo.

— Só os de Tommy. Tudo bem, não me diga.

— Ed, há quanto tempo você me conhece?

— Que momento engraçado para uma auditoria. — Ed olhou para a pasta na mão de Leon. — A lista de embargo? Isso é dos tempos da guerra. Quanto você avançará no passado?

— Só estou conhecendo os arquivos. Pessoas diferentes, sistemas diferentes. Ainda não entendi as demandas de despesas. Vocês não têm só uma?

— Depende de quem autoriza o dinheiro. Se for do consulado, use os formulários brancos. Se for direto de Washington, mande-os por malote. Os amarelos.

— Mas tudo é pago pelo mesmo escritório daqui.

Ed balançou a cabeça.

— Bem-vindo ao governo dos Estados Unidos.

Leon se levantou, seguiu até a parede dos armários de arquivos e puxou mais algumas pastas.

— Acha que é um deles? Alguém que ele derrubou?

— Ainda não acho nada — disse Leon, de olho no arquivo, e em seguida voltando com um novo pensamento. — De qualquer forma, você disse que era alguém daqui.

— Eu disse que achava que podia ser. Por que outra razão a polícia estaria aqui?

— Ainda?

— A manhã toda. Pelo consulado. “Onde você estava?” Álibis.

— E você tem um?

— Muito engraçado.

— Deixe disso, Ed. É apenas rotina. Conversar com colegas de trabalho.

— Sinto arrepios. Só de pensar que pode ser alguém daqui. Caminhando pelo corredor ou algo assim, sem que ninguém saiba de nada.

Leon não disse nada.

Uma hora depois, Frank o chamou ao escritório para apresentá-lo ao detetive Gülün, um sujeito corpulento, cujo terno cinza brilhava nos punhos e que mais parecia a sombra permanente das cinco horas. A essa altura, Leon já tinha assimilado o sistema de arquivamento, explicado pelo secretário de Tommy, assim como já tinha vasculhado todas as gavetas à procura de alguma coisa que não estivesse oficialmente ligada à Commercial Corp. Mas, evidentemente, Tommy levava a sério essa parte do seu disfarce... Era como se o outro trabalho nunca tivesse existido, pelo menos no papel. Foram encontrados alguns itens pessoais nas gavetas, agenda de compromissos, canhotos de cheques, bloquinhos de vales e pastilhas de hortelã, como nas gavetas de qualquer um. Nada de especial na gaveta de baixo, que sempre estava trancada, apenas uma garrafa para um gole depois do expediente. Será que ele guardava em casa os registros mais secretos? Claro que haveria algo mais. Talvez codificado em outros arquivos e memorandos, trilhas que levariam semanas para serem decodificadas. Por outro lado, o dinheiro era sempre contabilizado. Tommy pagava em dia o pessoal de fora, e esse dinheiro tinha de vir de algum lugar.

— Falei para o detetive Gülün que você estava nos ajudando.

Leon balançou a cabeça e perguntou:

— Ainda nada?

Gülün se pôs na defensiva, surpreendido com a pergunta. Um assassinato na comunidade europeia, a última coisa que qualquer policial desejaria. Diplomatas furiosos demandando respostas, chamadas de Ancara, pessoas que ninguém julgaria que seriam intimidadoras. Era o mesmo mundo de Altan, ao qual não faltavam recursos e estrangeiros. Como policial, Gülün sentia-se mais confortável com os ladrões de carros na Taksim.

— Algumas testemunhas no bar.

— Testemunhas?

— Só o carro. Infelizmente, muito escuro para ser identificado.

— Um carro, não um táxi? — disse Leon. — Isso não reduz as possibilidades? Alguém que pode se dar ao luxo de dirigir um carro. Com a escassez de combustível. Há meses não dirijo o meu.

Um desvio, aproveitado ansiosamente por Gülün.

— Exatamente como você diz. Alguém que pode pagar. Talvez com conexões no mercado negro.

Levando ainda mais longe.

— Já falou com o pessoal daqui? — perguntou Leon.

Gülün meneou a cabeça.

— Claro que ainda precisamos verificar as histórias. — Horas desperdiçadas.

— Mas nada suspeito?

— Nada. Como já era esperado. — O detetive fez uma deferência. — Peço desculpas pelo incômodo.

— Que nada, você tem um trabalho a fazer. E queremos que faça isso. Se achar que foi alguém daqui...

— Como já disse, não esperava nada suspeito daqui. Foi só uma questão de procedimento. Assalto é a hipótese mais provável, o dinheiro é que dificulta. Não roubaram dinheiro do sr. King.

— E ninguém viu nada lá do bar? Já sabem quantos eram?

— Só o carro. Talvez só houvesse uma pessoa. Provavelmente tão assustado que nem pegou o dinheiro.

— Já arquivava o material na pasta de casos não solucionados.

— Mas pode não ter sido um assalto. Pode ter sido algo mais grave.

— Mais grave? — repetiu Gülün.

Frank ergueu os olhos de espanto, sem saber aonde Leon queria chegar.

— Uma coisa é um assalto... — Leon hesitou e abaixou os olhos para a pasta que tinha à mão. — O que me intriga é que talvez não tenha sido acidental, talvez houvesse algum motivo, alguma razão.

— Alguma razão — repetiu Gülün, entediado.

— Só foi uma ideia — disse Leon. — Sabe qual era o trabalho de Tommy aqui?

Frank arqueou as sobrancelhas.

— A Commercial Corp. foi criada pelo Conselho de Economia de Guerra. — Leon olhou para Gülün, a essa altura de olhos perdidos no cenário burocrático. — Ele fazia compras de certos produtos para impedir que os alemães os comprassem, principalmente cromo. De qualquer forma, isso era bom para a Turquia, já que ele pagava mais caro, em dólar, só para manter o cromo longe das mãos dos alemães. E para fortalecer os negócios das empresas norte-americanas amigas. Ele também podia embargar as empresas hostis — acrescentou em voz baixa.

— Embargar — disse Gülün, esperando mais.

— Isso mesmo. Interrompia negócios com essas empresas. Com aquelas que eram muito receptivas aos alemães. Às vezes, isso era complicado... quando as empresas vendiam para os dois lados. Geralmente se viam forçadas a fazer isso para se manter ativas. Embargos de aliados podiam colocá-las fora do negócio.

— Arruiná-las — comentou Gülün.

Leon assentiu com a cabeça.

— O que me ocorreu é que Tommy pode ter acabado com os negócios de alguém, causando ressentimento.

— Entendo. — Gülün era íntimo do ressentimento.

— Ou alguém que ele ia...

— Bauer Bey, a guerra acabou.

— Mas nem todos os embargos estavam suspensos. E o que há mais para vender agora? Talvez alguém estivesse chegando e Tommy não quisesse... bem, é só uma ideia.

— Não, isso é possível. — Envolvimento de turcos, de outras pessoas, a investigação deixava Gülün mais confortável.

— Se quiser, faço uma lista para você. — Leon ergueu a pasta. — Negócios que foram prejudicados. Onde pode haver ressentimento. Ou quem sabe alguém que achava conveniente tirar Tommy do caminho. Isso seria útil?

— Muito útil — disse Gülün, fazendo uma reverência. — Muita gentileza.

— Bem, também queremos descobrir quem fez isso. No que pudermos ajudar...

Leon de repente sentiu-se envergonhado da própria suavidade. Gülün, cuja força acumulava relatórios e tostava empresários infelizes. Mas, no fim das contas, não apenas empresários. Também o fazia com simpatizantes da Alemanha. Pessoas que ainda mereciam alguma vigilância policial.

— Acho que estamos chegando a bom termo — disse Frank, numa digressão.

— Quanto tempo para montar uma lista? — perguntou Gülün.

— Um dia ou dois — respondeu Leon. — Para termos pelo menos uma lista preliminar.

Gülün fez uma nova reverência e pegou o chapéu quando Frank se dirigiu para a porta.

— Seus arquivos — disse para Leon. — São apenas de empresas? Nada mais?

— Como o quê?

Gülün pensou um pouco.

— Negócios pessoais, talvez. Ou algum outro tipo de negócio — disse, sacudindo-se.

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Só da Commercial Corp. Tommy sempre manteve a mesa limpa.

Gülün olhou para a mesa, balançou a cabeça e seguiu Frank porta afora.

Leon sentou-se na beira da mesa e folheou a pasta.

Certificados de exportação. Relatório político sobre um proprietário de empresa, vago demais para uma fofoca. Trabalho de cobertura de Tommy. Um pensamento ocioso: será que ele favorecia empresas que lidavam com os soviéticos? Nesse caso, ele teria...

— Isso foi bom — disse Frank, já de volta. — Os embargos. Isso deve mantê-lo ocupado. Sem xeretar aqui.

— O Emniyet já está fazendo isso. Eles próprios me disseram. Já sabem sobre... como é mesmo o nome dele?

— Jianu. E nós estamos cooperando com eles. — Frank olhou para cima. — Eles estão em toda parte. São realmente capazes de fazer isso.

— O que o faz pensar que eles entregarão esse homem para nós?

— Política — disse Frank, convicto. — Estão com medo dos russos. E é melhor que estejam. Encontrou algo além dos embargos?

— Não há nada para encontrar. Ou Tommy escondeu as cartas nas mangas, ou outra pessoa limpou a casa. Sem pagamentos, sem registros.

— Estão comigo — disse Frank, casualmente.

— Estão com você? — perguntou Leon. — Não preciso vê-los? O que exatamente quer que eu faça aqui? Ser como Gülün, perder meu tempo?

Frank ajeitou os óculos de coruja.

— Não se irrite. Eu não queria que ficasse nada no escritório de Tommy. Alguém poderia bisbilhotar. Está tudo comigo.

— Tudo? Como assim?

— Os outros arquivos. Operações. — Um meio sorriso. — Você só aparece de vez em quando.

— E já os examinou.

Frank balançou a cabeça.

— Mas nem tudo eu consigo entender. Quando não sei quem é quem. — Abriu a gaveta da mesa e puxou algumas pastas. — Dois conjuntos. Despesas regulares, fundos especiais. Alguns em código, de modo que nunca saberemos.

— Por que ele faria isso? Quer dizer, aqui. No consulado.

Frank se virou de costas.

— Bem, o que me ocorreu é que ele não confiava no pessoal daqui. Em alguns, pelo menos. Por isso você está aqui, lembra-se?

Examinaram os livros de despesa juntos. Leon identificou alguns nomes quando pôde. Mehmet, do bar. Tommy, sem dúvida, era um dos vários pagadores dele. Um turco da alfândega. Alguns nomes do Robert College. Até que se deteve. F. Gülün.

— Qual é o primeiro nome do nosso detetive?

— Farid. Fiquei sabendo. Cheguei a conjecturar que ele teria um interesse especial aqui. Embrulhar as coisas antes que alguém fizesse progressos nos livros.

— Diversos pagamentos — disse Leon, de olho colado na folha.

— Você sabe o que essas pessoas fazem. Todas ocupam postos por aqui.

— Não mais do que em qualquer outro lugar — retrucou Leon. Policiais em Chicago, vereadores em South Boston, mas só os estrangeiros são corruptos.

— Não se ofenda. Não sabia que você tinha se tornado nativo — disse Frank suavemente, atenuando o clima. — Faz parte da cultura, não é mesmo? Uma propina aqui, outra ali, não é? — Um sotaque de Groton, esticando as vogais com clareza e esfregando as mãos.

— E nós? Nós somos os pagadores.

Frank olhou por cima dos óculos.

— A questão é que o detetive aceitou.

— Tudo bem, mas o que ele fez para ser pago?

Frank encolheu os ombros.

— Bilhetes de estacionamento. Talvez alguns serviços de vigilância. Quem sabe? Pergunte a ele.

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Ele pensaria que também é suspeito. Seria fácil jogar com ele dessa maneira.

— Se ele acha que não sabemos.

— Ele está na mira. Ele sabe o que Tommy fazia... trabalhou para Tommy. Então, também sabe que a lista de embargo é uma bobagem. Mas não diz nada e só fica de cabeça baixa. Acredite ou não, aqui também não gostam de policiais corruptos. Ele estaria fora.

Frank ergueu a cabeça para dizer alguma coisa, mas baixou-a de novo para a folha de despesa.

— Olhe um dos códigos aqui. Doze/dois. Uma data?

— Não, a data está na coluna à esquerda. — Duzentas e cinquenta liras. O mesmo preço do barco contratado no último setembro. Uma outra olhadela na data. — Sou eu.

— Doze/dois?

Leon se voltou para Frank, uma dica de palavras cruzadas.

— L. B. — disse, por fim. — Doze no alfabeto. Como um jogo infantil. Cristo, Tommy. Sem ver se isso funcionava para os outros.

— E depois o quê? — perguntou Frank. — A questão é: quem diabo é J. M.? Qualquer um deles?

— Deixe comigo — disse Leon, descendo o dedo pela coluna a fim de encontrar quem tinha fornecido

os documentos de Alexei. Talvez não mais que um mês antes. Quando teria começado a operação no lado romeno? Algo entre cem e duzentos dólares, provavelmente convertidos em liras turcas. Observou o registro codificado. Não reconheceu as iniciais de uma entrega já feita. Como poderia ter feito isso sem o arquivo de Jianu?

— Onde está o arquivo da operação do nosso cara?

Frank ergueu os olhos e não disse nada.

— Talvez haja um. Quer que eu faça isso ou não? Preciso desse arquivo para checar uma data.

Frank continuou calado por um tempo e depois se levantou e se dirigiu à própria mesa.

— Está aqui. Pode pegar os outros, mas este fica aqui.

Leon abriu o arquivo. Tudo exposto. Número do contato a quem Tommy certamente recorrera durante a tempestade. Visto do exército para transporte e desembarque, com rota de Istambul a Casablanca, assim ninguém estaria envolvido na Grécia, um *plus*. Endereço de um fotógrafo em Tophane, Enver Manyas, provavelmente o falsário. Datas consistentes.

— Vai ler em cima do meu ombro ou vai me deixar fazer isso?

Frank se afastou.

— Quem mais sabia que Jianu estava chegando? Isso é o que estamos procurando.

E qualquer outra coisa que fosse necessário retirar, referências a doze/dois, por exemplo. Mas não havia nada, não ali. Se Tommy era o encarregado de receber Alexei, por que colocara Leon nisso? Nesse caso, teria de haver duas pessoas mortas, o corpo de Leon era o que a polícia precisava para fechar o caso.

— E os códigos — acrescentou Frank. — Só para manter as coisas organizadas. Para sabermos onde estamos gastando o dinheiro.

Leon balançou a cabeça em assentimento.

— Vou precisar das folhas de pagamento. Depois trago de volta.

— Entenda, não é que eu não...

— Algo mais? Alguma operação que deu errado...

— O que está querendo dizer?

— Operações que não deram certo. Essa não deu. Preciso encontrar algum padrão. Alguém que ainda não veio à baila.

— Alguém daqui — disse Frank, com um traço de excitação na voz; a caça que lhe interessava. Suspeitava de todos agora, menos de Tommy.

Leon continuou folheando o arquivo, a fim de encontrar peças que se encaixassem, mas a maioria das iniciais ainda era uma incógnita, permaneciam sendo segredos de Tommy. Manyas foi uma exceção fortuita, mencionado pelo trabalho que fizera para a unidade antes da chegada de Tommy. Passaportes com diversos nomes. Leon memorizou o endereço.

Mensagens de Bucareste enviadas via cabo diplomático, um elo da cadeia que levaria Alexei à costa e à entrega para Tommy. Leon traçou a rota mentalmente. Tal como tinha dito Alexei. Para os russos, seria muito mais fácil pegá-lo na costa, se soubessem. Isso comprovava que não sabiam. E não podiam saber, já que ele estava em transporte militar. Istambul seria a última chance.

Também havia uma breve biografia no arquivo, dos tempos de Alexei com Antonescu, dos malabarismos com os soviéticos após o expurgo, e ainda a fuga e a clandestinidade, as primeiras aproximações com norte-americanos, tudo isso já sabido por Leon. Nada sobre Străulești, nada desconhecido ou riscado do arquivo sobre nosso açougueiro.

A Número 15 era a segunda loja descendo do *hamam*, perto da mesquita de Kiliç Ali Pasa, em Tophane. Uma rua plana atrás do terminal de transporte, e uma loja onde só cabiam uma porta e uma vitrine. Nas fotos emolduradas e cobertas de pó, os rituais habituais da vida familiar: soldados rígidos em uniformes novos, casamentos no civil, circuncisões solenes de meninos com chapéus redondos e mantos brancos de cetim. Em algumas fotos mais antigas, homens enevoados com barretes na cabeça e de olhos fixos na câmara. Fotos montadas. Com um pequeno letreiro, Enver Manyas oferecia alguns cenários ao fundo — o pavilhão de um jardim e a ponta do Seraglio, vistas do Bósforo. Mas a maioria dos clientes devia optar por telas mais baratas.

Leon abriu a porta, e o tilintar da campainha trouxe um homem baixinho de ombros arredondados e com óculos de aro de metal. À primeira vista, ficou surpreso. Depois manteve a cabeça baixa.

— *Efendi*.

— *Merhaba*. Manyas Bey?

O homem meneou a cabeça, ainda cauteloso.

— Um trabalho para você. Da parte do sr. King — disse Leon, em turco.

Manyas olhou fixamente para ele, agora com o rosto recomposto e impassível.

— Estamos sozinhos? — perguntou Leon.

Outro meneio de cabeça, na expectativa. Leon enfiou a mão no bolso e puxou o passaporte de Alexei.

— Sr. King está morto — disse Manyas.

— Sim. Tomei o lugar dele. — Leon estendeu o documento. — Está interessado? Mesmo preço.

Manyas olhou para o passaporte.

— Ele não usou esse.

— Mudança de planos.

— Romeno. Em viagem para a Turquia. Trouxe outra foto?

— Mesma foto. Agora, ele é turco. Em viagem para a Grécia.

Manyas refletiu por um instante, juntando os pontos. O homem da foto permanecia lá.

— Quanto tempo demora?

Manyas observou a foto e passou o dedo no selo.

— Ainda será judeu?

— Se isso torna a coisa mais fácil para você.

— Isso não tem a menor importância para mim. É uma questão do espaçamento. O comprimento do nome. Um judeu turco. Barouh. Sayah. — Manyas sugeriu esses nomes.

— Barouh. — Leon aceitou a identidade de cara.

— E o primeiro? Izidor. Nesim. Yusuf.

— Nesim, esse é melhor.

— Está bem. Nesim Barouh. Em viagem para a Grécia. Algo mais? — Manyas olhou para o alto. — Mesmo homem?

— Tudo o mesmo — respondeu Leon. — Quanto tempo?

— Preciso encaixar o selo. Na foto.

— Amanhã?

— Tem pressa?

— Metade agora? Metade amanhã? — disse Leon, pegando a carteira.

— E o outro? — disse Manyas, observando a contagem das notas.

Leon se limitou a olhar para ele.

— Claro, entendo, agora já não é... mas o trabalho está feito. Não vai me pagar pelo trabalho? Ainda faltam duzentas liras. Se o trabalho não estivesse feito, entendo, mas já que está...

Leon esperou.

— Um momento. — Manyas se dirigiu ao quarto dos fundos e retornou com um envelope. — Sabe, quando recebi a notícia, achei que não haveria mais dinheiro. Mas este exigiu uma papelada especial, uma despesa. E o mercado negro... não está propício para trabalhos assim. Já não está mais.

Leon tirou o passaporte do envelope. Norte-americano.

— Veja a impressão. Excelente, sem diferença nenhuma.

Leon abriu o passaporte. Russell Brooks, nascido na Pensilvânia, um selo impresso sobre o homem da foto. Tommy. Leon se manteve com o rosto impassível. Tommy encomendara o trabalho para si mesmo. De repente, o silêncio ficou suspenso na loja, como poeira.

— Duzentas liras? — disse, apenas para dizer alguma coisa.

— Foi o combinado. Nenhum trabalho de estúdio; portanto, uma economia. Impressões duplas. Se não fosse possível usar a mesma foto...

— Mesma foto?

— Como as outras. As outras duas.

— As outras duas — repetiu Leon pausadamente, sondando o caminho. — Nomes diferentes?

— Sim, claro, diferentes.

— Tommy tinha três passaportes? — Leon pensou em voz alta.

— Sempre útil, não é? — disse Manyas, casualmente. — No trabalho dele.

Leon olhou para o passaporte.

— Ele também ficou devendo por esses dois?

— Não, não, isso foi no ano passado. Só por este. Se quiser... posso trocar a foto, como um favor, gratuito, já que ele está morto. Foi um bom trabalho nesse passaporte. Seria uma pena desperdiçar...

— Depois lhe digo o que fazer. — Leon enfiou o passaporte no envelope. — Só posso trazer as duzentas liras amanhã. Não tenho essa quantia comigo agora. Tudo bem?

— Claro — disse Manyas, em tom formalmente educado e com a cabeça inclinada, como um traficante do Bazar. — E a quem eu tenho o prazer de servir agora?

— A Tommy. Ainda por conta dele.

Lá fora, Leon clareou a cabeça por algum tempo. Por que Tommy precisaria de outro passaporte? Para ser outra pessoa. Para atravessar a fronteira como outra pessoa. Mas o próprio Tommy tinha dito que voltaria para casa. A menos que alguma coisa desse errado em Bebek. Uma carta a mais para o inesperado, um ás na manga, caso tivesse de sair às pressas. Como qualquer outro faria. Mas ele não tinha apanhado o passaporte e, portanto, teria de recorrer a um dos outros. Ou seja, ainda estavam em algum lugar, outros Tommys. Não na mesa do escritório. Em casa, com Barbara? Será que Barbara sabia? Mas Tommy não tinha encomendado passaportes para Barbara. Se precisasse fugir, sair da Turquia, ele faria isso sozinho.

Leon seguiu de táxi até o banco na praça Taksim. Sacou dinheiro para cobrir as despesas com Manyas e com a viagem para Edirne, e depois desceu o bairro de Tarlabası Caddesi em direção à oficina mecânica. O carro precisava de reparos. Se deixasse o carro na oficina, teria outro emprestado por um ou dois dias? Ainda havia carros reserva naqueles dias? De qualquer maneira, era sempre possível conseguir algum quando se pagava uma boa taxa. Frank sempre alardeava que ali era a terra da propina.

Subiu de volta ao consulado, sentindo o passaporte no bolso da camisa. Por que a visibilidade de um passaporte norte-americano? Mas que outra nacionalidade Tommy poderia ter? Um búlgaro com chapéu de lã? Enquanto isso, Jianu mudava de nacionalidade de minuto a minuto, como um camaleão. Tommy nunca mais seria outra coisa. Talvez um desertor sem esperança, se as coisas chegassem a esse ponto. Qual teria sido o destino de Russell Brooks?

A princípio, um momento de choque. Parecia Alexei curvado sobre a mesa da secretária de Tommy — o mesmo cabelo grisalho, o mesmo corte militar, a mesma jaqueta de uniforme, como certamente Alexei se apresentava em dias passados. Alguns cochichos discretos. Só quando se voltaram para a porta é que surgiu à vista o rosto carnudo e quase indefinido de um homem, que não era Alexei, embora os cabelos grisalhos de fato se parecessem.

— Sr. Bauer — disse Dorothy, constrangida e nervosa.

Uma observação mais atenta: jaqueta da Marinha apertada à cintura, muito velho para estar na ativa, mas nem por isso menos galanteador. Dorothy, cerca de trinta anos, de óculos e com o cabelo preso no alto da cabeça, talvez feliz pela atenção.

— Meu marido — disse ela.

— Jack Wheeler. — Ele estendeu a mão. — Não leve a mal... Acabei de chegar de Ancara e pensei em dar uma passadinha aqui.

Leon balançou a cabeça.

— Jack é adido na marinha — explicou Dorothy.

— Em Ancara?

— Pois é — disse Wheeler. Assunto de família. — Poucos navios. Mas muitos almirantes. Sempre estou onde me mandam estar. Sempre vivo de um lado para o outro. Só de vez em quando passamos a noite juntos. — Olhou para Dorothy, que por sua vez desviou os olhos, outra vez constrangida. — Esposas da marinha. Pelo menos não estou no mar. Mas agora, que estão arrumando as coisas aqui na Commercial Corp... Quanto tempo você vai ficar aqui? — Era o que todos no consulado queriam saber.

— Ainda não disseram.

— Coisas da guerra. Fazemos nossa parte. Mas logo chegarão outras garotas e as esposas serão mandadas de volta para casa. Estará em Ancara antes de se dar conta disso.

— Claro — disse Dorothy calmamente.

Wheeler sorriu.

— Ela disse que você poderia estar em Omaha se quisesse. Pelo menos as ruas são seguras por lá. Que coisa terrível, ser baleado dessa maneira. Um norte-americano.

— Jack, eu o vejo mais tarde — disse Dorothy, pegando uma prancheta.

— Ela não é incrível? Compenetrada no trabalho. Bem, também acho que é a coisa certa a se fazer. Prazer em conhecê-lo. — Wheeler estendeu a mão novamente. — Quanto mais cedo ajeitar as coisas por aqui, melhor para mim. Cuide bem da minha garota aqui.

— Jack... — disse Dorothy.

— Faremos todo o possível — respondeu Leon.

— Que horror essa coisa. Logo nas ruas. Você não o conhecia? — disse Wheeler, olhando para Leon.

— Só de vista — disse Leon. — Todo mundo conhecia Tommy.

Wheeler esperou mais um pouco e depois balançou a cabeça.

— Bem, sairei da sua cola. Até mais tarde — disse, despedindo-se de Dorothy com um aceno.

— Já tenho a lista que você queria — disse ela a Leon, acenando discretamente para Wheeler e enxotando-o com os olhos. — Mas não sei se entendi o que você quis dizer com Atenas. O sr. King nunca ligou para Atenas.

— Nem para o contato que tinha na embaixada de lá?

— Não havia embaixada na Grécia. Estava ocupada — disse ela. — Bem, não está mais, claro.

— Ele não tinha nenhum contato lá? — Alguém que ajudara Alexei a passar pela fronteira.

— Posso conseguir um número principal, caso precise falar com alguém. Isso ajuda?

— Achei que havia uma ligação. Com este escritório. — Usando a mesma cobertura...

— Não que eu saiba. Só temos de lidar com a Turquia. Às vezes ele ia até Ancara. Só uma vez foi a Izmir, para checar as empresas. Mas não ia à Grécia. Não enquanto estive aqui. — Ela fez uma pausa, passando a mão no cabelo. — Posso saber por que está perguntando isso? Quer dizer, ainda não sei se entendi o que você está fazendo aqui. Todos estão nervosos como gatos desde... desde a morte do sr. King. A polícia fazendo perguntas, o sr. Bishop chegando e agora... — Não terminou a frase.

— E agora, eu. Sente-se. Também não sei o que estou fazendo aqui. Xeretando, talvez. De qualquer maneira, é o que Frank quer de mim.

— Sobre o sr. King? Foi uma vítima.

— Mas não de um assalto. Você sabe. Por isso preciso saber de alguma coisa que possa... — Ele a olhou. — Preciso de sua ajuda. Você o conhecia melhor que ninguém.

— O que o faz pensar isso? — disse ela, erguendo a cabeça, subitamente indefesa enquanto, por um momento, os olhos deles se encontraram e ele percebeu. Ambos silenciaram, surpresos. Entrelharam-se de novo, agora negociando. Outro fragmento secreto da vida de Tommy. Fins de semana... onde? No próprio escritório? No meio de tanta gente, Tommy. Como ela seria sem os óculos e sem os grampos de cabelo? Será que estava arrependida? Um momento de fraqueza ameaçou explodir no rosto de Dorothy. Wheeler enxotado do escritório.

— Só quis dizer que trabalhava com ele — disse Leon. Um segredo entre os dois.

Ela desviou os olhos.

— Nos dois trabalhos.

— Não entendi o que quer dizer com isso.

— Entendeu, sim. Seu marido faz parte da equipe da embaixada. Ou seja, trânsito livre na segurança. E você também estaria fora de investigação. Foi um ajuste natural.

— Eu era uma esposa norte-americana com o tempo nas mãos. Capaz de datilografar oitenta palavras por minuto.

Ele ergueu a mão antes que ela continuasse.

— Não. Também trabalhei para ele. Ou você já sabia disso?

Entrelharam-se outra vez, e depois ela cruzou os braços no peito, numa trégua.

— Pelo visto, você pensa que ele... fazia confidências para mim. Não era assim. Eu só fazia o meu trabalho, só isso. Ele nunca me falou disso.

— Nunca?

— Nunca. — Ela o enfrentou com os olhos, estabelecendo limites.

— Mas você devia saber. Tudo passava por você.

— Nem tudo. Algumas coisas só ficavam com ele. — Um leve sorriso. — Ele era assim. — Ela olhou para o alto, tomando uma decisão. Um olhar direto. — O que você quer saber?

— Nós estávamos trazendo alguém. Sabia disso?

Ela hesitou e assentiu com a cabeça em seguida.

— Quem mais participou?

— Não sei. Ninguém mais.

— Mas deve haver alguém mais.

— O sr. Bishop assumiu o arquivo da operação. Pode dar uma olhada lá.

— Já olhei. Que tal uma agenda?

Um sorriso malicioso, quase cúmplice.

— Ele nunca me pediu isso.

— No meu escritório, Turhan registra todos os meus passos. Dia após dia.

— Vou pegar — disse ela, levantando-se.

— E a chave para isso aqui também. — Leon apontou para uma gaveta fechada.

Dorothy balançou a cabeça e girou o corpo para sair, ao mesmo tempo que tirava os óculos. Apenas agradável, uma mulher comum, sensível o suficiente para que se desejasse conhecê-la melhor. Ou seja, Tommy a fazia se sentir especial. Mistérios das outras pessoas.

Ela voltou com um calendário e uma agenda de telefone cor-de-rosa.

— A sra. King telefonou — disse, de cara amarrada. — Quer marcar uma hora. Para pegar as coisas dele.

— Tudo bem.

— Sabe, ele nunca levava nada para casa. — Ela assumiu um ar levemente desaprovador. — Dizia que era mais seguro aqui.

Leon pegou a agenda.

— Fechávamos os arquivos durante a noite. A equipe da limpeza... ele era rigoroso em relação a isso. Sei que ele gostava de beber, mas não falava disso, nem para mim. Também não falava do trabalho.

— Do que falava, então? — disse Leon, folheando as páginas. Hora após hora, todos os compromissos agendados, mas sem os encontros aleatórios no corredor e sem os drinques no Park.

— Como assim?

— Guerra? Política? — Uma pergunta à toa e aleatória.

— Política? — ela repetiu. — Tommy? Nem sei se ele era democrata ou republicano. Nunca falou disso. Mas você se referiu a este lugar? À Turquia? Bem, só há um partido, não é? Portanto, não há muito a dizer. Não acho que ele se importava com isso. Neste escritório, não se podia. Aqui se lidava com todos os tipos.

— Hum. — Ele balançou a cabeça, passando o dedo na página. — Olhe isto aqui. Ele conhecia todo mundo no prédio.

— Bem, sabe como é, departamento comercial. — Ela esboçou um sorriso. — Mas isso também era a cara dele, o jeito dele.

— O noivo em cada casamento.

— O quê?

— Uma expressão.

Ela deu alguns passos, subitamente perdida.

— Não se esqueça de ligar para a sra. King — disse ela, e lhe entregou a chave. — Da gaveta. — E esperou enquanto era aberta.

— Como pensei. — Ele tirou uma garrafa. — Escondeu a bebida aqui dentro. Não se vê uma destas desde a guerra.

— Foi ele que trouxe. Mas nunca o vi beber. É muito cara. Ele era econômico. Ao menos com o dinheiro dele. Remuneração de trabalho... algo assim. De qualquer maneira, trouxe isto também. — Ela mostrou outra pasta. — O sr. Bishop não pediu esta pasta. Talvez encontre alguma coisa aqui. Bem, vou voltar ao telefone. — Passou a mão na pasta de despesas, protelando. — Ainda quer saber do que falávamos? Da casa, algumas vezes. A que teriam quando chegassem à terra natal. Ele e a sra. King. Imensa. Com lavabo no andar de baixo. Ele dizia que um lavabo era um toque de classe na casa. Assim não precisariam ir ao andar de cima. Ele sempre me dizia isso.

Leon ergueu os olhos, surpreendido pela voz embargada.

— Talvez estivesse guardando isso para a ocasião. — Dorothy apontou para a garrafa. — Ou algo

assim.

— O que é isto? — Ele puxou algumas pastas do fundo da gaveta.

Ela abriu uma das pastas.

— Então era aqui que ele as colocava. Isso me intrigava. Não as queria junto com os outros arquivos.

— Por quê? — Leon examinou a pasta. — Informações cruzadas para a Junta do Comitê de Distribuição? Conselho de Refugiados de Guerra?

— Ele dizia que um dia seriam história, mas, por enquanto eram... de maneira não estritamente ilegal, apenas confidenciais. Ele se orgulhava disso. Sabe, os outros pensavam que o conheciam. — Ela ergueu a cabeça. — Mas ele era mais do que os outros pensavam. Um lado que ele escondia de todos.

Leon ergueu a cabeça.

— O sr. Hirschmann, do Conselho de Refugiados de Guerra, trouxe um monte de crianças de fora. Foi Tommy que providenciou o visto de trânsito para o trem. Caso contrário, elas não teriam recebido autorização. A rigor, não cabia ao embaixador solicitar esse tipo de coisa, e então o sr. Hirschmann recorreu a Tommy para fazer isso. Trezentos dólares cada. Nunca me esqueci disso. Imagine só, comércio de crianças. Sem ele, não se conseguiria alugar os barcos turcos. Foi assim que ele ficou sabendo de você. Sua esposa trabalhava para um dos grupos que recebiam refugiados. Ainda está fazendo isso?

— Não.

— Mas foi assim que ele ficou sabendo que você estava em Ancara. — Dorothy olhou para a pasta de despesas novamente. — Boa sorte com isso — disse, baixinho, olhando nos olhos de Leon. — Nem sempre ele era o homem mais sensível do mundo, mas também tinha esse lado. Não merecia ser morto.

Leon sentiu uma queimação na ponta das orelhas, sem saber o que dizer.

— Ninguém merece — disse, por fim.

— Claro que não. Ninguém merece.

De repente, ele a imaginou entrando na sessão de um júri, ao lado de Barbara e Frank, com todos olhando dentro dele. Era fácil mentir, uma mentira levava a outra, até que todos acreditavam. Tommy também tinha mentido a todos.

Alguns minutos depois, Frank chegou com os olhos radiantes.

— Dê uma olhada. Gülün realmente trouxe alguma coisa. Já rastrearam outra arma.

— Que outra arma?

— Tommy estava com duas armas. Mas, por que diabo precisava de duas? Não faz sentido algum.

— Não faz sentido — repetiu Leon na defensiva, imaginando uma cena onde armas eram plantadas por Tommy nas mãos mortas dele mesmo e de Alexei.

— Olhe só. Uma arma romena.

— A que ele disparou?

— Não. Essa era turca.

— Turca? A dele não era norte-americana?

Frank anuiu com a cabeça.

— Mas uma arma turca não poderia ser rastreada até aqui. Sem conexão norte-americana, caso acontecesse alguma coisa.

— Onde ele a conseguiu?

— É como comprar um maço de cigarros, segundo Gülün. Mas não esta gracinha. — Frank apontou o dedo para o relatório policial. — Não é muito fácil conseguir uma arma romena. — Olhou para cima. —

A menos que um romeno esteja envolvido.

— Acha então que é do Jianu?

— E você não acha? Talvez Tommy o tenha revistado... talvez tenha feito isso... ora, veja, talvez seja melhor ficarmos com isso até... De qualquer maneira, é muito ruim. Isso indica que Jianu estava desarmado quando os russos chegaram. Eles pegaram Tommy, e o cara não teve a menor chance.

Era quase possível ouvir o cenário arquitetado pela cabeça de Frank, detalhe por detalhe. Bem plausível.

— E aonde isso nos leva? — perguntou Leon.

— Não muito longe. Mas as duas armas já não intrigam tanto. Então, uma coisa a menos. — Frank cravou os olhos na pasta aberta sobre a mesa de Leon. — Oh, as crianças... — exclamou. — Ele fez cópias disso? Não era para fazer.

— Pode ler de cabeça para baixo? Isso é que é talento.

— O papel timbrado. Hirschmann tinha o próprio timbre. — Frank pegou uma folha e observou-a. — Quer dizer que agora você já sabe. Acho que isso não importa mais.

— Sei o quê?

— O que você estava carregando — disse Frank, casualmente. — Tommy sempre o usava para os negócios com Hirschmann.

— Esses aí? — perguntou Leon. — Por quê? Por que não enviou por malote?

— Ele nunca explicou? Queria distanciar o embaixador. Por malote seria oficial. Conectado. Distribuído. Dessa maneira, Steinhart poderia dizer que não sabia de nada. O que achava que estava carregando? Um plano de invasão dos aliados?

— Claro que não. — Leon desviou os olhos, inusitadamente envergonhado, lembrando-se do trem, alerta em sua cabine, sentindo-se importante. Pegou a pasta. — Conselho de Refugiados de Guerra? Distanciar o embaixador de quê?

— Lembre-se de como era no ano passado. Os búlgaros, os romenos... Hitler já não tinha cara de vencedor. De alguma forma, todos faziam cara de bonzinhos para os aliados, pensando no futuro. Sabe por que Eichmann aproximou-se de nós? Estava a fim de negociar caminhões para os judeus de Budapeste. Os quais não foram para lugar nenhum... mandar material bélico para os nazistas? — Frank tocou na pasta, rememorando. — Mas Hirschmann forçou a renúncia de Morgenthau no Tesouro. Do contrário, estaria negociando com o inimigo... o qual continua sendo o que era; tecnicamente, o dinheiro estava mudando de mãos. Dessa maneira, poderia fazer os negócios dele. Ele disse que retirou quinze mil. Talvez tenha sido menos, ele gosta de exagerar. Mas não cabia a nós saber. Nada de malote. Então, Tommy mandou você. Sem ligação com a embaixada. Se alguém descobrisse, bem, você tinha uma esposa no negócio. Seria natural que estivesse envolvido nesse processo.

— Por ela — disse Leon, forçando um tom neutro. Tommy também usava Anna. — E se os turcos...

— Protegeríamos você — disse Frank. — Que diabos, você estava fazendo aquilo por razões humanitárias!

— Pouco importando se eu sabia ou não. — Leon olhou para as pastas. — Então, era sempre assim? O que eu fazia?

— Não — disse Frank, olhando-o. — De maneira nenhuma. Mas você era perfeito para isso. Já sua mulher...

— Ele pensou em tudo — Leon refletiu em voz alta. — Tudo isso só para proteger o rabo de Tommy.

— Bem, de Steinhart. A embaixada não podia se aproximar disso.

— Por que não?

— Os russos. Como sempre. No mesmo minuto em que Steinhart negociasse com alguém do Eixo, os

russos chegariam à conclusão de que estaríamos tentando fazer a paz separadamente. Antes da chegada deles. O que provavelmente era o que Antonescu queria, mas tudo o que pedíamos era que algumas crianças pudessem sair. Hirschmann e os russos são suspeitos porque eles sempre são suspeitos, e gostam que seja assim. Ou seja, o trabalho pesado teria de ser feito por um conhecido que não os deixasse nervosos. — Frank abriu a mão. — Tommy. Sabiam de tudo que ele fazia. Sabiam que ele não estava negociando a paz.

— Sabiam dele? Como?

— Quando chegamos aqui, surgiu uma ideia maluca de trocarmos informações, você sabe, de aliado para aliado. Mas isso acabou sendo uma via de mão única, o jeito como eles sempre agem, e no final não se trocou muita coisa. Embora todos fingissem que estava tudo bem. De qualquer maneira, Tommy era o nosso lado. E eles o conheciam.

As bochechas de Leon tremeram. Um tique involuntário.

— Ele se reunia com os russos? Regularmente?

— Só no começo. Depois, só uma vez ou outra, para manter contato. Fingíamos que estávamos trabalhando juntos. Tommy cedia algumas coisas. Por exemplo, o mapa de um campo minado alemão no porto de Sulina. Foi um grande negócio. Já que o tínhamos em nossas mãos e isso não servia para nada, resolvemos ajudar os russos. O que não quer dizer que sempre nos davam algo em troca.

— Tommy negociava com os russos — disse Leon, em tom monocórdio e com ar abatido. Autorizado, sem encontros secretos nos bancos dos parques ou nos corrimões das barcas, sem se preocupar com a retaguarda.

— Bem, isso foi durante a guerra. Agora, ninguém negocia com ninguém. Mas, com isso, ele se tornou uma boa cobertura para Hirschmann. Hirschmann conhecia muita gente em Washington. Inclusive o FDR, você sabe, o presidente Roosevelt. O tipo de cara que coloca a palavra certa no ouvido certo e de repente você está de volta aos Estados Unidos. Não sei se deveria dizer, até porque Tommy está morto, mas você sabe que ele sempre almejou Washington. Talvez tenha pensado que Hirschmann era sua passagem de volta. E era, mesmo. Até que, naquela noite, os russos se colocaram no caminho.

— Na cidade, circulam rumores de que eles ainda estão à procura de Jianu — disse Leon, com displicência, algo que Frank acabaria ouvindo de um jeito ou de outro.

— Circulam rumores de tudo — retrucou Frank, com desdém. — Cortinas de fumaça. Os russos são bons nisso. Já estão com ele. Eu quero aquele que não está com eles. O que denunciou Tommy. Ainda está aqui. Sinto isso. — Frank olhou de relance para o relógio. — Estou atrasado para o encontro com o cônsul. Caminhe comigo.

No corredor, Leon não pôde deixar de perguntar:

— Essas reuniões que ele tinha com os russos. Duravam alguns minutos? O que era conversado? — Queria alguma prova.

— Minutos? — disse Frank, sorrindo. — Essa coisa? Um almoço, talvez. Um drinque no Pera. Por acidente. Isso não dura *minutos*.

— Mas depois ele contava a você o que era conversado.

— Só o que valia a pena. Ele achava que tudo o mais era um desperdício de tempo... bem, também achávamos.

— Por que Tommy? Quero dizer... ele era voluntário para isso?

— Fui eu que lhe pedi. — Frank se pôs de frente. — Eu estava na mira dos soviéticos.

Leon se deteve por um segundo, e a ficha caiu quando dobraram uma esquina.

— Então... Jianu... essa operação era sua?

— Fui informado. — Frank se mostrou vago, distanciando-se outra vez.

— Alguém mais em Ancara? As coisas acabam se espalhando.

— Não havia nada para ser espalhado. Todos os detalhes estavam a cargo de Tommy. Horário, saída. O procedimento. Era mais seguro para ele. Pouquíssimos sabiam.

— Sem apoio?

— Cabia a ele consegui-lo.

— Mas não conseguiu — disse Leon, rondando o assunto. — Então, ele era o único que sabia.

— Seria mesmo o único? — disse Frank. — E não encontrará a resposta dentro. — Apontou para o arquivo na mão de Leon. — Velhas histórias de guerra. Também não a encontrará em Ancara. Esse outro está aqui. — Deteve-se. — Katherine.

Ela estava encostada à mesa e prestes a sair, de salto alto e chapéu de abas largas, esperando o sol, e não o inverno de Istambul.

— Ei-lo — disse. — E eu achando que estava atrasada.

Frank olhou para ela, sem se lembrar.

— Para o almoço. — Ela o fez lembrar. — O almoço que me prometeu.

— Para dizer a verdade...

— Esqueceu e agora está ocupado. — Ela deslizou pela mesa e a saia subiu um pouco, oferecendo um vislumbre de uma peça branca.

Leon a observou. Jaqueta cinza aberta sobre uma blusa de seda branca, o brilho do batom avermelhando o cabelo e tornando-o mais escuro. Olhos verdes, e não mais um truque de luz.

— E depois você retorna a Ancara e não terei mais a chance de sair, a não ser que Barbara saia comigo. — Ela encolheu-se, uma pose de efeito, e olhou para Leon. — Por que não se junta a nós? Fico sentada, quietinha como um rato, enquanto vocês confabulam, só mordiscando o meu queijo.

— Não posso. Estou acorrentado à minha mesa. — Leon virou a cabeça para Frank, agora no papel de supervisor. — Além disso, tenho a festa de Lily. Não quero ficar sem assunto.

— Você não vai ficar. Não com Katherine — disse Frank, inesperadamente brincalhão. — Essas pessoas que estarão na festa são suas amigas? Precisamos ser...

— Lily governa Istambul. Pelo menos as festas. Todos estarão lá.

— E nenhum embaixador — disse Kay. — Para variar. Não terei de representar o meu país.

— Você sempre está... — Frank se conteve, com ar pomposo. — Bem, ela está morrendo de vontade de ir. — Olhou para a esposa, com ar apaixonado. — Acabaria se convencendo de que é sua primeira festa. Tudo bem, o almoço. Mas primeiro uma palavrinha com o cônsul. — Olhou para o relógio outra vez. — Por que não almoçamos aqui por perto?

— No Pera? Eu mesma posso fazer o serviço de quarto. — Ela tirou um papel de dentro da bolsa. — Ginny me deu uma lista. — Olhou para Leon. — Você deve conhecer todos esses lugares. Troika?

— Fica perto daqui — disse Frank.

Leon balançou a cabeça.

— Alguns poucos quarteirões. Russo. Você vai gostar.

— Tudo bem, tudo bem. Só preciso de dez minutos — disse Frank, saindo.

Kay encostou-se à mesa e de repente só se ouvia o relógio de parede. Silêncio constrangedor. Leon começou a tamborilar na pasta e, quando ergueu os olhos, era como se a presença de Kay o puxasse pelo braço. Ela o olhava do mesmo jeito que o olhara no Pera. Outro momento de silêncio, quebrado quando ela desviou os olhos.

— Russo — disse. — Que engraçado. Quer dizer, aqui...

— Russos brancos. Muitos vieram na década de 1920.

— Outra coisa que eu não sabia. Outra camada?

— Observe a varanda quando estiver lá. Duas senhoras tricotando. E uma outra atrás do caixa. Elas se revezam. Todas louras. Bem, antes era assim.

— Estão lá todos os dias?

— Ficam de olho no lugar. É delas. Antes, eram dançarinas. Depois, amigas de Atatürk.

— Amigas — disse ela, olhando-o.

— Amantes — respondeu ele, curvando-se.

— Ao mesmo tempo?

Entreolharam-se, divertidos.

— Isso eu não sei — respondeu Leon. — Mas ele as presenteou com o restaurante quando se cansou delas. Então, elas ficaram com alguma coisa. E a história segue adiante.

— É isso que fazem aqui? Frank também me daria um restaurante caso se cansasse de mim?

— Talvez não.

— Não? — Ela recuou. — Bem, sorte minha. — Pegou a bolsa. — Qual é o traje da festa? O que Lily veste habitualmente?

— Algo esvoaçante.

— Esvoaçante.

— Pois é, longo e... esvoaçante. Como um sári indiano. Não sei descrevê-lo de outra forma. Nas festas, ela sempre parece deslizar.

— Já é uma ajuda. Portanto, nada de jérsei. Talvez vá de patins e flutue com ela.

Leon sorriu.

— Ficar bem em qualquer coisa. — Apontou para a roupa que ela vestia. — No que quiser.

— Só um homem diria isso.

— Diria o quê? — perguntou Frank, chegando.

— Que não importa o que se veste — respondeu Kay, subitamente nervosa, como se pega em flagrante.

— Pronto? — Ela o pegou pelo braço.

— E não importa. Você está sempre bonita.

Ela revirou os olhos.

— Isso porque você nunca olha — disse ela, brincando.

— Cuidado com o frango Kiev — disse Leon. — Transborda manteiga.

Ela arqueou as sobrancelhas, sem saber se era uma piada. Apreendeu o que ele dizia com os olhos e depois saiu com Frank.

Leon a observou enquanto se afastava, sem deslizar, os saltos altos quicando pelo extenso piso de madeira e fazendo as pernas longas e elegantes se inclinarem levemente para a frente. Ela nunca devia usar patins. Talvez já tivesse sido uma garota sardenta. E agora caminhava de salto alto e blusa leve. Havia alguma coisa no ar. Fora abandonada em Ancara, onde Frank espionava os russos.

Olhou para a pasta. Um monte de transtornos a enfrentar, mantendo distância do embaixador. Um lado desconhecido de Tommy, o melhor lado. Como pesar todos os lados de alguém? O que os russos tinham oferecido a ele? Dinheiro, alguma ideia? Mas ele também se orgulhava de outra coisa, segundo Dorothy. O mesmo homem que tentara matá-lo em Bebek.

Só depois de haver chegado ao escritório leu o conteúdo da pasta. O que carregava no trem agora era história. Mesmo assim, por que manter isso trancado? A guerra havia acabado. Tommy simplesmente se esquecera? Continuou lendo, na esperança de encontrar alguma coisa, mas só encontrou o que já havia sido descrito por Dorothy e Frank, a Junta do Comitê, mensageiros clandestinos, negócios desesperados.

Olhou para a gaveta. Por que naquela gaveta? Por que a garrafa? Todos sabiam que Tommy era chegado a uma bebida, isso não era segredo. Abriu a gaveta. Outros arquivos iguais aos já lidos. Folheou-os.

Mesma coisa. Olhou dentro da gaveta vazia. Nem a garrafa nem os arquivos, nada disso valia a pena trancar. Nada mais dentro da gaveta. Começou a fechá-la. Talvez apenas um dos joguinhos do mesmo Tommy que codificava o alfabeto. Espere um pouco. Tommy também tinha a mania de esconder coisas.

Depois de puxar a gaveta por inteiro, algumas batidas na parte inferior. De repente, sentiu-se um tolo. Fundos falsos? Nem mesmo Tommy. Apalpou ao longo das laterais e retirou a gaveta dos trilhos. Apalpou a parte de trás e caiu alguma coisa.

Um envelope colado com fita adesiva no fundo e distante dos trilhos para que a gaveta não emperrasse ao ser aberta. Arrancou um pedaço da fita adesiva e puxou o envelope. Era do consulado e não estava selado. Com dois passaportes dentro. A mesma foto utilizada por Enver Manyas. No primeiro, Tommy era Donald Price, de Rhode Island; no outro, Kenneth Riordan, da Virgínia. Carimbos de entrada na Turquia, sem dúvida outra obra de Manyas, mas nada mais. Tommy não saía do país.

Por trás de cada passaporte, uma tira estreita de papel. Outro código de Tommy, dessa vez sem recorrer apenas ao alfabeto. DZ2374, AK52330. Leon fixou os olhos e tentou decifrar. Nada. Absurdo. Tudo pareceu um absurdo. Sentado à mesa e uma gaveta virada de cabeça para baixo, e ainda por cima olhando aqueles números sem sentido. Mas eram números que faziam sentido para Tommy. Encomendara passaportes e não viajara.

* Carregador, em turco. [N. E.]

* Despedida equivalente a “adeus”, em turco. [n. e.]

Kanlica

— Nem me passava pela cabeça que ainda houvesse ricos assim — disse Kay, olhando para além da proa da embarcação.

Mais adiante, um cais à frente da *yali* de Lily. A residência de persianas abertas cintilava à luz de lampiões enfileirados, a fachada neoclássica branca se refletia na água. O clima estava a favor de Lily. Noite suave. Mais primaveril que de inverno. Mas, na embarcação, o frio fazia Kay se encolher dentro de um casaco de astracã. Àquela altura, ela estava curiosa demais para se abrigar dentro da cabine.

— O estaleiro de Vassilakos — disse Leon.

— O marido dela era grego?

— Não, turco. Cipriota. O primeiro proprietário era grego. Foi adquirido pelo marido de Lily durante a mudança da população. Manteve o nome, mas foi ele quem construiu a empresa.

— Que mudança da população?

— Depois da guerra com a Grécia. Em 1923. Mandaram as etnias gregas de volta para casa. Aconteceu o mesmo com os turcos do lado de lá. Fizeram isso à revelia de todos. Eram pessoas que tinham passado uma vida inteira aqui. Foi um mau momento. Lugares como Izmir, para onde você vai. Isso continua sendo uma ferida aberta. De qualquer maneira, Refik aproveitou a oportunidade e comprou.

Kay ergueu os olhos, querendo ouvir mais, e depois olhou para a residência, como se estivesse animada demais para ser arrastada até o passado.

— Olhe aquela de volta — disse, enquanto uma lancha vazia se aproximava.

— E outra atrás. Meu Deus, quantos barcos estão fazendo isso?

A *yali* de Lily situava-se nas proximidades de Kanlica, no lado asiático. Era muito frequentada por conta do iogurte. Ela própria providenciara uma pequena frota de lanchas para transportar todos os convidados.

— Isso é muito usado aqui — disse Leon. — Só se anda de barco. Está vendo aquela *yali* vizinha? Com aquela cobertura enorme? Os barcos trafegam por baixo, como em Veneza.

— Pelo visto, não mais — retrucou ela, observando a residência escura, já com a metade do forro de madeira tombado. — O que aconteceu?

— Fogo. As *yalis* antigas são todas de madeira. Aquecidas por braseiros. Uma brasa ardente... e o fogo queima tudo. Pena que aconteceu isso com aquela. Era tão antiga quanto a de Köprülü, era uma *yali* realmente clássica. Estão acabando aos poucos, uma a uma. Algumas vezes, são incêndios criminosos para receber o seguro. As pessoas não podem mais se dar ao luxo de mantê-las.

— Exceto Lily — disse Kay, observando a residência à frente. Empregados de paletós brancos ajudavam os convidados que chegavam em lanchas, as lanternas se refletiam nas ondas e piscavam de volta. Olhou para Leon, agora com os olhos à luz. — Obrigada. Por ter me trazido.

Ele abaixou a cabeça, numa reverência simulada.

— O prazer é meu. Sem dança, se quer saber. Fofoca quase o tempo todo. Tomara que não fique entediada.

— Nunca estive menos entediada na vida. — Ela esboçou um sorriso. — Isso até me faz imaginar que uma abóbora pode chegar aqui e me levar embora.

Ele fingiu que consultava o relógio.

— Ainda não. Lembre-me de lhe mostrar o jardim antes de sairmos. É famoso.

— Nesta época do ano?

— Pois é, pode imaginar.

De repente, um cenário imaginado por ele, a primavera no Bósforo ao lado de Anna; tudo em flor, pés de olaias e de lilás, laburnos amarelos, cerejeiras e castanheiros verdes de galhos vergados, o perfume exalado o atordoava. Anos antes, quando ambos eram outras pessoas. Ele girou a cabeça e Kay ainda estava deslumbrada com a residência. Com a mesma ansiedade de Anna em dias passados, tagarelando e olhando para ele enquanto Lily conversava ao longe, uma piada íntima, apenas entre os dois. Falamos das estações, pensou consigo, como se pudessem se repetir, retornar, mas não retornaram. Uma primavera esvaída, irrecuperável, uma foto de álbum, rostos sorridentes que não sabiam o que estava por vir.

— O quê? — disse Kay.

— Nada. — Leon sacudiu as recordações. — Sabia que às vezes os sultões iluminavam o jardim com tartarugas durante as festas? Colocavam velas em cima dos cascos e as deixavam passear. Centenas.

Ela olhou para ele.

— Você sabe cada coisa.

Ele ajudou-a a sair do barco e entregou-a à mão estendida de um criado, e os que estavam na cabine fizeram uma fila atrás deles. Ele olhou para o estreito de Rumeli Hisari, um pouco acima da estrada onde Alexei desembarcara. Já não estava mais deserta como antes. Os táxis se amontoavam e deixavam os convidados para a festa de Lily. Enquanto isso, Alexei fumava em Laleli, atento aos ruídos no corredor e andando em círculos ao redor do tabuleiro... a não ser que estivesse bisbilhotando as saídas de novo. Faltava muito para que tudo acontecesse? Pegaria os papéis com Manyas e estaria tudo acabado.

— Você estava certo — disse Kay, olhando pelas portas abertas. — Ela desliza.

Lily recebia os convidados ao lado de uma fonte no centro do salão de recepção. Conversava com Georg Ritter e com um tipo corpulento que Leon não conhecia. Vestia uma túnica de seda cujos bordados de ouro cintilavam quando o corpo se mexia, o cabelo soprado pelo vento mantido com um coque no alto da cabeça, dois pentes luxuosos como joias se incumbiam disso.

— Leon. — Ela se aproximou, seguida por um menino que carregava o casaco. — Que maravilha. Você a trouxe! Fico muito feliz — disse para Kay, pegando-a pela mão. — Como está bonita. Que vestido lindo. — Enquanto ela lançava um olhar de apreciação para o vestido, Leon a observava. Era a primeira vez que a via sem casaco. Um vestido longo e branco com um decote profundo em V preso à cintura por um cordão de prata, um broche simples de borboleta à altura do ombro. Um pedaço de vermelho descaía do cabelo. Granada, ele adivinhou.

— Obrigada por me receber. Sua casa... — Kay fez uma pausa, subitamente sem graça. — Eu nunca tinha visto uma *yali*.

— Mas talvez já saiba que não é uma das mais antigas. É do século XIX, época em que todos estavam apaixonados pela França. — Apontou para a fachada. — Aquela outra ali...

— A que se incendiou?

Lily balançou a cabeça.

— Pobre Selim. Aquela, sim, era autêntica. Era do período das Tulipas. E agora se foi. Ele diz que vai restaurá-la, mas nunca fazem isso, não é? Constroem algo novo. Conhece o dr. Ritter da universidade?

Uma *éminence grise*.

— Grise? *Blanche*. — Georg apontou para o próprio cabelo. Segurou a mão de Kay. — De qualquer forma, encantado. Leon, eu torci para que estivesse aqui.

Depois de ser apresentado, Georg apresentou o outro homem.

— Ivan Melnikov — disse para a roda. — Sra. Bishop. Leon Bauer.

— Melnikov? — disse Leon, involuntariamente, ouvindo a voz de Alexei.

— Sim, me conhece? — A voz do homem soou direta e contundente demais para o clima espumante da sala. Um tipo que daria uma topada nos móveis. Um rosto largo e marcado pelo tempo, esburacado por cicatrizes de acne, provavelmente de anos passados.

— Não. O nome me pareceu familiar; só isso.

— É um nome comum. Sra. Bishop. O Bishop da embaixada?

— Viu só? — disse Lily. — Todos conhecem todos em Istambul.

— Você conhece o Frank? — perguntou Leon, curioso.

— Já nos conhecemos. — Melnikov voltou-se para Kay. — Ele está aqui?

— Não. Ancara. Só estive em Istambul por alguns dias.

— Uma mulher bonita e sozinha em Istambul. — Melnikov balançou a cabeça em negativa, um gesto teatral, uma tentativa de cortesia. — Nenhum russo permitiria isso.

— Estou acompanhada. — Kay apontou para Leon.

— Ele? Acompanhante? — disse Georg.

— Não acha que estou segura com ele? — Ela se soltou um pouco mais.

— Sim, segura. Se está nas mãos certas, talvez nem tanto.

— Uau — exclamou Lily. — E quem você indicaria? Você próprio? — Olhou para Kay. — Claro que ele sabe tudo de Istambul. Mas nenhuma reputação está segura com ele. — Provocação e elogio a um gordo e envelhecido Georg.

— Talvez acabe me oferecendo para o maior lance. Como a garota de Oklahoma!

Pela neutralidade das expressões, Leon poderia apostar que era uma referência ininteligível, mas Lily riu por via das dúvidas.

— Então, talvez seja melhor escolher Melnikov. Um verdadeiro paxá. Foi ele que trouxe o caviar. Imagine, em Istambul, onde ninguém consegue isso. Por amor ou por dinheiro. Uma lata inteira. — Um olhar astuto para Leon. — Ninguém traz presentes como esse para as festas.

— Para uma graciosa anfitriã.

— Coma um pouco antes que eles comam tudo — disse Lily para Kay.

— Eu também. — Georg ofereceu o braço a Kay. — Vamos comer caviar.

— Sempre galante na hora da comida. — Lily pegou Kay pelo outro braço. — Vou protegê-la. E também vou exibi-la. Um prêmio especial, uma mulher nova.

Leon esquadrinhou a sala depois que eles saíram. De fato, poucas mulheres, a maioria europeia. Nos velhos tempos, elas estariam na outra parte da casa, degustando *sorbet* e café enquanto observavam a festa pelas grades de treliça.

— Já sei que está trabalhando com Bishop — disse Melnikov, deixando de lado a conversa anterior.

— As notícias correm depressa — disse Leon, de guarda baixa.

— Talvez por isso tenha ouvido o meu nome.

— Talvez.

— E o de Tommy King. Outro amigo de vocês.

Leon olhou de relance para ele.

— Todos conhecem todos em Istambul — disse, olhando na direção de Lily.

— Um velho camarada. Já nos encontramos algumas vezes. Durante a guerra.

— Ah. — Leon se mostrou evasivo. Os drinques no Pera, as trocas de informações que Frank nem imaginava.

— Precisávamos sobreviver à guerra. — Melnikov deu de ombros. — Claro que agora você quer encontrar o cara que fez aquilo.

— Bem, é um caso de polícia. Certamente esperamos...

— Também quero encontrá-lo — disse Melnikov, em voz baixa, quase um grunhido. — Georg conversou com você sobre isso.

Leon olhou para o russo atentamente.

— Foi você? Quem ofereceu a recompensa?

— Você trabalhou com Tommy. Um homem de aluguel. Por que não comigo? Para vingar a morte do seu amigo. Talvez um dinheiro ajude. São tempos difíceis. — Melnikov fez uma pausa. — Esse cara pertence a nós.

— E por que eu o entregaria para você? Caso o encontrássemos.

— Por interesse próprio. Os norte-americanos o querem. Mas nós o queremos muito mais. Portanto, estamos dispostos a pagar. Eles estão?

— O que o faz pensar...

Melnikov gesticulou.

— Você pode deixar sua bandeira de lado. Um homem como você...

Leon sentiu calor no rosto.

— Sei lá onde está esse cara — disse, calmamente.

— Mas acabará sabendo. Ainda mais agora, que está dentro. De qualquer maneira, é uma aposta que fazemos. O cara não está recebendo proteção de um estranho. É alguém que faz parte do negócio. Ainda não sabe quem é? Quer um incentivo para descobrir? Dinheiro suficiente para levar a esposa de volta para a América. É uma oferta razoável.

Só então Leon notou que o russo tinha um rosto duro e vivido e os olhos de um conhecedor que estivesse comprando alguém.

— Vá para o inferno — exclamou.

Melnikov silenciou por um momento e desviou os olhos.

— Então, mensagem dada. Você sabe como fazer. Como ser mensageiro.

— Mensagem para quem?

— Para quem estiver com esse cara.

— Se soubesse...

— É importante. — Melnikov o interrompeu. — De qualquer maneira, vamos encontrar e matar esse nosso amigo. — Olhou nos olhos de Leon. — E quem o está protegendo também. Se nos entregarem o cara... a situação muda. Caso contrário, ambos estarão mortos. Diga isso ao interessado. Mataremos os dois.

Leon se conteve. Era melhor não reagir. A frieza de uma sentença de morte, como um soco no ombro. O ar congelou. Melnikov encarou Leon, sem emoção. Quantos ele já tinha matado?

— Isso é uma mensagem paga?

Melnikov assentiu.

— Se preferir assim. Nada é muito caro para nós. — Ergueu as sobrancelhas. — Cheguei a pensar que poderia ser você. Um dos homens de Tommy. E me perguntei por quê? Para negociar Jianu? Obter um preço melhor? E depois Bishop o coloca dentro para ajudar. Ele não é um tolo. Ou seja, não era você. Só teremos então de pagar por uma mensagem.

— Não terá de pagar por nada.

— Seja como for, passe a mensagem. — disse Melnikov, com voz gutural. — Para quem está ajudando.

Só assim poderá salvar uma vida.

— Para você? De qualquer maneira, você o mataria. Por esporte.

Os olhos de Melnikov se nublaram, como se ofendidos, e depois se projetaram por sobre o ombro de Leon.

— Lá está Georg. Sozinho. Já deve ter acabado a mamata.

Georg, taça de champanhe na mão, arrastando-se em direção aos dois, pés pesados e semblante envelhecido.

— Gostou do caviar? — perguntou Melnikov.

Georg beijou os próprios dedos.

— Então é melhor me apressar, antes que acabe — disse Melnikov.

— O convidado devora o próprio presente? — comentou Leon.

— Não sou muito educado. Não passo de um simples soldado. Nunca aprendi boas maneiras.

— Lily está muito grata. — Evidentemente, Georg referia-se ao presente.

— Conversa interessante. — Melnikov acenou para Leon em despedida.

— É mesmo? Sobre o quê? — perguntou Georg.

Melnikov o ignorou e se afastou, mas se deteve em seguida.

— Sr. Bauer, fica por sua conta... se aceita o dinheiro.

Ele saiu andando novamente, seguido por Leon, agora de costas para Georg.

— Que tal uma resposta? Como uma espécie de pagamento?

Melnikov se deteve outra vez.

— Qual é a pergunta?

— Por que esse seu amigo romeno atirou em Tommy? Se Tommy estava lá para...

— Sim. — Melnikov o interrompeu, com um movimento de lábios, quase um sorriso. — Faço ideia do quanto os norte-americanos querem essa resposta.

— E você não?

— Uma especulação. Tommy descobriu.

— O quê?

— Que a informação dele não valia nada. Alguma coisa não estava bem e ele começou a suspeitar. Ele tinha uma mente assim.

— Tommy?

Melnikov assentiu.

— Um homem desconfiado.

— De você, talvez.

— De mim, com certeza. Era o trabalho dele. E logo de Jianu. Tommy morre no minuto em que Jianu vê isso. O cara é fantasioso, o Jianu, mas se protege bem.

— Fantasioso. Claro, é exatamente o que você quer que a gente pense.

— Mas vocês não vão pensar assim. Vão acreditar nele. Em tudo que ele diz. Na verdade, isso é bom para nós. Já discutimos isso. Que os norte-americanos fiquem com ele e com as mentiras dele.

— Mas você o quer de volta.

— Uma questão de disciplina. No fim das contas, é o mais importante. Um traidor? — Melnikov balançou a cabeça em negativa. — Que morra — disse categoricamente. — E ele vai morrer.

— Ainda Stalingrado.

Melnikov olhou para Leon como se não esperasse pelo comentário, mas não respondeu.

— E então, já respondi? — disse, retirando-se.

— O que foi isso? — perguntou Georg, apreensivo. — Essa conversa toda. O que isso tem a ver com Stalingrado?

Leon se virou para ele.

— Esse sujeito atirou em seus próprios homens. Os nazistas não fizeram isso.

— Por derrotismo. Deslealdade ao partido. — Uma resposta automática, seguida por um desvio de olhos. — Ele foi um herói de guerra.

— Hitler também foi. Para milhões de pessoas. Depende de onde você está sentado. Cristo, Georg, você trouxe esse sujeito até Lily?

— Foi ela que me pediu para trazê-lo.

— Um tipo como esse?

Georg deu de ombros.

— Ela organiza encontros. É para o que servem as festas. Para que as pessoas se conheçam.

— E quem quer conhecê-lo?

— Sei lá. Você dá muito crédito a este seu velho amigo aqui. Por que me confidenciariam isso? — Georg olhou para o alto, um sorriso leve, uma oferta de paz. — Por favor, essas coisas. Você sabe onde me coloco. Sou um marxista.

— Mas ele não é. Ele é um bandido. Já não consegue enxergar a diferença?

Georg deu um passo atrás.

— Você só está aborrecido. Ele lhe disse alguma coisa?

— Você sabe o que ele faz? Você se tornou um garoto de recados dele.

— Leon.

— Faz parte da dialética. É isso?

— Aceitar contradições? Sim.

— Fui ameaçado de morte. Sou seu amigo. Como concilia isso?

— Foi ameaçado de morte por ele?

— E pelo visto você também acha que farei qualquer negócio se acenar com uma nota de dólar na minha cara. De onde ele tirou essa ideia? De você? Foi você que disse para ele que eu podia ser comprado?

— Comprar. Algumas informações chegam até você. Golpe de sorte. Por que não lucrar com isso?

— Merda de sorte. — Leon olhou para o alto. — Comprar, Georg. Você fez uma oferta igual. É assim que você pensa.

— Ele me pediu. Não é um personagem tão bom assim. Como você mesmo diz. Então, fiz.

Ambos silenciaram, esperando que o clima se abrandasse.

— Por que continua fazendo isso? — disse Leon, por fim. — Um tipo como esse...

— Ele é um nada — disse Georg. — Mas a guerra... eu queria ajudar. — Georg olhou para o alto. — Você não?

— Ajudar a quem? A esse país na sua cabeça?

O rosto de Georg se descontraiu.

— A Rússia não está no topo — continuou Leon. — Essa Rússia não é real.

— Talvez seja real para mim — retrucou Georg, em tom sereno.

— Mas esse sujeito é. E as pessoas que ele matou também são. Só existe isso agora naquele lugar.

Georg olhou para a bebida.

— Aqui, não. — Apontou um dedo para a tábua. — Você não sabe como era. Faríamos tantas coisas. Sabia que conheci Rosa Luxemburgo? A corrente da história, o que tínhamos nas mãos, segundo ela. Nós

poderíamos varrer... — Fez uma pausa. — Foi quando eles surgiram, os Melnikov. Talvez já estivessem lá. Fiquei sabendo após Trótski. Mas a ideia de manter a chama viva... Estaria certa? Não sei. E agora é tarde demais para outra ideia. — Fez outra pausa enquanto terminava a bebida. — Não se ofenda. Não é pessoal.

— Você foi o primeiro amigo que tivemos em Istambul.

Georg pegou Leon pelo braço.

— E sou o único que mudou?

Leon não disse nada, de novo concentrado nas vozes ao redor e na música turca que soava de uma alcova.

— Antes era diferente — continuou Georg. — Tudo era diferente. Quem continua sendo o mesmo? Talvez Anna. Só ela continua a mesma.

Leon soltou o braço, o nome soou como uma intrusão física e os separou. E a balbúrdia da festa pareceu ainda mais alta.

— Você precisa levá-la para casa — disse Georg, ecoando Melnikov, a mesma isca, ambos na mesma posição.

Leon olhou fixamente para ele, cabelos brancos e bochechas coradas, agora também apanhado, todos diferentes, exceto Anna.

— Onde consigo o dinheiro? — perguntou, ainda olhando fixamente para Georg, que desviou os olhos de constrangimento.

Leon atravessou o salão em direção à entrada do jardim, uma área de piso rebaixado, teto arqueado de madreperlas e alguns sofás. Dois homens que fumavam um narguilé olharam para o alto, esperando que ele passasse para retomar a conversa.

O jardim estava mais frio que o esperado. Acendeu um cigarro e olhou para a casa iluminada e movimentada. Os convidados entravam e saíam da sala de jantar, alguns carregavam pratos de *meze*. Os empregados transitavam por entre os convidados, com bandejas de copos e taças de champanhe. Uma típica festa de Lily, onde se negociavam licenças de importação e se plantavam histórias no jornal *Hürriyet*, além dos acordos fora dos canais oficiais. Festas que eram excitantes durante a guerra, quando havia alemães naquele mesmo salão, bebendo o mesmo vinho, oficiais britânicos recém-chegados de Alexandria e romenos com cara de lugar nenhum comprando e vendendo. Não seria de espantar se Melnikov estivesse tramando em meio a taças de champanhe o que não podia ser dito no escritório. Mas Melnikov não estava à vista, provavelmente fora engolido pela multidão.

As festas de antes eram mais frívolas, eram eventos para fotos nas colunas sociais, mas talvez fossem iguais às de agora, pequenos mercados, muitas negociações, e Leon ingênuo demais para perceber. Ambos ingênuos, ambos aliviados porque tinham saído da Alemanha. Flores e noites do Bósforo, doces aspectos de uma felicidade maior. Lá dentro, perto de uma janela da sala de jantar, uma saia farfalhante o fez lembrar do vestido que Anna comprara para a primeira festa. “Como estou?” Satisfeita consigo mesma, radiante, achando que o vestido era um sucesso, quando o verdadeiro sucesso era o brilho na pele, só por ser jovem.

— Todos são tão gentis — disse ela. — Não acha?

— Todos gostam de uma cara nova.

Os dois estavam à sombra de um pinheiro, e o odor de resina fresca tornava o ar pesado.

— E para você? Já não é tão nova assim.

— Não — disse ele, acariciando-a nas bochechas.

Ela se enroscou na mão dele, como uma gata.

— Oh, é errado ser tão feliz.

— Não, não é.

— Pense nos meus pais.

— Eles vão sair.

— Comprar vestidos. Festas. Champanhe. Quem é que desfruta isso agora?

— Você — respondeu ele, sem parar de acariciá-la.

— Não é terrível? Estou tão feliz. — Ela olhou nos olhos dele. — Se dependesse de mim, nada mudaria. Mas vai mudar.

— O quê?

— As coisas. Tudo muda. — Ela olhou para o alto, sorrindo. — Você, talvez não. Tão teimoso. Sorte sua, não é? — disse, em tom gutural, uma inflexão alemã que nunca perderia, como uma impressão digital. Fixou os olhos na festa. — Como essa mulher conhece tanta gente?

— Marido rico. Isso traz um monte de amigos.

— Não. Eles gostam dela. Olhe só.

Naqueles dias, aos seus olhos novos, todos eram encantadores no salão de dança iluminado. Talvez os dois simplesmente ignorassem aquilo, as apresentações em surdina, as conspirações, tudo. Só tinham ouvidos para os vestidos farfalhantes e para as vozes que se espraiavam até o jardim.

— É verdade? Ela estava num harém? Para conhecer alguém assim...

— Você também poderia estar num harém. — Ele se aproximou com o rosto, já querendo voltar para casa, era um daqueles dias em que acabavam não tendo o que queriam ter um do outro.

— Oh, uma dançarina. Com uma daquelas calças transparentes. E eu, uma *hausfrau*, uma dona de casa.

— Ela olhou para ele com um brilho nos olhos. — Frau Bauer. O que teria acontecido se você não tivesse chegado à Alemanha?

— Você teria encontrado outra pessoa.

— Não. Eu teria esperado.

— É mesmo?

Ela balançou a cabeça.

— Eu teria esperado.

Por uma fração de segundo, a memória tornou-se tão real que era como se a respiração de Anna lhe soprasse no rosto. Ele jogou fora o cigarro. Eram tempos em que a sorte estava com ele. Mas talvez ainda restasse um pouco. Georg não mencionara o golpe de sorte em relação a outra coisa? Contornar o tabuleiro. Tommy estava morto e ninguém sabia de nada. Uma palavra, um endereço para Melnikov, e Alexei sumiria do mapa e ninguém saberia de nada. Dinheiro no banco, novo começo, por um homem que não valia a pena salvar. Novo começo para Anna. Talvez uma chance para ela voltar. E ele ainda com sorte e limpo, enquanto Frank revirava o consulado, cada vez mais frio no que rastreava. Ninguém o apanharia. Leon moveu as peças humanas de um tabuleiro imaginário em busca de algum erro. Jogo em linha reta, nenhuma peça espreitava de viés. Exceto Melnikov, que talvez usasse isso para colocá-lo em xeque-mate, e também Georg, que agora trabalhava para o russo por uma ninharia.

— Um centavo pelos seus pensamentos.

Ele se voltou para a casa, com a visão embaçada, fora de foco.

— Está bem, uma lira turca — disse Kay, observando-o, de cotovelo dobrado e encostado no batente da porta, cigarro à mão e fumaça subindo em espiral em volta do rosto. — Duas liras?

Ele sorriu, de volta ao presente.

— Não vale a pena. Há quanto tempo está aí?

— Aonde você vai? Quando resolve sair de si?

— Apenas devaneios sobre as festas de Lily. Sobre como eram no passado.

— Eram diferentes? — Ela caminhou até ele.

— Na verdade, não, acho que não. Só pareciam diferentes.

— Eram todos mais jovens — ela comentou; era uma suave provocação.

Leon abaixou a cabeça.

— Isso e também esbanjamento de dinheiro. Baldes de caviar.

— Você poderia ter me enganado. — Kay desviou os olhos para a festa. — Eu não tinha ideia de que ela havia esbanjado até o último centavo. Quer dizer, meu Deus, uma fonte no meio da sala de estar.

— *Sofa* — disse ele em turco, acrescentando quando a viu intrigada. — A sala principal. — Apontou para uma área de estar. — Acho que para nós teria mais a ver com a palavra. Com um braseiro no meio para aquecer, como de praxe. E a fonte no jardim. Exibicionismo do construtor. De qualquer forma, imagem do tradicional. Você seria recebida na *sofa*. — Fez um aceno de guia turístico. — A maioria era conduzida para lá. Mas os convidados de honra eram conduzidos para o *selamlık*, o espaço dos homens.

— E as mulheres?

— Do outro lado. — Ele apontou. — Onde agora é a sala de jantar. Está vendo as alcovas ao redor da sala principal? Elas ficavam lá. Sem móveis, não do jeito que está. Muitas cadeiras. Isso agora é uma miscelânea. Como Istambul. A cidade não consegue decidir o que quer ser.

Kay olhou para a casa.

— Já me senti assim algumas vezes. Nunca se sentiu assim? — Olhou para ele. — Não, acho que não. Não você. Homens. Nos meus tempos de menina, eu odiava quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse.

— E o que respondia?

— Ora... enfermeira, na maioria das vezes. Precisava dizer alguma coisa, do contrário ninguém me deixaria em paz.

— Mas o que você queria?

— O que eu queria? — Ela repetiu. — Casar, se bem me lembro. Queria segurança.

— Então, conseguiu o que queria. — Foi uma pergunta dissimulada.

— Sim. — Ela olhou para ele. — E o que você queria ser?

— Sei lá. O que os meninos querem? Excitação. — Ele olhou para o alto. — Não segurança. Bem, e também segurança.

— Claro. — Ela pegou um cigarro, ainda de olho nele e conversando alguma coisa consigo mesma.

— Está gostando da festa? Não deixe que Lily abuse de você.

Ela balançou a cabeça.

— Até parece que sou outra pessoa. Neste burburinho.

— Outra pessoa.

— Está querendo dizer que não vai durar? Não me importo. De qualquer maneira, depois volto para casa. E deixo de lado o vestido novo. Claro que você não notou. Assim como Frank. Coloco um vestido destes e você nem repara.

— Reparei, sim. — Ele olhou para o decote aberto.

Ela girou a cabeça e largou o cigarro.

— Eu não quis dizer isso. — Hesitou. — Ou talvez sim — Olhou novamente para ele. — De qualquer maneira, você não é como Frank, ou é?

— Não.

— Não — repetiu ela, sem tirar o olho dele. — Fico à vontade para dizer certas coisas a você. Não sei por quê. Mas de repente me inibo — disse, com um fio de voz.

— O quê?

— Antes. Eu estava lá dentro e só conseguia pensar... — Ela se deteve, respirou fundo e o agarrou pela camisa. — Faça alguma coisa por mim. — Sob a luz vinda da casa, os olhos verdes se refletiram nos olhos dele outra vez.

Ele olhou para ela, na expectativa, até que as mãos quentes dela o puxaram pelo rosto. Um roçado de lábios, uma pressão suave, um teste, até que ela abriu os lábios com um desejo urgente e o arrebatou. Ele a puxou pela cintura e se colou de corpo inteiro a ela, numa reação de excitação que a pegou de surpresa. Ele então recuou e logo se viu novamente puxado pelo rosto até o rosto dela, os lábios ainda abertos, as bocas agora molhadas e sôfregas. Ambos recuaram ao mesmo tempo e se entreolharam sem fôlego. Apenas um beijo no jardim. Ambos calaram. Leon enrijeceu.

Foi o primeiro a se mexer. Pegou um lenço, ainda de olho em Kay, e limpou o batom da boca lentamente. Fora uma linha cruzada. Isso não se repetiria. Eles não eram adolescentes. Ela estendeu a mão e limpou um canto úmido da boca com o mesmo lenço, agora íntimos, como se tivessem acabado de fazer sexo.

O rumor da festa lá dentro pareceu distante, o ar no jardim estava parado, o silêncio só era quebrado pelos sons da noite, farfalhantes. Ele guardou o lenço e olhou através das portas-balcão. Zanzavam de um lado para o outro, conversavam uns com os outros, o dr. Obstbaum olhava diretamente para eles. Leon sentiu o sangue pulsar pelo corpo todo, uma onda de pudor. Obstbaum girou o corpo. O pudor tornou-se apreensão, o médico poderia ser indiscreto, o beijo seria mais que um beijo e eles não estariam mais seguros.

— O que houve?

— Um conhecido.

— Ele viu?

— Acho que sim.

— Bem... — disse ela suavemente, querendo continuar e procurando-o com os olhos.

— Médico da minha esposa.

— Oh. — Ela se afastou um pouco, respingos em direção aos dois.

— Sinto muito — ele disse. — Quer dizer, por constrangê-la em público dessa maneira.

— Ele não me conhece. Só conhece você — respondeu ela. — Para todos os efeitos... — Chegou mais perto. — Foi ideia minha.

— Ainda assim.

— Ainda assim. — Ela olhou para ele, agora de olhos castanhos, apenas manchados de verde.

— É melhor sairmos daqui — disse ele.

— Um minuto. Só um minuto. — Esperando o ar se recompor em volta, aguentando firme.

— Olhe... — Ele não terminou a frase.

— Nunca fui infiel ao Frank. — Ela o interrompeu com uma voz sem inflexão que o deixou sem saber o que ela realmente queria dizer. Como então responder?

— Até que enfim a encontrei. — A voz de Lily soou da escada. — Não se esconda. Todos querem conhecê-la.

— Já fizeram *isso* — disse Kay sorrindo. Um imprevisto, Leon recuou alguns passos.

Lily caminhou até eles.

— Um encontro no jardim — disse, de brincadeira. — Realmente, Leon. Como um jogo.

— Fui eu que o procurei — disse Kay. — Queria um cigarro. Sabe como as pessoas são... uma mulher fumando...

— Hum. Olhe só para elas. — Lily girou a cabeça em direção à festa. — Roubando maridos. E a prataria também. Ficaria surpresa com elas. Mas se ofendem com o cigarro. — Voltou-se para Leon. —

Estou interrompendo alguma coisa?

— O que estaria interrompendo? — respondeu ele, sorrindo, mas ainda abalado. Tentava se proteger.

— Claro, nada. Se fosse eu, uma reputação estaria em jogo — disse Lily, divertida e observando-os.

— Ainda não — disse Kay, casualmente. — Apenas um cigarro.

— E aquele seu russo? — Leon mudou de assunto. — O que trouxe o caviar.

— Sim, pois é, um horror. Mas, agora, é importante. Não muito *distingué*, mas não são todos assim, os novos? Lembra-se dos alemães? Claro, gente terrível, mas o cônsul era encantador. Quatro línguas.

Diferente dos japoneses. Está lembrado, Leon? Daqueles dois? Nenhuma palavra sequer. Nunca. Só se curvando. E depois, como pássaros, murmurando em cima da comida.

Kay deu uma risada.

— E como eram os norte-americanos?

— Ah, sisudos. Sempre sisudos.

— Sempre? — disse Leon à meia-voz.

— Sempre. Querem salvar o mundo. E para isso é preciso ser sisudo.

— Os russos também são sisudos — disse Leon. — O que eles querem fazer? Ou Melnikov não disse?

Lily lançou um olhar incisivo para ele.

— Todos sabem o que eles querem fazer — disse, voltando-se com ar suave para Kay. — Viu isso? Até Leon. Sisudo. Eu tinha tantas esperanças.

Kay balançou a cabeça sorrindo e, olhando para Leon, disse:

— Se bem que não é de se jogar fora, como os que estão em Ancara. Por enquanto.

Ele olhou para trás. Um tom diferente de Kay, íntimo. Alguém teria ouvido?

— Que nada — continuou Lily. — Por que estaria no consulado agora? — Cutucou carinhosamente o ombro dele. — O que isso significa?

— Só estou lá dentro.

— É mesmo? Disseram que agora você é detetive.

— Quem disse?

— *On dit*. — Lily souou de um jeito especial. — E já o encontrou? O assassino?

— Não.

— Nenhum suspeito?

— Seu novo convidado é o favorito de todos — disse ele, apontando para a sala de jantar. — Pelo menos no consulado.

— Mas como pode ser isso? Ele nem estava em Istambul naquela noite.

— Como sabe?

— Ora, as pessoas dizem coisas. Acham que não ouço. Sabe, em Yildiz... você aprende a ouvir. Cada som. Isso já faz tempo, mas nunca se esquece uma lição como essa.

— E o que mais estão dizendo?

Lily gesticulou.

— Fofocas. Por isso perguntei. Mas você não respondeu. Vamos entrar. Antes que comecem a fofocar. Quanto a mim, não ligo mais. Refik já não pode ouvir. Mas a sra. Bishop...

— Refik era seu marido? — perguntou Kay.

— Sim. E também ciumento. Ufa. Acho que isso o divertia. Alguns homens são assim. Acham que todo homem está...

— É bem provável que todo homem estivesse... — disse Leon.

— Mas eu me interessava por eles? Nunca. Claro que ele sabia disso. Talvez achasse que me sentia lisonjeada. Com o ciúme.

— Você era apaixonada por ele? — perguntou Kay.

— Que pergunta — disse Lily, subitamente hesitante, surpreendida. — Certamente. Mas o amor... nem sempre é confiável, não acha? Muda. E entre nós também havia uma dívida. Eu devia tudo a ele, minha vida. Como poderia haver mais alguém? Ele me salvou.

— Literalmente?

— Ah, é uma longa história. Não é para uma festa. Leon, você deve saber como Refik me encontrou. Depois do harém.

— Só o que ele fez.

— Conte-me — disse Kay. — Você se importa?

Leon olhou com ar ansioso e interrogativo para ela. Um beijo inesperado. Olhou com inquietude por cima do ombro dela. No mesmo jardim. Mas não propriamente o mesmo. Poucos pinheiros, as outras árvores podadas para o inverno, o laburno e as castanheiras apenas na mente, no passado.

— Posso? — disse Lily, o prazer de ter uma plateia. — Bem, há muita curiosidade em relação ao harém. Como era? Romântico? Não era assim. A casa em Yildiz? Ociosidade. Jogos com as outras garotas. O que aprendemos? Como agir. Como se vestir. E o que restou de bom quando acabou? Ninguém quer saber o que aconteceu depois. Ninguém se importa. Mandaram Abdul Hamid para Tessalônica. E lá estávamos nós e ninguém sabia o que fazer conosco. Centenas de garotas, algumas ainda crianças. E depois nos levaram para Topkapi. Foi a primeira vez que estive lá. Muita umidade, pelo menos Yildiz era quente. E depois enviaram mensageiros para as aldeias onde tínhamos nascido... a ordem era que pegassem as filhas e as levassem para casa. Alguns obedeceram. Agricultores e filhas vestidas como... bem, imagine as roupas que vestiam para o sultão, maravilhosas, e de repente teriam de voltar para as fazendas. Inúteis para o trabalho. Algumas não quiseram voltar. Que vida teriam? Fazer iogurte e casar-se em troca de um boi. Enfim, choraram e mesmo assim tiveram de partir. Os pais venderam as joias das filhas, e estas viram Istambul pela última vez. Depois, os campos. Se ainda fossem virgens, provavelmente teriam um casamento na cidade, com alguém que gostasse de boas maneiras. Se não fossem virgens, nada feito. Um casamento arranjado de última hora. As joias aumentavam o preço da noiva. E assim acabou a história dessas garotas no harém.

Lily fez uma pausa para pensar consigo mesma.

— Sei lá, talvez algumas garotas tenham se sentido felizes por rever as famílias. Algumas, pelo menos, não acha? Mas não presenciei isso. Só a tristeza. Nas carroças. Algumas partiram assim de Istambul. Com véus, é claro, mas se podia jurar que estavam chorando. Sabe... essas foram as sortudas. Alguém se importava com elas. Enquanto isso, o resto de nós se perguntava por que a família não tinha aparecido. Talvez tivessem mudado de aldeia. Talvez nem soubessem dos mensageiros. Talvez isso, talvez aquilo. Mas, no fundo, sabíamos que não éramos queridas pela família. E agora? Não poderíamos ficar em Topkapi para sempre. Daríamos muita despesa para o governo. O que acontece com uma garota em Istambul? Quem pode saber? Como se tornar atraente? Galata, uma daquelas casas, e o que mais? Se ainda fosse virgem, podia ser vendida na primeira noite. Dinheiro garantido. Depois disso, apenas mais uma na casa, uma das... você sabe o quê. Achei que seria o meu destino. Trancada nesse tipo de casa para ser vendida na primeira noite. E depois, o resto. Quem sabe o que isso realmente significa? Só se sabe pelas histórias que contam. Claro que deve ser pior. Foi quando me resgataram.

Lily olhou fixamente para Kay.

— Não foi Refik. Ainda não. O primeiro resgate se deu por intermédio de Nevber, uma das garotas. Os pais tinham morrido e ela implorou aos amigos que iriam adotá-la para que também me adotassem. A princípio se recusaram, só podiam pagar por uma filha, mas Nevber os convenceu a me levar como serviçal. Faria o trabalho doméstico, e o que mais quisessem. Uma serviçal, mas não jogada nas ruas.

Enfim, eles me levaram. Um trabalho danado, mas um lugar para viver. Em Izmir. Eram judeus, e isso me deixou em dívida com eles para sempre. — Olhou para Leon. — Foi por isso que ajudei Anna quando ela precisou de dinheiro para os barcos. Depois, Nevber se casou e mesmo assim continuaram comigo na família. Metade filha, metade serviçal. Mas sem dinheiro para arranjar um casamento. Que futuro, então? E, depois, Refik. Apareceu na casa a negócios e me viu. Um cipriota. O que acontece entre as pessoas? Alguém sabe? Eu não sei.

— Não — disse Kay. — Isso apenas acontece.

Leon observou-a, um tanto boquiaberta, absorvida pela história. Faça alguma coisa por mim. Colada nele.

— Também aconteceu com ele — continuou Lily. — Por quê? Não sei. Alguns dias depois, ele estava de volta e depois de novo e depois me disseram que ele queria se casar comigo. Sem dote, sem família, não importava. Sem arranjos, uma garota no quarto... eles nunca aceitariam isso. Casamento. Então, minha primeira noite foi com um marido, não naquelas casas em Galata. — Acenou para Kay. — Amor? Não propriamente. Mas começava uma dívida. E isso seguiu adiante. — Apontou para a *yali*. — Sabe, no harém, o único desejo de uma garota é ser uma *gözde*, uma que é notada. Abdul Hamid nunca reparou, eu ainda era muito jovem. Mas Refik reparou. Eu era uma *gözde* para ele. Às vezes me pergunto o que teria acontecido comigo se tivesse continuado no harém. Será que teria me tornado uma *kadive* para Abdul Hamid? Um homem velho e louco. Talvez agora não passasse de uma valde. — Balançou a cabeça em negativa. — Mas nunca teria a vida que tenho. Nunca teria conhecido Paris ou qualquer outro lugar. Então, sorte minha, Refik. Muito melhor que o sultão.

— *Gözde*. — Kay tentou pronunciar a palavra, ainda absorvida pela história.

— Sim. “No olho.” E eu era mesmo, de verdade. Então, mais tarde surgiram outras mulheres e acho que... bem, eram mulheres. Mas continuei sendo a única no olho dele.

— E não se importava quando... — Kay iniciou a frase.

— A princípio, sim, era terrível. Era o fim do mundo. Mas o mundo não acaba. Só se torna outra coisa. Lembro-me que fui a Sirkeci quando os otomanos finalmente partiram... os últimos, levando família, filhos e netos. Conhecia alguns desde os velhos tempos e estava curiosa. Foram colocados no Orient Express, só com passagem de ida, e uma mulher na estação, talvez uma serviçal, se debulhava em lágrimas e lamentos. Era o fim do mundo. Mas já faz vinte e quatro anos que o paxá Kemal iniciou a edificação de uma nova Turquia. E o que acabou? Bem, concordemos. Quem pensa assim? Mulheres velhas. — Ela deu uma palmadinha no braço de Leon. — Não crie problemas com meu russo. Sabe muito bem que todos são recebidos em minha casa.

— Quando seu marido morreu? — perguntou Kay.

— Antes da guerra. Alguns meses depois de Kemal. Disseram que isso tinha partido o coração dele. Os dois eram muito chegados.

— Kemal...

— Atatürk — disse Leon.

— Outro leão — disse Lily, sem ironia. — Agora, vamos. Vamos comer. Hacer passou o dia inteiro cozinhando. Ah, lá está Ivan.

Leon seguiu-a com os olhos. Do outro lado das portas, Melnikov conversava, de cabeça inclinada, com o coronel Altan.

— Ele encontrou um amigo — disse Leon. — Talvez seja mais sociável do que pensamos.

— Pziu — exclamou Lily, exigindo bons modos. — E agora Georg. Sempre quando não é bem-vindo.

Ela saiu andando em direção às portas e o interceptou antes que chegasse a Melnikov, e depois o levou deslizando até a sala de jantar, uma sequência perfeita de passos de dança. Por quê? Por que deixar

Melnikov e Altan conversando a sós? Um encontro propiciado por ela? Aparentemente, Melnikov parou de falar, e Altan, que antes prestava atenção, fez um meneio quase imperceptível de cabeça e olhou fixamente para Leon por cima do ombro de Melnikov — só um lampejo, depois se recompôs, todos repararam.

— Que história — comentou Kay. — Chegou a conhecer o marido dela?

— Sim — disse Leon, ainda observando Melnikov.

— E ela? Era mesmo a *gözde* dele?

— Hum. O que ela não disse é que tinha catorze anos quando chamou a atenção dele. Imagine então o que ele viu.

— Catorze?

Leon balançou a cabeça.

— Não parece um romance? Mas, pelo menos, Lily fez o romance durar. E, depois, só vendo. Segundo os boatos, Atatürk também estava de olho nela.

— E? — disse Kay, intrigada.

— Duvido. Refik tinha emprestado muito dinheiro ao tesouro no passado, e eles realmente eram amigos.

— E ele tinha suas bailarinas russas.

Leon sorriu.

— Então, é isso. Claro, Lily gosta de alimentar o boato. Faz parte do seu mito.

— Tudo inventado?

— Não, não, é verdade. Refik era louco por ela.

— E por mais algumas.

— Não, só por ela. As outras não importavam.

— Acha isso possível? Um caso à parte não importa?

— Sei lá.

Ela olhou para cima, prestes a fazer uma brincadeira, e eles então se entreolharam.

— Acho que de alguma forma importava — disse ela, em tom firme. — A menos que ambos concordassem que não importava. Apenas algo... casual. Algo que se poderia deixar de lado. Sem dano para nenhum dos dois.

Ele esperou por um instante.

— Você não pensa assim.

— Por que não? A boa esposa? — disse ela, com ironia.

— Você não é?

— Sim. — Ela desviou os olhos. — O que estou fazendo, então? Por que você? Eu nunca soube disso. Como os outros fazem isso? Dão o número de um quarto? — Balançou a cabeça em negativa. — Sou uma boa esposa. Então, diga boa-noite, Kay, e muito obrigada pela festa. — Fez uma pausa. — Mas pensei o seguinte. Como seria?

— Comigo.

Ela abaixou a cabeça.

— Deus, olhe sua cara. Eu sei. Eu o estou constrangendo. Esposa entediada. Longe de casa. Direto do jardim da casa de Lily, como no teatro. Sem lua, mas pelo menos me poupei. Não sucumbi totalmente à pieguice.

Ele chegou mais perto e pegou-a pelo cotovelo.

— Pare. — A presença dela entrou por dentro dele outra vez, ainda que com um mero toque.

— Só preciso fingir que bebi muito, não acha? E amanhã volto a ser eu mesma novamente. Nunca disse

coisas assim. — Ela olhou para cima. — Nunca fiz isso antes, por tudo o que é mais sagrado. Com ninguém.

Silêncio enquanto os dois se entreolhavam, ruídos noturnos ao fundo, copos em brindes.

— Então. — Ela ergueu o braço. — É melhor entrarmos. Antes que você diga alguma coisa. E piore tudo. Olhe só, o homem que conversou com Frank ontem. — Apontou para Altan. — Está sempre por perto. — Falar, só para preencher o espaço, e depois parar e olhar para ele. Sorrir com discrição. — A iniciativa não foi só minha, ou foi? Talvez nós dois quiséssemos um pouquinho.

— Sra. Bishop — disse Altan, descendo a escada do terraço. — Murat Altan. Nós nos conhecemos no funeral.

De novo, o bigode fino, até que fique sob a luz.

— Sim, eu me lembro — disse Kay.

— Sr. Bauer. — Altan fez um cumprimento de cabeça.

— Já estou levando a sra. Bishop para dentro. Esfriou de repente.

— Coisas do Bósforo — disse Altan.

O que estava acontecendo? O que estava estampado no rosto de Kay? Ligeiramente sem fôlego, mas talvez fosse pelo frio.

— Se me permite pedir sua licença — disse Altan para ela. — Só uma palavrinha com o sr. Bauer?

— Eu já estava mesmo entrando para me abrigar. — Ela pareceu aliviada ao se afastar.

— O sr. Bishop já voltou para Ancara? — perguntou Altan a Leon, olhando para ela. — é uma cortesia acompanhá-la.

— Um pedido de Frank.

— Ah — exclamou Altan, revirando os olhos, talvez se divertindo por dentro, mas de rosto impassível.

— Parte do novo trabalho?

— Sem trabalho. Só ajudando até que mandem um substituto.

— Isso traz uma pergunta — disse Altan. — As atribuições que lhe davam...

— Acho que o que mais faziam era não me atribuir coisa nenhuma. Frank queria outra pessoa. De fora do consulado.

— Colocar o gato com os pombos. Bem, é uma ideia. Se ele confia em você. — Altan olhou para Kay, que ainda estava de costas.

— Frank me disse que estamos trabalhando juntos. Quer dizer, com o Emniyet.

— Cooperamos com todos. Mas, sim. É um caso especial. O esquivo sr. Jianu. E o que meu novo colega acha disso?

— Oficialmente ou pessoalmente?

— E não é a mesma coisa?

— Pessoalmente, acho que ele está morto.

— Acha mesmo? Duvido.

— Que ele esteja morto?

Altan assentiu com a cabeça.

— E que você ache isso.

— Por que não estaria morto?

— Pelas mãos de quem? Dele mesmo? Jianu? Não acho que tenha sido suicídio. Os russos? Seriam os primeiros a alardear para o mundo, uma grande pena em seus quepes. Um insulto para vocês... não seria? E ainda estão no encalço dele.

— Foi o que disse Melnikov? Por isso você queria falar com ele?

— Bem, ele disse isso. Eu mesmo ouvi. Não é um homem sutil. Conseguiria fingir se tivesse apanhado

o cara? — Altan balançou a cabeça em negativa. — Se vangloriaria. E os norte-americanos? Fazendo exigências em Ancara. Homens extras nos portos, na fronteira. Muita despesa. Mas claro que temos de fazer isso. Portanto, não está morto.

— Homens extras? — perguntou Leon, com voz firme.

— É preciso insistir — disse Altan, acenando para o garçom.

— Mas você não pode cobrir toda a costa.

— Acha que Jianu fugiria em um barco a remo? É possível, suponho. Dependendo de quem o esteja ajudando.

— Ajudando.

— Ele não sabe falar turco. Até ele precisaria de ajuda aqui.

— Alguma ideia de quem está ajudando? — perguntou Leon, com todo o cuidado, sentindo uma contração conhecida por trás do pescoço.

Altan deu de ombros, indiferente.

— Jianu chegou à Turquia durante a guerra. Talvez alguém que conheceu naquele tempo.

— Ele esteve aqui? Em Istambul?

— Não aqui. Em Ancara, uma vez. Edirne, duas vezes — disse Altan, familiarizado com os registros.

— Negócios do governo. Segundo os papéis dele, pelo menos. Apenas um dia em cada lugar. Um mensageiro, talvez. — Altan olhou para Leon. — Então, talvez um amigo dos velhos tempos. Já estamos investigando os romenos daqui. Um trabalho longo, serão necessários mais homens.

— Mas ele não pode voltar para a Romênia.

— Não pode. Para onde, então? Para o leste, teria de sair de trem e seria um alvo fácil. Uma viagem muito longa para o risco. Ele seria visto. E Bagdá, como seria para Jianu? Nada atraente, suponho. Grécia, mais provável. Ele viajou algumas vezes para Edirne. A primeira parada, vindo da Romênia, mas também da Grécia, talvez algumas viagens para negócios com os gregos, velhos companheiros. E na Grécia ele seria útil. Os gregos estão combatendo os comunistas do país. E poderiam comprar informações que ele tem... agora que você saiu da jogada. De fato, como disse, não podemos cobrir toda a costa, tantos lugares. Mas para onde iria o barco? Uma das ilhas, depois, provavelmente, Pireu. Então, um problema para o meu velho amigo Spiro. — Altan balançou a cabeça, com ar divertido. — Trabalhou para os alemães e agora para os gregos... esse cara sabe coisas de todo o mundo. Quem melhor para encontrá-lo?

— E como trabalha para os gregos?

— Segurança de Estado. Achei melhor alertá-los. Se Jianu tentar atravessar a fronteira por terra... por estrada, não por ferrovia, nós o pegaremos. Mas, se de alguma forma conseguir um pequeno barco, Spiro entra na jogada. Pessoalmente, torço para que consiga. E para que deixe os gregos cuidarem desse cara.

Ao ouvir essas palavras, Leon imaginou uma cena em que guardas checavam carros na fronteira de Edirne. Faziam isso com fotos fornecidas pelo Emniyet, que abrisse acesso aos dados sob pressão da embaixada. Condutores, agências de passagens, uma rede lançada sobre a Turquia. Do outro lado, gregos à espera. Observando as docas do Pireu. Listas de passageiros oriundos de Rodes, de Quios. Considerou que isso podia ser providenciado. E ele que não pensara em nada além de algumas horas de carro e de alguns guardas sonolentos em Edirne, olhando para os novos documentos de Enver Manyas e fazendo sinal para que passassem. O peito de Leon se apertou.

— Algum problema? — perguntou Altan, observando-o.

— Só pensando. Mas os gregos o mandariam de volta.

Altan suspirou.

— Sem dúvida. A polícia o quer aqui, pela acusação de assassinato. Por que os gregos o protegeriam?

Então, de volta. Mas sem que nenhum de vocês o pegue. Nós é que faremos isso.

— Melnikov não vai gostar disso.

— Nem o seu sr. Bishop. E quem está no meio? — Ele olhou para Leon. — Será bem melhor, sabe disso, se for encontrado por algum de vocês. A polícia? Fará com que seja julgado, o que ninguém quer. Considere o depoimento. O que poderia ser.

— Mas, se o encontrássemos, não poderíamos tirá-lo agora. Os bloqueios impediriam.

Altan balançou a cabeça.

— Vocês teriam de considerar uma solução alternativa — disse suavemente. Era uma conversa educada, embora com olhos incisivos, firmes.

Leon olhou para trás.

— Não trabalhamos dessa maneira.

Altan arqueou uma sobrancelha, sem retrucar.

— Mas Melnikov, sim — acrescentou Leon. Se ele o encontrar, acabarão os seus problemas.

— Mas não o encontrará.

— Por que não?

— Ele não saberia o que fazer. Um homem simples. Não faz sentido para ele. Então, espera que o Emniyet faça.

— Foi esse o teor da conversa?

— Ele está desapontado. Acha impossível que alguém desapareça. Acha que estamos trabalhando para os norte-americanos. E assim por diante — disse Altan, com displicência e de mãos agitadas. — Com essa turma, é sempre uma questão de culpa. É como eles pensam. Sem o fator humano.

Leon esperou que ele continuasse.

— Também não acha que geralmente é o caso? — disse Altan. — Há uma lógica e então alguém a perturba. Por quê? Motivo pessoal. Por que Jianu fugiu? Por que alguém ajudou? Para vendê-lo? Velhos camaradas, lealdade? Outra coisa qualquer. A gente leva isso em conta, mas Melnikov não o faz. As coisas são assim. Caso contrário? É necessário um corretivo, alguém errou. Conversa-se com ele, observa-se o personagem. Um crente convicto da racionalidade. — Deu de ombros. — Mas veja como eles vivem. Matam o próprio povo... isso faz sentido para eles. Um pouco de flexibilidade é melhor. — Um sorriso. — É o jeito otomano. Só nos resta então fazer o melhor possível.

— É o que você queria me dizer?

— Não dizer. Só conversar. Sacar o seu caráter. Não é tão fácil quanto com Melnikov. — Altan pegou um cartão no bolso do peito. — Fique com isto. Pode me encontrar neste número, se quiser um encontro. Não no consulado. Melnikov ficaria sabendo... e se ofenderia rapidamente. Em algum lugar neutro. Um hotel. Um encontro social. Como este.

— Por que nos encontraríamos assim?

— Sr. Bauer, estamos trabalhando juntos. Se encontrá-lo, vai precisar de nossa ajuda.

— Para matá-lo?

— Para tirá-lo daqui. Não é sua alternativa preferida? Então, precisamos de cooperação. Claro, se Melnikov ou Spiro o pegarem, estarei de mãos atadas. Vai me manter informado? Do seu progresso?

— Não sabe de tudo o que acontece no consulado?

— Nem tudo. — Altan sorriu. — Você tem uma natureza desconfiada. Talvez o sr. Bishop esteja certo ao tê-lo escolhido. — Acenou com a cabeça. — Use o telefone de casa, por favor. Podemos não ser os únicos com orelhas no seu consulado.

Leon continuou parado, olhando para o cartão, a balbúrdia da festa lá dentro ora aumentava ora abaixava. Uma linha direta com o Emniyet, o que até dias antes parecia surreal. Lembrou-se da reunião

que ele e Anna tiveram com a Gestapo e que antecedeu a autorização para a saída de Anna. Convocações habituais para a rua Prinz-Albrecht, mera formalidade, todos os papéis de saída em ordem, embora estivesse o tempo todo com a garganta seca e fechada e o suor escorrendo pelas axilas. E agora, de repente, na mesma mesa, integrando o exército secreto de Atatürk. Trabalhando juntos. “Vai me manter informado?”

Enfiou o cartão no bolso, esquadrinhando o jardim sob a noite, tanto o eixo principal à luz das velas nas lanternas como os outros caminhos no escuro. Apertou os olhos para enxergar melhor. Repassou a conversa para entender como Altan a tinha dirigido, juntando a isso o que tinha conversado com Melnikov. Ele o iria encontrar. Mas não queria isso. E Frank, em algum lugar do cenário... todos se debatendo, como os naufragos no mar durante o naufrágio do *Bratianu*, todos querendo alcançá-lo, com as mãos estendidas e retesadas como se quisessem puxá-lo para baixo. “Proteja-se. Ouça o que interessa: a fronteira está sendo observada e os gregos estão à espreita. Nada de Edirne. Novo plano.”

— Leon, que falta de educação! Escondendo-se aqui. É melhor se juntar aos outros convidados. — Lily chegou por trás com duas taças de champanhe, da cor do cabelo dela.

— Parece que eles próprios tratam de me encontrar — disse Leon, olhando para Altan, que conversava ao lado da fonte.

— Pois é — disse Lily, agora também de olho em Altan. — Como ele é? Halit o trouxe. Parece que são velhos amigos, não sei como.

— Simpático — disse Leon, pegando a taça estendida. — Em todo caso, bem melhor que o russo.

— Isso é o que todo mundo diz. Acho que uma vez só para ele já é suficiente. Precisamos encontrar outro russo. Algum *charge d'affaires* que não assuste as pessoas. E então, meu velho amigo? — Ela abaixou a voz e tomou um gole. — O que vai fazer agora?

Uma questão que parecia parte da conversa na cabeça de Leon.

— Não sei — disse ele para o ar.

— Não sabe?

Ele olhou para as lanternas. Homens extras na fronteira.

— Não — respondeu, girando o corpo, e só então percebeu que Lily estava olhando para a sala de jantar e tinha dito outra coisa.

— Ela está conversando com Özmen, do *Hürriyet*. Você sabe o que isso significa. Ela diz uma coisa e ele publica outra, e com isso enfurece o cônsul. “Por que você disse aquilo?” “Fui mal interpretada.” É sempre a mesma coisa.

— Na coluna social? O cônsul nem vai perceber.

— É aí que você se engana. — Lily levantou um dedo. — Primeira página. Mesmo em outra página, todo mundo lê o Özmen.

— Acho que... — Leon tomou um gole. — Está bem.

— Não, não vá. Um segundinho. Nunca o vejo. De qualquer forma, o estrago está feito.

— E talvez ela seja mais cautelosa do que você pensa.

— Ufa. Com Özmen. Diga-me, então. — Ela abaixou a voz de novo. — O que você não sabe?

— Só estava me lembrando de quando vim aqui pela primeira vez. Primavera. Lembra? Faz muito tempo.

— Não muito.

— Tempo suficiente. Nem pareço o mesmo.

— Bem, isso não importa para os homens. É diferente para as mulheres. — Ela chegou mais perto e passou os dedos nas têmporas dele. — Alguns fios brancos, mas ainda o mesmo. Lembro. De vocês dois. Tão curiosos. Tantas perguntas. Com Georg. Ele disse que você era bem-educado para um norte-

americano.

Leon sorriu.

— Um elogio, ainda mais dito por ele — explicou Lily. — Somente os alemães eram bem-educados. Música. *Kultur*. Acho que, mesmo depois de tudo, ele ainda acredita nisso. De qualquer forma, os homens não envelhecem. — Ela seguiu em frente. — Então, não se trata disso. Outros problemas. Já o conheço um pouco mais. Embora não tenha notado que o estava observando, notei que você está preocupado. Talvez esse novo trabalho.

— Preocupado? Como assim? — Ela lia seu rosto como um mapa.

— *Inquieto*. Como alguém que se atrasou.

— Correndo contra o tempo — disse Leon. Algumas horas até a fronteira, agora fechada. Conteve-se e abriu um sorriso forçado. — E você. Melhor? Todo o tempo do mundo.

Ela sorriu com ar indulgente, também representando, e depois olhou fixamente para ele.

— E quanto custa isso? Se soubéssemos. Segundo os hindus, reencarnamos de outra maneira. Como insetos.

— Se você for ruim. Já que também pode subir na escala.

— Bem, para cima, para baixo, o que importa? Bobagem. Ninguém reencarna. — Ela apontou para o alto. — E também não há jardim no céu. Só há este aqui.

— Foi isso que aprendeu no harém? — perguntou ele, em tom de brincadeira.

— Aprendi com Refik — disse ela, em tom sério. — Quem sabe quanto tempo mais? Melhor aproveitá-lo, não é?

Ele não respondeu. Aonde ela queria chegar?

— Sabe no que mais acreditam os hindus? *Sati*. O marido morre, a mulher se joga na pira funerária dele. Um pedido e tanto, não acha? Seguir o outro? Quem pediria uma coisa dessas? Nem Refik nem nós. — Ela olhou para ele. — E por que ainda está aqui? Esperando a permissão dela? Para se manter vivo?

Ele continuou em silêncio, com o rosto em brasa.

— Sabe, cheguei a pensar que poderia ser eu. Sempre nos demos muito bem. E você olha. As mulheres sempre percebem quando os homens fazem isso. Mas acho que ainda existe alguma coisa lá. — Ela tocou no braço dele. — Somos parecidos nisso. Enquanto Refik estava vivo era só ele. Ninguém mais. Mas a vida continua.

Entreolharam-se.

— Anna não está morta — disse Leon.

Lily abaixou a cabeça, em retirada.

— Bem, como quiser. — Deu uma palmadinha no braço dele. — Não fique com raiva. Eu não quis dizer...

— Eu sei.

— Vamos. Pelo menos podemos afastá-la de Özmen.

Mas continuaram no mesmo lugar. A conversa ainda não tinha acabado.

— É uma espécie de *sati* — disse ela. — O que você está fazendo. Sabia?

Ele olhou para ela por um instante. E mais outro instante, tão sereno que a quebradeira de coisas lá dentro explodiu nos ouvidos. Vidros espatifados, estilhaçados, silêncio geral, e de novo as vozes, de uma só vez, como pássaros saltitando em árvores.

— Oh, Deus, o menino novo. Falei para Mustafá que ele não estava pronto. Procurar cristais, logo agora...

Lily levantou a saia e saiu às pressas, seguida por Leon. Vozes mais altas, agrupadas em torno de uma das mesas de servir na sala de jantar. Criados correndo da sala até a cozinha. Leon pensou em pássaros

outra vez. A sala toda vibrava.

— Deixem-me passar, deixem-me passar. — O dr. Obstbaum abriu caminho por entre os convidados.

Os músicos turcos continuaram tocando com ar bizarro, um tom abaixo das outras vozes, até que um dos empregados os deteve.

— Ele estava em pé aqui e de repente se agarrou à mesa. Caiu num piscar de olhos.

— Cuidado com o vidro.

— Georg! — gritou Lily, finalmente o encontrando.

Ele estava esparramado no chão e ainda agarrado à ponta da toalha de mesa. Obstbaum se debruçou por cima e afastou os cacos de vidro para poder se ajoelhar ao lado. Soltou freneticamente a gravata de Georg, que estava muito pálido e com a testa encharcada de suor.

— Chame uma ambulância — disse Obstbaum. — Ele precisa de espaço para respirar. — Fez um arco com o braço, afastando os outros, e inclinou-se para verificar a respiração de Georg.

— O que aconteceu? — perguntou Leon, ignorando os cacos de vidro e ajoelhando-se.

— Coração. Uma ambulância! — repetiu Obstbaum a todos. Duas pessoas saíram correndo, provavelmente para telefonar.

Mas logo Georg se moveu e mexeu a cabeça.

— *Nein, nein* — disse, em tom quase inaudível, com saliva no canto da boca, e depois desandou a falar em alemão. — Não aqui, no lado asiático. Um médico alemão.

— Sim, sim, um médico alemão — disse Obstbaum, em alemão.

Georg agora estava de olhos semiabertos e com a cara ainda contorcida de dor.

— Leon — disse, pegando-o pela mão e apertando-a. — Um médico alemão.

— Pziu. Fique quieto. Vai ficar tudo bem. — Mas como poderia ficar bem? Leon voltou-se para Obstbaum. — Podemos levá-lo para a clínica? Será que sobrevive ao barco?

— Não sou adivinho — retrucou Obstbaum, impaciente, sentindo a pulsação no pescoço de Georg. — Se ele tiver outro ataque...

— Bebek — disse Georg, ainda de mão apertada.

Leon girou o corpo.

— Lily, conseguiria um barco imediatamente?

Ela balançou a cabeça e saiu. Kay surgiu em seguida, cruzando os braços no peito, com frio, e olhando fixamente para Leon.

— Será que ele se recupera? — perguntou Leon a Obstbaum.

— Não sei. Está respirando melhor. Ele precisa de um hospital. Importa se é aqui ou ali? Posso ir junto, já que ele precisa ouvir alemão. Que loucura.

— Não, Bebek — disse Georg.

— Posso ajudar? — disse o coronel Altan, já de cócoras ao lado.

Leon balançou a cabeça.

— Quando a ambulância chegar, teremos de carregá-lo na maca até o barco.

— Pode tentar acalmá-lo no mar? — perguntou Obstbaum a Altan. — O barco. É um risco. Ele terá de se acalmar e se deitar.

— Esse é o risco — disse Leon, sentindo Georg apertar-lhe a mão de novo num agradecimento.

Altan estendeu um lenço para que Obstbaum colocasse na testa de Georg.

— Quer que alerte a clínica? Para que estejam preparados?

— Sim, obrigado — disse Obstbaum, voltando-se para Leon. — Não assumo responsabilidade alguma por isso. Ele teria de sair daqui para um hospital. Mesmo uns poucos minutos podem fazer diferença.

— Georg? — disse Leon.

— Por favor. O barco. Ficarei bem. — Georg esboçou um débil sorriso. — A brisa do mar.

Leon entreviu sob a palidez de Georg um rosto travesso e debruçado sobre o tabuleiro de xadrez — o primeiro amigo dele e de Anna em Istambul. O que aconteceria com o cachorro? Algumas horas antes, aquela mesma voz amiga o sondava com ar prepotente. Ele tirou o lenço da mão de Obstbaum e enxugou a testa de Georg. Agora ressequida. Sorriu.

— Você sempre consegue — disse.

— Ah.

— Isso já aconteceu antes? — perguntou Obstbaum.

Georg fez um meneio assertivo de cabeça.

— Quais medicamentos?

— Pergunte ao Kosterman. Em Şişli.

— Você o conhece? — perguntou Leon a Obstbaum.

— Conheço. Vou chamá-lo. Mantenha-o quieto, está bem? Sem dramas. Já estamos habituados a isso.

— O barco já chegou — disse Lily, aproximando-se. — Você quer telefonar? Ah, seu joelho. — Observou a mancha de sangue feita por um caco de vidro.

Obstbaum fez um sinal negativo.

— Só quando a maca chegar... e com todo o cuidado. Entendeu? — disse para Leon e depois olhou para Kay. — Não há nada a fazer agora. — Era uma justificativa para todos.

Dois criados chegaram para varrer o vidro e afastaram os convidados. Logo o falatório ecoou pela sala novamente. Kay continuou parada e de olhos cravados em Leon.

— O que houve? — Era Melnikov. Cara rude. Até o timbre da voz perturbava.

— Foi o coração. — Lily interveio. — Oh, a ambulância. Por favor, teremos de passar.

Georg, que também tinha ouvido aquela voz, puxou a mão de Leon, fazendo-o aproximar o rosto.

— Você acha que não sou seu amigo — sussurrou.

— Psiu. Não se preocupe com isso. A ambulância já chegou.

— Espere. Você precisa saber. Caso... — Georg o puxou para mais perto. — Eu sou seu amigo.

— Eu sei.

— Nunca contei para Melnikov.

— Contou o quê?

— Sürmeli. O senhorio em Laleli. Ele me agradeceu pelas referências que dei de você. Achou que o tinha mandado a ele.

— Mais tarde, Georg. A maca está aqui.

— Não, agora. Por via das dúvidas. Foi assim que você o conheceu. Lembra? Era o proprietário do edifício. No Beyazit. Então, depois que você alugou o apartamento... eu nunca disse nada a Melnikov. Mas eu sabia. Por que você alugaria um apartamento? Sürmeli achou que era uma mulher, não você, uma mulher no apartamento. Pois é, eu sabia. Mas nunca disse nada. Eu sou seu amigo, entende? — Georg abriu um pouco mais os olhos. — Eu nunca disse nada.

Leon olhou para ele, assentindo.

— Já é hora de colocá-lo na maca — disse um dos atendentes em turco.

— Georg? Está pronto? — perguntou Leon.

— Esteja certo disso — disse Georg, ainda pensando no passado. — Eu nunca disse nada.

— Tudo bem, é hora de ir. Segure-se em mim.

Eles o levantaram com um movimento suave e eficiente, e depois o cobriram com um cobertor e lhe colocaram um tubo de oxigênio no nariz. Os outros convidados observaram enquanto os atendentes o carregavam até o cais. Georg continuou agarrado à mão de Leon, que era seguido por Kay. Obstbaum já

estava no barco.

— Onde está Lily? Segure a mão dele — disse Leon a Kay, desvencilhando-se suavemente da mão de Georg. — Já volto. Fique com ela — disse para Georg. — E comporte-se.

Georg esboçou um sorriso. Obstbaum ergueu os olhos, contrariado. A presença de Kay era um estranho teste de lealdade.

Leon saiu correndo para dentro da casa. A festa estava agora a todo o vapor, muitos convidados em volta da fonte. Um empregado apontou para a sala do telefone, o pequeno estúdio que no passado era o *selamlık*. A porta estava entreaberta, e ele a empurrou levemente. Altan estava pendurado no telefone e de frente para Lily. Conversavam baixinho. Leon congelou. Conversavam com muita intimidade e de rostos colados. Um casal. O que ele é? Ela mesma tinha dito a frase. Isso o fez se lembrar de como Lilly olhara para Altan no Pera Palas. E agora estavam conversando como se estivessem na cama. Leon deu um passo atrás. Isso ocorria há quanto tempo?

Esperou um minuto e depois bateu.

— Lily?

— Sim, sim, entre. — Ela se apressou em direção à porta.

— Estamos tentando. Oh... — Ela trazia Altan.

— Esses telefones. — Ela se explicou. — Enfim, a clínica. Já estão à espera do outro lado. — A voz fluiu desenvolta, enquanto os conduzia para fora da sala, com a mesma suavidade e eficiência com que os atendentes tinham transferido Georg para a maca. — Como ele está?

— Na mesma.

— Se importa se eu for com você? — disse Altan, enquanto caminhavam. — Há espaço?

— Sim, mas precisa ser agora.

— Falarei com Halit — disse Lily. — Para que não o procure.

— Foi um prazer, madame Nadir. Obrigado pela noite — disse Altan educadamente, como se não tivessem acabado de estar de rostos colados. — Sinto muito que...

— Sim, uma coisa terrível. Vai telefonar para mim, Leon? Preciso saber como ele está, viu?

Chegaram ao cais e precisaram ser ajudados para entrar no barco. Um cargueiro passava ao largo e tudo ao redor oscilava, até a voz de Lily parecia transfigurada e instável. Leon observou a mulher, que sabia dar um jeitinho nas coisas. O que Altan teria confidenciado para ela? De rostos colados, sussurros. Ele, velho amigo, ela, cabelos dourados à luz do lampião. Já estava chegando a uma conclusão quando o barco partiu, adentrando a água escura.

— Mantenha o tubo na posição — disse Obstbaum a Georg. — Você precisa de oxigênio.

— No Bósforo — disse Georg, fechando os olhos e obedecendo.

Mas o ar ao redor estava cortante e fresco, e a água, antes agitada pelo cargueiro, agora estava tranquila. Faróis piscavam da margem oposta e riscavam toda a superfície.

— Papai teve um ataque igual — disse Kay, ainda segurando a mão de Georg. — Ele já está recuperando a cor, estão vendo?

— Leon. — Georg acenou para que ele se aproximasse.

— Não fale. Sossegue.

— Eu nunca disse nada — sussurrou Georg, de olhos fechados. — Eu nunca disse nada a Melnikov.

Mas poderia ter dito se estivesse de cabeça quente como agora, mesmo sem a intenção de deixar escapar.

— O que ele quis dizer? — perguntou Kay.

— Nada. Psiu. — Uma palmadinha na mão de Georg para acalmá-lo. Nem naquele lugar nem em outro lugar qualquer. Mas não poderia ter dito durante o sono, inconsciente, sob o efeito de sedativos?

— Velho amigo? — disse Altan.

— Velho. Como um filho — respondeu Georg, com voz fraca e olhos marejados. — Eu nunca disse nada.

— Pziu — Leon tirou o cabelo da testa dele, acalmando-o como a uma criança e sentindo que Kay o observava.

— Kosterman me falou que é a segunda vez — disse Obstbaum, checando o pulso de Georg novamente. — Portanto, é perigoso.

— Papai sobreviveu a dois — disse Kay.

— Mas não ao terceiro. — Obstbaum desconsiderou a opinião, sem cortesia.

E não era só com Georg que o senhorio conversava. Um bairro inteiro de amigos ávidos por fofocas que os homens de Altan poderiam captar num piscar de olhos. Um *ferengi* que alugava um apartamento para uma mulher. Segredos. Imagine a despesa. Apartamento, não hotel. Alguém que não podia ser visto. Era quase possível ouvir o zumbido sibilante das vozes. E Sürmeli fumando um narguilé, o centro de interesse. Se isso chegara aos ouvidos de Georg, seria uma questão de tempo para que também chegasse a outros ouvidos, quer Georg dissesse ou não. Correndo contra o tempo.

Leon notou que Kay não largava a mão de Georg, tufo de cabelo jogados pelo vento no rosto de uma enfermeira serena. Era flagrante que Obstbaum não olhava para nenhum dos dois. Como ele teria levado Anna pelo corredor da clínica? Georg murmurou alguma coisa inaudível sob o ronco do motor.

— Ótimo. Lá está a ambulância. — Obstbaum apontou o cais em frente.

“Mova-se, Alexei, quanto mais cedo melhor. Nada de hotéis. Algum lugar privado.” Leon pensou na casa que alugara com Anna em Büyükkada por um mês. Florestas de pinheiros e enseadas vazias, nada mais à vista, apenas tardes de caminhadas enquanto observavam o mar de Mármara. Exílio adequado — Trótski se refugiara ali. Mas também uma armadilha, uma ilha de onde não se poderia escapar rapidamente se alguém descobrisse. Uma clandestinidade à vista de todos era melhor, até mesmo um apartamento no Cihangir, o último lugar de que eles suspeitariam. A menos que alguém já estivesse desconfiado. Olhou para Altan. Um novo parceiro à espera de um relatório.

— Tenha cuidado — disse Obstbaum, quando o motorista se aproximou para amarrar a maca para levá-la.

— Acha que vou quebrar? — disse Georg, soltando um gemido involuntário quando a maca se movimentou, um último esforço até o cais.

Eles entraram na traseira da ambulância. Um assistente entregou uma bolsa preta para Obstbaum, que logo tirou de dentro uma seringa e uma ampola.

— O que é isso? — disse Georg. — Kosterman...

— Prescreveu isso. É só uma picadinha. Para aliviar a dor. Fique calmo. Vamos monitorá-lo na clínica, o ritmo cardíaco ainda está irregular.

— Mas Kosterman...

— Já está a caminho. Ele vai nos encontrar lá. — O médico olhou para Leon, que ainda estava à porta.

— Você vem?

Kay também fez menção de entrar, mas Leon se virou e a impediu.

— Não, não espere. Isso pode durar a noite toda. Só quero ver se o médico dele estará lá. Pode ajudá-la a chegar até sua casa, coronel Altan? No Pera.

— Mas... — Kay já ia protestar.

— Realmente, ficar sentada na sala de espera. — No saguão. — Não tem sentido. Lamento que a noite tenha de...

— Não é culpa de ninguém — disse ela casualmente, tentando não parecer magoada.

— Ligo para você amanhã — continuou Leon. — Para dizer como ele está.

Ela olhou para ele ainda intrigada.

— Não era o clima esperado, não é?

— Às vezes acontecem coisas.

Ela balançou a cabeça.

— E às vezes não acontecem.

— Agora, por favor — disse Obstbaum, de dentro da van.

Leon entrou e fechou a porta atrás de si. Ficou olhando para trás, através de uma janela oval, enquanto a ambulância se afastava. Kay, em seu vestido de festa, acompanhada de Altan, com embarcações agitadas ao fundo. Pensou em abrir a porta e pular, mas Georg começou a gemer e, quando olhou para trás novamente, ela já era um pontinho distante.

Na clínica, colocaram Georg em outra maca e o levaram para um dos quartos, onde enfermeiros e médicos o ligaram os eletrodos no peito de uma volumosa máquina ao lado da cama.

— Se ele piorar, terá de ser levado ao hospital — disse Obstbaum. — Aqui não há equipamento apropriado... — Olhou para o relógio de pulso. — Onde está Kosterman? Şişli fica a quinze minutos daqui. — Olhou para o alto. — Talvez seja melhor você esperar lá fora. Quanto menos conversa, melhor. Ele precisa se acalmar.

O quarto de Anna estava escuro, apenas uma luzinha ao lado da porta e uma fina luminosidade que vazava do corredor. Ela estava dormindo, e ele então caminhou na ponta dos pés até a cadeira. Ainda de olhos fechados. Ela geralmente era perceptiva aos movimentos em volta, e isso o fez se perguntar se estava sob efeito de alguma pílula para dormir, mais descanso após um dia em que nem estivera desperta. Do outro lado da porta, o rumor abafado da clínica durante a noite.

Sentou-se e ficou observando o movimento quase imperceptível da respiração de Anna. Será que ela ainda sonha? Melancolia, do grego, “bile negra”. Melancolia que se espalhava pelo corpo e pela mente. Algo passível de ser drenado.

“Georg está aqui”, disse mentalmente, talvez ela ouvisse. “Ataque cardíaco. Sério. Estávamos na *yali* de Lily. Sabe de que me lembrei enquanto estava lá? Da primeira vez que fomos naquela festa no jardim. Cheguei a ouvi-la. Preocupada com seus pais. Você disse que era errado ser tão feliz. Foram essas palavras. Eu disse que não... e depois não me lembrei mais. Do que conversamos. Sua voz desapareceu. Está cada vez mais difícil lembrar. Até do seu rosto... Seu rosto desaparece tão logo aparece. Falo do seu rosto de antes.”

Leon passou a mão no próprio cabelo. Não só um pouco grisalho — bajulação de Lily —, também mais velho. Ninguém permanece o mesmo. Mas o que acontece quando tudo fica estagnado? Ar estagnado, memória suspensa no ar, cada vez mais débil. Antes, naquele jardim, ele ouvia a própria pulsação, os sentidos vivos pareciam jorrar da pele, tocando, ouvindo. Agora, mal ouvia os próprios pensamentos, murmúrios constantes e longínquos, como a primeira festa. Talvez como a própria morte, quando já não se ouve nem a si mesmo. De repente, uma voz mais alta na cabeça, “não converse mais com Anna, com ninguém, só deixe rolar”.

“Você foi o único pensamento verdadeiro que já tive. Ficar com você. Do jeito que ficávamos na *yali*. Só queria isso. Sem mudanças. Mas tudo mudou. E ainda não sei por quê. O bebê. Depois, a guerra. Tudo. Às vezes a culpa... e piora ainda mais. Mas Lily está certa, é dessa maneira que se morre. Não quero isso. Sempre me encontro com uma mulher, perto da Tünel. Isso não significa nada. Mas como pode não significar nada? Como os sapos de laboratório na escola. Fazíamos que os músculos dos sapos se contorciam com eletricidade. Mesmo depois que estavam mortos. É exatamente assim. Uma sacudidela indolor. Enfim, hoje à noite. Fiz o que fiz. Ou melhor, acho que fiz.”

Ele deu de ombros e tomou fôlego para continuar. “Mas o que fiz? Eu a dispensei. Estava a fim de vir aqui. De sentar aqui com você. Fiz certo, não fiz? A coisa certa. Mas nem me lembro da sua voz... só por um instante, logo se dissipa. Nem sei mais ao certo como me aguento.”

De repente, a voz emudeceu. Um vazio silencioso na cabeça. Ele olhou para a cama. Anna inerte, nem mesmo se mexia, como se prendesse a respiração, esperando. “Sinto muito. Ouça. Um beijo, por ora só isso. Como uma criança.” Fez uma pausa. “Mas é verdade. Está cada vez mais difícil lembrar.”

Passos no corredor lá fora, uma enfermeira passou correndo. Talvez Kosterman tivesse chegado. Por que pensar sentado ali? Olhar Georg e sair. Colocar Alexei em outro lugar. Onde? Georg não voltaria para casa em Nişantaşı. Só por uma noite. Mas é claro que os vizinhos cuidavam do cachorro... Georg nunca o deixaria sozinho. Mihai tem um primo em Kuzguncuk, no lado asiático. Uma rua com casas antigas de madeira e plátanos, serenas como nas aldeias da Anatólia. Mas tão pequena... que uma hora depois todos saberiam. Muito mais seguro um apartamento impessoal. Um hotel barato, sem perguntas.

Outros passos lá fora, sapatos de enfermeiros, som de hospital. Quantas vezes ele teria ouvido solas de borracha e saias farfalhantes ao lado de Anna? Isso ecoou em outro hospital: Anna, deitada com os cabelos esparramados sobre um travesseiro branco, encarava-o por trás da palidez, sem chorar.

— Podemos ter outro — disse ele, sem saber mais o que dizer.

— Nada de nomes — disse Anna, pela primeira vez com os olhos distantes, algo que, pensando agora, ele percebe que deveria ter notado; mas não notou. — Se der um nome, nunca o esquecerá. — Como se tivesse existido, como se tivesse personalidade, como se tivesse um lugar em nosso coração, tudo o que aflora nos primeiros segundos de vida.

O hospital o classificara como “bebê” ou “infante”, se bem se lembrava, um formulário dentro de uma caixa de papéis, escondida onde Anna não pudesse ver. Não se podia perder um bebê que não existira. Mas ela sabia que era um menino, e anos mais tarde lá estava o menino, ainda no quarto com eles. Só pelo som de sapatos dos enfermeiros.

— É melhor vir comigo — disse Obstbaum da porta. — Ele teve outro ataque. — Saiu andando para trás e falando, sem esperar por Leon. — Já está sendo tratado por Kosterman, mas não está reagindo.

Na sala, um homem grisalho tentava reanimar Georg, golpeando-o no peito, comprimindo-o, enquanto os enfermeiros olhavam nervosos para um monitor.

— *Nichts* — disse, sem parar de bombear, aparentando raiva, como se Georg estivesse sendo teimoso.

Um minuto depois, um olhar de relance de uma enfermeira experiente para as mãos paradas do paciente. Ele mexeu lentamente as mãos e sacudiu a cabeça.

— Ele se foi — disse Obstbaum, já desnecessariamente.

Leon observou o rosto de Georg, agora diferente, vazio. A sala pareceu estática por um segundo, atordoada pela gravidade da morte, e depois as enfermeiras removeram os eletrodos, puxaram a maca de rodinhas e cobriram o corpo. Kosterman olhou para o relógio e registrou o horário, pensando no atestado de óbito. Leon continuou observando. É difícil se acostumar com o silêncio de um cadáver, por mais que se presencie isso. Fim de Georg. Tornara-se irrecuperável numa fração de segundo. E sem retorno, sem qualquer outra vida, por mais que os hindus pensem o contrário.

— Não havia mais nada a fazer — disse Kosterman a Obstbaum, em alemão. — Como uma bomba. — Abriu os dedos, simulando uma explosão. — Não foi por falta de aviso.

— Já acabou? — perguntou uma enfermeira a Leon, com um lençol na mão.

Leon assentiu com a cabeça.

— Sem família — disse Obstbaum ao outro médico. Voltou-se para Leon. — Ele nunca disse nada a você? Nunca manifestou um desejo?

Leon balançou a cabeça em negativa.

— O cachorro. Talvez esteja com os vizinhos. É melhor verificar. E chamar Lily — disse, pensando numa lista de coisas a fazer, um jeito de se evadir daquilo. — Ela vai querer saber. E pode colocar nos jornais. Um obituário. Ele conhecia muita gente. Telefonarei para Vogel, da universidade. Poderá organizar a cerimônia do funeral mais tarde.

E de repente era como se não houvesse mais nada a dizer. Georg descartado, morto. Isso o fez pensar em como seria fácil também morrer... uma comunicação para o escritório da Reynolds, uma reivindicação de seguro para Anna, uma arrumação do apartamento feita por Mihai. Talvez uma notícia no *Hürriyet*. Empresário norte-americano. Nada de trens para Ancara ou de Tommy ou de Alexei. Será que Anna se daria conta de que ele tinha morrido? Um parágrafo daria conta.

Chegaram dois ajudantes para remover a maca de rodinhas, e só então Leon percebeu que os outros zanzavam ao redor, ocupados. Por que não continuavam parados e mergulhados em si mesmos? Mas eram pessoas que não o conheciam e não o tinham perdido. Georg tinha feito comentários sobre as cegonhas naquele domingo em que eles apreciaram os muros bizantinos, um piquenique à sombra enquanto observavam as cegonhas em ninhos altos e frágeis.

— Migram para o sul, ao longo da Arábia, os muçulmanos acreditam que a cada ano fazem uma peregrinação a Meca. — Seria verdade? Isso importava? Anna sorria, encantada. Sanduíches em embalagens de papel encerado. Cerveja.

As rodinhas pararam. Os ajudantes o olharam no meio do caminho.

Leon agradeceu a Obstbaum e saiu em direção ao quarto de Anna, mas se deteve mais à frente. Sem essa de outra vigília, sem essa de falar sobre Georg com as paredes, lamentando-se pela zombaria do paraíso marxista na última conversa que tiveram. Mesmo depois, no patamar, ainda era o amigo. Talvez uma forma pessoal de alerta: o senhorio estava dando com a língua nos dentes. Não era mais seguro. Mas onde era? Hotéis cujos recepcionistas noturnos e sonolentos solicitariam uma *tezkere* que Alexei não tinha? E qual hotel estaria aberto? O mundo muçulmano resguardava-se dentro de casa ao anoitecer, regiões inteiras da cidade em plena escuridão medieval, uma iluminação pública que fazia lembrar as tochas de outrora. Gregos, armênios e estrangeiros, os únicos que saíam para farras e bebedeiras em ruidosos *mihanyes*. Mas, ocasionalmente, também se fechavam. Até o cassino de Taksim ficava no escuro, forçando os pedestres a espreitar a noite para enxergar as bancas de *kebab* e as luzes difusas dos táxis. Leon se deteve outra vez.

Uma conclusão simples, o óbvio esquecido. Não custava nada questionar. E então restava Cihangir. Não mais Laleli. Agora o aviso de Georg soava como um presságio.

— O que houve? — perguntou Alexei, ao abrir a porta. Vestido como sempre se vestia, talvez do jeito que dormia. Pronto para sair às pressas.

— Já é hora de sair daqui.

— Alguma coisa...

— Não, só precaução. Está na hora.

— Bem. — Alexei largou o cigarro e dobrou o tabuleiro de xadrez. — Para algum lugar melhor, espero. Pera Palas?

Leon olhou para ele.

— Uma piada — disse Alexei. — Um minuto. Minha navalha, isso é tudo. — Saiu em direção ao banheiro.

— Conheci seu amigo Melnikov essa noite — comentou Leon.

Alexei parou.

— Tenha cuidado com ele. Amigo de Beria.

— E o que isso quer dizer?

— Faz o que gosta. Antes de tudo, matar. E pode se dar ao luxo de cometer erros. Estou saindo daqui por isso?

— Não. Já é hora, só por isso. Ele está fazendo de tudo para comprar você.

— Quanto estou valendo agora? — Alexei retornou com uma *nécessaire*. — Meu preço subiu?

— Não perguntei. Isso é tudo?

Alexei vestiu uma jaqueta e um boné de marinheiro de lã.

— Primeiro você — disse, subitamente assumindo o comando. — Pela rua que leva à grande mesquita. Sairei pelos fundos. Só me dê cinco minutos. Se algo parecer estranho, retorne. Como quem esqueceu alguma coisa.

— Mas você estará lá.

Alexei deu de ombros e prosseguiu:

— Onde está o carro?

— Estamos a pé.

Alexei ergueu os olhos, pegou uma arma e a enfiou no bolso do casaco.

— As luzes. — Apontou para o interruptor.

Lá fora, Leon seguiu à frente, atravessando os altos muros que cercavam a universidade. Ouvia os próprios passos. Ninguém por perto. Apenas dois homens de *jellabas* e capuzes perdidos na própria conversa. Reduziu o passo à espera de Alexei, contendo-se para não olhar para trás. Daquele ponto, avistavam-se a grande cúpula da mesquita e a luminosidade esmaecida e leitosa da praça à frente. A claridade noturna da casa de Lily se convertera em névoa, os paralelepípedos eram escorregadios. A essa altura, Alexei teria saído e já se embrenhava pelas ruas, seguindo alguma rota que já devia ter feito enquanto estava confinado no apartamento.

E lá estava ele, um vulto que aos poucos ganhava contorno enquanto caminhava em sua direção, a mesquita, no final da rua, agora já estava próxima. Soaram vozes na praça.

Leon sentiu um puxão pela manga. Alexei o olhou por cima do ombro e o empurrou para fora de uma rua estreita, até uma porta em arco, onde se encostaram. E depois tirou a arma do bolso e se pôs à espreita. Leon prendeu o fôlego. Sem vozes, um som quase inaudível e indistinto, talvez passos, se já estivessem atentos a isso. Olhou para Alexei. Acuado e de cara contraída, o gorro de lã cobrindo o cabelo curto de uma cabeça agora quase esquelética, uma máscara mortuária, tal qual a palidez de Georg depois de morto. Por um segundo, também viu Alexei morto. Mesmo se conseguisse sair do país. Mesmo se ele dissesse tudo o que quisessem saber, só teria uma existência pela metade, sempre à espreita de rumores. Caso chegasse lá. Só agora soltou o fôlego, o medo bombeou a vida de volta e o fez sentir o movimento do ombro de Alexei. Leon então se deu conta de que estavam respirando juntos, a mesma adrenalina percorria ambos.

De repente, passos de verdade. Uma silhueta desceu a rua sob a luz dos postes. E depois se deteve em plena rua, como se também estivesse à escuta, e em seguida tudo se repetiu, ouviu-se um som farfalhante, e a silhueta foi se tecendo levemente. Talvez um bêbado. Mas talvez alguém que os seguia. Eles esperaram, a arma de Alexei encostada no peito, acompanhando os passos até que se tornaram inaudíveis lá na praça. Um minuto mais, ninguém subiu a ladeira de volta para retomar o ponto onde os tinha perdido. Outro minuto, só para ter certeza, e depois Alexei cutucou Leon e apontou em direção à rua.

Caminharam às pressas, acelerando o tempo. Ainda calados e Leon abalado, a máscara ainda em sua mente. Contorno de osso, contorno de uma cabeça sem vida. Mesquita de Süleyman e anexos à frente, mas

com todos os detalhes perdidos no escuro. Antiga madraçal, mausoléus cilíndricos, pátio arborizado — a Istambul dos sonhos de Leon, onde costumava se sentar para ouvir o murmúrio das orações lá dentro, agora à sombra, um bom esconderijo. Era como Alexei via as coisas. E como ele também começava a vê-las.

Atravessaram o túmulo de Sinan e desceram ruas íngremes de calçadas de cascalhos e repletas de lixo. Alguns pescadores ainda lançavam anzóis na ponte Galata.

— Para onde vamos? — perguntou Alexei.

— Você queria o Pera. Não é longe de lá.

Os carros iluminados do funicular seriam arriscados, mas Alexei já estava sem fôlego e subir o morro o deixava pior. Leon olhou para ele na plataforma. Um sujeito de gorro de lã e mochila, um marinheiro ancorado em Karaköy, o que ele tinha sido por um bom tempo. Ninguém os tinha seguido até lá em cima.

Marina abriu a porta, vestida com o quimono de seda que Leon achava que só era usado para ele.

— É você — disse, como se perguntasse.

— Está sozinha?

— Já é tarde — disse ela, outra pergunta, observando Alexei.

— Preciso de um favor. Uma cama. Para um amigo. Só uma cama.

Ela olhou para o outro.

— Quem é ele? Problema para mim?

— Só um cliente. Que quer passar a noite. Já tem clientes assim, não tem?

Ela olhou para ele.

— Eu lhe pagarei a taxa.

— Você é um bom filho da puta.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Não?

— Você não faz ideia de quem ele é. Um sujeito que pagou por uma noite, só isso. Poderá mostrar o dinheiro. Se alguém perguntar.

— Quem? A polícia?

Leon balançou a cabeça.

— Qualquer um. Mas ninguém vai perguntar. Uma noite. — Fez uma pausa. — Um favor.

Ela o encarou e abriu a porta.

— Não fiquem no corredor.

Alexei jogou a mochila lá dentro. Olhou ao redor da sala e depois para Marina.

— Muito melhor — disse.

— O que ele fez? — perguntou Marina, acendendo um cigarro.

— Nada. É um cliente. É tudo que sei. — Leon olhou para os seios parcialmente à vista sob o quimono.

— E você? O que você fez?

— Nada. Nem estive aqui.

— Se alguém perguntar. — Ela terminou a frase.

— Esse é o favor.

Ela bufou e se voltou para Alexei.

— Lá. — Apontou para a porta do quarto.

— Muito obrigado por isso — disse Leon, tirando a carteira. — Quanto é?

— Depois lhe digo. — Ela gesticulou com o cigarro.

— Então, aqui estão cinquenta. Para a conta. — Leon estendeu as notas.

— Cinquenta. — Ela levantou as sobrancelhas. — E a polícia fora.

— Caso precise mostrar que ele pagou.

— Acha que eu faria isso por cinquenta? — perguntou ela, enfiando as notas no bolso do quimono.

— Então, quanto...

— Não, isto. — Ela girou a mão ao redor. Era o quarto, o risco, tudo.

Os dois se entreolharam.

— Obrigado — disse ele.

Alexei estava fumando na porta do quarto, com os olhos semicerrados e cravados nela. Tirou o boné e revolveu o cabelo achatado.

Marina apagou o cigarro e deu de ombros.

— Ele fala turco?

— Não, alemão e um pouco de inglês.

— Tudo bem. Nada de especial? Ele gosta de quê? — A voz soou irritada e provocativa.

— Só o quarto. Não estou lhe pedindo para fazer isso.

— Não. — Ela ergueu os olhos. — Outras coisas.

Leon ignorou o interruptor temporizado que acendia a luz do corredor e seguiu no escuro até o patamar mal iluminado. Dessa maneira, o cheiro de argamassa molhada pareceu ainda mais forte, felino. Esperou do lado de fora da porta do prédio por alguns segundos. Ninguém na rua. Seguiu à esquerda, um quarteirão na ladeira, e circulou de volta. Não ouvia nenhum passo atrás.

Na praça Tünel, um bonde parou e o condutor esperou que alguns poucos passageiros tomassem seus lugares. A praça inteira pareceu inerte, opaca pelo ar enevoado, e por um momento ele imaginou todos também mortos, a mão congelada do condutor nos controles, os rostos inertes, tal como Georg e Alexei. Sentiu um aperto no peito e expeliu uma golfada de ar com força, uma espécie de protesto. O mesmo aconteceria com ele algum dia. Quando? Tommy apanhado de surpresa, Georg agarrado à mesa. Alexei apavorado e alerta, mas não menos morto.

Leon caminhou até o bonde. Uma alternativa viável para quem estava esgotado. Mas, sob aquele portal em arco, ele e Alexei tinham sido um só. Apanhar o bonde e voltar para Cihangir, observar as balsas, uma sala tranquila como a clínica. O jardim de Lily, vendo fantasmas, conversando com eles, retrocedendo. Depois, olhos de verdade, olhando-o no rosto. Faça alguma coisa por mim, disse ela, puxando a cabeça dele para baixo.

O condutor tocou a campainha, esperando o retardatário. Leon agarrou o balaústre para subir e se deteve, pensando de novo no portal, na máscara de Alexei. Recuou, dispensando o bonde e os passageiros sonolentos, agora despertos, que o olhavam. Uma cena a ser notada. Cinco minutos antes, ele circulava em torno dos edifícios. E agora cruzava a parte iluminada da praça pela Sofyali Sok, ainda agitada pelos restaurantes de fim de noite. Desceu a Mesturiyet em passos firmes, sem olhar para trás, sem nada a esconder. No Pera, entrou direto no elevador. Um norte-americano de terno elegante, um frequentador típico. O jovem ascensorista de barrete na cabeça e luvas brancas, não fez nem uma pergunta. O elevador parecia uma gaiola com grades parisienses e forração de veludo vermelho. Saiu andando pelo corredor, sem hesitar, uma batida suave e depois outra, mais alta na porta.

— Sim. — Soou lá dentro, som seguido por um farfalhar, talvez o roupão sendo amarrado.

Ela abriu a porta e arregalou os olhos. Estava de cabelo solto e escovado e sem maquiagem, o rosto ainda com um brilho do demaquilante, a pele na cor natural.

— Você veio — disse, surpreendida, agarrando as lapelas do roupão. — Não achei que viria. — A voz afogueou ligeiramente.

— Está tudo bem?

Ela continuou segurando a porta, e ele se sentiu impelido a se projetar para a frente, o impulso que o

conduzia desde a praça de repente se dissipou.

— Meu cabelo. — Ela tocou no cabelo com nervosismo, um gesto disparatado que o fez sorrir.

— Seu cabelo?

Ela olhou para ele, mas sem retribuir o sorriso. — Já não sei o que dizer.

— Diga “entre”. — Ele esperou um pouco. — A menos que você não...

— Não. — Ela balançou a cabeça e abriu a porta.

Ele entrou no quarto. Um pequeno abajur ao lado da cama, as luzes do Chifre de Ouro entrando pela janela.

— Eu estava lendo — disse ela, só para dizer alguma coisa enquanto fechava a porta, e ficou lá encostada como se estivesse presa. — Nunca fiz isso antes.

Ele a beijou, inclinando-se contra o corpo dela, quente.

— Não? — disse e beijou-a novamente, agarrando-a e fazendo-a se roçar nele.

— Não — disse ela, sem fôlego.

— Então, por que... — Ele começou, mas ela se aproximou e o puxou para baixo pela cabeça, as bocas colaram-se e ele se impregnou do gosto dela, que era diferente do gosto de qualquer outra pessoa.

— Não sei. — Ela suspirou essas palavras ao pé da orelha dele.

Ele se inclinou e beijou o pescoço dela, aspirando um último traço de perfume.

— Só uma coisa. Quando nos encontramos... Pensei...

— O quê? — perguntou ele, sem parar de beijá-la.

— Talvez seja a minha última chance.

— Para quê? — Ele ergueu a cabeça, pego pelas palavras.

— Sei lá. — Ela o olhou por um segundo e depois estendeu a mão e deslizou a jaqueta dele pelos ombros. — Pergunte isso mais tarde.

Eles não disseram mais nada, beijaram-se com sofreguidão, a respiração alta e ofegante, soltando o nó da gravata e os botões, apoiados contra a porta, como se escondidos no armário, roubando os minutos. Ele puxou o roupão para baixo, e as alças da camisola desceram até os seios. Apalpou-os, curvou-se e os beijou. Não eram carnudos como os de Marina. Cabiam nas mãos, mas os mamilos eram firmes, tudo nela era firme. Um toque e um frêmito da pele sob os dedos, como uma corda vibrante, suaves golfadas de ar por cima das cabeças.

Ela soltou a camisola até o chão e enroscou os pés na seda. Ele chegou por trás, puxou-a pelo rosto e beijou-a na boca de novo, puxando aquela pele suave para mais perto, talvez até para dentro dele. Ela enfiou a mão dentro da calça e acariciou o pau dele em toda a sua extensão, e ambos sucumbiram sem fôlego. Ele tirou a camisa, soltou o cinto e a fez se deitar de costas na cama, sem parar de beijá-la. Levantou-se, apagou a luz e tirou os sapatos, as meias, a calça e a cueca ao lado da cama. Observou-a de pé e nu sob a luz que entrava pela janela. Ela ondulou o corpo, inquieta, e abriu as pernas, a penugem dos lábios vaginais molhou-se ansiosa por um toque. Excitado pela umidade, ele esticou um dedo, involuntariamente rendido, e ela o agarrou com um impulso e o puxou para si. Isso o fez pensar no que estava por vir, uma ânsia mais erótica que qualquer outra coisa que Marina já tinha feito.

Ele entrou na cama de pau duro e ela o agarrou, a fim de ser penetrada, sem querer esperar, estimulando-o com a mão a colocar tudo de uma vez, a pele interna se encharcando com o sexo, um deslizamento e um fechamento suave e abrasivo em volta dele. Ele interrompeu a penetração, apoiou-se nos cotovelos e beijou-a, só queria sentir enquanto ela o apertava, mas a pele dela se enroscou nele outra vez, mexendo-se e fazendo-o também se mexer ao mesmo ritmo, um movimento familiar, mas uma sensação nova, era o sexo com ela, não com nenhuma outra. Ela soltou um gemido, nada mais íntimo que isso, algo que só ele tinha ouvido e que o fez abaixar a cabeça, querendo ouvir mais, os gemidos o

excitaram, levando-o ao clímax, agora suando, o calor da paixão, ouvindo a própria respiração ofegante, o pau inchado com a sensação, quase separado do corpo. Ela gritou e o apertou com toda a força, e depois o soltou, a corda rompida, mais gemidos nos ouvidos, maravilhoso abandono, sem se importar com o mundo, ainda se mexendo junto com ele, uma libertação em cada estocada, e mais outra, até que finalmente ela escorreu por ele, mais rápido, e jorrou para dentro dela, uma explosão de prazer, que o deixou indefeso, exposto de corpo e alma.

Ele se imobilizou por um segundo, e depois sentiu o próprio peso em cima dela, o suor, o mundo de volta a toda a velocidade. Rolou para o lado da cama, o coração ainda acelerado, sossegando aos poucos, à espera do vazio de sempre, acobardado, de volta a si mesmo. Mas a mulher que olhou para ele e o acariciou no rosto não era Marina, isso era diferente.

— Obrigada — disse ela, tão baixinho que pareceu imaginação.

— Não. Sou eu que agradeço — disse ele, acariciando-a, um apaziguando o outro, como animais. — Eu não queria que fosse tão rápido.

Ela sorriu.

Ele se curvou e a beijou, segurando-a por trás da cabeça.

— Da próxima vez faremos devagar.

Ela o tocou embaixo.

— De quanto tempo precisa?

— Continue fazendo isso. — Ele mudou de posição para que ela o pegasse todo na mão, duro novamente. Olhou nos olhos dela. — De onde você veio? — Passou a mão pelas costas dela, tocando-a em todos os pontos, como se lesse a pele para conhecê-la com os dedos.

Ela suspirou em reação ao toque e estremeceu enquanto era inclinada e tombada de vez para trás, deixando que ele lhe beijasse o corpo inteiro, dos mamilos até lá embaixo, dessa vez lentamente, sem precipitação, o langor da boca a fez estremecer quanto foi atingida no sexo, atormentada e beijada como um brinquedo, até abrir-se toda para a boca, agitando-se contra a língua, fazendo-a entrar mais fundo, sendo saboreada por dentro, até que ela soltou um murmúrio, um grito abafado, e esticou os braços para prender a cabeça dele.

— Não, dentro de mim — disse ela, com voz trêmula e puxando-o para si, dessa vez com languidez, uma trepidação e depois atingiram o clímax, ambos ofegantes, como um transbordamento e não como uma explosão.

Em seguida, ela deitou a cabeça no peito dele, ambos sonolentos.

— Chance para quê? — perguntou Leon.

— Hein?

— Você disse que responderia mais tarde.

Ela silenciou por um momento.

— Para experimentar alguma coisa diferente, acho.

— Por que eu?

— Gostei de você. De como você olha. Do seu queixo. — Ela o tocou no queixo.

— Era isso?

— E você está aqui. — Ela ergueu a cabeça e sentou-se. — Não em Ancara. Sem complicações. Um buscando o outro. Algo assim. — Levantou-se e caminhou até a mesa para pegar um cigarro, o brilho do fósforo exibiu a nudez do corpo como uma pequena lanterna. — Engraçado, as pessoas sempre falam depois. Sem roupas. Sem segredos. Fico pensando que sei tudo de você. E na verdade não sei.

Leon não disse nada e também tirou um cigarro do seu maço.

— Por que não quis que ficasse com você na clínica?

— Não havia nada a fazer lá. Ele se foi... morreu. Outro ataque. Você não precisava assistir a isso.

— Morreu? — disse ela, consternada. — Sinto muito. Você gostava dele.

— Sim.

— Já sabia disso. Pelo seu jeito de estar com ele. Já é uma coisa que sei de você. — Ela olhou fixamente para ele. — Uma camada. — Caminhou até a janela. — Altan me disse que sua esposa está naquela clínica. — Soltou uma baforada. — O que há de errado com ela? — Esperou um tempo e se virou. — Não quer falar sobre isso?

Ele continuou observando-a nua dos pés a cabeça. As pessoas sempre falam depois. Fumando e ouvindo o silêncio da sala.

— Enlouqueceu. — Nunca tinha dito isso em voz alta, nunca tinha admitido. Louca, não distante.

— Oh — exclamou ela. — E o que você vai fazer?

— Fazer? Não há nada a fazer. Esperar. Talvez melhore. — Ele se inclinou e apagou o cigarro. — E o que mais disse Altan?

— Não disse... nada de errado em relação a ela. Só que estava na clínica.

— Bem, agora você já sabe.

— Então, nunca vai deixá-la — disse ela, em tom neutro. — Isso facilita para mim.

— O quê?

— Já lhe disse, sem complicações. — Ela se calou por um instante. — Não se preocupe com isso. Nem com qualquer outra coisa.

Caminhou até a cama e sentou-se ao lado dele.

— E Altan disse algo mais? — perguntou Leon.

— Se disse algo mais? Frank. Está muito interessado em Frank. Como se eu soubesse de alguma coisa. Portanto, talvez os rumores sejam verdadeiros. Um trabalho secreto. Ele nunca diz nada e de repente um tipo como Altan quer saber. O que mais poderia ser? E o que você faz com Frank? Um trabalho secreto?

— Só estou preenchendo a vaga de Tommy. Na Commercial Corp.

— E isso é uma resposta. — Ela ergueu uma sobrancelha. — Esquece. Não importa. — Estendeu a mão e o acariciou na têmpora. — Mas nada de segredos aqui, está bem? Quer dizer, neste quarto. O que você faz no consulado não importa. Mas aqui importa.

— Frank nunca diz nada?

— Nunca falamos de coisas assim. É diferente. — Ela puxou a mão. — Está querendo saber de nós?

— Não.

— Eu era secretária. Não dele. Ainda era jovem e tinha pouco dinheiro, nenhum extra. E achava que não precisava me preocupar com isso. Estaria em segurança.

— E?

— E estou. Em segurança. — Ela olhou para ele. — E estou aqui.

Ele a tocou no braço.

— Preciso sair logo.

— Não quer ficar?

— Alguém pode notar.

— Minha reputação — disse ela, divertindo-se. — Bem, nunca tive que pensar nisso antes.

— Pois agora tem.

— Como uma farsa? A donzela chega e... opa!

Ela se cobriu com o lençol.

— Não é engraçado assim quando acontece. — Ele a tocou no ombro e desceu a mão até os seios. — Você é membro da embaixada.

— Não aqui. Não em Istambul. — Ela arqueou as costas enquanto era acariciada.

— Não. — Ele curvou o rosto até ela.

— Sem complicações aqui. — Ela abaixou a cabeça. — Mas há uma complicação. Inesperada.

— O quê? — Ele a beijou na orelha.

— Já lhe disse, poderíamos... deixar de lado. Mas não quero — ela disse, agora com a voz também nua. — Achei que poderia. Mas não quero. — Olhou para ele. — Você quer?

Ele olhou para ela e sentiu-se atraído, atordoado, e depois se endireitou e disse com clareza.

— Não.

Üsküdar

Enver Manyas precisava de mais um dia, um atraso inesperado, mas agora Leon também precisava. Acordara no meio da noite no Pera a fim de traçar um novo plano. Kay dormia ao lado, com a mão no peito, as luzes refletiram-se no teto, como pontos estratégicos de um mapa da Turquia. Edirne, provável travessia, agora tinha *blitze* na fronteira, era muito arriscado, mesmo com papelada quente. Uma embarcação de Izmir encontraria a polícia grega à espera, no ponto de chegada. Os trens eram sempre inspecionados, o Orient Express era como uma viagem sob refletores, uma parada noturna em Ancara, uma direção errada. Ela estaria lá, seria uma complicação. Ela respirou ao lado, algo já quase esquecido, a paz posterior. Mais um dia. Percorreu o mapa no teto com os olhos.

De manhã, ambos eram pura preguiça, sexo no hotel, luxúria, como café da manhã na cama. Seguiu-se o momento de farsa já previsto, a camareira na porta, Leon escondido no banheiro com as roupas. “Mais tarde, por favor”.

— Quando vai voltar? — ele perguntou, já de volta à cama.

— Amanhã à noite.

— Então, ainda temos hoje. — Ele já estava com um plano traçado, a maioria das peças encaixadas na cabeça.

— Você não precisa trabalhar?

— Claro. — Ele a beijou no ombro. — Mas também tenho de comer.

— Leve-me a seu lugar preferido.

Ele balançou a cabeça.

— Muito longe. Fica para lá do Bósforo.

— Ao segundo preferido, então. Não me olhe agora, quer dizer, à luz do dia. É diferente à noite.

— Hum. E mais difícil de olhar. Parece leite. — Ele acariciou a barriga dela.

— Fale de você.

— Sou bom motorista. — Ele ainda estava preocupado em como arranjar um carro no lado asiático.

— Não. De você.

Ele se curvou até ela.

— Pergunte-me mais tarde.

Depois de ver Manyas, colocou em ação a lista que bolara durante a noite. Uma passada na Reynolds para informar a Turhan que ficaria em Ancara por alguns dias, a mesma história para Dorothy, ainda insegura, mas não surpresa. Algumas requisições de arquivos para parecer ocupado, registros de pagamentos de Tommy. Coisas a fazer.

— Pode mantê-lo por mais uma noite aqui? — perguntou para Marina.

— Eu tenho o meu armênio. É dele o dia.

— Descarte-o. Pagarei.

— Está tudo bem. Já está pago. — Ela girou a cabeça em direção ao quarto.

Leon olhou fixamente para ela.

— Talvez seja importante. Ele próprio pagar.

— Marina — disse Leon, subitamente estranho.

— Quando foi que ele esteve com uma mulher pela última vez?

— Sei lá. — Leon pareceu inseguro em relação ao que dizer. — Algum problema?

Ela deu de ombros.

— Ele está com fome, só isso. — Um meio sorriso. — A última refeição do prisioneiro.

— Ele não é um prisioneiro.

— Por enquanto.

— O que ele contou para você?

— Nada. Nem precisava contar. Ele cheira a fugitivo.

— O que está havendo? — perguntou Alexei, saindo do quarto vestido, limpo e barbeado, não mais amarrotado.

— Um contratempo. Mais um dia.

— Problemas?

— Não. Só precisamos de mais um dia. — Leon se voltou para Marina. — Tudo bem?

— Mas só até amanhã. Não importa...

Leon assentiu.

— Quanto devo pagar pelo armênio?

Marina esfregou o dedo polegar no indicador.

— Vai dar tudo certo. Tenho um quarto no andar de cima. O outro não leva muito tempo. O que há de errado com você? — perguntou para Alexei, que a olhava atentamente.

— Nada — respondeu ele, retornando ao quarto.

— Onde pensa que está? — disse ela a Alexei, em tom neutro, quase um pedido de desculpas, observando-o enquanto ele retornava ao quarto. — Todos acham que são únicos — acrescentou. — Mesmo com dinheiro nas mãos, acham que são únicos.

Mihai berrou ao telefone. Leon presumiu que era em hebraico e que isso não levava a nada. Uma enxurrada de palavras, seguida de uma pausa e, por fim, um grunhido.

— O quê? — perguntou Mihai, desligando. — Achei que você não viesse mais aqui.

— Não fui seguido.

— O especialista.

— Preciso de uma coisa. Duas coisas.

— Duas, por que duas? Por que não sete? Quatrocentas. Viu as docas de Koç? Quatrocentos à espera. Todos com passaportes. Nada de vistos. Pagamentos feitos. E o barco atracado.

— O que houve?

— Quarentena. Suspeita de tifo.

— Sério?

— Amigo, acha que os turcos os manteriam aqui se houvesse mesmo tifo? Seriam rebocados para o mar. Deixariam que morressem lá fora. Em qualquer lugar. Menos aqui.

— Então, o que...

— O que acontece sempre? Algo para o capitão do porto, para os inspetores de saúde. Depois, uma

recuperação milagrosa. Ainda estamos comprando judeus. Ainda. Mas já não tenho tanto dinheiro aqui, e por isso vem da Palestina. Vamos esperar. Enquanto isso, eles se revezam para respirar no convés. Quanto tempo até que haja uma disenteria, uma doença de verdade? Bastardos. — Mihai olhou para o alto. — O que você quer?

— Um carro. No lado asiático.

— Qual o problema com vocês?

— Não posso colocá-lo no navio. Podem estar vigiando.

Mihai resmungou.

— Mais jogos.

— Seu primo não tem um carro? Em Kuzguncuk?

— Não envolvo a família.

— Ele terá o carro de volta. Em poucos dias.

— Poucos dias? Por acaso vai dirigir até a Palestina? Leve junto alguns dos meus judeus. Na rota por terra.

— Eu pagaria.

— Pague-me. Dez mil dólares e tiro todos daqui.

— É o que eles querem? Cristo...

— Foi o que eles me explicaram, um preço justo. Vinte e cinco dólares por cabeça. Durante a guerra era mais. Agora, é praticamente uma gorjeta. Não propriamente uma gorjeta. Uma pequena contribuição para acelerar as coisas. Tanto trabalho para examinar o navio. — Mihai soltou um grunhido. — Quando vai precisar disso?

— Amanhã. Pode fazer isso?

— Talvez haja um carro numa garagem em Üsküdar. Não é da família. Não é de ninguém, na verdade. Nenhum registro. Se você for parado, o problema é seu, entendido?

Leon assentiu com a cabeça.

— E a segunda coisa?

— Um contato em Antália.

Mihai pensou no assunto por um instante.

— Vai de carro até Antália — disse, calmamente. — Ao longo das montanhas. Daquelas estradas. E onde se hospeda no caminho? No Ritz, talvez? Posso perguntar o que há em Antália? Tâmaras? Nesta época do ano? Laranjas?

— Um barco para Chipre.

— Chipre. Para onde mandam os judeus que não conseguem mandar para a Palestina. Voltar para os campos.

— Não estou tentando chegar à Palestina.

— Com esse seu passageiro? Não é nada aconselhável. Se você quer que ele sobreviva. O que há em Chipre?

— Britânicos; gregos, nem pensar. Posso fazê-lo passar por lá. Você deve saber de algum barco em Antália. Você tem gente lá fora.

— Um barco de gente como ele.

— Qualquer barco. Que não precise de uma lista de passageiros. Nunca estivemos lá. Ninguém vai saber.

— E onde você estará esse tempo todo?

— Ancara, a negócios. Se alguém perguntar, a embaixada pode confirmar. Vai ter que confirmar, se isso der certo.

— Se.

— Ninguém espera isso. Ninguém aqui. Em Chipre também não. Ninguém o procura por lá. Nem em Antália.

— Não. Quem faz uma viagem dessas? No inverno?

— Ele será morto se continuar aqui.

— Isso não me importa.

— Então, não faça nada.

Mihai olhou fixamente para Leon.

— Encontrarei outro carro.

— O elemento-surpresa — disse Mihai, com desdém. — Uma estratégia superestimada. Carros são raros em Istambul.

— Fique com o meu se não o trouxer de volta.

— E você estará aqui para me dá-lo.

— Confio minha vida a você. Você pode confiar um carro a mim.

— Ora, sua vida. Quando me tornei esse tipo de pessoa? É isso que você faria?

— Quando — disse Leon, ignorando a pergunta. Esperou. — É só um carro.

Entreolharam-se por um momento, e depois Mihai escreveu alguma coisa em um pedaço de papel.

— Não use esse cartão muitas vezes — disse, enquanto escrevia. — Perde o valor se fizer isso.

— Não se for caso de vida ou morte.

— A vida dele.

Leon não disse nada.

— Conhece Üsküdar? Halk Caddesi. O primeiro grande cruzamento da ferrovia, onde a estrada se bifurca. À direita, passando a estação dos correios. Uma garagem no primeiro bloco. Poderá vê-la quando chegar à mesquita. Dê isso a eles. Em Antália, o antigo porto. Um café em frente à enseada de barcos, o maior. Pergunte por Selim. Farei a chamada. — Mihai entregou o papel. — Não peça novamente. Por esse cara. Se ele morrer... — Gesticulou com a mão.

Entreolharam-se por um segundo, sem dizer nada.

— Leve gasolina extra. Não há muitos postos de gasolina nas montanhas. Mulas. É o que se usa para chegar às montanhas. Argh — grunhiu Mihai, dirigindo-se à janela.

— Quanto tempo eles vão ficar? — perguntou Leon, olhando o navio por cima do ombro do companheiro.

— Até que eu possa pagar. Aciman manda alimentos, não estão passando fome, mas as condições... como vermes. Só teremos o navio ali pelo final do mês. Alugado. E depois, o que será? Dizemos para voltarem à Europa? Para aquele inferno?

— Esse navio não é seu?

— Ninguém vende navios desde a guerra. E quem tem grana para comprar? Então, alugamos. E não é barato. Cinquenta e cinco mil libras... palestinas, não turcas. Esterlinas.

— Pague a propina, então. Diga ao seu povo que é uma emergência.

— Tudo na Palestina é uma emergência. — Mihai se afastou da janela. — Bem. — Ergueu os olhos. — O carro é um velho Horch. Não pare nas aldeias. Todo mundo vai querer olhar.

Almoçaram no restaurante especializado em frutos do mar, embaixo da ponte Galata, Kay de frente para a cidade velha, uma vista de cartão-postal, com altos minaretes e cúpulas por trás de um rabo de pipa feito

por aves no ar. Fazia muito frio para se ficar lá fora, mas tinham conseguido uma mesa à janela e Leon se contorcia na cadeira para mostrar os pontos turísticos. A mesquita nova e a de Süleyman, no alto do morro. Faziam hora, bebericando um café enquanto esperavam o sol aparecer no céu. O estuário Chifre de Ouro parecia feito de aço, com suas águas cinzentas.

— O que mais? — perguntou ele.

— Bem, aquilo. — Ela apontou para a ponte baixa, sobre a água. — Como os barcos entram e saem por ali?

— Suspendem a ponte de madrugada. Por volta das quatro horas, quando não há tráfego. Todos os barcos passam por ali.

Ele imaginou o navio de Mihai saindo de Constância antes do amanhecer, aos trancos e barrancos, em direção a uma doca, onde apodreceria à espera, sem um mísero minarete à vista no escuro. Gente que já tinha estado nos campos. Baldes despejados.

— O que mais?

— Fale-me de você.

— De novo. Você primeiro. Qual era o seu nome? Antes de se tornar Bishop.

— O'Hara.

— Scarlett.

Ela balançou a cabeça.

— Bronx, parte irlandesa, nada de cortinas rendadas. Mamãe era empregada doméstica. Mas papai era policial, mais privilegiado, era como pensavam. Até a guerra. A primeira. Ele foi morto uma semana depois de desembarcar. Acho que isso acabou com a mamãe. Mesmo assim, teve de voltar a trabalhar. Escadas, o dia todo. Ela dizia que nunca mais queria ver escadas na vida. E, como não queria que eu passasse por essa experiência, pagou meus estudos. Eu devo isso a ela.

— Escola de secretariado.

— Bem, era isso ou as freiras. Nunca me vi como uma freira.

Ele a olhou.

— Não.

— Eu me referi ao chamado.

Ele sorriu.

— Ah.

— Pare. — Ela se deu por satisfeita e olhou de novo para a água. — Diga uma coisa. A verdade. Faria diferença se não fosse eu? E se alguma outra...?

— Mas não foi assim. Que pergunta é essa?

Ela estendeu a mão e o tocou nos dedos, apenas roçando-o por cima da toalha de mesa.

— O que estou querendo dizer é que você pode dizer. Eu teria feito de qualquer maneira. Só não esperava...

Ela se deteve, de boca aberta e com olhos subitamente alertas. Uma sombra cobriu a mesa.

— Sr. Burke — disse, retirando a mão, como se disfarçasse o gesto, como se tivesse sido flagrada roendo as unhas.

— Achei que só poderia ser você — disse Ed, também desconcertado e de olho na mão dela. — Leon. — Acenou. — Mostrando a paisagem à sra. Bishop?

— Turnê gastronômica. Ideia do Frank — disse Leon, mas a essa altura o desconforto era geral. Ed olhava para um e para outro. — E você? Almoço tardio?

— Galip — disse Ed, distraidamente, a cabeça ainda no minuto anterior. — Exportações. Uma vez por mês. Não sei por quê. — Olhou para o relógio de pulso. — Mas preciso ir andando. — Olhou para Leon.

— Disseram que você solicitou alguns arquivos. — Era um tom nervoso, que ele foi incapaz de conter. Leon ergueu os olhos. Ed prosseguiu:

— Só estou curioso. Você sabe, poderia surgir alguma coisa. Alguém no consulado. Você sabe o que estão dizendo.

— Estou fazendo uma auditoria nos pagamentos. Os pagamentos por fora.

— Por fora? Então, você acha...

— Ed, eu não acho nada. Só estou verificando os livros. Acredite em mim.

— Bem — disse Ed, recuando. — Foi bom saber. Antes de Barbara partir.

— Ela está de partida?

— Na próxima semana. Ganhou prioridade em um voo. Não consegue mais dormir. — Ed voltou-se para Kay. — Bem, você pode imaginar. Ela diz que quanto mais cedo, melhor. Daremos uma festa no clube. Se puder ir...

— Sinto muito. Vou voltar amanhã.

— Leon?

— Vou tentar. Pode ser que já esteja em Ancara.

— Ancara? — perguntou Ed.

Kay olhou para o alto, sem dizer nada.

— Só por alguns dias.

— Oh. — Ed queria fazer mais perguntas. — Bem. — Outro momento de espera. — Então, nos veremos em alguma loja quando voltar. — Um aceno de despedida.

— Sra. Bishop.

— Kay.

— Kay — repetiu Ed, sem graça, olhando novamente para a mão dela, para as xícaras de café, como se a toalha fosse um lençol amarrotado.

— Até que isso foi divertido — disse ela, pegando um cigarro com a mão levemente trêmula depois que ele saiu. — Cristo, o que estou fazendo?

— Foi só o Ed. — Leon acendeu o cigarro dela. — Almoçamos juntos. Só isso.

— Será que ele pensou assim?

— Ninguém se importa com o que Ed pensa.

— E a respeito de Ancara? Não poderei mais vê-lo.

— Por que não?

— Não poderei, é tudo. Todos saberiam em cinco minutos.

— Você não poderá mais vir aqui.

— Não.

— Então, como é que pensou...?

— Não pensei nada. Se tivesse pensado, não teria vindo aqui. Cristo. — Ela deu uma tragada. — Quando decidiu ir para Ancara? Na noite passada?

— Eu não vou. Só quero que Ed pense que vou.

— Por quê?

— Não é da conta de Ed.

— Ou da minha? — Ela desviou os olhos. — Para onde vai?

— Para outro lugar.

Ela pareceu que queria fazer uma pergunta e abaixou os olhos.

— Quando?

— Amanhã.

— Então, hoje o dia é só nosso.

— O que mais quer ver? Basílica de Santa Sofia? O Grande Bazar?

— Algum lugar onde a gente não precise correr de ninguém. Não sou boa nisso. — Ela olhou de novo para a água. — Prometi a mim mesma que não pensaria no que estava por vir e agora só penso nisso.

Leon pegou a mão dela.

— Eu vou para Ancara.

Ela se virou, arisca.

— E nos encontramos onde? No Ankara Palas? Com seu tio e todos os outros no bar. — Fez uma careta. — Que engraçado. Exatamente o que mamãe disse que estava por vir. Quando me mudei. “Seu próximo passo será se encontrar com um homem no quarto de um hotel.” Era a ideia que ela fazia do que poderia acontecer de pior para mim. E aqui estou eu.

— Aqui está você.

Ela olhou para ele, sorrindo.

— E temos o dia inteirinho para nós. Pode escolher. Algum lugar que você goste. Não me importo com quem possa encontrar.

Foram até o cais de Eminönü e pegaram uma barca para Üsküdar. Ficaram no convés, os cabelos dela soltos à brisa. Em terra firme, alguns homens de turbante que estavam bebendo chá a observaram. Mulheres estrangeiras eram raras daquele lado. Muitos outros turbantes, um véu aqui e ali, roupas que quase tocavam o chão, motos barulhentas que costuravam ao redor de um ônibus em marcha lenta e o ar pesado de diesel. Foram de táxi até praça, atravessando o mercado de alimentos e subindo uma extensa colina.

— Para onde vamos?

— Para Çinili Camii, a mesquita dos azulejos. Você vai gostar.

— Mulheres podem entrar?

— Hum. É só cobrir a cabeça. Foi construída por uma mulher. Era uma das grandes *valides*... mãe de dois sultões.

O portão do pátio estava aberto, e a mesquita, fechada. Leon foi procurar o zelador na casa de chá ao lado. Uma pequena mesquita com uma pequena madraçal adjacente, um pátio simples, apenas uma fonte de abluções e uma árvore frondosa, aparentemente mais velha que o prédio. Kay saiu andando pelo pátio, ouvindo os próprios passos, o único som nos arredores. Algum tempo depois, Leon retornou, seguido pelo *imã*, o chefe da mesquita, um barbudo de túnica branca e longa com um pesado molho de chaves na mão que resmungava por ter sido perturbado. Franziu a testa ao avistar Kay e, quando a viu de perto, sorriu, virou-se para Leon e desandou a falar em turco.

— O que ele disse?

— Que você tem um cabelo vermelho como as telhas da *mihrab* e que nunca tinha visto um cabelo assim. E que sou sortudo porque tenho uma esposa como uma telha de Iznik.

Kay sorriu.

— Isso é um elogio, certo?

— Dele? São os azulejos mais bonitos já feitos. Nunca mais se conseguiu reproduzir as cores. Deixe os sapatos aqui fora.

O *imã* se atrapalhou com as chaves.

— Está gelado.

— Há um tapete.

Na verdade, quase o piso todo era coberto de tapetes primorosamente concebidos, mas quase despercebidos aos olhos voltados para as paredes revestidas de azulejos em turquesa e azul, não apenas

um único tom, uma série de tons, como um exercício musical de azul. Na *mihrab*, linhas de verde e vermelho, da cor do cabelo de Kay, mas todo o resto em azul e branco, inclusive os cantos do teto de azulejos.

— É como estar dentro de uma joia — disse Kay, observando, ligeiramente trêmula. O lugar era frio, apesar dos tapetes.

— Em parte, pelo tamanho. Nas grandes mesquitas tudo é tão imenso quanto elas próprias. Aqui, realmente podemos ver os azulejos.

Kay seguiu à frente.

— É permitido?

O *imã* se inclinou, estendendo a mão.

— Não se preocupe. Falei com ele que faria uma doação. Também pode ver a galeria, combinamos tudo.

Depois de uma subida em escadas espiraladas e estreitas, por onde só passava uma pessoa por vez, viram, no ambiente seguinte, havia um conjunto de trepadeiras e flores e padrões abstratos que se repetiam, fluindo um no outro, azul no azul. Ela sorriu, ora olhando em volta, ora para Leon. O *imã* também sorriu no canto do sopé da escada, como se tivessem elogiado os filhos dele.

Depois, sentaram-se no murinho debaixo de uma árvore no pequeno pátio, um retalho do sol de inverno.

— Lindo — disse ela.

— E ninguém vem aqui. Não é o que queria?

— Mas você vem.

— Uma vez ou outra. Quando o tempo está bom. Só fico sentado.

— Sozinho? Quer dizer, não vem com...

— Anna? Não mais.

Ela desviou os olhos para a fonte.

— E no que pensa quando se senta aqui?

— Em nada, essa é a ideia. Os desenhos, as telhas. Acabo sendo levado por essas coisas e deixo a mente vagar. Sem pensar.

— Você? Pensei que sempre havia alguma coisa aí dentro.

Ele sorriu.

— Não quando estou aqui.

Por algum tempo, ela esquadrinhou o pátio. O *imã* atravessou o caminho de volta para a casa de chá e inclinou a cabeça para eles.

— Mas isso nunca será seu — disse Kay.

Leon se voltou para ela.

— Quer dizer, talvez você saiba mais dessa mesquita que ele. — Ela apontou a cabeça em direção ao *imã*. — Quem construiu. De onde veio. Tudo isso. Mas não é sua.

— E que diferença isso faz?

— Oh, eu sei. É maravilhosa. — Ela apontou para a mesquita. — Mas o que dizer do resto? E se eu tirar os sapatos e cobrir a cabeça? Como serei olhada? Isto aqui não é a vida real. Quer dizer, é para eles, mas nós só estamos... de visita. — Fez uma pausa. — Pelo menos eu.

— É preciso tempo. Leva algum tempo.

— O quê?

— Para viver aqui.

— Mas agora a guerra acabou. Você poderia...

— Voltar para casa? — Ele olhou ao redor. — Posso cuidar dela aqui. A clínica. Não sei se poderia

fazer isso lá. Então, moro aqui. Aqui é minha casa.

— Desculpe, não quis dizer...

— Eu sei. Só quer saber mais de mim. Se eu sou aquele cara do hotel. A quem sua mãe se referiu.

Ela ergueu a cabeça, e os olhos dos dois se encontraram.

— E é — disse ela. — Talvez seja. Pelo menos quando você disse que me queria, não é?

Ele sentiu um fluxo de sangue na virilha, como se ela tivesse tocado ali.

— Eu não deveria me envergonhar? Por pensar isso.

— Pois é. — Ele a puxou pelo braço e saíram andando.

Pegaram a barca de volta para Eminönü e perambularam como turistas pelo mercado de especiarias, olhando as pilhas de especiarias moídas e de tâmaras. Na barraca de *nougat*, um torrão caramelado fez Leon pensar em Sürmeli, o senhorio de túnica esticada às costas, cujo corpo bloqueava a passagem. Era aquele que passava as fofocas para Georg, talvez para todos os outros. Mas um homem girou o corpo mastigando pistaches cristalizados, apenas mais um gordo; Leon se sentiu observado e desviou os olhos. Retiraram-se pela saída lateral e cruzaram o mercado de aves, gaiolas barulhentas, com muito trinado e muita asa batendo.

— Olhe aquelas de vime — disse Kay. — Bem elaboradas. Mesmo assim, aposto que as aves as odeiam.

— Já tive um periquito em casa quando era menino. Nós o soltávamos e ele sempre voltava.

— Foi...? — Ela olhou para ele e inclinou a cabeça, sorrindo.

— O quê?

— Você menino. Estou imaginando isso.

— Foi há muito tempo. Vamos ao Grande Bazar? Não pode vir a Istambul e não...

— Vamos voltar.

— Para o hotel?

Ela o tocou no pescoço e ele estremeceu, o assunto se tornou irrelevante. De repente, o dia, até então preguiçoso, se estendeu à frente, correndo contra o tempo.

— Ficamos lá — disse ela — e pedimos serviço de quarto.

Por conta de Frank, e os garçons do Pera Palas trocando piscadelas. Ele notou por cima do ombro de Kay que o gordo estava saindo do mercado.

— Tenho uma ideia melhor — disse.

Pegaram um bonde até a colina e depois caminharam até Laleli, sem fazer um círculo de volta até o ponto de parada, como ele sempre fazia, mas seguindo direto até o apartamento, enlaçando-a pelos ombros. Isso para ser observado pelo gordo Sürmeli, que estaria bebendo chá de maçã na janela e finalmente teria as suspeitas confirmadas, Leon e uma mulher, o motivo que o levara a alugar o apartamento. Mas eles passaram pelo prédio e nada, nenhum movimento de cortina, talvez o gordo estivesse fora, recolhendo os aluguéis.

Leon teve mais sorte no próprio apartamento. Na hora em que enfiou a chave na porta de Alexei, dois sujeitos atravessaram o corredor, carregando livros. Acenos, saudações e murmúrios curiosos à parte. Um estrangeiro e uma mulher, claro que se lembrariam disso. Não de Alexei, quietinho como um rato.

— Que lugar é este? — perguntou ela, já dentro do apartamento. — É aqui que traz suas mulheres?

— É de um amigo. Ele me pediu que ficasse de olho no apartamento enquanto estivesse fora. — Agora, mentiras para ela também, se bem que inofensivas.

— Foi o que *elas* acharam. — Ela girou a cabeça em direção ao corredor. — Reparou em como olharam para mim?

— Esquece.

— Esse seu amigo vive mesmo aqui? — Ela olhou ao redor do quarto quase vazio, nem um saco de lona sequer para indicar uma presença, apenas um odor persistente de tabaco. E se alguém tivesse ouvido Alexei tossindo?

— É mais um *pied-à-terre*. Para quando está na universidade. — Outra mentira. Ele tocou no braço dela.

— Diferente de um hotel, não é? — disse ela, com ar travesso, surpreendendo-se consigo mesma. — Lençóis de outra pessoa. — Olhou para a cama. — Alguma mulher vem aqui? Para trocá-los? Quer dizer, o que seu amigo acharia disso?

— Não sei. — Ele a puxou para si. — Vamos fazer em cima.

À medida que o tempo passava e a luz se acinzentava na janela, eles adicionavam ainda mais fumaça ao ar viciado.

— E agora? — Ela se inclinou para amassar o cigarro e olhou para ele. — Eu não queria dizer o que disse. Prometi a mim mesma que não diria isso. — Desviou os olhos. — Agora, é sério. Não podemos ficar aqui.

— É melhor nos vestirmos — disse ele, puxando-a para si. Ela encostou o rosto no peito dele. — E você volta para o hotel. Depois de todo esse turismo. E diga ao recepcionista que gostou muito de Istambul. Jante no restaurante. Para que todos reparem. Sozinha. Leve um livro com você.

— E depois?

— Passarei a noite com você.

— E depois?

— Não sei — disse ele, sereno.

Ela se levantou e pegou a blusa na cadeira.

— E se eu encontrar algum conhecido na sala de jantar?

— Ótimo. Mais testemunhas.

— Para o meu álibi. — Ela olhou para ele. — Quem pensa esse tipo de coisa? Leve um livro. Você tem muitas mulheres assim?

— Não.

— Pois poderia ter. Seria bom nisso. As histórias. Este lugar. — Ela olhou em volta. — Um amigo fora, muito conveniente.

— Eu nunca usei este apartamento.

— “Pare de perguntar”, foi o que você quis dizer. Talvez isso também seja uma outra história.

Ele se levantou da cama e segurou-a pelos ombros.

— Eu nunca trouxe uma mulher aqui.

Ela desviou os olhos e começou a vestir a saia.

— Que livro? Para o meu jantar.

— Que tal um guia de Istambul? Leia o que você já viu.

Ela balançou com a cabeça.

— Cada detalhe. E o que você estará fazendo?

— Trabalhando. Para que ninguém pense que estou perseguindo a esposa de alguém na rua.

— Não precisa se esforçar muito para persegui-las — disse ela, puxando um zíper lateral e alisando a saia. — De qualquer forma, o que os outros pensam é tão importante assim?

— Para você, sim.

Ela olhou para ele, um tanto divertida.

— Isto não me passou pela cabeça. Que um trabalho secreto seria útil. Para saber como se esconder e inventar histórias. Fácil para quem faz esse tipo de trabalho.

Leon pegou a calça e começou a se vestir.

— Por que não fica mais um pouco?

— Não posso. Além do mais, você vai viajar e ainda não tinha dito nada. Então, talvez seja melhor assim. Foi o que dissemos. Basta deixar de lado. Oh, Deus. — Ela se sentou abruptamente na cama e baixou a cabeça. — E agora?

Ele se sentou ao lado dela.

— Fique.

Ela continuou calada, ainda de cabeça baixa, e levantou a cabeça em seguida.

— Não, já conversamos a respeito. — Olhou para ele. — Só ficar por uma noite.

Na rua, Leon seguiu outra o caminho diretamente até o bonde, uma última tentativa para ser notado. Dessa vez, Sürmeli estivera observando da janela — saindo subitamente para a rua. *Merhaba*, Leon tinha ouvida sobre Georg? Tão de repente, um jorro de tristeza turca, embora o tempo todo de olho em Kay, interessado e de olhos arregalados, o apartamento esclarecido.

— Quem era?

— Alguém que Georg conhecia na universidade. — Claro que era uma meia verdade, de novo distorcendo os fatos, usando-a como cobertura.

— Ele já sabe? Sobre o ataque cardíaco?

— Tudo foi muito rápido. Uma vida muito curta.

Ela olhou para ele, sem dizer nada.

Em Sirkeci, tomaram táxis separados.

— Até logo — disse ela, abrindo a porta e pondo a mão no braço dele. — Sabe do que mais gostei? Para dizer ao recepcionista.

— Topkapi. As joias.

Ela assentiu com a cabeça e apertou o braço dele.

— Janto cedo.

Ele sorriu.

— Não fique no bar.

No táxi, ele elaborou uma lista a ser providenciada: roupas, a papelada de Manyas, primeira coisa a pegar no dia seguinte, e depois o carro em Üsküdar. Era mais seguro seguirem separados. Alexei pegaria a barca de Haydarpaşa, a poucas ruas de distância do funicular, era impossível se perder, mesmo sem conhecer a cidade. Ele próprio evitaria Haydarpaşa, muitos olheiros na estação, melhor seguir o cais à direita, até Kadiköy, um desembarque sem dificuldade, ambos no lado asiático, sem ter atravessado juntos, já no sul da estrada. Seria ainda mais seguro se pudessem partir naquela mesma noite, no escuro, se bem que havia o problema da papelada. E Kay. Do que mais gostei? Para dizer ao recepcionista. Primeiro tirar Alexei... manter as coisas separadas. Mas ele se deu conta de que a excitação de um respingava no outro, as duas metades de uma laranja, ambos em fuga, jogando bolas de malabarismo ao ar.

No escritório, Turhan se preparava para sair. Contabilidade mensal pronta. A sra. King telefonara novamente. Festa de despedida, horário e lugar. Dorothy, do consulado, querendo saber se ele estaria de volta no mesmo dia. Frank Bishop.

— O que ele queria?

— Só disse que tentaria de novo.

Uma checagem. Talvez outra coisa. Mas por que ele? Alguém com quem Leon deveria se sentir desconfortável, mas não era isso que acontecia. Sentiu a mão dela no braço outra vez, promessa de mais tarde, sem escrúpulos dissimulados pelos cantos. Frank à mesa em Ancara, sem saber de nada. Outra

coisa a ser pensada depois. “Janto cedo.”

Já estava escuro quando Leon saiu do escritório, Taksim sob as luzes de neon, o Piccadilly de Istambul. Ficou olhando os cartazes enquanto esperava o bonde de Istiklal. Sabão Persil. Pamuk, substituto da Coca-Cola. Se estivesse adiantado, uma passada para um drinque no bar seria uma boa pedida, e se apressaria em dizer para alguém do consulado que estava a caminho de casa. Colgate. Um cinema de luzes acesas. A grande agência do Denizbank.

No bonde, sentou-se na traseira e olhou o próprio reflexo no vidro. Não era propriamente um sorriso, os lábios ondulavam de expectativa. Seguindo para algum lugar. Isso o fez se lembrar da primeira noite chuvosa em Bebek, olhando-se no espelho de casa. Era como se sentia agora. Vitrines iluminadas, quase nunca notadas. O bonde aproximou-se da Passagem das Flores, passou em frente às grandes lojas de doces, cujas vitrines exibiam blocos de *lokum*, e, depois, uma livraria, uma sucursal do Akbank. Sentiu-se inquieto, como se tivesse esquecido ou visto alguma coisa que destoava. Akbank. A. K. Denizbank. Apertou a grade com força, tentando lembrar. Talvez fosse isso, não um código.

Saltou na parada seguinte e desceu a rua Mesturiyet. As luzes do consulado ainda estavam acesas, equipe noturna de telefonistas e senhoras que limpavam lentamente o prédio inteiro. No lugar do guarda diurno, um marinheiro mal-humorado, um guarda noturno local que solicitou a apresentação da carteira de identidade de Leon.

— Gente trabalhando até tarde? — disse Leon em turco, enquanto o guarda examinava o passe.

— Sempre — disse o guarda, surpreendido pelo turco fluente. — Os norte-americanos adoram trabalhar. — Deu de ombros.

— É o fuso horário. Seus chefes ainda estão... — Leon se deu conta de que seria complicado explicar. — Não vou demorar.

Ele dispensou o elevador e subiu apressado pela escada. Uma mulher estava esvaziando cestas de lixo no corredor.

— Senhor — disse ela, curvando-se, surpreendida por alguém que chegava pela escada.

Leon retribuiu o aceno e se perguntou se ela era mesmo faxineira ou se era um dos olhos de Altan. A luz vazava por entre algumas portas basculantes atrás dela.

Ele acendeu o interruptor da saleta de entrada, entrou no escritório de Tommy e pegou os passaportes debaixo da gaveta. Tiras de papel dentro. Sim, A. K., o outro, D. Z. — Denizbank? Código? Não, números de conta bancária, com diferentes nomes. Documentos impecáveis de Manyas, toda a identificação necessária para um banco. Mas Leon não era o homem da foto. Seria preciso uma procuração ou um documento equivalente para que o Akbank o aceitasse. Testamenteiro. Saiu e pegou algumas folhas de papel do consulado na mesa de Dorothy. O texto não era importante, contanto que parecesse oficial. Datilografou em duas folhas, uma para cada nome, outorgando-lhes autoridade para acessar as contas. Será que Tommy tinha escondido muito dinheiro?

Colocou os passaportes e as cartas no bolso do paletó e saiu às pressas do escritório. A faxineira já tinha saído e talvez o guarda estivesse no banheiro, ou então fumando um cigarro em outro lugar, mas a porta da frente não estava trancada e ele simplesmente a empurrou. Lá fora, os portões de ferro abertos, uns poucos carros ainda no pátio e nenhum guarda à vista. E se ele fosse um ladrão?

Mas será que ele não era isso mesmo? Tecnicamente, de quem era aquele dinheiro? De Barbara? Do governo? Dos russos, já não era mais. Isso se o dinheiro ainda estivesse lá. Mas, se havia as contas, por que não estaria? Como é que se fez isso? Transferências bancárias, passíveis de serem rastreadas, uma prova? Ou então envelopes com dinheiro vivo, passados por debaixo da mesa, no Park ou nas reuniões dos aliados. Melnikov trocando mais que informações. As trinta moedas de prata de Tommy.

Na rua, Leon olhou para o Pera, ao mesmo tempo nervoso e entusiasmado. Ocultação de evidência,

diria a polícia. Mas era o elo, o jeito de provar que Tommy... enfiava a grana no próprio bolso, pensou consigo, enquanto tomava um drinque no bar. Só subiria depois.

Leon percebeu que ela já tinha acordado e estava de costas, talvez olhando a garoa da manhã pela janela. Mexia o ombro enquanto respirava e isso o acendeu e ele então se curvou sobre ela. Os sulcos da chuva da noite nas janelas os fizeram se aninhar debaixo das cobertas. Mas, lá fora, havia apenas uma garoa, o céu finalmente exaurido. As estradas que cruzavam as montanhas estariam escorregadias, precisaria de mais atenção ao dirigir. E, lá no fim, o sol, as árvores cítricas. A que hora os bancos abriam? Ela puxou o lençol e cobriu-se.

— O que está pensando? — perguntou Leon baixinho, sussurro do amanhecer.

Kay se virou na cama e se pôs de frente.

— Em como aconteceu.

— O quê?

— Lá na rua. Após o funeral. Você me deu um cigarro. E me perguntei. Isso é tudo. Começou assim. Depois, uma conversa na recepção. Depois, outra coisa e depois outra coisa mais. Só estava traçando um fio de como aconteceu.

Ele a tocou no rosto.

— Senti seu cheiro logo que acordei — continuou ela. — Na minha pele. E então pensei, eu aqui deitada e ele na minha pele. Como isso aconteceu?

— Uma coisa leva a outra — disse ele. A resposta que era mais um palpite.

Ela olhou para ele.

— Bem, nem tanto.

— Estarei em Ancara, a negócios. Será fácil.

— Para você. — Ela rolou na cama e pegou o roupão que estava no chão.

— Tomarei providências. Sou bom nisso. Você mesma disse.

— Mas eu não sou. — Ela se levantou e vestiu o roupão.

— Não, não. Espere um minuto. Fique assim. Gosto assim.

Ela cobriu os seios com as mãos.

— O que está olhando?

— Só estou olhando.

Leon apoiou-se no cotovelo e apreciou a pele branca e pálida de Kay à luz da janela.

Ela baixou a cabeça.

— Nunca deixei ninguém me olhar assim. Nua.

— Nunca?

Ela deslizou o braço para dentro da manga.

— Está fazendo frio.

— Deixe o roupão aberto. — Ele saiu da cama e chegou mais perto. — Quero vê-la assim.

— Para se lembrar depois?

Ele a abraçou.

— Darei um jeito.

Ela se manteve imóvel por um segundo e depois soltou os braços e se dirigiu à janela.

— É melhor se vestir. Já está parando.

— Não preciso sair. Ainda é cedo.

— Precisa, sim, agora. Já é hora. — Ela girou o corpo e esboçou um sorriso. — Ficarei na cama por algum tempo, sentindo seu cheiro em mim. — Fechou o roupão com um cinto. — Ponha a roupa, está bem? — disse suavemente, acendendo um cigarro.

Ele pegou as calças e olhou para ela.

— Ficarei pouco tempo fora e depois irei para Ancara.

— E talvez a gente desfrute um jantar. Nós três. Frank olhando para nós dois. Você olhando para mim. E eu me esquivando de você e depois fugindo de Orhan, nosso motorista. Ficaria esquisito se pegasse um táxi em qualquer lugar e não o nosso carro. E depois? Finjo que vou às compras enquanto o motorista espera no carro. Saio apressada e viro a esquina para onde? Para um quarto de última hora? Talvez aquele seu amigo também tenha um quarto lá. Finjo que estou fazendo compras e tenho um encontro rápido com você.

— Não precisa ser assim.

— É assim.

Ele parou de se vestir, a gravata ainda pendurada na gola.

— Kay...

— Que confusão. — Ela bateu as cinzas do cigarro em volta da borda do cinzeiro. — Meu Deus, isso quer dizer que sou a outra? Em quartos de hotel. Mamãe estava certa. Fumando e mostrando o corpo de roupão entreaberto. Que visão!

— Totalmente depravada.

Ela olhou para o alto, com um sorriso discreto.

— Fico feliz por ter passado uma noite aqui. Isso torna tudo menos...

— Não é isso.

— O que é, então?

Ele deu o nó na gravata.

— É o que temos.

Ela deu uma tragada, olhou para ele e apagou o cigarro.

— Já vestido. É melhor sair. O que podemos dizer? Sou nova nisso.

Ele chegou mais perto, pegou-a pelo queixo e beijou-a na testa.

— Vejo você em breve.

Ela olhou no fundo dos olhos dele e deu um passo atrás, com os ombros levemente caídos.

Leon pegou o paletó sem prestar atenção e com o bolso interno virado para baixo. Um baque surdo, e os passaportes de Tommy e as cartas do consulado se esparramaram pelo chão. Ele olhou para a pilha e a recolheu atarantado. Nada à vista, nada de nomes, apenas o fato em si, obviamente, passaportes, mais de um. Ela olhou para ele e cruzou os braços no peito, um reflexo de autopreservação. Ele vestiu o paletó e enfiou os passaportes no bolso.

— Nada de perguntas — disse. — Lembra?

Ela continuou olhando para ele.

— O que me pergunto é o que você ainda não me contou. Talvez seja dessa maneira. Entre nós.

Ele ajeitou a gola, sem responder.

— Talvez você goste dessa maneira. Secreto. Com seu trabalho. Comigo também. É emocionante para você.

Ele olhou para o alto.

— Há dois de nós neste quarto.

Ela se calou por um instante e balançou a cabeça em seguida.

— Tudo bem. Sim. Também gosto dessa maneira. Não sou tão boa nisso. Fico pensando se meu rosto

está mostrando.

Ele se aproximou e pôs a mão no pescoço dela.

— Está. Só que ninguém mais está vendo.

Ela tocou no bolso do paletó.

— O que vai fazer com isso... é seguro?

Ele assentiu com a cabeça.

— Logo, logo chego a Ancara — disse, e acrescentou, antes que ela retrucasse. — Dê um dia de folga para Orhan.

Ela olhou para o alto.

— Todos os detalhes.

No fim, os números eram de cofres de depósito e não de contas. Sem talões de depósito, sem transferências, sem registros.

— Mas você tem a data de quando ele pegou o cofre?

— Sim, claro — disse o gerente do Denizbank, respaldado por uma ficha na mão. — Maio de 1944.

Dezenove. Alguma irregularidade?

— Não, não, apenas uma auditoria nos bens dele, apenas isso, para inventariar o patrimônio.

— Ele morreu? Sinto muito — disse o sr. Price, o gerente, que, obviamente, não era conhecido de Tommy. Um norte-americano com passaporte válido e com dinheiro para pagar pelo cofre.

— Nós precisamos do atestado de óbito para liberar o conteúdo. Você entende.

— Sim, naturalmente. Não queremos encerrá-lo. Só queremos conhecer o conteúdo. Talvez documentos.

A esposa acha que deve haver títulos... não os encontrou em casa. Se quiser alguém do banco presente enquanto faço a contabilidade...

O gerente descartou isso.

— Imagine. Um pedido do consulado. Precisa de algo mais? Tem mesa lá na sala. Assine aqui. Só para confirmar a concessão de acesso.

— As pessoas assinam cada vez que entram aqui?

O gerente sorriu.

— Não os depositários de cofres. Se tivéssemos de fazer isso todos os dias com as mulheres que só querem olhar as joias. — Ele olhou para o alto, hesitante. — Não é um caso de polícia, ou é?

— Não, claro que não. Uma simples auditoria.

Conduziram Leon a uma sala com cofres feita inteiramente de metal. O gerente retirou um dos cofres e o deixou na mesa. Entregou uma chave a ele, que, por sua vez, pôs um bloco e uma caneta na mesa.

— Ergin vai esperar lá fora — disse o gerente. — Depois, pode entregar a chave para ele. Se precisar de mais alguma coisa...

— Não sei como lhe agradecer.

O gerente se curvou ao sair. Um gesto diplomático.

Leon girou a chave e ergueu a cabeça. Nem Ergin, nem espelhos, ninguém observando. Levantou a tampa, esperando um brilho de ouro, como o baú de um tesouro, mas era apenas o monótono verde-acinzentado das notas de dinheiro, algumas pilhas, sem identificação bancária ou qualquer outro recibo de identificação, apenas dinheiro. Contou uma das pilhas, cinquenta notas de cem dólares, cinco pilhas, vinte e cinco mil dólares. Olhou fixamente para elas. Em dólares. Geralmente os russos acumulavam em notas de dólares. Por que não pagavam em liras turcas? Não era uma fortuna, mas um bom dinheiro. O

que Tommy fizera em troca daquilo? Cópias de cabogramas? Venda de nomes? Mas aquilo não se acumulara ao longo de anos, claro que fora um único pagamento.

Contou tudo, só para se garantir, e depois fechou o cofre e o trancou. Uma casa grande no bairro Chevy Chase, em Washington, com lavabo, um sonho já confidenciado a Dorothy. Não precisaria transferir o dinheiro para os Estados Unidos, nem pagar impostos, apenas colocá-lo na pasta e levá-lo de avião, sem que ninguém soubesse, ninguém, nem mesmo o Denizbank. Por que isso? Talvez o preço para Alexei, vinte e cinco mil dólares, o preço de um caçador de recompensas. Mas o dinheiro já estava no cofre antes da morte de Tommy, e era improvável que os russos tivessem pago antecipadamente. De qualquer modo, por que pagariam a Tommy para matar Alexei se eles próprios poderiam ter feito isso facilmente? Se já tivessem a informação...

O gerente do Akbank era mais escrupuloso e fez questão de permanecer na sala durante a abertura do cofre; só fez uma concessão, um afastamento discreto quando Leon levantou a tampa. Notas de cem dólares empilhadas da mesma maneira simples, uma réplica do primeiro cofre. Agora, mais que suficiente para uma casa. Ou talvez para uma outra vida. Graças a outro passaporte, nada vincularia Tommy a qualquer dos cofres se alguma coisa desse errado. Mas o que poderia dar errado?

— Quem mais pode abrir este cofre? — perguntou Leon. — A mulher dele?

— Sinto muito. Não há referência a outra assinatura. Apenas o sr. Riordan. — De novo, obviamente um desconhecido. — Claro que o banco seria obrigado a fazê-lo se houvesse uma ordem do tribunal.

— E quem conseguiria isso?

— A polícia. O Tesouro. Fizeram investigações no período de taxaço sobre as fortunas. Ativos não declarados. Mas o sr. Riordan é estrangeiro. Por isso, isento dos impostos turcos, não é mesmo? — O gerente ergueu as sobrancelhas ao perguntar.

— Isso mesmo.

— Portanto, isso não diz respeito a ele. De qualquer forma, deve saber, revogaram a lei. O sr. Riordan pegou o cofre posteriormente.

— Sabe exatamente quando?

O gerente verificou uma ficha semelhante à do Denizbank.

— No ano passado. Em maio.

— Mas o governo não poderia acessá-lo, tecnicamente falando?

Um bom motivo para não abrir apenas uma conta. Sr. Price. Sr. Riordan. Tommy diversificava as apostas novamente.

— Tecnicamente, sim. Mas não o fizeram. Se me permite perguntar, alguma razão em particular?

— Não, só curiosidade. Terei de atestar a integridade dos ativos na execução do testamento. Só queria ter certeza de que ninguém...

— Ninguém. Apenas o sr. Riordan. — O gerente baixou a cabeça. — E agora também o testamenteiro. O inventário é responsável pelas taxas do cofre? Sinto perguntar, mas...

Lá fora, Leon observou o tráfego que serpenteava na Taksim, o ar impregnado de fumaça de ônibus. Ainda tentava encontrar sentido para aquele dinheiro. O que valeria cinquenta mil dólares para os russos? Se é que Tommy não operava como tesoureiro, usando os cofres para as contas do consulado e financiar duas redes. Com a mesma moeda. Por que os russos desperdiçariam suas preciosas reservas de moeda estrangeira com uma folha de pagamento em Istambul? Não fariam isso. E provavelmente Tommy também não. Mas o dinheiro estava lá, em AK e DZ, à espera de dois Tommys para coletá-lo.

Um grande navio atracou no final da rua de Enver Manyas, e os guinchos e gritos dos *hamals* abafaram o sino da loja.

— Manyas Bey?

— *Efendi*. — O homem irrompeu por trás da cortina, como um gato de cauda erguida. — Está adiantado.

— Muito adiantado?

— Um minuto.

Leon olhou para a parede. Poses de famílias enrijecidas, com Topkapi como pano de fundo. Manyas trouxe um passaporte e o colocou no balcão.

— Nesim Barouh. Em viagem para a Grécia.

Leon folheou as páginas.

— O carimbo está ótimo.

Manyas inclinou a cabeça. Leon tirou um envelope do bolso.

— O que o sr. King lhe devia.

Outra inclinação de cabeça.

Leon pôs o passaporte no bolso e tirou os dois passaportes que encontrara na mesa de Tommy.

— Estes também foram feitos por você?

Manyas os folheou.

— Sim, no ano passado.

— O carimbo de chegada ao aeroporto... também é seu?

— Sim, tudo.

— Há outros? Quer dizer, para ele.

— Só o novo que você pagou. — Manyas continuou folheando. — Sem carimbo de saída. Ele nunca usou isso?

— Não para viagem.

Manyas passou os dedos finos pela folha, quase uma carícia.

— Coisa valiosa, um passaporte norte-americano.

— Não para quem está morto.

— Pois é. Nesse caso, valioso para alguém. É difícil copiar o papel. Uma pena jogar isso fora. — Manyas girou os olhos. — Inútil para você agora. Claro que queríamos partilhar. Como o sr. King.

Parceiro de negócios de Tommy. Um extra por fora. Mas quanto custara? Muita grana, algumas rodadas para todos no bar. De repente, por um segundo de volta ao Park, Tommy nostálgico e a sala com muitos documentos falsificados à venda. Isso quando Istambul era o *playground* dele, cheia de segredos, como ele próprio. Já quase deixada para trás enquanto ele planejava matar Leon.

— Tommy lhe forneceu passaportes? Verdadeiros?

— Poucos. Difícil de obter. Às vezes o consulado perde algum e precisa de um substituto. Você não pode conseguir na mesma fonte lá?

— Talvez. — Já está querendo saber. — Quanto é a parte de Tommy?

— Quarenta por cento. Você entende, o trabalho é meu.

— Pela mudança de foto.

— Não é tão fácil quanto se pensa. Mesmo para documentos turcos. — Ele apontou para o passaporte no bolso de Leon. — E outros serviços. Arranjar a venda. King insistia nisso. Nenhum envolvimento. Nenhum risco para você. Olhou diretamente para Leon, que olhou para ele de volta.

Uma negociação simples, parte da cultura, hora do chá.

— Cinquenta por cento — disse Leon. — A parte de Tommy.

Manyas se calou por um instante e depois assentiu com a cabeça.

— Um sucessor valoroso.

— E que garantia tenho da porcentagem que você ganha?

Um quase sorriso.

— *Efendi*. É preciso alguma dose de confiança no negócio. O sr. King nunca reclamou. Posso? —

Manyas estendeu a mão para os passaportes.

— Mais tarde. — Leon o deteve com a mão. — Ainda preciso disso por um tempo.

— Precisa disso? Com a foto dele?

— Não se preocupe, não vão a lugar nenhum. Enquanto isso pode procurar os clientes. A propósito, quem seriam eles?

— Um passaporte norte-americano? Muitos compradores. Mas os melhores preços? Durante a guerra, os judeus. Que preço você daria à sua vida? Ainda agora, suponho. Ainda os melhores preços.

O estômago de Leon revirou.

— Você e Tommy vendiam passaportes aos judeus?

Manyas olhou para ele.

— Quem precisava mais de passaportes?

O navio estava sendo descarregado e Leon ainda estava com a cabeça em outro lugar. A barulheira em volta o envolvia. Engrenagens e guindastes, gritos de uns com os outros. Uma carga oscilou para fora do navio em direção ao cais. Sinais de mãos agitadas a orientaram até a área de desembarque. Os *hamals* saíram correndo e pularam em cima da carga. Algumas simplesmente desapareceram. Fazia milhares de anos que os navios descarregavam mercadorias em Istambul, as cabeças giravam e alguma coisa era surrupiada, era tão natural quanto respirar. Tommy também depenara as contas do consulado? Amante do caixa dois, pagamentos para fontes só identificadas pelas iniciais. Fazendo negócios com Enver Manyas. Propinas faziam parte da vida local. Navios desfalcados de cargas. Contas de despesas adulteradas. Um hábito generalizado. E produziam-se então as próprias linhas. Isto, mas não aquilo. Onde Tommy conseguira o dinheiro? Espoliando judeus. Os mesmos desesperados que depois lotavam os navios de Anna. Quanto teria custado para cruzar essa linha? Fazendo-os pagar pelas próprias vidas. E depois ele próprio organizava o resgate, o último de quem o consulado suspeitaria. Mas não se ganhavam cinquenta mil dólares com a venda de uns poucos passaportes. O que ele teria feito para acumular esse dinheiro? Claro que também já tinha cruzado a mesma linha por menos. Algo valioso para os russos. Leon franziu a testa enquanto outra carga era descarregada e alguns sacos eram carregados para longe do cais. Não apenas um pouco de carga. Cinquenta mil dólares. Quem tinha dólares norte-americanos? Ele parou por aí, acabaria chegando aonde não queria chegar. Norte-americanos.

No pátio do consulado, carros de polícia, tantos quanto havia após a morte de Tommy, atraindo a mesma multidão de curiosos à frente do portão.

— O que está acontecendo? — perguntou Leon ao marinheiro quando apresentou a identificação.

— A polícia está aqui de novo.

— O quê? Fazendo perguntas?

— Sim, eles...

— Cabo! Já estão descendo. Ajude aqui. Rápido.

O guarda acenou para Leon e saiu correndo em direção a um grupo de pessoas perto do elevador, que tinha pelo menos o dobro da lotação permitida. Ele então subiu a escada de dois em dois degraus. Mais perguntas sobre Tommy. Horas que não podia desperdiçar. Alexei à espera. E os documentos de Enver no bolso.

No andar de cima, um silêncio estranho, sem os estalidos das máquinas de escrever, como se todos

estivessem na pausa para o café. Dorothy também tinha saído; luzes acesas e um suéter jogado no encosto de uma cadeira. Leon entrou no escritório de Tommy e remexeu a gaveta de cima atrás das agendas. Maio do ano anterior. Donald Price supostamente entrara no país no mês de abril e precisava ou sabia que precisaria do cofre no mês de maio. Folheou as páginas, meio do mês, depois em frente e depois de volta. Compromissos de rotina. E outros compromissos que dificilmente seriam registrados como reuniões. Então, uma olhadela no dinheiro. Abriu a gaveta e tirou os arquivos já monitorados em busca de algo mais. O sr. King se orgulhava desses arquivos. Precisava conseguir a qualquer preço, cruzando a última linha.

— Oh! — Dorothy chegou à porta e levou a mão ao peito, como nos desenhos animados. — Você está aqui. Fui pega de surpresa. Graças aos céus. A polícia está fazendo perguntas.

— Um minuto. Só quero ver...

— O quê? — disse ela, olhando para os arquivos.

— Na última primavera. Será que Tommy fez algumas viagens?

— Viagens. — Ela repetiu, achando a ideia implausível.

— Para fora do país.

— No ano passado? Durante a guerra? Não. Sr. Bauer, a polícia. Estão na sala de conferência. Acho melhor dizer a eles que já está aqui. Já telefonaram para o escritório da Reynolds.

— Da Reynolds? Por quê?

— Ainda não sabe? — Ela começou a dedilhar o botão da própria blusa. — O sr. Bishop. Está morto.

— Frank? — disse Leon, sem entender nada.

— Ontem à noite. Bem, acho que ontem à noite. De qualquer maneira, a polícia está querendo saber onde cada um de nós estava ontem à noite.

— Fazendo interrogatórios aqui? — Leon continuou sem entender. — Mas ele estava em Ancara.

— Não, estava aqui. No consulado. Ele foi encontrado esta manhã. Pobre Mary. Foi só abrir a porta e... tiveram de socorrê-la. deparar com uma coisa assim. De surpresa. As luzes estavam acesas e, quando ela entrou, lá estava ele. Sangue por todos os lados. — Dorothy estremeceu.

— Ele morreu... aqui? — perguntou Leon, como se tateasse uma parede no escuro.

— Por que faria uma coisa dessas aqui? Não faço ideia. Isso deixou todo mundo abalado.

— O quê?

— Oh, Deus, você não sabe, não é? — disse ela, com a voz embargada.

— Dorothy.

— Ele se matou com um tiro.

Leon ficou sem reação, um branco na cabeça seguido por um jorro de imagens: Frank no Karpić's; pegando um envelope; fumando um cigarro na praça Tünel; Kay encostada à janela de manhã, a pele pálida e a mão sobre os seios, e ele próprio apoiado no cotovelo enquanto a observava. Sentiu o sangue se espriar pelo rosto. Será que Frank sabia? Onde estava Kay?

— Sr. Bauer...

— Frank se matou, com um tiro — disse Leon, estupidificado. — No escritório dele? — Talvez já estivesse lá quando ele chegou atrás dos passaportes, uma das luzes vazava pelo basculante da porta e pelo corredor afora. Mas como poderia ter estado lá? — E a sra. Bishop?

— Já está lá embaixo. Com a polícia.

Leon saiu em direção à porta, ainda com um arquivo na mão, simplesmente seguia seus pés. Frank sentado à mesa de arma em punho, escrevendo um bilhete?

— Sr. Bauer...

Ele não a ouviu, já estava andando pelo corredor. No escritório de Frank, fotografos da polícia, *flashes*

na cadeira inclinada para trás, uma pequena maleta, alguns arquivos na bandeja de documentos, sem marcas no mata-borrão, sem sinais de perturbação em parte alguma, a não ser a mancha de sangue escura no tapete. Dois policiais acabavam de cercar a sala com uma fita de plástico. Ele caminhou até a mesa. Arquivos pessoais, Frank à caça até o fim, mas limpando a mesa, sem deixar o rabo preso antes de pegar a arma. E se tivesse telefonado para o Pera Palas?

— Não toque em nada — disse um dos policiais, em turco.

Leon parou a mão no ar.

— Não permitimos ninguém aqui — disse o policial, inclinando a cabeça para a porta.

Leon olhou para a cadeira, conjeturando. Frank tombou na mesa ou no encosto da cadeira? Isso importava? Um policial com luvas. Kay lá embaixo.

Alguns funcionários do consulado ainda esperavam sentados nas cadeiras do lado fora da sala de reunião. Falavam em voz baixa. Leon passou pelos policiais sem olhar para ninguém.

— Sr. Bauer. — Gülün, o policial corpulento que estava na folha de pagamento de Tommy, olhou por cima da mesa; ao lado, um taquígrafo; em frente, uma das secretárias do consulado sendo interrogada. — Um terrível amanhecer. — As bochechas escuras indicavam que o policial tinha chegado muito cedo, talvez não tivesse se barbeado.

Kay estava no extremo da mesa, uma xícara de café à frente, o rosto branco e vago, como de um doente.

— Acabei de saber — disse Leon.

— Já pode ir — disse Gülün para a secretária. — Sr. Bauer...

Mas Leon não tirou o olho da mesa. Kay encolheu-se com ar aturdido, revelando agora uma outra coisa, a apreensão culpada de quem está prestes a ser punido.

— Dorothy disse... — Ele começou e Kay desviou os olhos. — Que Frank se matou. — Concluiu para Gülün. — É verdade?

— Foi baleado, sim — disse Gülün, deleitando-se, em tom oficial. — Por quem é uma outra questão.

— O que quer dizer?

— Que ainda não está determinado. Coisas ainda a considerar... o ângulo do tiro, questões técnicas.

— Ele quer dizer que é improvável um suicídio. Realmente, improvável. — Soou uma voz por trás. O coronel Altan levantou-se da cadeira e aproximou-se. — Pode ser sincero com o sr. Bauer — disse para Gülün. — Era colega do sr. Bishop. Ambos, você sabe, cooperavam conosco. Em outro assunto. — Virou-se para Leon. — O tenente Gülün acha que é melhor não assustar ninguém. Então, por enquanto, simples suicídio. Mas nem por isso deixará de fazer perguntas — acrescentou com ar irônico, mas em inglês, que era incompreensível para Gülün. — Ele quer eliminar as possibilidades.

Leon olhou para Gülün.

— Foi assassinato?

— Ainda estou estabelecendo os fatos — disse Gülün, pavoneando-se. — Por favor. — Abriu a palma da mão e indicou uma cadeira.

Leon sentou-se e olhou de novo para Kay, agora de cabeça baixa e mexendo no anel.

— Esteve com o sr. Bishop ontem? Uma hora aproximada — perguntou Gülün, balançando a mão no ar.

— Não estive. Pensei que ele estivesse em Ancara.

— Mas ele telefonou para o seu escritório. De acordo com sua secretária.

— Já falou com Turhan?

— É importante que estejamos a par de tudo. Um homem morto. Então, ele telefonou...

— Pensei que era um telefonema de Ancara.

— Não. Uma chamada local. De acordo com sua secretária.

— Ela não me disse nada. Eu não fazia a menor ideia de que ele estava aqui. — Leon olhou para Kay.

Falava pelos dois.

— Ah. Mesmo assim, saiu direto do escritório para o consulado. E não se encontrou com ele?

— Não, tinha um trabalho para terminar.

— Saydam, o guarda da noite, declarou que você esteve aqui pelas sete, correto?

— Sim, quanto a isso, sim.

— Mas ele não o viu sair.

— Ele não estava na porta. E não sei onde estava. Talvez tivesse saído para fazer xixi.

— Ele disse que esteve o tempo todo lá.

— Bem, claro que diria isso, não é mesmo? Olhe...

Gülün o cortou com um aceno.

— Então, já não sabemos. Uma hora? Mais? Ficou aqui por quanto tempo?

— Não muito. Uns vinte minutos, talvez meia hora.

— E depois?

— Fui ao Pera Palas. — Leon olhou para Kay. — Para um drinque.

— Foi visto no bar?

— Não sei. Pergunte ao garçom. Por quê? Está sugerindo que o matei?

Gülün fez um aceno com suas mãos calejadas para acalmar os ânimos.

— E depois?

— Depois? Fui para casa — disse Leon, olhando nos olhos de Gülün.

O tenente sustentou o olhar por um segundo.

— Não, de acordo com o sr. Cicek. Está correto? Cicek? O *bekçi* do seu prédio?

— Você teve uma manhã movimentada — disse Leon.

— O tenente Gülün é metódico — disse Altan, calmamente. — Está correto?

— Que ele é o *bekçi*? Sim. Que ele sabe onde estou noite e dia? Não. O que é isso agora? Fiquei no consulado por mais ou menos meia hora. Digamos que até sete e meia. Quando foi que Frank levou o tiro? Ninguém ouviu? O tiro?

— Infelizmente, a polícia não pode afirmar com exatidão a hora da morte — disse Altan. — Fazia algum tempo que o sr. Bishop estava morto quando encontraram o corpo. Segundo o médico da polícia, ontem à noite, nem cedo nem tarde da noite, impossível afirmar com exatidão. Talvez na hora que o pessoal da limpeza passava o aspirador, ou talvez o guarda tenha se enganado ao achar que ouviu um barulho na rua. Não sabemos ao certo.

— Mas sabemos que ele foi baleado — afirmou Gülün. — E sabemos que você estava aqui. Por isso precisamos checar seus passos. Então, bar do Pera. E depois? — Outro olhar firme.

— Fui para casa. Talvez o sr. Cicek não tenha visto.

— Não viu. Mas ouviu o seu telefone. Tocando. Até que o outro lado da linha desistiu. Costuma fazer isso, não atender ao telefone?

Um segundo de impasse. Entreolharam-se.

— Ele não podia atender — disse Kay. — Ele estava comigo.

Leon olhou para ela, balançando a cabeça discretamente. Não faça isso.

— Madame? — disse Gülün, pego de surpresa.

Altan sentou-se, movendo os olhos para um e para outro.

— Ele não estava na casa dele. Estava comigo. A noite toda. Posso jurar. — A voz dela soou mais fraca.

— Deixe-me entender. A senhora passou a noite com o sr. Bauer.

— Sim — disse ela, olhando para Leon.

— Um colega do seu marido. — Gülün fez uma pausa. — Vocês são amantes?

— Só passamos a noite juntos — disse ela, olhando para baixo.

O tenente olhou constrangido para o taquígrafo, enquanto se levantava.

— Seu marido sabia disso?

— Não, claro que não.

— Mas ele retorna para Istambul. Uma viagem repentina. E depois talvez uma surpresa. Para os amantes.

— Ele ligou para o sr. Bauer — disse Altan, calmamente.

Gülün olhou para Kay e para Leon, sem saber o que fazer.

— Um momento, por favor — disse Altan a Gülün, chamando-o para a porta. — Nos dão licença? Para outro café?

Kay balançou a cabeça. O taquígrafo se levantou e se dirigiu à janela, como saindo da sala também, longe para ouvir algo.

— Por que você disse aquilo? — perguntou Leon, discretamente, quando os outros saíram.

— Por que não? Não é verdade? — disse ela, em tom neutro. Empurrou o copo para longe. — Uma surpresa para os amantes. — Arremedou a inflexão de Gülün. — Não teria sido uma baita surpresa?

— Kay..

— As freiras estavam certas. — Ela disse para si mesma. — De um jeito ou de outro, sempre se paga. Talvez não dessa forma. Se é que elas cogitavam isso.

— Você está bem?

— Eu ainda estava na cama. Quando o telefone tocou. Será que eu podia descer? Mas tinha ocorrido um acidente. Acidente. Eu não podia ficar histérica, presumi. E ainda tinha o cheiro de você em mim. — Ela se levantou, de mãos apoiadas na mesa. — Não que eles soubessem disso.

— Mas agora sabem. Por quê...

— Sabe o que eles me perguntaram? Frank tinha algum inimigo? Sei lá, pensei comigo. Não sei nada sobre ele. É meu marido e não sei nada sobre ele. Mas talvez você saiba. Ele tinha? Inimigos?

— Ele devia ter algum.

Ela abaixou os olhos, cobrindo-os com as mãos.

— Imagine só, não saber nada sobre ele. — Sem lágrimas, mas agora calma e retraída.

Leon aproximou-se e tocou-a no ombro, mas ela se esquivou e saiu do alcance.

— Um acidente. — Ela assoou o nariz com um lenço. — Perguntei: que tipo de acidente? Eles responderam: ontem à noite. Ou seja, Frank deitado, morto, e nós...

— Kay — exclamou Leon.

— Tive de fazer a identificação. “Este é o seu marido?” “Sim.” E o tempo todo pensando que não conhecia aquele homem. Se ele tinha levado um tiro, só podia ter uma vida dupla. Como você. — Ela levantou a cabeça. — Também não sei nada de você.

— Sabe, sim.

Leon tirou o lenço e enxugou o canto do olho de Kay.

— Eles também me perguntaram sobre você. Pensei que talvez soubessem. Sobre nós. Mas você não estava comigo. Então, pensei, por que não? Você me deixou... e depois? Onde é que estava?

Ele não respondeu, ainda enxugava o olho dela.

— Responda! — Ela o tocou repentinamente no peito, com as duas mãos. — Odeio isto. Odeio que não me deixem perguntar. Odeio que me digam que não podem responder. Primeiro, Frank, e agora, você. Imagine só.

— Eu tinha tarefas a fazer.

— Tarefas. — Ela não acreditou e elevou a voz furiosa. — Que tarefas? Não pergunte. Só responda! — Bateu no peito dele.

Ele a pegou pelos braços.

— Fui ao banco — disse, olhando nos olhos dela, quebrando o feitiço que a envolvia.

Com essa resposta imprevisível, ela riu discretamente e encostou a cabeça no peito dele; não chorou, só amoleceu, descontraindo-se contra o corpo dele.

— Kay, ouça. — Ele sussurrou no ouvido dela para que o taquígrafo não ouvisse. — Precisamos ser cuidadosos. Ligar para Turhan. O sr. Cicek. Eles estão inventando um monte de coisas para provar que eu estava aqui. Que talvez eu estivesse aqui.

— Mas já falei para eles. Você estava comigo.

Ele inclinou a cabeça.

— E agora eles têm um motivo.

— Que motivo?

— Você.

Os olhos dela nublaram.

— Sinto muito. Eu não queria...

— Eu sei.

— Eles pensam isso? Então, por que não eu? A esposa infiel.

— Por enquanto eles não pensam nada. Precisamos ser cuidadosos, isso é tudo. Não só com a polícia. Também com o Emniyet de Altan.

— Mas ele estava na festa de Lily — retrucou ela. Essa reação fora do contexto o deixou sem réplica.

Ela girou o corpo, amparada por ele.

— Este lugar. Quem sabe quem é quem? — Estremeceu levemente e olhou para ele. — Diga, então. A verdade. Você não teve nada a ver com isso. Diga isso. Eu não conseguiria conviver comigo mesma se...

— Nada — afirmou Leon.

Um segundo de silêncio.

— Meu Deus. Acredito em você, só isso. Se você diz, acredito em você. — Ela encostou a cabeça no peito dele outra vez.

— Sra. Bishop — disse Altan, entrando pela porta. — Não está bem?

Kay se sobressaltou. Gülün entrou em seguida, de cara amarrada para o casal.

— Ela teve uma manhã difícil — disse Leon, ainda amparando-a — Precisa descansar. — Olhou para Gülün. — Ainda precisa dela aqui?

Gülün gesticulou com o braço, irritado demais para se preocupar com palavras, sentando-se e recolhendo as anotações.

— Mais uma vez — disse a ela. — Você vai ficar em Istambul?

— Na verdade, nem tinha pensado... — Ela se afastou de Leon.

— Seria aconselhável. E o senhor também, sr. Bauer.

— Até quando? Talvez precise ir a Ancara.

Isso chamou a atenção de Altan, mas Gülün se manteve ocupado com os papéis.

— Estou solicitando isso a todos que estavam aqui ontem à noite — disse, olhando em seguida para Kay. — Precisa de alguém para levá-la ao hotel? Para o seu descanso. — Não pôde evitar que a última palavra soasse como uma ferroada.

Ela balançou a cabeça.

— Preciso fazer alguma coisa aqui? Quer dizer, o que as viúvas precisam fazer? Não faço ideia...

— Dorothy poderá ajudá-la — disse Leon. — A providenciar as coisas.

— Ainda não podemos liberar o corpo — disse Gülün. — A lei exige uma autópsia.

— Claro — disse Kay, vagamente. — O corpo. Será enterrado em algum lugar, não é? Tudo isso.

— Você poderia chamar o ramal 62? — perguntou Leon ao taquígrafo. — E pedir a Dorothy para descer? — Virou-se para Kay. — Não precisa fazer isso agora. Dorothy pode cuidar da papelada.

— Nada disso. Não posso simplesmente ficar sentada. Sem fazer nada. Eu ia...

Altan fez um meneio de cabeça afirmativo.

— É difícil, uma morte inesperada. O choque — disse, em tom pessoal e compreensivo.

— Só mais uma pergunta? — disse Gülün, sem olhar para Altan. — Seu marido. Ele não ligou ontem para dizer que estava de chegada?

— Não.

— Isso era habitual? Ele gostava de surpresas?

— Não sei. Não, realmente não.

— Mesmo assim, ele fez um voo de volta.

— Veio de avião? Mas ele odiava aviões. Achei que tinha vindo de trem — disse Kay, sinceramente surpreendida.

— Não. Então, algo urgente, algo que não podia esperar. — O tenente fez uma pausa. — Uma surpresa. Sem mensagem para o hotel. Ficou fora durante o dia?

— Passeei.

— Sozinha?

— Não. Com... — Ela apontou para Leon.

— Ah — disse Gülün, como se tivesse atingido algum ponto. Virou-se para o taquígrafo. — Terminamos por hoje. — Um olhar astuto para Altan, enquanto enchia a pasta. — A propósito, sr. Bauer, já falamos com Saydam. O guarda. Talvez tenha saído para fumar, um tempo longe da porta.

— Sim.

— Infelizmente, ninguém mais estava lá. Sendo assim, tudo é possível. — Olhou para Kay. — Pessoas entrando e saindo.

Dorothy chegou e todos seguiram em direção à porta, aliviados por sair daquela sala.

— Não se preocupe com Gülün — disse Altan, puxando Leon para trás. — Sua embaixada em Ancara telefonou algumas vezes. Já não são mais dois homens mortos. Claro que culparão os russos, mas é nossa polícia que recebe as chamadas. Alguém detido? Quer dizer, é um momento difícil para ele.

— E a arma? Impressões digitais?

— Apenas as do sr. Bishop.

— A arma era de Frank?

— Não.

— Mas tem certeza de que ele não...

— Claro. Foi um disparo na nuca.

— Por que então limpar a arma? Para simular um...

Altan deu de ombros.

— Foi um ferimento profundo na cabeça. Talvez o sujeito tenha pensado que ninguém examinaria mais a fundo. Só examinaria o ângulo. Mas o tenente Gülün gosta disso. Enfim, não foi suicídio.

— Impressões em algum outro lugar?

— Por todos os lados. Um escritório sempre ocupado, gente entrando e saindo. Gülün terá de fazer uma lista e investigar as ligações com os que estavam aqui ontem à noite. Trabalho longo. Mas há algo curioso em relação às impressões.

— O quê? — perguntou Leon, detendo-se e deixando que os outros passassem pela porta.

— Encontraram impressões em todos os lugares, menos num armário. Evidentemente limpo, como a arma. Arquivos do pessoal.

— Como os da bandeja de documentos.

Altan olhou para cima, contente.

— Excelente. Gülün não tinha feito essa conexão.

— E você acha que alguém levou um arquivo e limpou as impressões da gaveta?

— Não, acho que alguém colocou um arquivo de volta. Um que o sr. Bishop teria retirado. Um arquivo que não se quer que fique faltando, o da própria pessoa. Então, sim, seria notado. E que o sr. Bishop até então ainda não tinha retirado.

— Então, alguém que trabalha aqui.

Altan balançou a cabeça.

— Seguramente. Pobre Saydam, não é um bom guarda, mas ainda assim é improvável que um estranho tivesse entrado, atirado no sr. Bishop e depois saído. Nem mesmo a esposa — disse, olhando para cima.

— Gülün é fascinado pelas histórias de revistas. É fascinado pelas mulheres europeias. Elas se comportam de maneira diferente. Os homens turcos procuram as prostitutas, não vão para hotéis com a mulher de outro. Isso é impensável. Peço que me perdoe, só estou colocando uma questão.

— Que questão?

— Que Gülün pode concluir que uma mulher assim escapuliu para dentro do consulado e atirou no marido. Essa solução o deixaria excitado. Mas claro que é mais provável que tenha sido alguém daqui, alguém cujo trânsito não seria notado.

— Como eu.

— Ora, você. E depois desce a rua para uma noite de amor? Não. — Altan balançou a cabeça em negativa. — Além do mais, você não tem um arquivo. E é de fora. Só chegou depois que mataram King. O sr. Bishop insistia em dizer que havia um traidor. No consulado. Acho que você não acreditava nisso e não me passava pela cabeça por quê. — Olhou para Leon, como se o avaliasse novamente, e depois deixou aquilo de lado. — Mas agora há de concordar que ele estava certo. Havia um traidor e o sr. Bishop o encontrou. Portanto, tinha de ser morto.

— Como sabe disso?

— Porque ele telefonou para você. Pense por um instante. Não seja como Gülün. Um marido raivoso? Não, claro que ele não suspeitava. — Olhou para cima. — Um pequeno alívio para sua consciência.

— Você não tem..

Altan o fez se calar.

— Justificativas. Então, ele faz a mala e pega um avião... sem tempo a perder.

E para onde vai? Para o hotel? Não, direto para o consulado. E para quem telefona? Para a esposa? Não, para você. Gülün não alcança esse raciocínio. Bishop telefonou para você. E quem é você para ele? O outro homem? Não, o parceiro, o mesmo que ele trouxe para o consulado. Telefona para você porque tem notícias sobre o caso. Ele estava certo. Já tinha encontrado o vazamento. — Fez uma pausa. — Pena que você não estava lá para atender a chamada. Em vez de... estar passeando. — Os outros ainda esperavam do lado de fora da porta. — Você deixou alguma coisa, suponho. — Pegou um arquivo e o entregou para Leon, de olhos cravados na etiqueta. — E como vai indo o trabalho? Já tem alguma ideia?

— Só uma pergunta. O romeno. Você disse que ele nunca tinha vindo a Istambul, mas já tinha vindo à Turquia. Se você tem as datas, não tem o controle do passaporte?

— Por que pergunta?

— Porque ele deve ter alguém aqui que o está ajudando. Alguém que soube com antecedência. Aonde ele foi? Você sabe?

— Ancara e Edirne.

— O que ele foi fazer em Edirne? — perguntou Leon, olhando para o arquivo, como se pensasse em voz alta.

— Visto assinado por Antonescu. Portanto, algum negócio do governo.

— Negócio do governo? No ano passado? Que tipo de negócio fariam?

Altan deu de ombros.

— Talvez um pedido de paz. Uma forma de sair. Visto para um dia, normalmente de mensageiros. Claro, sem tempo para fazer amigos aqui. Alguém que ajudasse.

No saguão, o grupo começava a se dispersar. Gülün reescalou os que ainda estavam à espera enquanto Kay conversava com Dorothy a certa distância.

— Seja como for, por que está indo para Ancara? — perguntou Altan.

— Negócios. — Leon notou que ele levantou a sobrancelha. — Negócios de tabaco.

— Está tentando fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

— Não pedi para fazer isto. — Leon abriu a mão, indicando o consulado. — Frank é que me pediu.

— E agora ele se foi. E naturalmente você se sente obrigado a ajudar. Foi o que eu disse a Gülün. Somos todos aliados nisso.

— Lá está ele! — Soou uma voz em turco no corredor. — Ele pode confirmar. Ele é que disse que me pagaria.

Um tipo grisalho de paletó surrado e com chapéu na mão, mal barbeado, talvez por conta de uma lâmina mal afiada. Caminhou apressado em direção a Leon, seguido por um funcionário do consulado. A princípio, Leon não o reconheceu. Enquanto o homem avançava, os curiosos se agrupavam em volta da comoção, Gülün parava no meio de uma frase e Altan se afastava para o lado, tudo isso tão rápido quanto um disparo.

— Diga a ele — disse o homem a Leon. — O dia extra, por causa do clima. Você disse que me pagaria por isso.

Leon ficou sem reação por um segundo, e logo se aproximou do pescador e o tirou da vista de Gülün.

— Sim, sim — disse baixinho em turco, para não ser ouvido. — Claro que vou pagar. Agora mesmo, se você se acalmar. Não faça tanto barulho.

O pescador apontou para o funcionário.

— Ele não acreditou em mim e quis um nome. Não sei, respondi. Como poderia saber um nome? Funciona assim. Ninguém dá nomes. — Virou-se para o funcionário. — Está vendo, eu lhe disse. Ele está aqui. Pode responder por mim. Não sou culpado pela chuva.

— Cuidarei disso. — Leon se apressou em dizer para o funcionário enquanto agarrava o homem pelo cotovelo e o afastava. Notou que todos continuaram assistindo. — Dorothy, leve-o para o escritório. Vá com ela. Vamos lhe dar o dinheiro.

— Duzentos — disse o pescador. — Tive despesas com o barco. Manutenção.

Leon olhou para Dorothy com aflição, querendo que o afastasse logo, e se virou para os outros.

— Desculpem-me, vou subir. — Simples rotina, nada de errado. — Vólto em um minuto — disse agora para Kay, que parecia perdida. Um turco, um mistério para ela.

Mas não para Gülün. Leon então se esquivou e o evitou. O que tinham ouvido? O funcionário continuou intrigado. Se fosse para requerer um visto, entenderia a presença de um estranho. Funciona assim. Ninguém dá nomes. Apenas tirá-lo dali, antes que dissesse outras coisas. Leon saiu em direção à escada.

— Um momento, sr. Bauer. — Altan olhou para o pescador e ordenou com rispidez. — Vá. — Fez um meneio de cabeça para a escada, a fim de ser obedecido, utilizando sua autoridade policial. O pescador baixou a cabeça e obedeceu. — Por favor — disse para Leon, apontando para a sala de reunião.

— Já chego lá em cima — disse Leon para Dorothy. — Não o deixe sair de lá.

Altan fechou a porta, agarrou Leon pelo pescoço e o encostou contra a parede.

— O que acha que está fazendo? — disse, com o mesmo tom que dirigira ao pescador. — Por acaso acha que sou como Gülün?

Agarrado pelo pescoço, Leon estava ultrajado demais para responder.

— Quem mais queria enganar? Quando perguntou o que ele estava fazendo em Edirne? — Arremedou a voz de Leon. — Alguém que soube com antecedência. — Soltou a mão, deixando Leon respirar. — Aonde pretendia chegar com essa farsa?

— Não é uma farsa — retrucou Leon, respirando pesadamente. — Só queria saber. Sobre Edirne.

— Por que então não pergunta a Jianu? — Altan sacudiu a cabeça para apagar o rumor lá de fora. — Já que você o pegou.

Leon tocou na própria garganta.

— É assim que o Emniyet age?

— Meu amigo, se fosse um interrogatório do Emniyet, você saberia. Um momento de destempero, só isso. Muito merecido. Mentindo para mim. Para quantos lados trabalha? Talvez para nenhum. Só para você. — Altan emitiu um grunhido, um sinal de desgosto. — E o que isso importa? Em breve estará acabado. Quanto tempo acha que continuará com esses joguinhos?

Leon não disse nada.

— Acha que o protegerei de novo? — Altan balançou a cabeça em negativa. — Gülün é idiota, mas não é completamente idiota. Está de olho em você, e as pessoas falam. Uma ceninha estranha agora e ele vai pensar nisso também. E vai entrar em ação, no mesmo segundo em que o colocar no cais naquela noite e entender tudo.

— O que...

— Não. — Altan não o deixou falar. — Não há mais tempo. Você esteve no barco e agora apareceu uma testemunha. Você estava lá. O sr. King foi assassinado. E agora, outro colega morto. Justamente quem estava investigando o primeiro crime. E você está dormindo com a esposa dele. Gülün vai fazer a ligação. E qualquer júri também. Já não posso proteger você. — Fez uma pausa para respirar. — E por que faria isso? Um assassinato resolvido. Aliás, dois. Seu embaixador vai agradecer. Justiça feita.

— Não matei Frank.

— Acredito em você — disse Altan, tranquilamente. — Mas ninguém mais acreditará. Você será enforcado.

— A menos...?

— A menos que salvemos Gülün de si mesmo. Mudando a história.

— E por que faria isso?

— Porque não me importo em fazer justiça. Enquanto Gülün ouve uma coisa do pescador, eu ouço outra. Você estava lá? Então, está com nosso amigo. Ou então sabe onde ele está.

— Ou lhe digo ou você me deixa ser enforcado?

— Uma oferta generosa. A se considerar.

— Então, você pode comprá-lo.

— Sr. Bauer, o que isso importa? Escrúpulos numa hora dessas? Lily disse que você era assim. Talvez uma crítica velada a mim. Mas talvez você simplesmente não conheça o mundo. Não importa. O tempo está se esgotando para você.

Leon olhou para ele.

— Quanto tempo? — continuou Altan. — Não sei. Horas? Você pode correr até lá em cima, pagar o pescador e tirá-lo de Istambul antes que Gülün o interrogue. Mas esse tipo de homem não é difícil de

encontrar. Deixa um rastro e tanto. Enfim, você só ganha um pouco de tempo. Para fazer o quê? Sair do país? Gülün o deteria na fronteira. Apelar ao embaixador? Ele também não vai acreditar, e, depois, o que você fará com esse pouco tempo? Fugir? Esperar a chegada de Gülün? Talvez uma passada no Pera, uma terna despedida.

— Você está certo de que serei enforcado por algo que não fiz.

— Não? Esse é o tipo de risco que eu não gostaria de ter. Justiça turca. Às vezes não tão perfeita quanto se gostaria.

— Não. E as pessoas também tomam uma surra. Do Emniyet. Como dizem. É o que vem a seguir? Vou tomar uma surra?

— Eu poderia fazer isso. E pior. Mas os norte-americanos não entendem essas coisas. — Altan olhou para o alto. — E é possível que você seja... uma espécie de mártir. A longo prazo. Mas isso não é necessário. Os fugitivos cometem erros. Pensam com dificuldade. Você também os cometerá. E estarei lá.

— Olhou nos olhos de Leon. — Mas não para protegê-lo. Você decide.

— Por que não chama Gülün agora?

— Porque você ainda não cometeu erros. Ainda não tenho Jianu. E pelo visto você não dirá nada. Então, Gülün chegará na hora certa. — Altan ergueu a cabeça. — E talvez também seja por esporte, uma largada de Gülün à frente para iniciar a perseguição. — Fez uma pausa. — Antes da viagem. É o que você quer? Trocar a própria vida pela vida de um sujeito como Jianu?

— Ainda não troquei.

Altan o olhou por um segundo e estendeu a mão para a porta.

— Ainda não. — Girou a maçaneta e abriu a porta. — O pescador está esperando. É melhor se apressar — disse, já de costas. — O relógio está correndo.

Leon se deteve no patamar da escada para recuperar o fôlego. Era como se realmente estivesse ouvindo um relógio. Quanto tempo? Olhou para os degraus acima. Um minuto para pensar. No corredor, provavelmente haveria um fotógrafo da polícia ainda tirando fotos. A cena do crime. E o homem que poderia ligá-lo a isso o esperava no escritório. Primeiro, negociar com ele. E depois o quê? O carro em Üsküdar. Alexei na barca para Haydarpaşa. A estrada da montanha. Mas a essa altura tudo pareceu impossível, uma jornada sem fim e muito exposta. Algo mais. Pensar. Os fugitivos cometem erros. Prendeu a respiração. Quanto tempo até Gülün encaixar as peças? Não é completamente idiota. Alguns obstáculos. O carro poderia ser rastreado até Mihai, apesar do que ele tinha dito. Mas, o que mais? Algum lugar que nunca seria investigado. Fez menção de subir os degraus e continuou no mesmo lugar, os pés se recusaram a se mover. Não podia contar com um único dia a mais, Altan daria a largada. Acredito em você, mas ninguém mais acreditará.

— Oh, sr. Bauer, já estou descendo. — Dorothy, na escada. — O que devo fazer com ele?

Algum lugar que nunca seria investigado.

— Já estou chegando — disse Leon, os pés agora se moveram. — Temos liras turcas?

— Na caixa de pequenos pagamentos. Preciso de um recibo.

O pescador estava sentado na saleta de espera do escritório, mexendo no boné com impaciência.

— Minha secretária já vai pegar o dinheiro — disse Leon, assinando o formulário que Dorothy colocou à frente. — Duzentos?

— Eu não sabia que a polícia estava aqui — disse o pescador, ainda incomodado com Altan. — E agora já me viram.

— Não se preocupe. Não tem nada a ver com isso. É outra coisa. — Entregou o recibo para Dorothy e esperou que ela saísse. — Desculpe pelo atraso com o dinheiro.

— Bem, você disse...

— O homem que arranjava o dinheiro morreu. As coisas ficaram confusas.

— Morreu? É aquele que estão dizendo que foi baleado? — Um alerta.

— Sim.

— E agora é com você — disse o pescador.

Leon olhou para a porta.

— Diga uma coisa. Seu barco está disponível?

O pescador balançou a cabeça.

— Está interessado em outro serviço?

— O quê? Outro da Romênia?

— Não, daqui. Uma noite. Quinhentos.

O pescador arregalou os olhos.

— Para o mar Negro?

— Digo hoje à noite. Não é tão longe.

— Mas... quinhentos. — Suspeito.

— Pode haver polícia. — Leon esperou que a ideia se assentasse. — Como da última vez.

O pescador pensou por um instante.

— Bem, não é o risco de sempre? É para isso que sou pago.

— E você é bom no que faz. Uma noite. Quinhentos.

— Algum adiantamento?

— No barco. Tudo à vista.

O pescador torceu o boné, pensando.

— Onde?

Bem, onde? Não na cidade.

— Mesmo lugar. Lembra? — disse Leon.

O pescador balançou a cabeça.

— Assim que receber o dinheiro aqui, pegue o barco e deixe-o no Bósforo. Se alguém perguntar, você está indo para casa. Siga direto para Sariyer e fique em qualquer lugar lá em cima até esta noite. — Leon pegou a carteira e estendeu cem liras. — Extra. Para o jantar. Nada de *raki*. Depois, volte e me pegue. No mesmo lugar de antes.

— Vou levar você?

— Eu e um outro. Siga para casa depois que nos deixar. Uma noite.

— A que horas?

— Tarde. — Leon fez um cálculo de cabeça. — Ali pelas onze, está bem?

— Quinhentos?

— No barco.

O pescador olhou nos olhos de Leon e balançou a cabeça.

— Quinhentos. — Um aperto de mão selando o acordo verbal.

— Ótimo. Dorothy chegou com o dinheiro. Conte e veja se está certo.

— O sr. Woods não gostou nada disso. É muito dinheiro vivo.

— Depois falo com ele. Está tudo aí? Ótimo, vou levá-lo até lá embaixo. — Leon saiu andando com o homem e se voltou para Dorothy antes de sair. — Vou levar a sra. Bishop ao hotel. Volto mais tarde.

— Por que a polícia está fazendo perguntas? — perguntou ela de chofre, enquanto os dois saíam. — Se

ele se matou?

Leon se deteve.

— Ele não fez isso, não é? Exatamente como Tommy. Agora, dois. Isso dá arrepios. Aqui. No final do corredor. — Ela se recolheu dentro de si e depois olhou para o pescador. — Como quer que seja lançado? A requisição do dinheiro. Teremos de lançá-lo em algum lugar.

— É outro pagamento de Tommy. Pagamento de contas, com as iniciais. Farei um memorando quando voltar.

— Oh. — Ela pareceu interessada, o lado pescador do mundo de Tommy.

E Tommy ainda teria de ser explicado. Se Leon tivesse a chance.

— Isso me fez lembrar. — Ele pegou um arquivo na gaveta da escrivaninha e o colocou na pasta com outros. — Olhe — disse para Dorothy. — Vá para casa, se essa coisa do Frank a incomoda. De qualquer maneira, estarei fora a maior parte do dia.

— E a gente acha que não há lugar mais seguro, não é? *Marines*, portões e tudo o mais. E olhe só agora. No próprio escritório dele. E você sabe o que as pessoas estão falando.

— O que estão falando?

— Bem, Tommy, e agora o sr. Bishop. E você envolvido em ambos os casos.

— Então, eu é que fiz tudo? — disse ele, desdenhoso. — Dorothy.

— Eu não quis dizer... mas você não estava aqui? — Perturbada, sondando o terreno. — O sr. Burke me perguntou se você ainda estava aqui quando saí. Ele achou que eu tinha estado com você.

— Você ficou aqui até tarde?

— Não aqui. No escritório de Jack. Meu marido, você sabe. Ele tinha de voltar para Ancara. Então, fiquei esperando por perto.

Com acesso aos arquivos. Já dentro do prédio.

— Bem, eu já devia estar longe. — Ele olhou para ela. — Não imagine coisas, está bem? Nós temos muito a fazer.

Manter-se em movimento.

— A propósito, quando Hirschmann estava aqui, como é que vocês pagavam quando retiravam as pessoas?

Dorothy pareceu atordoada por um segundo, sofrendo um branco pela súbita mudança de assunto.

— Para contratar os navios, quer dizer? — perguntou, tateando um rumo. — Liras, quando podiam. Quando pagavam aos turcos. Caso contrário, ouro. Soberanos de ouro.

— Nada de dólares.

— Não com os proprietários dos navios — disse ela, ainda ignorando o rumo a ser tomado. — Eles teriam problemas para explicar como tinham ganhado. Agentes do governo, se bem que não era o caso. Já que tinham reservas em moeda estrangeira. Então, quando mandávamos um navio para Burgas, quase sempre pagávamos o transporte em ouro.

— Mas em dólares para os búlgaros na outra extremidade, não é? E os romenos?

— Às vezes. Pagávamos em dólares para Antonescu. Por que quer saber?

— Acho que uma parte disso pode ter desaparecido.

— Não, Tommy teria dito. Ele era minucioso com o dinheiro. E tinha de ser. Não podia confiar nos romenos. Levariam o dinheiro e não mandariam as pessoas. Isso tinha de ser organizado assim... uma parte na entrega.

Leon olhou para ela, a mente correndo à frente, o estômago embrulhando. Russos fora de questão. Algo pior.

— É isso que queria saber? — disse Dorothy, hesitante, no fundo querendo saber o porquê daquilo.

Secretária de Tommy. Mais. Será que conversavam na cama? Nunca sobre isso. Como é que se podia viver consigo mesmo sabendo? Mas Tommy podia. Planejando lavabos.

Lá fora, o pescador abaixou a cabeça quando eles passaram pelas viaturas policiais ainda estacionadas no pátio. Leon não se incomodou de apresentá-lo a Kay, ainda atordoada e com o semblante vazio e distante.

— Pegue um táxi — disse ele. — Direto para o barco.

— *Efendi*. — Tolerante, quase feliz. — Eu? Num táxi? — O pescador inclinou a cabeça para Kay, desajeitado. — Ali pelas onze — disse para Leon. — Nenhum adiantado?

— No barco.

Em seguida, como num passe de mágica, o homem escapuliu e sumiu por entre dois carros estacionados.

— O que ele disse? — perguntou Kay.

— Só me agradeceu.

— Não foi isso, não.

— Está se sentindo bem? — disse Leon, sem responder à pergunta.

— Não sei — disse ela, mais para si mesma. — Não sei o que deveria sentir. Depois de ver alguém daquele jeito. O sangue. Você quer se limpar e não tocar no assunto. E depois você pensa que a culpa é sua.

— Não é.

— Mas você pensa isso. — Ela baixou a cabeça. — Você pensa isso.

Ele a pegou pelo braço para levá-la ao hotel, mas ela se esquivou. Uma reação involuntária.

— Você quer ir? Agora?

— E depois sair. Quero que pensem que estou no hotel. Ainda tenho algumas coisas a fazer.

— Que coisas?

— Acha que matei Frank?

— O quê?

— Bem, eles acham isso. Ou vão achar.

— Mas você estava comigo. Já disse.

— Há algo mais. Preciso cair fora. Não quero envolvê-la nesse processo. Se subir no elevador comigo, pensarão que estou com você.

— Cair fora. De Istambul? Se fizer isso *pensarão* que...

— Posso explicar tudo em outro lugar. Não aqui.

— Explicar o quê?

— Olhe, vou entender se não quiser fazer isso. De qualquer maneira, talvez seja a coisa certa.

— Está tão certo assim de que alguém está vigiando?

— Isto é Istambul. — Ele respirou fundo. — Tudo bem se você não quiser. Pensarei em outra coisa.

— Está bem. Isso é o que você faz. Você e Frank. — Ela olhou para o alto, alarmada. — Quem matou Frank também poderá matá-lo? O mesmo trabalho...

— Não. — Ele a interrompeu abruptamente e se deteve, desconcertado. E se tivesse atendido a chamada de Frank e estivesse ciente do arquivo que lhe seria mostrado? Seria uma ameaça, seria o próximo alvo. Mover-se. — Ele não poderá me matar se a polícia me pegar. Acham que matei Frank. Kay, não posso ficar...

Ela passou a mão no braço dele.

— Agora, isso — disse ela, novamente para si mesma, com os lábios apertados.

Ficaram em silêncio, de olhos fixos nas grades *art nouveau* do elevador, e depois se deixaram ver pelo

ascensorista enquanto atravessavam o corredor.

— O que eles pensam que vamos fazer? — disse ela, lá dentro. — Ir para a cama? Com Frank lá? É isso que pensam de nós?

— Talvez. Ou que estamos repassando nossas histórias para que se encaixem. — Ele olhou para o alto. — Ou que estamos tentando saber o que aconteceu. E o que vem a seguir.

Ela acendeu um cigarro em silêncio.

— Isso não é algo a pensar?

Ele abriu a pasta e examinou o arquivo de Hirschmann.

— Você vai trabalhar? — perguntou ela, abatida.

— Só quero ver uma coisa. Para me assegurar.

Ela deu uma tragada, com ar pensativo.

— Está realmente indo embora? Para onde?

Ele olhou para ela, sem dizer nada.

— Acha que o entregaria para a polícia?

— Não poderia, já que não sabe de nada.

— Por quanto tempo?

— Não muito.

— E que plano tem para mim? O que faço? Espero? Enquanto você foge da polícia? Meu Deus, e pensar que até hoje eu *nunca* tinha falado com a polícia.

Ele tocou no braço dela.

— Vou voltar.

— Se a polícia não o pegar.

Ele olhou para o relógio.

— Fique aqui dentro durante algumas horas, está bem?

— Com o meu amante.

— Isso mesmo.

— Que não me conta nada.

Ele olhou para ela.

— Vou voltar. — Girou a maçaneta.

— E se eles já estiverem aqui? — A voz de Kay soou como um puxão, tentando detê-lo.

— Estariam vigiando o elevador no saguão. As escadas. Tomando café. Comendo tâmaras, nesta época do ano. Não estariam na escada de incêndio.

E não estavam. Leon seguiu pela travessa que ladeava a colina abaixo da Kasim Paşa e depois a circulou, evitando a Tünel. Marina estava de quimono e pintava as unhas.

— Lembre-se do tempo. Você disse só mais uma noite. — Ela estendeu os dedos no ar.

— Já estamos indo embora? — perguntou Alexei, pronto para sair.

— Ainda não.

— Só mais uma noite. — Ela insistiu. — Não vá criar problemas para mim.

— Não se preocupe. Ele sairá hoje mesmo.

— Isto aqui não é hotel.

— Não, é melhor — disse Alexei, olhando-a.

— Melhor para vocês — disse Marina.

— Alguma visita? — perguntou Leon. — Do nosso amigo?

Ela balançou a cabeça em negativa, soprando os dedos.

— O proprietário vem hoje à noite.

— Já estaremos longe.

Leon entregou o novo passaporte para Alexei.

— Barouh — disse Alexei, observando-o. — Que tipo de nome é esse?

— De um judeu — disse Marina, ainda soprando as unhas.

Alexei resmungou, dando de ombros.

Leon mostrou um dos passaportes de Tommy.

— Você o reconhece?

Alexei olhou atentamente.

— Um nome diferente.

— Lembra alguém real?

— King. Como o rei Carol. Usam isso em nomes ingleses.

Leon tomou fôlego, o estômago de novo embrulhado, finalmente chegando lá.

— Fale-me da reunião em Edirne.

Alexei se manteve parado, sem saber ao certo o rumo da conversa.

— Você soube disso? Como?

— Foram duas vezes, certo?

Alexei assentiu.

— Na primeira vez, ele estava acompanhado de Hirschmann.

— Eu nunca soube o nome do outro.

— Um tipo grandalhão. Do Comitê Judaico. Você estava fazendo um negócio para Antonescu. Venda de judeus. Quantos?

— Trezentos. Um pouco mais. Do campo de Transnistria.

— Quanto? — perguntou Leon, com firmeza.

— Trezentos dólares por cabeça — respondeu Alexei. Mercadoria. — Já tínhamos cobrado esse preço antes. Seriam entregues em Constância. Os judeus os pegariam. Minas, navios alemães, eles correriam esse risco.

— E lhe deram dinheiro no primeiro encontro?

Alexei assentiu.

— Metade. Era o objetivo da reunião. Fazer os arranjos. Por que está perguntando isso?

— Fale-me da segunda reunião.

— Só King dessa vez — disse Alexei, esperando.

— Deixe-me adivinhar. Ele teria de levar a outra metade, cinquenta mil dólares, mas não levou. Por que não? O que ele disse?

— Que o governo tinha obstruído a troca, alegando que o dinheiro apoiava o inimigo. Claro que isso era tolice, o dinheiro era apenas para Antonescu. Ele era como Carol, ele queria levar a tesouraria junto. Então, judeus por dólares, por que não? Os judeus norte-americanos pagariam. Mas vocês pararam.

— Não — disse Leon, tranquilamente —, segundo ele, vocês é que não cumpriram o acordo, surrupiando o dinheiro e depois o traindo. O que aconteceu com as pessoas?

— Foram mandadas de volta para o campo. Ninguém iria resgatá-las. Não houve acordo.

— E, depois disso, aconteceu o mesmo com as outras pessoas — disse Leon, alisando o alto da mala.

— Eles pararam. Não houve mais trocas.

— Sem o dinheiro? Você sabe que Antonescu não era humanitário. E, de um jeito ou de outro, os russos já estavam lá. Ele não tinha tempo.

— Mas ele poderia salvar aquelas pessoas. Ele poderia ter feito isso.

— Elas já estavam em Constância. — Alexei desviou os olhos para o passaporte. — Você está atrás

dele? Está fazendo essas perguntas por isso?

— Não, ele está morto. Foi ele que atirou no cais. Você o reconheceria. Sabia quem era ele. O único que sabia.

Leon baixou os olhos de novo, a cara rosada de Tommy apareceu no alto da mala. Não era apenas um navio. Todos os outros que não seguiram adiante.

— Fazer uma coisa dessas. Por cinquenta mil dólares.

— Está surpreso? Muita gente faz bem pior por menos.

Leon olhou para o alto.

— Não há nada pior.

— E acreditaram nele? Na história dele?

— Foi fácil acreditar. Os romenos? Olhe o que vocês já tinham feito.

Alexei deu um peteleco no passaporte de Tommy e o entregou a Leon.

— E vocês.

Ninguém seguia o bonde que retornava para a Taksim, mas, para se certificar, Leon saltou pouco antes do consulado francês e pegou as ruas laterais para chegar ao Denizbank por trás. O mesmo gerente, ainda ansioso em ajudar, nada intrigado com a justificativa de Leon de que confundira as anotações. Ergin esperou novamente do outro lado da porta. Leon hesitou por um segundo, olhando as pilhas arrumadas dentro do cofre. Ergueu a cabeça para ver se alguém estava olhando. Ninguém. Empurrou as notas em lotes para dentro da pasta. Um segundo depois, olhou para o cofre vazio e o fechou. Respirou fundo. Agora, um roubo, um ato criminoso. Mas roubava de quem? Dinheiro manchado de sangue.

Chamou Ergin e esperou enquanto ele girava a chave e trancava o cofre. Será que sentia o cofre mais leve? Agradeceu ao gerente do banco, e de repente era como se o conteúdo da pasta estivesse à luz, um dinheiro roubado e à vista de todos. O alarme da porta até poderia disparar. Seguiu-se a visão dos caixas com as mãos para o alto e viaturas policiais à espera. Mas ninguém na rua reparou em nada, ninguém sabia de crime nenhum. Leon pegou um táxi que estava na frente de um hotel.

Girou o corpo quando o táxi saiu da praça, fazendo a curva da Aya Paşa, e olhou pela janela traseira. Tráfego normal. Quanto tempo restava? Precisava tirar Alexei do apartamento de Marina ao anoitecer. Onde escondê-lo? Já tinha passado pelo Park Hotel, pelo velho consulado alemão e pela ilha de plátanos curvados contra o Complexo de Cihangir, onde o sr. Cicek ouvia o toque dos telefones. Pensou na vista do mar pela janela panorâmica do apartamento e se perguntou se a veria de novo. Até então ainda não tinha se perguntado se poderia voltar, se a porta se fecharia atrás dele. Alguém à espreita? Algum policial entediado fumando no carro do outro lado da rua? Sem olhar duas vezes, no banco traseiro de um táxi, um homem com vinte e cinco mil dólares no colo. Cruzava outra linha.

Büyükada

Mihai estava fora do escritório, abaixo das docas de Hasköy, e Leon atrás dele de táxi. Chegou lá em alguns minutos.

— Espere aqui. Não devo demorar.

— Com o taxímetro? Uma taxa para o dia todo teria sido melhor. — Uma tarifa alta.

— Tudo bem — disse Leon, sem discutir. Alguém com dinheiro no bolso. Olhou para a rua. Nenhum carro atrás. A menos que o próprio taxista fosse um detetive, seguindo-o a cada movimento. Mas ele não tinha apanhado o táxi aleatoriamente? Até que o taxista aparentava isso, sempre de olho por cima do próprio ombro.

Algumas placas de quarentena sanitária, mas não havia barreiras. O *Victorei* inclinava-se levemente, estranhamente silencioso, como se todos a bordo estivessem realmente doentes, ou como se fosse um navio fantasma à deriva no Chifre de Ouro. Manchas de ferrugem no casco e varais improvisados e pendurados ao longo do convés, roupas secando ao vento, como velas esfarrapadas.

— Não é permitido. — Um guarda do porto chegando por trás. — Os passageiros não estão autorizados...

— Eu não sou passageiro — disse Leon, mostrando o passaporte de Tommy. — O capitão está à minha espera.

A magia de um passaporte norte-americano. O guarda acenou para a prancha. Enquanto subia, Leon reparava no lixo que batia com a água nas laterais do casco, cascas de frutas e legumes e cascas de ovos que ainda não tinham sido levadas pela correnteza. De repente, rumores, um ranger de cordas e vozes dentro do navio, um bebê, mas um tanto amortecido, como se poupasse forças, uma lassidão de enfermaria de hospital. Lá em cima, pessoas embrulhadas em xales e cobertores amontoadas em bancos, de frente para um sol esmaecido de inverno. Olharam interessadas ao avistá-lo, alguém de fora, talvez notícias. Sentadas, uma postura ainda cautelosa, pessoas que sabiam de tudo, pessoas que tinham estado nos campos. Empalidecidos, drenados e esqueléticos, os rostos que Anna sempre via.

Mihai estava com o capitão, e um rapaz se ofereceu para conduzi-lo. Enquanto esperava, Leon atravessou o convés. Murmúrios baixinhos em língua desconhecida, provavelmente poloneses, olhares arregalados. Do outro lado da água, as cúpulas da mesquita Süleyman emergiam inchadas no alto da colina, o velho cartão-postal da cidade, quase uma miragem. A extremidade da travessia do mar Negro agora totalmente estrangeira, a pátria agora definitivamente para trás.

— O que é tão importante a ponto de fazer você correr o risco de tifo? — disse Mihai.

— Eles parecem estar bem — disse Leon, apontando para os passageiros.

— Devia ver lá embaixo. Nós os mandamos em turnos para pegar um pouco de ar. Lá embaixo é tão... não importa. O que você quer?

— Algum lugar aonde a gente possa ir?

— Hein, aqui? — Mihai olhou para o convés. — Para um *Kaffeeklatsch*? Um cafezinho e uma conversinha? Encontre um centímetro quadrado. — Olhou para o relógio. — Voltarão lá para baixo em quinze minutos. É só tentar movê-los mais cedo.

— Estou falando sério. Fora do navio, então.

— Tudo bem. Vamos nessa. — Mihai o conduziu em direção à ponte. — Qual é o motivo? O que houve no consulado? Espero que não o tenha matado. — Despreocupado, mas o olhando de lado.

— Já soube?

— Todo mundo já sabe. Istambul. Algo a ver com seu amigo romeno?

— De certo modo.

— Que modo?

— É uma longa história. Conto mais tarde. Vejo que as placas de quarentena ainda estão de pé.

— Bastardos. Mais alguns dias e realmente aparece um tifo. Vivendo dessa... — Mihai olhou para Leon. — Achei que você estava viajando. Um pequeno passeio pelo país.

— Mudei de ideia.

— Só isso?

— Também conto para você mais tarde.

— Tudo mais tarde. E o barco em Antália?

— Quem é ele? — perguntou um dos passageiros a Mihai, em romeno. — Um britânico? Quer nos deter aqui?

— Norte-americano. Um amigo.

O homem bufou.

— De quem? Nosso? Quando partimos, então?

— Em breve.

O homem pôs o polegar para baixo em desgosto.

— Estão todos com medo de serem mandados de volta — disse Mihai, enquanto caminhavam para outro lugar. — A essa altura, já devíamos estar lá.

Os olhos de Leon cruzaram o estuário novamente, uma almofada de minaretes.

— O que eles acham que vai ser? Como a Polônia?

— Aquele ali perdeu toda a família. O *pogrom* em Jassy. Enterrados numa cova coletiva gigantesca. Ele acha que vai ser melhor que aquilo, só isso.

Na ponte de comando, um homem debruçado sobre um gráfico que ocupava a mesa, o mar de Mármara, o estreito de Dardanelos e o mar aberto, com números e marcadores de canais, as laranjeiras em algum lugar distante e imaginário.

— Ah — disse ele, olhando para cima —, as novas rações. Finalmente. Algum problema com a polícia do porto? Descarga? Tivemos de fazer algum pagamento extra pela água.

— Não — disse Mihai, balançando a cabeça —, nada de rações, por enquanto. Um amigo. David, nosso capitão.

— Oh — disse David, decepcionado, ignorando Leon. — Quando? Mihai...

— Eu sei. O caminhão estará aqui. Aciman prometeu. — Mihai apontou a cabeça para Leon. — Uma visita social. Podemos ter alguns minutos?

David hesitou e, quando se deu conta de que estava sendo convidado a sair, balançou a cabeça, sem graça. Afastou-se do mapa.

— Já soube dos outros problemas com Pilcer, o rabino? O que requisitou a permissão para a mala. Ele quer uma exceção para a sinagoga. Como pode deixar a menorá para trás? Você sabe. Como antes.

— Diga-lhe então para jogar fora algumas roupas. Mala extra. Ali, cabe outra criança. Poderá ter uma

nova quando chegarmos lá.

— Ele disse que é especial para eles.

— A mala.

O capitão deu de ombros, saindo.

— Ele disse que os nazistas disseram isso em relação ao trem.

— E ele foi o único que sobreviveu. Diga-lhe que, se me chamar outra vez de nazista, será jogado para fora por mim mesmo. Junto com a menorá. — Mihai sacudiu a mão, um gesto de desprezo. — Ortodoxos — comentou para Leon, depois que o capitão saiu. — Justamente o que a Palestina precisa. Mais rolos da Torá. O Haganá pede outros jovens, e quem eles mandam? É importante formar soldados. Mas querem levar a Europa junto com eles. Levar o que da Europa? Os fornos? Uma bala na cabeça? Meu pai era igual. E meu tio também. Na sinagoga, todo dia, por horas a fio, e lá fora que acontecesse o que fosse. Vamos, eu disse, vamos sair agora. Não. Estamos muito velhos para construir uma vida nova. — Fez uma pausa. — E aí eles perderam a velha. Pelo menos minha irmã me ouviu. E agora vive em Haifa. Ajuda a receber os barcos. Tira as pessoas da água para que não sejam pegas pelas patrulhas. E ele querendo trazer *menorás*. — Olhou para o alto, sabendo que tinha falado demais. — E então, o que é tão importante? O que você quer?

— Ajudá-lo a sair daqui.

— Ora, Moisés. Você quer romper a ponte Galata?

— Não — disse Leon, abrindo a pasta. — Saia depois que todos se levantarem esta manhã. Agora que todos estão se sentindo melhor. — Entregou duas pilhas. — Dez mil dólares. Não foi o que você disse?

Mihai ergueu o dinheiro, como se o tivesse pesando, e depois olhou para Leon.

— Onde conseguiu isso?

— Quem vai perguntar? O capitão do porto? As autoridades sanitárias? Pode partir hoje à noite.

— Eu é que estou perguntando.

— Sem essa.

— Outra história muito longa?

— Esse dinheiro era para ajudar os judeus. E agora vai ajudar.

— Mas não são os mesmos.

— Use-o — disse Leon, olhando nos olhos do amigo. — Ninguém sabe. Parta esta noite. Antes que peçam mais.

— Recuperados durante a noite. Do tifo.

— Insista. Você não pode ficar aqui por muito tempo. Quanto tempo levaria para pagar a eles?

— Não muito.

— Quando levantam a ponte?

— Ali pelas três e meia.

— Não é mais cedo? — Leon pensou em voz alta.

Mihai olhou para ele.

— O que você quer?

— Nada — disse Leon.

— Dez mil dólares por nada.

— Era para comprar a fuga dos judeus com essa grana — disse Leon. — Então, compre agora. Sem restrição. — Leon pegou outra pilha.

— E isso?

— Dois lugares. No navio. Faça uso disso como quiser.

— Não há lugares no navio.

— Em pé.

— Então, dinheiro para ajudar os judeus. — Mihai levantou uma pilha. — E dinheiro para ajudar um assassino de judeus? — Levantou a sobrancelha frente à outra pilha. — É ele, não é? Dois lugares? Quem é o outro?

— Eu.

— Você — disse Mihai, pausadamente. — Quer levar o açougueiro até a Palestina. Neste navio.

— Só quero pegar uma carona. Até o meio do caminho.

— E acha que eu faria isso? — Mihai pegou o dinheiro. — Não há lugares.

Leon balançou a cabeça.

— O dinheiro é seu. Não é uma condição.

— Não, uma obrigação. O que o fez pensar que eu aceitaria isso?

— Só pensei que você gostaria de tirá-los daqui.

— Não por esse preço.

— Escute. Um minuto. Você sai esta noite. Talvez haja inspeção, então não saímos com você. Ele viaja como um turco. Todos os navios saem do Chifre de Ouro de uma só vez. Fica muito movimentado. Por isso você só nos pega depois que se distanciar da cidade e passar pelas ilhas Príncipe. Já contratei um barco. Os outros passageiros não precisam saber quem somos nós. Mais dois. Ficaremos se for preciso. Perto do Chipre, pegamos o navio de Antália, e estamos fora. E não fique preocupado, nunca estivemos aqui. — Leon fez uma pausa. — Aqui é o único lugar onde eles nunca procurariam.

— Ele? Claro que sim — retrucou Mihai. — E vocês nunca estiveram aqui. É assim que se organizam as coisas agora para que se tenha a consciência tranquila? Fingindo que nunca aconteceu? — Colocou o dinheiro na mesa e olhou para Leon. — Por que está fazendo isso? — disse, suavemente. — Sabe de alguma coisa mais? Para o seu país? O país onde você não vive?

— E você? — disse Leon, apontando para o navio.

— Uma casa está queimando e alguém pula para fora. O que você faz? Segue em frente? Não tenta ajudar?

— Então, ajude-os.

Mihai olhou para o dinheiro.

— O diabo barganha dessa maneira.

— O diabo.

— Você não se vê. Venha para este lado da mesa.

— Preciso tirá-lo.

— E aí fica tudo bem.

— Ele vai morrer.

— Bem, as pessoas morrem — disse Mihai, em tom duro. Foi até a janela. — Milhões. Sem nenhum acordo. — Olhou para o convés. — E essas pessoas. — Apontou para elas, pensativo. — Quem sabe o que fizeram para sobreviver? *Sonderkommandos*,* talvez, pelo menos algumas delas. Isso não se pergunta. Quem não esteve lá não tem esse direito. Sabe o romeno que você conheceu no convés? Contou o que faziam em Jassy. Gente como esse seu amigo. Torturavam famílias a fim de pegar os outros membros. Não espancavam você, espancavam sua esposa. Faziam você assistir. Se quiser que a gente pare... é simples assim. Estupraram uma menina na frente do pai. Nada feito. Ele não disse nada e enlouqueceu. Enfim, um estrago. Fora o prazer que obtinham com isso. — Olhou para o convés. — Todos aqui têm histórias como essa. Então, quem sabe que barganhas fizeram? E tudo que você quer de mim é que eu fique com algum dinheiro. Fico com minha alma. Mas ajudo o açougueiro. Sua ideia é essa?

— Jianu não importa mais. Eles já sabem.

— E o que acontece depois que tirá-lo? Ele conta coisas dos russos para o seu pessoal. Talvez até verdadeiras. Então, ficam sabendo dessas coisas por algum tempo. Depois, os russos mudam. E o jogo prossegue. Mas ele está fora. Ele está livre. E você quer minha ajuda. É nesse negócio que você está agora? E o que ganha? Um navio tão velho que talvez afunde. Mas talvez consiga levá-los até lá. — Mihai silenciou por um momento, olhando para o convés abaixo, as roupas desfraldando no varal. — Então, respondo a mim mesmo. Levo essas pessoas para a Palestina... o que poderia fazer? Isso é minha escolha? — Pegou o dinheiro e folheou as notas distraidamente pelos cantos, olhando para Leon em seguida. — Mas não vou esquecer que você fez isso. Arranjou esse negócio para mim. A dívida está cancelada. Estamos quites.

— Que dívida?

— Qualquer dívida que haja entre nós. Está paga. — Mihai enfiou o dinheiro no bolso e pegou a outra pilha. — Muito longe depois das ilhas Príncipe?

Leon assumiu um ar distraído e não disse nada por um instante. Mihai à espera, espetando-o com o silêncio.

— Fora de Büyükada. Sinalizaremos. Os outros navios estarão se dirigindo ao canal principal. A polícia do porto, também. É só o capitão seguir em velocidade lenta.

— Não se preocupe, é a única velocidade que ele pode imprimir. Se você não estiver lá, não vamos esperar, entendeu? E agora esse seu amigo é turco?

— Judeu turco.

Mihai olhou para o alto.

— Você pensa em tudo. Já estou até achando que o negócio é tirá-lo de lá vivo. Por que você também vai? Para bancar o guarda-costas?

— Não, também tenho de sair. A polícia está atrás de mim.

Mihai ficou paralisado.

— Por quê?

— Acham que atirei em Frank.

— Por que achariam isso? — disse Mihai, com toda a calma.

— E também em Tommy — disse Leon, olhando-o. — O barco em Bebek? O pescador apareceu. Eles o viram. O pescador me identifica, e eles me colocam lá naquela noite. E acabam somando dois e dois e conseguem cinco.

— O pescador também pode identificar os outros que estavam lá naquela noite.

— Mas não havia ninguém mais — disse Leon, sem tirar os olhos de Mihai. — Só eu. — Puxou outra pilha de notas da pasta.

— O que é isso?

— Posso explicar o ocorrido para Washington. Levarei uma testemunha com credibilidade para eles. Um presente para minha terra. Não estou tão certo quanto à polícia turca. Eles nunca assumem os erros quando cismam com uma ideia. E muito menos quando afirmamos que eles estão errados. Ou seja, talvez eu não volte. E, se não voltar, isto é para Anna. Farei os arranjos para removê-la, mas você vai precisar disso para lidar com as coisas.

Mihai calou-se por um momento.

— Por que não falou nada antes? — disse, por fim. — Isso era para você?

— Para nós dois. Preciso dele.

— Você tem outra testemunha.

— Não. Não havia ninguém mais lá. Posso jurar.

Outro segundo de silêncio.

— Interessante como você faz isso — disse Mihai, desviando os olhos. — Como traça essas linhas. Isto é aceitável, aquilo, não. Discute consigo mesmo? Você devia estudar o Talmude. Seria bom nisso. Poderá encontrar tudo nele. Mas talvez nada que justifique salvar o açougueiro.

— Não havia ninguém mais lá. Caso contrário, você não poderá mais trabalhar aqui.

Mihai olhou para trás e balançou a cabeça, assentindo.

— E o pescador? Ele também pode jurar?

— Se for necessário. O trabalho é bom. Dinheiro fácil. Acabará fazendo o que dissermos.

— E quando esse trabalho dele acabar?

— Há outro. Ele vai me trazer esta noite. Não fique visível, para que ele não o veja. Para não desenterrar lembranças.

— Já o contratou?

— Dessa maneira, garanti que ele esteja onde deve estar. Se ele está comigo, ele não está com a polícia. E, se um dia resolver falar, o trabalho poderá incriminá-lo. Como poderia me acusar, se me ajudou a fugir? Por dinheiro? Como se constrói um caso em torno disso? Sem falar nos outros trabalhinhos, que não poderiam ser mencionados.

— Aqui na Turquia, não precisam construir casos.

Leon balançou a cabeça.

— Então, tratemos de não ser apanhados. — Entregou a pilha de notas que seria usada com Anna. — Talvez nem precise disso. Uns telefonemas certos do embaixador, e estarei de volta em pouco tempo. Em boa posição. Se isso não acontecer, cuidará dela?

Mihai embolsou o dinheiro. Era uma resposta. Olhou para a maleta.

— É isso ou fazer com que o dinheiro continue chegando, não é? Como a cartola do mágico.

— Só um pequeno troco no bolso. Despesas de viagem. — Leon apoiou a mão no ombro do amigo. — Obrigado.

— Escute — disse Mihai, em tom ríspido, mas sem se esquivar da mão. — Um só policial, e David coloca você para fora. Ordens. Entendeu? Este navio não é para você. É para eles.

— Não haverá problema. Isto aqui é o último lugar onde eles procurariam.

— Sim. — Mihai girou o corpo, balançando a cabeça. — O último lugar. Quem mais faria esse tipo de coisa apenas para sobreviver? Sobreviver aos fornos... e depois ajudar os assassinos. Talvez não seja mesmo o pior antes de podermos acabar com isso. — Retorceu a boca levemente, num tique irônico.

— O quê? — disse Leon, olhando-o nos olhos.

— Rabino Pilcer. Se ele soubesse o que estou levando em lugar da menorá dele.

Leon pediu ao taxista que o levasse de volta ao Pera, mas depois um pressentimento o fez pedir ao taxista que subisse a rua até um telefone público próximo aos estaleiros Koç.

— Graças a Deus, você ligou — disse Kay.

— A polícia está aí?

— Não. Quer dizer, talvez esteja. Não sei, mas Gülün telefonou atrás de você.

— E?

— Falei que você fez questão de se certificar se eu estava bem e que depois voltou para o consulado.

— Ele engoliu?

— Não sei. Pediu que você telefonasse para ele. Quer fazer algumas perguntas. Polido... bem... ao modo dele.

— Já não posso voltar, então. Ele deve ter homens lá. — E talvez no consulado, no escritório da Reynolds, no Cihangir; enfim, o cerco já está se fechando.

— Onde você está? Vou ao seu encontro.

Ele observou através do vidro, o táxi a espera, a rua vazia nos arredores das docas, alguns guindastes funcionavam silenciosamente a distância. Estava visível.

— Kay...

— Você não pode simplesmente partir e pronto. Não é assim. Sumir de vista. Preciso vê-lo. Sabe o que significa ficar sentada aqui? Parece um velório. Parece que o caixão dele está no quarto.

— Kay. Eles vão rastreá-la. Não posso demorar.

— Volte para cá, então. Como antes. Não vá embora.

— Não posso aparecer no Pera.

— Em outro lugar, então. Por favor. Fale comigo. — Um tremor na voz dela, os nervos finalmente em frangalhos.

Ele olhou novamente para o táxi. Laleli... não. A casa de Georg, em Nişantaşı? Uma história para os vizinhos, uma fotografia que Georg queria ter, uma pergunta sobre o estado do cachorro? Considerando que eles tinham a chave. Cogitando quem era aquela dama. Um labirinto inteiro em Istambul e nenhum lugar onde se esconder.

— Leon...

— Estou pensando. — Um filme, anonimato no escuro. Mas não era um lugar propício para uma viúva recente. Algum lugar totalmente à vista. Isso, sim, faria sentido para eles. Lá fora, o motorista jogou fora a guimba do cigarro. Leon seguiu a trajetória das fagulhas em arco até a sarjeta. — Tudo bem — disse, apressado. — Procure o porteiro do hotel. — Agora, metódico, como se estivesse dando as cartas. — Peça que indique uma boa loja no Bazar. Uma loja com objetos de cobre e prata. Ele saberá indicar, todas vendem artigos assim. E depois pegue um táxi para Beyazit Gate. Lá há muitas lojas especializadas em itens de ouro. Saia caminhando. Encontro você.

Ela se calou por um segundo.

— Vou fazer compras? Leon...

— Vai comprar uma urna. Para as cinzas de Frank. Diga isso ao porteiro. Eles vão perguntar a ele.

— Meu Deus — disse ela, em tom escrupuloso.

— Eu sei. Mas será necessário, mais cedo ou mais tarde. Talvez até lhe deem um pouco de espaço, por respeito. Duvido, mas de qualquer maneira ainda querem se manter a distância. Além do mais, você não faria isso junto comigo.

— Não faria.

— Ou seja, eles não estarão de olho. Espere uns quinze minutos e depois desça.

— Por que o Bazar? Por que não em outro lugar aqui perto?

— Porque é fácil se perder no Bazar. Todo mundo se perde. E assim não ficarão surpresos quando a perderem de vista.

Leon esperava na barraca a algumas portas da entrada. Estava de costas e cutucava os colares enquanto o vendedor corria de um lado para o outro com bandejas de mercadorias. Cada centímetro da parede estava coberto de ouro, que pendia, brilhante. Quem comprava aquilo? Lojas enfileiradas que se estendiam por no mínimo um quilômetro, todas abarrotadas de joias que refletiam o brilho da luz. Algumas horas depois, o mercado seria fechado e só restariam os guardas noturnos nas ruas desertas,

mas, por ora, o mercado fervilhava ao som de mil vozes erguidas ao teto abobadado.

Kay entrou pelo portão com ar deslumbrado e se deteve para se orientar. Casaco de inverno e chapéu, roupas ocidentais, um ímã para os lojistas, um convite para entrar enquanto ela passava ao largo. Leon esperou alguns minutos mais, observando os transeuntes. O vendedor cruzou à frente com outra bandeja. E depois um sujeito de terno, que parecia ser um parente de Gülün, e talvez fosse mesmo. Mal barbeado e com olhos cravados em Kay, que seguia mais à frente. Mais dois minutos. Nenhum outro. Sem equipe. Leon se afastou da loja e seguiu o chapéu de Kay em meio ao fluxo de cabeças agitadas. Ela atravessou a Feraceciler Sok, primeira grande rua transversal, e saiu andando em passos lentos enquanto apreciava as vitrines e esperava por Leon. O policial também reduziu os passos e se afastou um pouco.

Leon chamou um dos garotos que serviam chá, os quais percorriam o mercado como ratos, aparecendo nos cantos com bandejas nas mãos e desaparecendo por trás de rolos de tapetes. Entregou-lhe uma moeda. “A mulher de chapéu, diga meu nome e leve-a até İç Bedesten, e depois pegue a primeira à esquerda.” A moeda desapareceu no bolso, e o garoto saiu rápido como um personagem da história de Ali Babá. Leon observou quando ele se aproximou de Kay. Apenas um encontro fugaz, mas ela o seguiu sem olhar para trás. O policial acelerou o passo. Leon pegou uma rua paralela, circulando. As ruas naquela parte do mercado eram como redes, o que era bom para o plano. Agora, pequenas lojas de curiosidades e lembrancinhas. Entrou por uma porta por onde ela passaria em seguida e entregou uma nota de dez liras ao lojista. Plantou-se de lado, escondido e próximo. A qualquer minuto, passaria no canto.

— Kay.

Ela se dirigiu à loja.

— Não entre, só olhe a vitrine. Ele vai ter de parar.

Ela ergueu as sobrancelhas, como se perguntasse: “quem?”.

— Logo o verá. Ele se parece com Gülün. Talvez um primo. Suba duas ruas, vire à esquerda e entre numa barraca. Espere até que ele passe e depois saia. Ele vai procurá-la e, quando perceber que você está atrás, terá de seguir adiante. Fique para trás. Depois que ele se distanciar uma ou duas ruas à frente, vire rapidamente à direita. Lá há muitas lojas de couro. Bolsas e outros itens. É só seguir a rua. Tudo bem?

Kay saiu andando. Leon continuou de lado, até que o policial passou.

O lojista entrou em cena.

— *Efendi?*

— O marido dela — disse Leon.

O lojista arregalou os olhos, era um drama inesperado. Leon entregou-lhe outra nota.

— Se ele voltar, você não viu nada.

O lojista abaixou a cabeça. A nota sumiu com a mesma rapidez da moeda do garoto.

Leon saiu correndo em direção a uma das ruas estreitas, cujas camadas de couro e roupa pendurados em ganchos quase bloqueavam a luz. Justamente onde ela teria de virar e seguir adiante. Poucos minutos depois, ofereceram-lhe carteiras e cintos, e, depois, um vislumbre do chapéu.

— Por aqui. Será que ele volta?

— Sei lá. — Afogueada, quase sem fôlego.

Seguiram pela passagem curva em direção ao portal Beyazit, uma volta inesperada para o policial que percorria os corredores no encalço de Kay.

Lá fora, atravessaram a praça, dispersando os pombos, e entraram por uma porta que se abria para um pátio fechado, com uma fonte de mármore no meio.

— O que é isto?

— Uma biblioteca. Ele não deve conhecer isto aqui. Era uma pousada para a mesquita. Está vendo aquelas portas? Hospedavam-se lá dentro.

Kay soltou o fôlego, como se o estivesse prendendo até então.

— Podemos nos sentar? Está tudo bem?

Seguiram até um murinho baixo que rodeava o pátio.

Depois do mercado, uma atmosfera estranhamente silenciosa, só rompida pelos trinados dos pássaros que bebiam na fonte. Uma última réstia de sol do entardecer. Leon pensou nas pessoas envoltas em cobertores que lotavam os bancos no convés do *Victorei*.

— Não temos muito tempo.

— Será que ele ainda está nos procurando?

— Por mais um tempo.

— E tudo só para vê-lo. Agora, é sério, não é? Fará isso por muito tempo? Antes... — Ela olhou para ele. — No hotel tive uma sensação de que nunca mais o veria.

— Não. — Ele acariciou o rosto dela. — O que há de errado? Você parece...

Ela sorriu discretamente.

— Será que a maquiagem não funciona quando é necessário? Estou com muitas manchas?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Não precisa ser gentil — disse ela pegando um lenço. — Talvez esteja mesmo toda mal-arrumada.

Um dia bem apropriado para isso. Não é como se não sentisse nada por ele. Quero dizer, eu me casei com ele. — Assoou o nariz, resmungando algo para si mesma. — E o traí. Será que não fui boa para ele? Talvez não só para ele. Talvez para mim também. Em tudo. — Enxugou os cantos dos olhos. — Você pensa umas coisas malucas. — Fez uma pausa, observando o mercado. — O que acontece se eu não chegar com uma urna?

— Você estava arrasada. Não podia continuar com isso. Não hoje.

Ela baixou os olhos.

— Outra de suas histórias. Você gosta. — Ela virou a cabeça para o Bazar. — O gato e o rato. Muito fácil para você.

— Perder alguém é fácil. O resto não é.

— Mas você se diverte.

— Às vezes. — Ele girou o corpo. — É como se fosse possível ficar lá em cima. — Apontou para alguma barra imaginária. — Sem cair. — Tomou fôlego. — De qualquer forma, não podemos ficar por muito tempo.

— Só mais um minuto. — Ela tocou na mão dele e girou o corpo. — Este lugar parece uma igreja. Se alguém olhar... — Torceu a aliança. — Já está de partida?

— Hoje à noite.

— O que eu estava pensando...

Ele esperou.

— No hotel. Polícia. Talvez você não possa voltar. — Ela olhou para ele. — Leve-me com você.

— O quê?

— Do jeito que estamos. Você não precisa... do jeito que estamos. O que os outros pensam não me importa.

— Não posso.

— Não pode? Por quê? Para onde vai? Pelo menos me diga isso. Não ficarei no caminho se eles o seguirem. E você é bom nisso.

— Não posso. — Ele insistiu, calando-a. — Não sou só eu. — Fez uma pausa. — Você estará mais

segura aqui.

— Mais segura — ela repetiu.

— Estarei de volta em um ou dois dias.

— Talvez. Ou talvez um tiro, como Frank. Esse seu jogo de gato e rato. E como fica minha vida depois?

— Kay...

— Bem, é possível, não é? Então, diga o que devo dizer quando me perguntarem. Ele foi para Ancara?

Por quê? Não sei. E invento uma história para mim. O que vai acontecer. Se você não voltar.

— Vou voltar.

— E depois?

— Depois, veremos.

Ela ficou em silêncio por algum tempo.

— Veremos. Não é muito, não é? — Levantou-se e cruzou os braços no peito. — Meu Deus, olhe só para mim. Pronta para fugir com você. Para onde? Não sei. Como criminosos. E Frank nem enterrado está. Que tipo de mulher faz isso? — Ergueu a mão antes que ele pudesse responder. — Já sei. Você não pode. E agora isso. Comprar uma urna. Já que estou me sentindo melhor. — Puxou um pedaço de papel do bolso. — O porteiro disse que a melhor loja é esta. — Olhou para ele. — Você quis dizer que não vai sozinho?

— Alguém vai comigo.

— Quem?

— Kay...

— É por isso que não é seguro?

Ele assentiu com a cabeça e olhou para o relógio.

— Precisamos ir.

— Pode ir — disse ela, calmamente. — Fiquei pensando o dia todo no hotel. E se isso estiver no fim? — Olhou para ele, como se quisesse guardá-lo na memória. — Assim como Frank. Pode ser. Mesmo trabalho. Segredos. E agora ele está morto. Para quê? Pelo país? — Girou a cabeça. — A despeito do que tenha feito. É uma ironia o que as pessoas fazem pelo país. Coisas que nunca fariam umas pelas outras. Então, e se for como foi com Frank? Ele não vai voltar.

— Eu não estou morto.

Ela chegou mais perto e pôs a mão no ombro dele.

— Não. Mas talvez não volte. — Respirou fundo. — Então, quando eu sair daqui... — Deixou a frase no ar.

— Caminhe até a mesquita e se dirija ao ponto de táxi. Se ele a encontrar, achará que você se perdeu e ficará outra vez na sua cola. Espero aqui. Volte para o Pera. Fale com o porteiro.

— E digo que não pude continuar com isso. E o resto? — Ela falou por falar. — Janto no meu quarto? Ou então no térreo, com um livro. Para que deduzam que não estou esperando?

Ele olhou para ela.

— Esquece. Está tudo bem — disse ela, levando a mão à têmpora, um toque titubeante, e depois puxou o cabelo para trás. — Eu só queria ver você. Caso... Sabe o que é terrível? Não lamento. Isso não é terrível? — A voz embargou um pouco no final. — Dizer uma coisa dessas logo hoje?

Leon levantou-se e pegou-a pelo braço.

— Não. — Ela deu uma palmadinha no peito dele. — Sem despedidas. Só volte.

Ele balançou a cabeça.

— E depois veremos. — Ela deu um passo repentino à frente e o envolveu com os braços, encostando a cabeça nele. — Só por um segundo. Ninguém por perto.

Ele se viu apertado contra ela e puxado pelo casaco.

— Só por um segundo — repetiu ela.

O rangido de uma porta se abrindo.

— Oh — disse Kay, assustada e recuando.

Surgiu à porta uma mulher com lenço na cabeça, que parecia uma freira.

Kay recuou ainda mais, com um olhar aflito, como se tivesse acabado de ouvir a sirene do porto.

Depois caminhou de cabeça baixa até a porta e a deixou aberta para a mulher turca, lançando somente um olhar de relance por cima do ombro, e depois para a praça. De onde o primo de Gülün poderia vê-la. A fim de fugir com ele? O que seria de sua vida? Ela o tinha puxado com força. Ele continuou parado por um momento, com um formigamento no ouvido e os braços soltos no ar, como se estivesse suspenso no alto por uma corda. Longe demais de uma borda de apoio para voltar. Lá embaixo, todos olhavam e esperavam.

Marina não quis mais dinheiro.

— Só o tire daqui, antes que cause problemas.

Alexei estava no quarto, pegando a mochila, com tudo certinho e arrumado, como o cabelo curto.

— Já está tão rica assim? — perguntou Leon.

— Não. Mas você é bom para mim. Diferente dos outros. Talvez seja por gratidão.

— Bom? — Leon pensou nos lençóis suados.

— Chame como quiser. Você prefere pensar o melhor. Não como esse homem. Sempre pensa o pior. De tudo.

— Talvez Alexei esteja certo.

Ela olhou para ele.

— Vai ser um problema para você. Um homem como esse.

— Falou com você?

— Nem precisou. Quando se tira a roupa de alguém, se sabe das coisas.

Ele sorriu, balançando a cabeça e olhando para o quimono.

— Você nunca se veste? — Uma vida em meio à seda, deitada na cama, a ideia de um pintor sobre o harém.

— Sim. Como uma dama distinta. Sapatos, chapéus. Às vezes, como uma dama turca de lenço. Meu velho amigo Kemal me acompanha. Uma escolta. Frequento lugares assim.

— Onde, por exemplo? — perguntou Leon, intrigado.

— Aqui e ali. Lojas. Está surpreso? Acha que só vivo na cama? Esperando você?

— Não.

— Está surpreso, sim. O que faria? Se me visse na rue de Pera? Zanzando por lá. Vestida.

— Diria olá.

— Não. Talvez você estivesse com alguém. Ou talvez nem me visse. Sabe por quê? Porque não estaria esperando me ver. Sabe o que faço às vezes? Frequento o bar no Park com Kemal. E encontro homens que costumam vir aqui. E eles? Nem percebem que sou eu. Não me cumprimentam, porque nunca esperam me ver naquele lugar.

— Talvez pensem que você está trabalhando — disse Alexei, saindo do quarto. — No bar do hotel.

— Ah — exclamou Marina, irritada. — Acha que vou lá a trabalho?

— Não nas ruas — rebateu Alexei. — Ainda não.

— Vá se foder. — Ela se voltou para Leon. — É a linguagem que você usa com ele. A que ele entende.

— Voltou-se para Alexei. — E então, já está pronto? O que está esperando?

— Obrigado por tudo — disse Alexei, em tom de brincadeira.

Ela o descartou com um aceno.

— Não faço isso por você.

Alexei se curvou.

— Sendo assim, acabo de conhecê-la. Um coração de ouro.

Ela disse alguma coisa ininteligível para Leon, em armênio, provavelmente rogou uma praga.

— Tomara que o peguem. Você merece.

Alexei aproximou-se e pegou-a pela garganta, com tal rapidez que parecia já estar nessa posição antes.

— Só não os ajude.

— Hei — disse Leon, surpreendido.

— Você não faria isso, não é? — Alexei só retirou a mão depois que ela balançou a cabeça em negativa.

— Nojento.

— Pelo amor de Deus... — disse Leon.

— Não perca seu tempo. Ela também o venderia. Só me pergunto por quanto — disse Alexei, encarando-a.

— Por você? — disse ela. — Não muito.

— Tudo bem — disse Leon, acabando com a troca de farpas. — Já está pronto?

Alexei fez um agradecimento floreado para Marina e saiu para o corredor.

— O que foi isso? — perguntou Leon a ela.

— Ele queria de graça. Depois que ficou sem dinheiro. Para um homem como esse? Não pense o melhor desse indivíduo. Livre-se dele.

— Mas você não pegaria o dinheiro antes?

— Para esconder esse homem? Seria um crime. Se me perguntarem, nego e digo que nunca o ajudei. Apenas dinheiro por uma trepada. Como poderia saber quem ele era? — Ela fez uma pausa. — Ainda não sei.

Leon inclinou-se e beijou-a no rosto.

— Obrigado.

Ela encolheu-se.

— Não pense o melhor de mim também. Peguei o que ele pagou. Vá. — Ela o enxotou. — Antes que o senhorio chegue. — Fez uma pausa. — Talvez você me veja de novo. Como antes. Quando terminar esse seu negócio com ele.

— Pagarei uma bebida para você no Park.

Marina arqueou uma sobrancelha e sorriu.

— Vá — disse, fechando a porta.

Eles desceram pela escada, um atrás do outro, apenas o som de passos e de pingos d'água, além do conhecido cheiro de um gato. Na porta, Leon olhou para os lados e seguiu à esquerda da ladeira, com Alexei atrás de si.

— Foi uma grosseria sua dizer aquilo — disse Leon. — Para uma garota que salvou sua vida.

— Ela é uma prostituta.

— E isso o torna melhor?

Alexei não respondeu, continuou seguindo-o. Atravessaram a Dervish Lodge e depois a igreja onde ocorrera o funeral de Tommy. Kay sentada à frente, de rosto coberto pelo chapéu.

— Esse seu negócio com o sr. King. O que ficou com a grana. Ele é só um ladrão. É o que você pensa? Não com os russos?

— Não.

— Então, o consulado é seguro?

— Não exatamente. Ontem à noite balearam alguém lá.

Alexei se deteve e olhou para ele.

— Alguém do seu pessoal?

— De Ancara. Chefe do setor soviético.

— Mas morto em Istambul; portanto, alguém daqui — disse Alexei, retomando o passo, pensativo. —

Por quê? Na embaixada, sim, para infiltrar um homem lá dentro. Mas no consulado? Passaportes?

— Podem pegar muita gente aqui. Não se esqueça de que o grupo de Tommy estava aqui.

Alexei balançou a cabeça em negativa.

— Na guerra era diferente. Trânsito de informações em Ancara, onde você quer seu pessoal. Quantos eles devem ter? É difícil recrutar os norte-americanos. Geralmente, são moradores locais. Então, talvez seja também um morador local.

Saydam, o guarda, saíra para fumar.

— Ou talvez para que você *investigasse* aqui. Não em Ancara. Seu homem estava aqui sozinho? Ninguém veio com ele?

— Apenas a esposa. Alguns dias atrás.

Alexei resmungou.

— A mulher dele. Bem, ela não.

— Não.

— Algo que faria um romeno pensar. Não os russos. Não Melnikov.

— Nem todos os russos são Melnikov.

— Claro que são. Todos. Pensam com isso — disse Alexei, fechando o punho e sorrindo em seguida, divertindo-se. — Mas pense em como seria perfeito para ela. Ter o departamento soviético na cama.

Deitados em travesseiros, lado a lado. Um outro rosto, não o dela. Mas devem ter mesmo alguém.

— Essas ladeiras... — Alexei já estava sem fôlego.

Acabavam de descer a ladeira desde Galatasaray, mas já subiam de novo em frente ao hospital italiano.

— E a polícia?

— Acham que fui eu que atirei.

— Você? — disse Alexei, surpreendido. — Por quê?

— Eu estava lá. — Leon se calou. Por que não falar? Até Gülün já sabia. — E também estava dormindo com a esposa dele.

Alexei olhou para ele, aturdido e resmungando.

— Devia ter me contado antes. Já estão atrás de nós dois? Isso é o dobro do risco.

— Só por algumas horas. Logo estaremos longe.

— E para onde, agora? Outro apartamento?

— Não. Um lugar para você tomar um banho. Depois de todo esse exercício.

Pararam na frente de uma porta de madeira com uma lista de serviços postada ao lado.

— Um banho público? — perguntou Alexei.

— Ninguém vai notar, mesmo que fique aqui por muitas horas. Apenas um homem enrolado na toalha.

O *haman* não era antigo, provavelmente era da virada do século, embora tivesse sido concebido e baseado nos históricos banhos públicos de Sultanahmet, uma ampla rotunda no saguão de entrada, em cuja fonte os homens se instalavam enquanto bebiam chá e se refrescavam ao vapor quente da sauna. Eles

pegaram toalhas e chinelos e se trocaram em um dos cubículos em volta do pátio. Seguiram até a sauna, com Alexei ainda ajeitando a toalha em volta da cintura. Um corpo compacto e magro, cujas cicatrizes escuras no lado foram reconhecidas por Leon como possíveis ferimentos à bala, além de manchas pequenas em diversos pontos. Facadas? Nove vidas, oito delas gastas.

Caminharam ao longo de uma parede vaporizada no *hararet* e de repente os olhos de Leon lacrimejaram, irritados pelo calor. Ele sentiu uma queimação quando a umidade do ar entrou em seus pulmões, quase como se estivesse incendiando. Um massagista amassava um homem sobre uma laje de mármore ao centro, e atendentes esfoliavam com luvas grossas a pele de outros homens. Alguns outros simplesmente descansavam de olhos semicerrados, sentados em bancos, como lagartos ao sol. Olharam para Leon e para Alexei e entregaram-se de novo ao calor, com os peitos brilhando. Leon olhou ao redor uma única vez, esquadrinhando rostos indistintos em meio ao vapor, e depois se recostou na parede com Alexei.

— Claro, às vezes é uma questão de oportunidade — disse Alexei, retomando a conversa anterior. — Você nem precisa plantar ninguém... o cara já está lá. — Calou-se por um tempo. — E depois ele precisa se proteger. Você tem sorte.

— Você acha isso, então — disse Leon, de chofre.

— Que você o está procurando? Sim. Ele deve saber. Mas atira primeiro no setor russo.

— Talvez Frank o tenha encontrado. Eu, não. Por isso eu estava lá, lembra? Precisava descobrir quem matou Tommy. Estava à procura de mim mesmo.

De novo, um emaranhado, como a caligrafia nos azulejos ao redor.

Alexei sorriu.

— Interessante. Mas como poderá vencer isso?

— Você vencerá por mim. Só tenho de tirá-lo daqui vivo.

— Com os russos no encalço. E agora a polícia. Não só atrás de mim. De você também. Mais fácil de identificar. — Alexei fechou os olhos outra vez. — Alguém que dorme com a esposa do cara. — Balançou a cabeça e soltou um suspiro alto, que se mesclou ao vapor d'água. — Que bom, o calor. Mulheres. Banhos turcos. Se soubesse, teria me unido aos norte-americanos mais cedo.

— Mas você estava ocupado.

Alexei levantou uma pálpebra.

— Isso mesmo. Ocupado.

Enxugou o suor dos braços e levantou-se. Foi até a bacia e derramou água na cabeça e no peito. O homem que estava sendo massageado gemeu. O mundo atrás de uma cortina de vapor, a rua a quilômetros de distância lá fora.

— Como conseguiu isso? — disse Leon, apontando para a cicatriz no lado do corpo de Alexei.

Ele sentou-se novamente.

— Stalingrado. Eu tive sorte. Se fosse mais profundo... septicemia. No hospital de campanha. Ou se morria na hora ou se morria mais tarde.

— Você estava na frente de batalha? Pensei que só fizesse parte da inteligência...

— Antonescu gostava de nos colocar nas unidades de frente. Para se certificar. Nada de desertores, nada de conversinhas derrotistas. Os russos também faziam isso.

— Ele arriscava os oficiais de inteligência dessa maneira?

— Pense em quantos ele próprio matou. Por que impedir os russos de fazer o mesmo? — Alexei enxugou a testa. — Está surpreso? Esses homens são assim. Veja Stálin. Nunca está seguro. Mais cedo ou mais tarde, todo mundo se vai. Ou seja, o truque é ir mais tarde.

— Se você tiver sorte — disse Leon, imaginando um campo coberto de corpos. — Você foi atingido

duas vezes?

— Esta aqui? — Alexei apontou para uma cicatriz menor. — Esta, não. Foi uma mulher. Em Bucareste. Nunca se espera isso de uma mulher.

— Atirou em você?

Alexei deu de ombros.

— Ela era um pouco... — Tocou na têmpora. — Sorte minha, de novo. Não foi um bom tiro.

— E as outras? — Leon apontou para as cicatrizes, agora curioso.

— *Shrapnel*. Também Stalingrado. — Alexei passou a mão por cima. — Não parece um mapa de guerra? Exceto para Ilena. Um temperamento louco. Mas uma boa foda. Como essa outra daqui — Balançou a cabeça, como se indicando o apartamento de Marina. — Bem, você sabe. Ela disse que você é um cliente regular. Uma boa foda. — Era um papo à toa entre amigos no vestiário.

Leon não disse nada.

— Mas, nos dias de hoje — continuou Alexei —, nunca se sabe se é a última vez. Por isso mesmo, elas são tudo de bom. E o departamento russo? Como é isso?

Leon se levantou. Foi até a bacia e despejou água no corpo. Por que nem tudo se podia lavar como se lavava o suor? Antonescu na venda de judeus. Mandá-los de volta. Străulești. Fodendo Marina. E agora todos são bonzinhos. Uma esfregada de sabonete no peito com a luva, uma outra esfregada, como se limpasse as mãos de Alexei, que o tocaram. A mesma mulher. Mais água.

Quando Leon voltou, o ambiente inteiro parecia envolvido em névoa. Não se enxergava bem. Corpos peludos e com brilho engordurado, inclinados de cabeça baixa ou encostados à parede, rostos erguidos para os pontos estrelados de luz que perpassavam na cúpula, uma democracia carnal de banhos, cada qual era apenas um corpo. Quem eram aqueles homens? Lojistas e comerciantes de tapete, talvez um policial de folga, um estivador, irrealis em meio ao vapor, corpos como biombos que ocultam. Olhou para Alexei, estranhamente menor na toalha, mais pálido, o mapa de cicatrizes de guerra, apenas contusões vistas a distância, começando a ceder, gravidade inevitável. O corpo do lutador da guarnição militar que ele tinha visto pouco antes agora parecia envelhecido, com a mesma flacidez dos outros corpos e o mesmo rosto cansado que também tinha visto quando eles saíram de Laleli. Nunca se sabe se é a última vez. Monstro? Não, um homem enrolado na toalha. Ou ambos.

— Você não esteve na guerra? — perguntou Alexei, sonolento, quando Leon chegou.

— Não. Meus olhos.

— Na Romênia, seria alistado, mesmo sendo cego.

— Bem que tentei. Já estava velho para me alistar, mas mesmo assim tentei e não passei no exame oftalmológico. A eles, não restou outra coisa a fazer se não me colocar no serviço burocrático. Eu já estava fazendo isso aqui. — Justificar-se era uma questão de honra.

— E por isso começou a fazer esse trabalho?

— Acho que sim. Surgiu uma oportunidade, só isso.

— Não se precisa de exames oftalmológicos para isso. E agora que acabou a guerra? Pretende combater na próxima? — Alexei bufou. — Um soldado. Você pensa que sabe como é. O que se deve fazer. — Fez um silêncio reservado por um momento. — Na primeira vez, é difícil. Mas, depois, fica fácil.

— O quê? Matar os semelhantes?

— Não, traí-los. Você pensa que não pode fazer isso. Uma agonia. — Alexei levou a mão à garganta, como se asfixiando a si mesmo. — Pelo menos comigo foi assim. Eu não conseguia respirar. Mas tinha de fazer e fiz. E depois se torna mais fácil. Você verá — disse, cara a cara com Leon.

Virou de costas e fechou os olhos novamente, à deriva no vapor.

— Sabe do que me lembro da guerra? O frio. Não as montanhas, só o vento. Cheguei a pensar que nunca mais me aqueceria. E olhe só agora. Suando. Talvez me mandem para algum lugar quente quando acabar o meu caso. Ainda não discutimos isso. O que devo pedir? Onde é mais quente nos Estados Unidos?

— Não sei. Flórida.

— Flórida. — Alexei pronunciou as sílabas.

— O importante é que encontrem um lugar para escondê-lo.

— E eu tenho cara de Trótski? Acha que os russos me acham tão valioso a ponto de mandarem assassinos atrás de mim? — Alexei sacudiu a cabeça. — Não estarão nem aí, logo que eu disser o que tenho a dizer. — Fez uma pausa. — Incluindo você. — Espreguiçou-se, desfrutando o calor. — As mulheres da Flórida são bonitas?

— Judias.

Alexei abriu os olhos para Leon.

— Você... sempre nessa. — Espreguiçou-se outra vez. — Ilena era judia.

Leon calou-se, imaginando a história, o que ela poderia saber. Ou talvez tivesse acontecido antes de Străulești, talvez fosse uma mera briga de amantes. Furiosa a ponto de atirar. E errar. A sexta ou sétima vida que ele já tinha vivido.

— Paga uma massagem? — perguntou Alexei, olhando para o massagista. — Tudo bem?

Leon assentiu.

— Que palavra eu digo?

— *Ugma*. Mas apenas se deite. Ele vai saber.

Leon observou enquanto Alexei se deitava sobre o mármore quente e o tellak se ajoelhava por cima e lhe massageava os ombros. Massagem de corpo inteiro, deitado, à vista. Observou os outros homens, alheios à cena, perdidos nos próprios mundos. Bigodes e barrigas dobradas. Corpos. Os banhos das mulheres deviam ser iguais; em vez de ninfas rosadas de Corot, seios caídos e coxas gorduchas, garotos de olhos dissimulados enquanto se desenrolam as toalhas. Kay nua e confiante à janela do hotel, uma luz de alabastro. Por fim, imaginou-a na cama com Frank outra vez, só conversando, sussurrando. Na cama com o encarregado do departamento soviético. Tudo tão perfeito. Bem, não a esposa.

E se Frank tivesse telefonado para o hotel? Nunca se espera isso de uma mulher. De pé e por trás da mesa, tiro certo. Cara a cara com Gülün. Ele estava comigo. O álibi de ambos. Mas Leon não esteve o tempo todo com ela. Também esteve no escritório de Tommy enquanto o fiel Saydam dava uma fugidinha. Alguém em Ancara. Frank achava que alguém estava infiltrado no consulado. O mesmo que matara Tommy. Só que nenhum outro o matara. Leon o matara.

O pensamento, até então vago e lerdo, perdido em suposições, correu à frente. O que ela sempre dizia a ele. Odiava os segredos dele. “Conte-me.” Ou talvez algo mais simples, como Ilena pegando uma arma no hotel em Bucareste, fazendo por amor, sem esquecer aquele momento. Abordando-o na festa de Lily. “Faça alguma coisa por mim.” O que realmente sabia sobre ela? Tudo. Suspensão do pensamento enquanto rememora a gota de suor que escorreu pelo peito dele e dela, enxugando com o dorso da mão. “Como você sabe? Por que você faz isso?” E todo o resto, vapores e círculos, sonhos febris. Não era como Alexei, que suspeitava de todos, só conhecia esse tipo de vida. Quanto tempo faltava para acontecer? Você pensa que sabe como é. Agora, na cama, a pele ainda viscosa, mas não com Kay, com Marina, e Alexei ao lado dela, curvado por cima, piscando para ele, dividindo-a.

Leon abriu os olhos, ofegando e sem saber onde estava. Fumaça. Não. Vapor, quentura engolida pela garganta adentro. Um banho, despertado outra vez, mas ainda com tudo etéreo ao redor. Quanto tempo tinha estado fora? Sonhos loucos, e agora com Alexei no meio, na cabeça. Mas não aqui. Olhou para a

laje de mármore. Vazia. Um turco sendo massageado em suas extremidades. Levantou-se. Nada de pânico. Ele não teria sido levado sem uma luta, uma boa e barulhenta luta. A menos que tivesse saído por conta própria, esperando um cochilo da babá, com um plano próprio.

Leon foi até a bacia e derramou a água na cabeça, como se ainda não estivesse totalmente desperto. Nada de chamar atenção. Olhou ao redor. Os mesmos corpos intercambiáveis, nada de Alexei. Nos bancos, não, nas alcovas, não. Sumiu. Veja os cubículos. Veja se as roupas dele ainda estão lá.

Saiu andando apressado em direção à ampla rotunda da sauna e se deteve. Alexei estava bebendo chá ao lado da fonte, com outra toalha enrolada à cintura. Leon suspirou aliviado e quase estremeceu.

— O que há de errado? — perguntou Alexei.

— Não sabia onde você estava — disse Leon, ouvindo as próprias palavras, como um pai que perdeu o filho na loja.

— Beba um chá. Repõe os líquidos perdidos com o suor.

Alexei, despreocupado. Leon, abalado. Agora Alexei era uma tábua de salvação, sem a qual tudo daria errado.

Leon pegou uma toalha e, enquanto se enxugava, flagrou um movimento quase imperceptível por cima do ombro de Alexei, uma página de jornal sendo virada. *Hürriyet*. Onde Özmen escrevia uma coluna, pinçando coisas em festas e repassando-as para o *Emniyet*, segundo diziam. Os ouvidos de Altan, por toda parte. Lily... mais que uma simples amiga. Como os olhos mágicos de Topkapi, ainda a mesma Istambul. Outra virada impaciente de página, talvez um leitor procurando a seção de esportes. E depois a folha tombou um pouco mais e apareceu um rosto. Enver Manyas. Sem desviar os olhos para Leon, olhos fixos na página, talvez à vontade com ambos ali. A folha ergueu-se outra vez.

— E agora? — perguntou Alexei.

Leon sentou-se e disse, baixinho:

— Aquele homem ali com o jornal. Ele nos conhece.

— Nós dois?

— Fez seu passaporte. Esteve com sua foto. Trabalha aqui perto. Talvez seja coincidência. Só um banho.

Alexei considerou isso e depois balançou a cabeça.

— Troque de roupa. Agora. Lembra-se da rua grande abaixo? Um café na esquina. Espere por quinze a vinte minutos lá. E desça o resto da ladeira se eu não chegar. Fique na mesquita. Eu o encontro lá. — Estava no controle, como se lesse um mapa em sua cabeça.

— Talvez ele não esteja...

— Troque-se. Agora.

Alexei levantou-se e seguiu até o banheiro, sem olhar para trás.

Leon continuou sentado e olhando para os clientes enfileirados e enrolados nas toalhas. E se houvesse outros? Ninguém mais? Por que não cumprimentar Enver e observar a reação? Mas só teria certeza se o tivesse visto enquanto o seguia. Ele ou qualquer outro. Troque-se. Ordens.

Lá fora, o ar frio substituiu o ar quente da sauna. Começou a descer. Um café que ele nunca tinha notado, mas que constava da rota de fuga de Alexei. Como a escada para o telhado de Laleli. Pediu um chá e sentou-se de costas para a parede e de frente para a janela. Poucas pessoas lá fora agora, entrando e saindo dos bondes, e nunca o mesmo rosto se repetia. Passou os dedos pelo copo tulipa, nervoso. E se Alexei não aparecesse naquela porta? Alguns dias antes, Leon chegou a desejar que Alexei desaparecesse, seria uma solução fácil. E agora não havia solução nenhuma sem ele, nada que alguém acreditaria. O silêncio do café só era quebrado pelo clique de um dominó e a tosse de um fumante. Já era hora de Alexei aparecer. E se uma turma comandada por Enver pulasse para fora das sombras?

De repente, lá estava Alexei, parado em frente à vitrine para se deixar ver por Leon, e depois descendo em direção ao Bósforo. Leon jogou uma gorjeta no pires.

— Está tudo bem — disse Alexei na rua, sem reduzir o passo, enquanto era seguido por Leon. — Se outros nos seguirem, terão que esperar por ele. Só ele pode me reconhecer.

— E se ele o seguiu logo atrás...

— Não. Ele escorregou no banheiro. Precisa tomar cuidado lá. Piso molhado.

Um segundo depois a ficha caiu.

— Escorregou...

— Se ele ainda está lá dentro, também estou. Eles terão de esperar. Ficaremos bem.

— Você o matou? — perguntou Leon, sentindo um aperto no peito. — Sem mesmo saber...

— Não acredito em coincidências.

— E se ele estiver aqui? E se o encontrarem?

— Nós temos uma vantagem. Às vezes, isso é tudo que se pode pedir. Um pouco de tempo — disse Alexei, em tom sereno, expondo a logística.

Leon parou e tomou fôlego.

— Você o matou? — Um eco.

— Você pode conseguir outro falsário. De qualquer maneira, eu sabia. Quando ele me seguiu até a casa de banho.

— Você sabia — disse Leon, quase de chofre. — Como poderia saber? Você não sabia.

— Mas estou a salvo. E você também, aliás. — Alexei fez uma pausa. — Ele conhecia meu rosto.

Leon olhou para ele, ainda parado.

— Não se preocupe — disse Alexei. — Pensarão que foi uma queda. É fácil torcer um pescoço. Se você cai dessa maneira. Sem marcas. — Só isso o preocupava.

— É assassinato — disse Leon.

— Bem, eu diria autodefesa.

Alexei olhou para o parceiro.

— Como o sr. King.

Uma onda de frio percorreu a espinha de Leon, como um gelo.

— Enquanto isso, nós continuamos aqui na rua. A essa altura, alguém já foi ao banheiro e todos estão aos berros. E você quer falar a respeito? É o que estamos fazendo. Para onde, agora?

— O bonde — disse Leon, num som vago.

— Outra vez em público?

— Num táxi, o taxista poderia se lembrar. Um bonde, não. Fique de cabeça baixa.

Pegaram um assento na parte traseira. Leon esperava uma corrida de carros de polícia com sirenes ligadas em direção ao banho turco, mas a rua estava tranquila, a água cintilava à luz das embarcações ao longe. Em Findikli, o sino do bonde anunciou a parada e o fez rememorar a loja de Manyas, o tilintar do sino sobre a porta, os retratos empoeirados dos meninos com mantos de circuncisão brancos. Olhos cuidadosos, encobertos. Uma vida transformada em um segundo, tomba uma folha de jornal e aparece um rosto de relance. Leon olhou pela janela e apareceu o reflexo da cabeça de Alexei. Sem marcas. Passado algum tempo, atravessaram um turbilhão e os arcos do palácio Dolmabahçe. “Nem mesmo o tempo ajuda.” A voz de Anna. Sorrindo, enquanto dizia isso. Uma vida transformada em um segundo, tomba uma folha de jornal e a mão escorrega até a água. Sem volta.

— Estive pensando — disse Alexei. — E se você voltasse sozinho para lá...

Leon virou-se.

— Você conhece Washington?

— De passagem — disse Leon, sem saber ao certo o que estava sendo perguntado.

— Estive pensando — repetiu Alexei. — Depois que acabarem as negociações. Eu poderia ser útil. Alguém precisa treinar o pessoal. É perigoso usar amadores. Antes, era uma novidade para você. E Donovan era um louco... jogando os homens nessa e depois os civis é que pagam. Mas agora...

— Eles estão fechando. Redução do pessoal do Estado, só isso. A guerra acabou.

Alexei balançou a cabeça em negativa.

— A tartaruga de volta ao casco? Não. Não agora. Por que eles querem falar comigo? E alguém terá de treiná-los.

— Para ser como você? Um decepador de cabeças?

Alexei captou nervosismo na voz de Leon e o olhou, ligeiramente intrigado.

— O que você acha que é isto?

Yildiz já estava para trás, e agora o conjunto de ruas iluminadas de Ortaköy.

— Vamos sair daqui — disse Leon. — Precisamos comer alguma coisa.

— Sem refeição mais tarde?

— Nenhuma — disse Leon, pensando nos rostos encovados à espera de rações no *Victorei*.

Compraram *kebabs* em uma das barracas ao ar livre e comeram na praça em frente ao mar, de golas levantadas para se proteger do vento.

— Uma bebida cairia bem — disse Alexei.

— É melhor caminharmos um pouco. Ainda temos algum tempo. De qualquer maneira, a caminhada nos fará bem. Ficará apertado no barco.

— Nós vamos de barco? — perguntou Alexei, balançando a cabeça. — Por que barco?

Leon olhou para ele, surpreso.

— Não gosto de barcos.

— Um barco que vai tirá-lo daqui.

Alexei desviou os olhos para o mar.

— Outro barco. Pelo menos desta vez a noite está melhor.

Nítida e clara, a lua deixou a estrada à vista quando eles saíram da cidade. Depois, um trecho sem cais, só um ombro, alguns pedestres, mas os carros passavam sem percebê-los. Em seguida, eles chegaram a Arnavutköy, em cuja orla havia uma linha de *yalis*, com arabescos elaborados e ruas que serpenteavam por trás, um labirinto a ser seguido.

— Você consegue sentir? — perguntou Leon, curioso. — Quando alguém o está seguindo?

— Não. Uso meus olhos. Nós estamos bem. Quanto tempo mais?

Leon olhou para o relógio.

— Ainda estamos adiantados. — Olhou para o alto. — Uma parada rápida.

Mantiveram-se nas ruas da vila e depois circularam de volta à avenida litorânea, que estaria deserta se não fosse pelos pescadores da noite. Já era muito tarde para os casais. Em Bebek, eles dobraram antes do palácio do *khedive*. Ruas familiares, o caminho de volta para a clínica. Ninguém atrás. Entraram pelo portão do jardim.

— Que lugar é este?

Leon levantou a mão, pedindo silêncio. Saíram do caminho e pararam perto da árvore que ficava do lado de fora do quarto de Anna. Apenas a luz noturna de sempre, como um fantasma a pairar. Leon se encaminhou até a porta-balcão e se deteve. Não precisava entrar e correr o risco de ser visto. Podia dizer adeus dali mesmo.

De qualquer maneira, não seria ouvido. O quarto sossegado, silencioso como um túmulo. De repente, ele se desconcertou e se deu conta de que aquelas visitas não passavam de visitas a um cemitério,

prestando homenagem a um túmulo, da mesma forma que visitava o pai, com flores na mão, e a mãe, com solenidade, Leon entediado e desconfortável, sem perceber, o que agora ele sabia, que, quando ela visitava o pai dele, na verdade visitava alguma parte mais jovem de si mesma, a jovem que havia sido um dia. Continuou parado e observando a janela, na expectativa de que a pouca luminosidade se tornasse mais fraca e acabasse deixando o quarto no escuro. Em vez disso, um feixe rápido de luz, a porta se abriu e entrou uma enfermeira para uma checagem; atrás dela, um homem sentado na cadeira do corredor, lendo um jornal, outro Manyas. Leon se escondeu atrás da árvore. De guarda. Ele podia ir a qualquer lugar, inclusive ali, sem chance para Gülün. O hotel de Kay. Cihangir. Caçando-o. Mas não no jardim, senão ele não estaria plantado ali. Um carro ali em frente? A enfermeira alisou as cobertas e saiu, levando a luz junto.

Ele chamou a atenção de Alexei para o portão.

— Polícia — sussurrou. — Cuidado. — Um aceno para que fosse seguido.

As ruelas para a estrada litorânea. Ainda era muito cedo para o barco, o cais estava totalmente aberto, e assim ficariam visíveis sob o luar. Atravessaram a estrada íngreme até o Robert College, e Leon pensou em Tommy, correndo solto, convicto de que tudo sairia bem. Entraram no café, de onde telefonara para Tommy na primeira noite chuvosa, com os mesmos velhos fumando. “Vamos ao Park: martinis de Mehmet.”

— Até que enfim, uma bebida — disse Alexei, quando serviram o *raki*. Tomou um gole. — Então, é aquele lugar.

— Onde minha esposa está.

Alexei olhou para ele, sem dizer nada.

— Uma clínica.

Outro olhar, estranhamente simpático.

— Então, as despedidas. — Alexei pôs mais água no copo e observou a nuvem líquida.

Leon balançou a cabeça.

— Ela está em coma. — Não era propriamente a verdade, mas caiu bem.

Alexei olhou atentamente para ele.

— E a polícia lá. Isso não é bom. Fazer algo assim. Deixe as despedidas para mais tarde. Depois que sairmos daqui. — Tomou um gole de *raki*. — E agora, o departamento russo?

Leon desviou os olhos, sem responder. Departamento russo. A luz esmaecida que entrava pela da janela atrás deles. Algo a pensar. Outra chance... talvez a única que ele teria. Mas que tipo de vida, se eles tinham deixado o quarto de hotel de lado?

Olhou para a parede, olhou para o relógio, o tique-taque parecia estar dentro da cabeça. Sem tempo para um café, era hora de sair. Geralmente, a barca para as ilhas de Eminönü levava de uma a duas horas para chegar a Büyükkada. O pescador não seria mais rápido. Pelo menos uma hora para chegar a Eminönü, e outra hora de garantia para possíveis atrasos. Ficariam bem. Mas tinham de chegar a tempo... já que o *Victorei* não esperaria. Quão rápido seria o barco do pescador?

Se saíssem mais cedo, a marcha lenta para fora de Büyükkada não seria um problema naquela época do ano. O porto estaria praticamente vazio, os hotéis, fechados. No verão era diferente, carros e passeios de burro, além das caminhadas pelas enseadas de areia ao sul. Eles já tinham alugado uma casa no mês de agosto, um pouco afastada da estrada e próxima ao mosteiro, com vista para a mata e o mar. À noite, a brisa se impregnava com o odor de pinheiros, rosas selvagens e jasmims. Antes da guerra.

— Você está muito calado — disse Alexei.

— Estou pensando.

Alexei resmungou.

— Não acho que você estava certo a respeito de Manyas — disse Leon, só para dizer alguma coisa.

— Quem?

— O falsário.

— Assuma o risco com sua vida, não com a minha — disse Alexei. Pediu outro *raki*. — Enfim, o que importa? Sempre acontece alguma coisa com quem faz esse tipo de trabalho.

Leon olhou para ele, sem dizer nada. Claro que antes isso importava, antes que a vida tivesse se tornado um presente barato, antes das pilhas de cadáveres. No tempo em que ele tinha uma esposa, pais. E agora sonhava com a Flórida. O tique-taque soou mais alto, intolerável. Talvez o barco já tivesse chegado. Empurrou a cadeira para trás.

— Está na hora? — perguntou Alexei, despejando o resto do *raki* goela abaixo e estremeando.

Eles atravessaram a estrada para o cais. Um corpo delineado com marcas de giz da polícia girava na mente de Leon — a visão de Rumeli Hisari à frente, a mochila de Alexei sendo erguida, o carro de Tommy entrando a toda a velocidade, Mihai e ele plantados na calçada. E agora esperavam calmamente na beira da água encrespada, mirando uma única luz que vinha em direção a eles em meio à escuridão. Quase lá.

Eles já estavam a bordo antes mesmo de o pescador atracar.

— É o mesmo homem? — perguntou Alexei a Leon. — Ele trabalha para...?

— Para mim. Negócio particular.

Segue-se uma discussão. As ilhas Príncipe ficavam muito longe.

— Mais longe do que disse para mim.

— Não, não é — disse Leon, de dentes trincados, frustrado por ainda não terem saído do cais.

— *Efendi*. — Começava a querer aumentar o preço.

— Quanto?

Alexei se interpôs entre os dois.

— *Derhal!* — disse, quase rosnando.

O pescador deu um passo atrás, inclinou-se e se dirigiu ao motor. Leon notou os olhos duros de Alexei. Ele seria capaz de qualquer coisa.

Ladearam a costa, distantes dos navios de carga do canal, e retraçaram o percurso de Ortaköy. O Bósforo estaria calmo se não fosse pelo despertar dos cargueiros. Imprimiram uma boa velocidade, cruzando com as ruínas carbonizadas de Çırağan, onde Abdul Aziz cometera suicídio, se é que realmente se suicidara, e Murat V fora trancafiado, as coisas que Georg sempre contava para ele e para ela.

A certa altura, o tráfego de carga se reduziu e eles então atravessaram para o lado asiático. Passaram pela Torre de Leandro, e em seguida viram as luzes da cidade por todos os lados. Depois, somente o tráfego habitual daquelas águas, balsas e pescadores, sem barcos da polícia. A fachada teutônica de Haydarpaşa, onde os trens partiam para Ancara. Ninguém mais viera com ele? “Só a esposa.”

Kadiköy, Fenerbahçe, e o mar aberto para as ilhas. Luzes da costa menos intensas, água escura. Alexei de lado, olhando para a frente e para trás, com o gorro de lã cobrindo as orelhas contra o frio. Tão logo se distanciaram da costa, ele seguiu até a cabine e pegou a lanterna de sinalização. O pescador soltou um grito em turco.

— O que está fazendo? — perguntou Leon. — Ele vai precisar disso para sinalizar para o navio.

— Ainda não. — Alexei colocou a lanterna entre os pés. — Estará aqui quando ele precisar.

Outra reclamação do pescador. Leon amenizou a situação.

— Pelo amor de Deus — disse para Alexei.

— Você o conhece bem?

— Ele está trabalhando para nós.

— Ele trapaceia nas cartas. — Uma longa noite chuvosa em alguma cabana do mar Negro. Lamparinas.

— E agora? Será que quebramos o pescoço dele?

Alexei ignorou a pergunta, concentrado no estreito funil de luz à frente. Finalmente, algumas janelas iluminadas a distância.

— É aquilo?

— Ainda não.

O barco atravessou Kinaliada, seguiu rumo sul por entre Heybeliada e Büyükada e finalmente aproximou-se em marcha lenta da ponta inferior da ilha por onde passaria o *Victorei*.

— Diga-lhe para apagar a luz — disse Alexei, ainda alerta, esquadrinhando todas as direções. Nenhuma casa atrás, a extensão vazia do Mármara à frente, as luzes da cidade ao longe, e agora o barco encoberto por um pedaço de escuridão aquosa, oscilando com as ondas.

— Quanto tempo? — perguntou Alexei.

— A ponte abre por volta das três. Depende de onde eles estão na fila. — Um comboio saindo do Chifre de Ouro, a maioria abraçando a costa europeia, e depois navegando em linha reta até Dardanelos. Somente o *Victorei* desviará em direção às ilhas.

— Outro barco de pesca?

Leon balançou a cabeça.

— Um cargueiro. Pelo menos era. Romeno.

— E agora?

— Levando judeus para a Palestina.

Alexei olhou para ele longamente, o rosto se movia de um pensamento para o outro.

— Nós vamos para a Palestina?

— Chipre. Eles vão nos deixar lá.

— Judeus seguindo para a Palestina — disse Alexei, girando o corpo. — Ninguém vai desconfiar. — Ergueu os olhos. Era um elogio.

— Não — disse Leon, feliz e culpado pelo que sentiu.

Alexei bufou. Talvez um riso.

— Judeus seguindo para a Palestina.

O barco mergulhou e oscilou mais, o vento agora estava mais forte. Alexei agarrou-se à amurada.

— O que houve? — perguntou Leon.

— Nada. Não gosto de barcos, já lhe disse. — Era quase uma birra infantil, vulnerável, algo que Leon ainda não tinha presenciado.

E depois a espera. O motor já estava desligado e ao redor havia apenas os ruídos das boias, suaves tinidos, e o sopro do vento no convés. No passado, os bizantinos exilavam as pessoas para aquele lugar, onde não eram ouvidas. Leon pensou nos apitos e nos gritos durante o naufrágio de Anna, sirenes na praia e seu próprio barco de resgate buzinando e fazendo o ar tremer. Próximo à cidade, pouco depois de Yaniköy, o que deveria ter facilitado as coisas e no fim não serviu de nada. Crianças sem coletes salva-vidas, em pânico e engolindo água enquanto gritavam e se debatiam. Uma noite sem fim. Algumas resgatadas, outras, afogadas, tão perto que se podia ver a praia. E, depois, as terríveis perguntas — os barcos do porto socorreram prontamente? Não era afinal o que tinham de fazer?

— Lá — disse o pescador.

Leon olhou para longe. Um feixe de luz cortava a água, seguido pelo brilho da ponte e pelo cordão fino de luzes penduradas no mastro como bandeiras. Janelas apagadas, navio em movimento, como uma sombra na velocidade de uma barca. O motor abaixo, pensou consigo, rangia e assobiava, mas os levaria

até o destino. Um milagre. Comprado com o dinheiro de Tommy.

O pescador esperou mais alguns minutos e depois pôs o barco em movimento, sinalizando para o navio. As ondas, agora agitadas, fizeram Alexei empalidecer. Da água, o convés do *Victorei* parecia um andar alto.

— *Efendi* — disse o pescador para Leon, esfregando os dedos.

Leon entregou o envelope com o dinheiro, e o pescador o enfiou na camisa.

— Não vai contar?

— Confio em você — disse o pescador, sorrindo. — E agora, rápido. Aqui. — Entregou um gancho para Leon.

Eles pararam ao lado. Lançaram a escada de corda e Leon alcançou-a com o gancho, fazendo o barco de pesca se prender contra o *Victorei* em meio às ondas agitadas.

— Leon? — Soou a voz de Mihai, por um megafone artesanal que brilhou sob a luz.

Leon acenou.

— Já pode alcançá-la? — disse para Alexei. — Já encaixei o gancho. Pule.

Alexei olhou para ele, ainda mais pálido.

— Estarei logo atrás de você.

— Algum problema? — perguntou o pescador, não conseguindo conter o sorriso.

— Como é que se diz “vai para o inferno” em turco? — perguntou Alexei para Leon.

— *Cehennèm ol* — respondeu Leon.

Alexei inclinou a cabeça, sem repetir a expressão, e se projetou no primeiro degrau da escada de corda. Subiu agarrado à corda com força e grunhindo. Pelo menos era um ponto de apoio.

— Vamos logo — gritou Mihai do convés. Os motores estavam desligados, mas o navio ainda estava em movimento, à deriva, puxando o barco de pesca junto.

— Segure isso — disse Leon, entregando o gancho ao pescador. — Volte esta noite. Nem uma palavra, certo? E muito obrigado.

O pescador desviou os olhos, embaraçado.

Leon ergueu os braços. Não estavam altos o suficiente.

— Firme — disse para o pescador, pulando em seguida e agarrando o degrau, escorregadio com a água fria. Esticou os braços e alcançou o outro, e de novo, até que os pés carregaram o peso do corpo. — Você está bem? — gritou para Alexei, que ainda estava agarrado à escada. Sem resposta.

Eles ainda estavam na escada quando o barco de pesca afastou-se do casco do cargueiro e se distanciou cuspidando e rugindo. Agora não havia nada abaixo além das ondas.

Mihai içou os dois para dentro do cargueiro com ajuda de outro homem. Alexei pousou como um peixe agitado e tentou se levantar, sem fôlego.

— Diga ao David para ligar os motores — disse Mihai, voltando-se depois para Leon. — Você conseguiu. — Ignorou Alexei, como se ele não existisse.

— Algum problema? — perguntou Leon.

— Depois dos dólares? Não. Os dólares foram um salto para a saúde. Agora, a única preocupação é o motor. Mas pelo menos estamos em movimento.

Contudo, *Büyükada* parecia continuar no mesmo lugar de antes, e não se notava a menor mudança de velocidade. Seria uma longa noite.

— Por aqui — disse Mihai. — Fique fora do vento. — Só então olhou para Alexei, que estava muito pálido, e indicou um banco estreito perto da ponte.

— Onde estão todos? — perguntou Leon, que esperava rostos exultantes e alinhados à amurada.

— Dormindo. Se é que conseguem.

Ou então debaixo de cobertores e entrincheirados em bancos, tal como antes, indiferentes a Istambul, poupando forças e com as cabeças apoiadas uns nos ombros dos outros. Os poucos ainda acordados olharam fixamente para Alexei e para Leon, intrigados, embora mais interessados no pulsar irregular dos motores mais abaixo.

— Obrigado — disse Alexei.

— Agradeça a ele — disse Mihai, bruscamente.

— Um barco à vista — disse David, dirigindo-se para a ponte.

— Sinalização?

— Não. Talvez em direção a Büyükada. Mas nós estamos aqui. Você pode ir ver o que está acontecendo lá embaixo? Se estivéssemos remando, estaríamos melhor.

Uma onda súbita fez o cargueiro rolar, projetando Mihai para a frente, contra o peito de Alexei. Ele se afastou.

— Agora, lá para trás — disse Mihai para Leon. — Fiquem por lá.

— Seu amigo romeno — disse Alexei.

— Você nunca o viu.

— Nunca vi ninguém. — Alexei agarrou-se à amurada. Uma onda fazia o cargueiro oscilar de novo. — Está ficando difícil.

Sentaram-se no nicho perto da ponte.

— Foi ele que lhe contou sobre Străulești.

Leon assentiu com a cabeça.

— Então, por que está me levando?

— Paguei a ele.

— Aquele lá? Não. Algo mais. Talvez seja uma cilada.

— Ele não está fazendo isso por você. Durma um pouco.

— Aqui? — Alexei abriu a mão para o vento. O navio começava a ranger.

Um dos homens encobertos se mexeu. Uma cabeça raspada disse alguma coisa em língua desconhecida, que para Leon parecia polonês. Com as mãos erguidas para cima, responderam “não entendo”. Outra língua, provavelmente iídiche. Por fim, alemão.

— Quem são vocês para fazer o navio parar?

— Ninguém — respondeu Leon. — Só estávamos atrasados.

— Não. As pessoas se atrasam no cais, não em mar aberto. Haganá? Vocês são Haganá, não são? O que mais seriam? Uma honra — disse o homem, estendendo a mão.

Alexei apertou-a. Leon fixou os olhos nos números tatuados no antebraço do homem.

Ele fez um gesto, como se para fechar a boca, e retornou ao banco.

Um baque repentino abaixo, seguido pelo ruído da moagem, e toda a estrutura do cargueiro estremeceu, mas continuou em movimento. As poucas luzes acesas em Büyükada já estavam mais distantes.

— Talvez tenha sido um empurrão do seu amigo — comentou Alexei, recostando-se feliz consigo mesmo. O movimento do navio era uma promessa. Em poucas horas, o mar Egeu.

— Você nunca o viu antes. Entendeu bem?

— Você só me disse isso agora. — Alexei abriu os olhos. — Por quê?

— Ele não faz parte disso.

Alexei desviou os olhos para Mihai no convés. Isso já era um comentário. O navio oscilou outra vez. Soaram débeis ruídos lá embaixo, como gemidos. Talvez beliches abarrotados, vasilhas cheias até a borda.

Uma mulher cambaleou para fora da porta do porão com a mão na boca, e saiu correndo até a amurada

que parecia distante. O vômito, um alívio e um jato doloroso no mar. Os outros se agitaram automaticamente nos bancos. Um esguicho, seguido por uma ânsia maior, e depois um fluxo fino de bile. O primeiro de muitos, se a água continuasse agitada. A mulher limpou a boca com a ponta do xale e olhou para os bancos, muito indisposta para se desculpar, e de repente a respiração era uma tosse seca. Uma outra mulher levantou-se e segurou-a pelos ombros, amparando-a até que a tosse parasse. Algumas palavras, talvez de agradecimento, levadas pelo vento. Ela balançou a cabeça, respirou fundo e fez o caminho de volta, olhando para Leon e para Alexei. Um momento congelado e silencioso. Estava muito atordoada para falar.

— *Voi* — disse, por fim, para si mesma, tentando entender o que via, e depois cambaleou com determinação ao longo da água, como se sonhasse acordada.

— *Voi*. — Agora, mais próxima, certificando-se, com tremores pelo corpo. — *Macelar!* — Um grito repentino, cabeças erguidas nos bancos. — *Calau! Calau!* — Todos se levantaram de dedos em riste para Alexei, seguindo-se a isso um grito penetrante enquanto se colocavam atrás dela.

Alexei disse alguma coisa em romeno, uma negação.

Outro grito da mulher, estremecendo da cabeça aos pés, prestes a explodir.

— *Macelar!* — A palavra tornou-se o próprio pesadelo. Os que estavam nos bancos pareciam ignorar o que era dito, como se fosse apenas um som.

— Açougueiro — gritou alguém, explicando.

Outra corrente em romeno. Era a força da histeria.

— A irmã dela — murmurou alguém ao fundo, também de dedo em riste. — *Calau! Calau!* — A mulher avançou e cravou as unhas no rosto de Alexei, estendendo a mão até os olhos, lúgubre. Ele a pegou pelos braços e tentou repeli-la, mas ela o arranhou e as mãos agora pareciam garras, e depois o empurrou com a força dos loucos. Alexei engasgou de dor e saiu do banco, deixando o rosto ainda ao alcance dos arranhões da mulher, que não parava de gritar. Os outros também se exaltavam por trás e os gritos giravam em torno da cabeça de Leon como uma frenética Babel. Tudo aconteceu numa fração de segundo.

— Pare! — Ele a agarrou por trás, espantando-se com a força que ela imprimia enquanto tentava se desvencilhar. À volta, todos gritavam, o navio inteiro parecia haver despertado. Lá embaixo, o burburinho se deslocava de um lado para o outro. Estavam arruinando tudo.

Alexei protegeu o rosto com os braços e recuou, ainda tentando acalmá-la em romeno, mas a essa altura os dois estavam cercados e a multidão irrompia como um batalhão.

— Pare! — Leon tentou contê-la novamente.

Seguiu-se uma crise de nervos, e a raiva da mulher tornou-se um soluço incontável, drenando-lhe toda a força. Mas logo o ódio irrompeu de novo e a fez avançar e rasgar a pele de Alexei.

— *Calau!*

— Carrasco. — Alguém traduziu.

Uma nova onda humana aproximou-se, seguida por uma intervenção em meio à tensão.

— O que está acontecendo? — gritou Mihai, sem fôlego, agarrando as mãos que se desvencilhavam de Leon.

Uma irrupção de frases em romeno da mulher e um olhar preocupado de Mihai para Leon, e as pessoas ao redor ainda aos gritos.

— O que aconteceu?

— Ele é um nazista.

— Como ele pode ser um nazista?

— Um nazista romeno.

Lá embaixo, outro aglomerado de pessoas. O ar crepitou como a estática de um rádio. Frases em

romeno.

— Ele os pendurava nos *ganchos*. — Um murmúrio, depois gritos, e por fim a mulher saiu andando, como Leon queria, mas com os nervos em frangalhos e sem parar de se lamentar. — Mihai! O que está havendo aqui? Nós temos o direito...

— Sim, sim. Calma, por favor. Ainda nem estamos a salvo e você quer provocar um tumulto?

— Ele é um nazista? Neste navio? Você está louco?

— Leve-o para a ponte — sussurrou Mihai para Leon, com olhos cortantes como facas afiadas.

— Não tão rápido! — Era o homem da cabeça raspada. — O que está acontecendo? Ele não é Haganá?

Mais frases em romeno.

— Ele os pendurou como carne. — Mais uma frase traduzida.

Fez-se um segundo de silêncio. Alexei disse alguma coisa em romeno, seguida por outra negação.

— Não fui eu.

Leon olhou para a mulher, que retrucou aos gritos. A multidão agitou-se ainda mais e seguiu-se uma nova enxurrada de palavras insensatas. Leon se fez de escudo para Alexei.

— Basta! — disse Mihai, aos berros.

— Quem é ele, afinal? O que está havendo?

— Ele é uma carga neste barco. Para Chipre. Não para a Palestina.

— Carga? O que quer dizer com carga?

— Todos para trás. Sentem-se. Depois explico.

A mulher romena caiu em prantos convulsivos, sugando o ar como se estivesse sendo rasgada, com uma dor imensa e incontrolável.

— Não. Agora! — gritou alguém. — É um truque! Talvez ele avise os britânicos. Não até o último judeu...

Mihai ergueu as mãos.

— Por favor. Parem com essa conversa louca. Ele nos serve de ajuda.

— Ajuda? Como assim?

A mulher ergueu a cabeça e gritou alguma coisa para Alexei, com o punho erguido — uma maldição. E, de novo, uma negação. Leon olhou para ele. O que ele tinha dito? Eu não estava lá? Eu não fazia parte daquilo? Eu não consegui impedir? Alguma versão do que já tinha dito para Leon. Mas seria verdade? Será que a irmã sabia? Será que alguém realmente o tinha visto? E, por um segundo fugaz, o estômago embrulhou junto com o balanço do navio. Leon não queria que fosse verdade. Mas queria que Alexei não tivesse estado lá e que pelo menos tivesse atribuído a si mesmo a frágil inocência dos omissos que simplesmente deixaram acontecer.

Mihai conversou em romeno com a mulher, recompondo-a e enlaçando-a com o braço.

— Voltem — disse para os outros. — Foi um engano.

A mulher não ouviu isso, a essa altura absorta dentro de si. Mas Leon notou o olhar consternado de Mihai. Mentindo por ele. Mas havia outra opção? Nenhuma coisa era a certa a se fazer. Ele acompanhou Alexei até a ponte, a multidão ainda se comprimia confusa no convés.

— Como, um engano? Como ela poderia cometer um engano assim?

Mas eles eram calejados por longas marchas, amontoados em caminhões de refugiados, e suas mentes haviam chegado ao limite, e apontavam todo mundo lá fora, afinal todo mundo era responsável pelo que ocorrera.

Mihai deixou a romena com outra mulher e em seguida olhou para a multidão.

— Agora, voltem. Não há tempo para isso.

— Quem são esses homens? Quem são esses homens que o fizeram parar o navio?

— Ninguém. Carga. Já disse para vocês... — Um sirene estridente abafou o resto da frase e tudo o mais... os gritos da multidão no convés, o ronco do motor e as lonas que batiam ao vento, um longo e gigantesco silvo destinado a assustar. Soou alguma coisa inteligível em turco pelo alto-falante. A multidão correu até a amurada. Um barco da polícia se aproximava, com lâmpadas de sinalização intermitente e holofotes projetados na amurada.

— Temos de parar — gritou David, da ponte. — Estão sinalizando.

Mihai não disse nada. Olhou para baixo.

— Podem atirar se não pararmos.

Armamento do barco da polícia à vista. Mas como eles souberam? À espreita, nas sombras, desde Bebek? Mas isso era impossível, teriam sido vistos naquela vastidão. Um acordo feito com Mihai, com mais ninguém. Maldito dinheiro.

Mihai acenou para David e depois olhou para Leon, com o rosto tenso.

— Preparar embarque. — O alto-falante, ainda em turco, e os passageiros agitados e entrando em pânico.

Mihai ergueu as mãos, pedindo silêncio, e depois se inclinou para o lado, com um megafone.

— O que vocês querem? Nós somos o Victorei. Nossos documentos estão em ordem.

Leon esquivou-se da luz e inclinou-se para ouvir. Talvez uma checagem de rotina, outro suborno, não desistiria depois de tudo aquilo.

— Polícia. Os novos passageiros.

Um giro rápido de cabeça, e os olhos de Mihai se encontraram com os de Leon. “Um só policial e David coloca você para fora. Entendeu? Este navio não é para você.” Fim de jogo. Por um instante, Leon sentiu-se estranhamente atordoado e libertado, e o tempo parou. Mihai olhou para Leon e para Alexei, e depois se voltou para a amurada.

— Que novos passageiros? Só estamos nós aqui.

— Sim, sim. — Um tom grave e arrogante no alto-falante. Gülün. — Tudo bem. Busca de passageiros. Uma escada? — Um segundo de pausa. Gülün empunhou a arma. — Agora.

Mihai acenou e dois marinheiros abaixaram a escada, e depois se voltou de novo para a multidão.

— Ouçam. Vocês querem ir para a Palestina?

Acenos de cabeça, chocados.

— Então, façam o que eu mandar. Voltem. Não digam nada. Nada.

— Mas o que...

— Nada! Ou eu saio deste navio. Eles me levam daqui. — Mihai esperou.

Silêncio, somente a gritaria no barco da polícia.

— Vocês entenderam? Vocês não viram nada. Ninguém. Leve-a lá para baixo — disse, apontando para a romena. — Dê algo a ela. E diga aos outros para ficarem nas camas.

— Escada abaixo — gritou um marinheiro, uma espécie de alerta.

— Eles nos mandarão de volta — disse Mihai. — Entenderam?

As pessoas começaram a se mover.

— E depois talvez vocês tenham de explicar...

— Vocês podem assumir o controle deste navio na hora que quiserem — disse Mihai, erguendo o megafone em seguida.

O homem baixou os olhos, virou-se e dirigiu-se à escada.

— Alguém mais? — disse Mihai.

Leon o observou. Confrontava a todos, gastava o que deixara na conta, sem reservas.

— Ótimo. — Mihai olhou por cima da amurada. — Preparem-se — disse, acenando para que todos

retornassem a seus lugares. Caminhou, subitamente distraído, em direção a Leon e Alexei, como se nem se lembrasse deles. Soaram gritos do mar, escalada de pés contra o casco.

— Vou levá-lo para baixo — disse Leon, quase com medo de olhar para Mihai. A dívida agora aumentava.

— Não. As pessoas sabem. Ou saberão. Ele será morto. Não sei quanto tempo eu...

— Você quer nos entregar? — perguntou Leon.

Mihai balançou a mão em negativa e olhou ao longo do convés. A respiração ofegante indicava que finalmente entrava em pânico.

— Existe alguma outra escada? Do outro lado? — perguntou Alexei, como se pensando em voz alta.

— Escada para quê? Não há barcos aqui.

— Para nos escondermos. Ficamos pendurados. Ninguém vai olhar para fora do navio.

Mihai lançou um olhar para ele, uma saudação relutante, e assentiu com a cabeça.

Eles correram até o convés, seguidos por inúmeras cabeças. Ergueram o rolo da escada e a colocaram para o lado, as cordas de ancoragem empilhadas imperceptivelmente perto da amurada. Os botes salva-vidas, refúgio dos clandestinos, mais acima, uma área de busca diferente. Soou um apito estridente do outro lado do navio, um sinal para o grupo de busca, seguido por gritos incontrolláveis no convés e o troar de batidas, assobios e botas. Uma mulher caiu em prantos e escondeu o rosto no ombro de um homem.

— Não vou sacrificar o navio — disse Mihai a Leon. — Essas pessoas merecem...

— Eu sei.

— Basta nos puxar para cima quando tudo acabar — disse Alexei, com uma familiaridade rude.

Mihai olhou para ele. O ruído da polícia cada vez mais alto, quase no topo, como mãos pesadas no ombro.

— Rápido — disse, girando o corpo e interpondo-se entre eles e a polícia.

Alexei olhou para a corda e depois para Leon, de novo nervoso.

— Tudo bem — disse Leon, passando primeiro.

Escalou a amurada e desceu pela escada de corda, pisando com cuidado em cada degrau. Olhou uma última vez para o convés, e uma fileira de cabeças também o olhava. Gülün só precisaria de um sinal, só um dedo apontando. Mas a linha humana não se mexeu, aconchegou-se a si mesma e voltou-se para Mihai. Leon olhou para cima. Ninguém.

— Vamos lá!

Depois, um pé, outro pé, seguindo cautelosamente para baixo até que a cabeça de Alexei também seguiu pela amurada abaixo, ambos pendurados na lateral do navio, o vento projetando o pé da escada contra o casco. Leon continuou descendo, com todo o peso sobre a escada, até que chegou a uma série de janelas. Se fosse um edifício, poderia caminhar pela beirada e entrar por uma delas. Ficaria fora de vista daqueles que os procuravam, mas, àquela altura, a presença deles ali já não era desconhecida por ninguém. Alguns trapos na boca para abafar o grito, tudo muito rápido e sem alarde, e depois o impacto no mar, talvez nem mesmo ouvido no convés, como se fosse mais uma onda batendo.

— Para onde está indo? — sussurrou Alexei, com as mãos agarradas à corda.

— Fora de vista.

— Onde, na água?

— Só mais um pouco. Está bem, aqui. Segure-se. — A corda de sisal começou a cortar a palma de suas mãos. Ele jogou mais peso sobre as pernas, com o vento às suas costas.

Ainda ouvia as vozes lá no alto. Gülün intimidava, procurando-os por debaixo de bonés de brim e xales. Bastaria um. Mas ninguém abria o bico. Quer mesmo ir para a Palestina? Então, vale tudo.

Uma onda quebrou contra o casco e respingou para cima, molhando a bainha da calça e salpicando gotas no pescoço e nas mãos. De repente, uma luz na janela mais à direita, talvez uma lanterna fazendo a inspeção. Olhando corpos empilhados em beliches, alguma fotografia da guerra. A polícia os obrigaria a descer e revistaria a todos, ou então se apressaria ansiosa para fugir do fedor antes de ser tocada por outras mãos. Um bebê despertado pela luz começou a chorar.

O navio adernou um pouco e outra onda borrifou água gelada. A escada de corda oscilou e afastou-se do casco. Leon olhou para baixo, uma escuridão vazia, e ajeitou os sapatos de maneira que pudessem receber o impacto maior na oscilação seguinte. Quanto tempo mais eles ficariam pendurados, segurando as cordas com as mãos molhadas? Sentiu uma tensão nos braços e mudou de posição novamente. Sem pensar, sem decidir mais nada, apenas segurando-se. A essa altura, já tinha parado de pensar o que estariam comentando no convés e o que Mihai faria se Gülün ordenasse que o navio voltasse. Mas por que ordenaria isso? A menos que tivesse certeza de que Leon estava a bordo. Aquele navio não era um navio qualquer. Pensou no *hamam*, no passeio de bonde, mas ninguém o tinha seguido, nem mesmo em sua imaginação. O que tinha dito mesmo para Kay? Outras vozes, mais próximas e do mesmo lado do navio.

A princípio, achou que era água respingando do mar, mas logo pingaram gotas intermitentes na cabeça. Levantou o rosto e percebeu que pingavam cada vez mais rápido. Encostou-se à corda e encolheu os ombros para que a chuva resvasse pela gola. O frio penetrou na jaqueta de lã. Ouviu Alexei praguejando consigo mesmo. Mas, com isso, talvez Gülün se apressasse e decidisse que a informação estava errada. Caso houvesse alguma informação.

Outras lanternas varreram as cabines de dormir, beliche a beliche. Pelo menos não estavam encharcados no convés, como os outros. Outro sinal de apito, talvez chamando os investigadores de volta ao topo. Ainda faltava muito para que desistissem? Eles não podiam deixar as pessoas aglomeradas, escondidas debaixo de tábuas, espremidas atrás de escadas. O vento soprou a chuva contra o navio e Leon estremeceu, as mãos enrijeceram de frio e as roupas pesaram e grudaram no corpo.

Seguiu-se um estrondo, um guindaste abaixava um barco salva-vidas.

— Foi um engano. Todos aqui são refugiados. — A voz de Mihai soou mais perto, o grupo de busca já estava do mesmo lado.

— Tire a coberta. — Um policial — não era Gülün. A ordem em turco foi interrompida pelos gemidos da sirene de nevoeiro de outro cargueiro, não muito distante. A chuva desabava como uma cortina de luz, deixando tudo embaçado.

Soou o apito no porão novamente, as luzes afastaram-se. Restavam agora o convés e os botes salva-vidas, esconderijos exauridos. E os dois pendurados como morcegos no escuro.

O navio balançou durante a passagem do cargueiro e a escada projetou-se de novo para fora, bem mais para fora. Retornou ao casco e os sapatos se chocaram contra o metal. Dedos esfolados. Alexei gemeu. Seguiu-se outro balanço, impulsionado pelo ímpeto do primeiro, e os sapatos se chocaram outra vez contra o metal.

Surgiu uma luz no topo e alguém gritou em turco.

— Nada — disse Mihai. Leon o ouviu.

Um raio de luz apontou para baixo e se deteve no ponto de onde eles tinham acabado de sair. A curva do casco os manteve fora da luz, a curta distância. Estavam sem forças para percorrer o caminho até a água. Gritos frenéticos fizeram Leon prender a respiração, e depois uma explosão e uma saraivada automática de balas.

— Pare!

Leon encostou-se na escada, protegendo a cabeça. Talvez fossem apenas tiros de aviso. Gülün os desejaria vivos, um prêmio pela captura? A menos que isso não importasse. De qualquer modo, Leon seria culpado e Gülün, laureado. O casco liso e sem lugar onde se agarrar fez a escada oscilar novamente. Outra explosão. Leon ouviu quando os disparos atingiram a água e sentiu uma rápida pancada na corda. Eles deviam estar atirando a esmo no escuro, assim talvez acertassem alguma coisa. E era uma questão de minutos para que a escada oscilasse sob a luz.

— Idiota! — Um grito de Gülün e uma correria no convés. Os passageiros choramingaram ao fundo e o tiroteio ensurdeceu como bombas caindo. Os músculos de Leon ainda estavam travados, esperando. — Não atire! Eu o quero vivo, seu idiota! — Depois de tudo, o que ele queria era um dia no tribunal.

Leon olhou para baixo. Escuridão por todos os lados. O corpo pesou ainda mais com as roupas molhadas. Olhou para as gotas que pingavam nas mãos. Não eram geladas, eram quentes e mais grossas. Mexeu a cabeça para testar. Sangue. Sangue de Alexei pingando por cima.

— Você está ferido?

— De raspão — disse Alexei, ofegante e preocupado.

— Puxem-nos para cima — gritou Gülün. — Peguem um holofote.

O primeiro puxão da escada fez Alexei soltar um grito abafado. Sem gemidos, apenas de mãos erguidas enquanto a escada era sacudida, puxada e parada pela polícia. Um dos pés escorregou do degrau, e ele se agarrou com todo o peso. Leon olhou para cima e Alexei cutucava a perna no ar, na tentativa de encontrar apoio. Seguiu-se um foco de luz quase ofuscante, outro puxão, outra sacudidela e o outro pé de Alexei escorregou e o fez deslizar para baixo, com os pés soltos e seguro apenas pelas mãos. Uma delas gotejava sangue.

— Lá estão eles! — Um dos policiais apontou a arma para o ponto luminoso.

— Não atirem. Só os puxem até aqui com a corda.

Outras mãos, outro puxão, agora com mais força, seguido por uma onda que fez o navio oscilar e a escada balançar enquanto era erguida. E depois um puxão para cima, mais forte que o aperto das mãos de Alexei. Seus pés bateram na cabeça de Leon e no resto do corpo, como num deslizamento de rocha. Leon soltou-se da corda sem se dar conta e caiu em uma interminável queda livre. Alexei agarrou-se ao casaco de Leon e o arrastou ainda mais. Depois, nada, apenas o choque com um mar gelado.

Por uma fração de segundo, o choque não deixou Leon registrar nada, estava quase inconsciente. Em seguida, sons e gritos lá em cima, a batida da escada, o salpicado intermitente. Nadou em direção a Alexei, que cuspiu e engolia água. De repente, um foco de luz em cima dos dois. Alexei se debatia ao acaso e tentava respirar. “Não gosto de barcos.” Leon deu mais algumas braçadas, as roupas pareciam pesos. Ele se aproximaria por trás, colocaria o queixo de Alexei acima da água e o ajudaria a subir em alguma boia ou em alguma coisa onde pudesse se agarrar. Era tudo o que tinha aprendido. Os que não sabiam nadar afogavam os que tentavam salvá-los e pioravam as coisas.

— Alexei. Já o peguei. — Era apenas para acalmá-lo, para tirá-lo do pânico. — Estique-se de costas.

Engasgado, não ouvia nada, só via Leon e o abraçava desesperadamente, a cabeça submergindo e de novo precipitando-se para cima dos ombros de Leon, a respiração ofegante e ansiosa por ar. Gritos vindos do navio, a batida de um colete salva-vidas nas águas próximas. Seguiu-se o nada, o silêncio abafado debaixo da água. Leon, submerso sob o peso de Alexei, impulsionou-se para cima, borbulhando.

— Vamos. Estamos juntos. Nós dois...

Em seguida, de novo submerso, engolindo água. Alexei tentou subir nele, como se ele fosse uma jangada humana. Leon tentou se esquivar, mas só girou no mesmo lugar. Envolveu-se nas correntes e afundou novamente, uma pontada gelada de medo o fez perceber que poderia morrer. Por salvar Alexei, um cara que faria qualquer coisa para sobreviver. Leon agora era uma tábua, apenas útil para Alexei. Os

pulmões queimavam enquanto utilizavam o mesmo ar gasto. E, por um segundo louco, ele pensou que teria sido melhor se afogar em algum lugar à vista de Cihangir. Alexei ainda o agarrava pelo casaco e também o puxava para baixo.

Um lampejo em meio ao atordoamento, não havia mais tempo. “Levante-se.” Ele girou a cabeça e mordeu bruscamente a mão de Alexei. Um instante de liberdade e logo a mão o agarrou novamente, mas isso não o impediu de se afastar e emergir à superfície, sugando o ar, ainda agarrado pela mão de Alexei. Ergueu a cabeça, e os olhos de Alexei estavam vítreos de terror, certamente os mesmos olhos com que suas vítimas o olhavam no derradeiro e terrível momento, uma espécie de perplexidade animal, na certeza da morte iminente. Agora, era a vez de Alexei. Leon só precisava se soltar da mão dele e não ser responsável por mais nada daquilo. Uma morte mais fácil, exceto pelo olhar desvairado, talvez o mesmo olhar da criança que escapuliu das mãos de Anna. Se Anna tivesse sido puxada para baixo, a criança se daria conta de que ela também estava engolindo água e se afogando? Ele afrouxou a mão, e Alexei se debateu para se manter agarrado. Com isso, Leon experimentou o que Anna experimentara, a mesma água escura, soltando a mão para se salvar, sem saber que de qualquer forma se afogaria junto com aquela criança.

Alexei escancarou a boca para o ar, emitindo sons desconexos e agitando os braços, e depois a cabeça tombou, como se puxada para baixo. Leon imaginou que as mãos de Străulești o puxavam pelos pés, arranhando-o nos punhos, uma prova da justiça das coisas. Exceto as coisas que não tinham sido feitas de maneira certa. Já eram passado, só isso.

Ele nadou até Alexei e o puxou para a superfície, e depois o pegou pelo queixo e o manteve de cabeça para cima da água.

— Ouça — disse, em tom áspero e rouco.

Alexei ergueu as mãos à tona e o agarrou. Leon as empurrou para baixo e deixou-as livres. Alexei submergiu, e ele então o pegou pelo casaco e fez uma torção de corpo e o pegou por trás. E depois o puxou à tona com a mão sob o queixo outra vez. Um violento esbravejar.

— Porra, ouça — disse no ouvido de Alexei. — Estou segurando você. Entendeu? Ficar bem se fizer o que digo. Entendeu?

Alexei assentiu, emitindo um som indistinto, a respiração em farrapos borbulhantes e as mãos ainda batendo na água.

— Pare — disse Leon. — Tente boiar. — Um termo sem sentido: as pernas de Alexei pareciam tesouras. Mais sons. — Pare ou o deixarei afundar. Estou falando sério. — Um grito abafado, os pés parados, depois rígidos, um peso morto, agora bem mais pesado. — Relaxe. Deixe que a água trabalhe. Ela vai segurá-lo.

Outro grunhido de Alexei, um ganido de descrença. Ele não tinha as piscinas de Bucarest e os lagos das montanhas? Por que não aprendera a nadar? Como teria sido Alexei quando jovem, um garoto nas ruas? Sem nenhuma imagem na mente, Leon se deu conta de que não o conhecia e de que ele era apenas um estranho que caíra de paraquedas em suas mãos, como o colete salva-vidas jogado do convés.

— Estou aqui — disse.

Alexei parou de se debater e se aquietou de tal maneira que por um segundo até parecia morto. Nesse caso, o corpo estaria enrijecido, mas ainda estava mole e totalmente solto. Leon se colocou por trás e apoiou a cabeça de Alexei em seu peito. Continuava respirando, agora com mais leveza, o corpo mais solto, movendo-se junto quando uma onda os levantava, inteiramente entregue. Sem escapatória pelo telhado, sem arma apontada para a porta; restava-lhe apenas Leon.

Leon olhou para além do halo nebuloso da luz, a amurada do convés lotada, gritos e acenos de mãos daqueles que assistiam a um drama diferente, um salvamento no mar. Mihai acenou para a esquerda. Ele

se virou: um salva-vidas branco e brilhante na água. Saiu nadando para pegá-lo.

— Está tudo bem. Estou com você. — Com medo de que qualquer movimento pudesse assustar o outro.

No convés, apitos incessantes, instruções, outra confusão entre os passageiros. Gülün ordenou que o barco da polícia os apanhasse e Leon ouviu. Em poucos minutos, seriam apanhados, pescados por uma rede como peixes. Salvar Alexei para quê? Salvar a si mesmo. Um assassino que arrumava evidências contra si mesmo. Enfim, a alça da boia na mão.

— Segure isto — disse, mas Alexei não tentou alcançar a alça, sentia-se seguro onde estava, e um sangramento no braço, antes atenuado pela água gelada, agora recomeçava a aparecer no emaranhado da manga.

Leon pensou em colocar a boia por cima da cabeça de Alexei, mas o sangramento impedia os movimentos dos braços, de modo que ele próprio segurou a boia e manteve a cabeça de Alexei contra o corpo.

— Já estão vindo? — perguntou Alexei.

— Sim.

— Então, não conseguimos.

— Estamos vivos.

— Para os russos — disse Alexei, em voz baixa.

— Segurem-se! — gritou Mihai pelo megafone. Os outros ao redor olhavam para baixo em meio à chuva.

Leon sentia frio e uma cãibra no braço que segurava o salva-vidas. “Pense no que dirá a Gülün.”

Um minuto depois, um barco fez uma curva naquela direção, e surgiu outro brilho contra eles. Alexei virou a cabeça.

— Eles estão vindo — disse.

— Segure-se — disse Leon, com um fiapo de voz.

— Solte-me. — Alexei girou a cabeça de surpresa e empurrou o peito de Leon, impedindo-o de reagir, e em seguida soltou-se de sua mão e caiu fora.

Leon olhou para o espaço vazio, antes ocupado por Alexei, e só então percebeu o que tinha acontecido.

— Não — disse, como se ainda estivessem conversando. — Não — repetiu, desta vez para si mesmo.

Mergulhou a cabeça. Alguns centímetros mais e a luz à superfície se dissipou. Negror total. Mas talvez Alexei ainda estivesse a poucos metros. Mergulhou e retornou ao ponto onde ele submergira. Alcançou alguma coisa, mãos estendidas, água por entre os dedos. Emergiu engasgado. Nada.

— Leon! — gritou Mihai, lá de cima.

Mergulhou de novo, agora mais fundo e com o ronco do motor nos ouvidos, o barco estava mais próximo. Algumas braçadas e uma varredura no espaço à frente. Água. Depois, um pedaço de alguma coisa, pano, não algas. Pegou o pano com uma das mãos e impulsionou o corpo para mais perto. Esticou a outra mão, mais pano, uma jaqueta. Com algumas batidas de pernas, agarrou-a com as duas mãos e puxou-a. Chegaram à tona e Alexei começou a tossir, enfraquecido e sem reação, quando Leon o pegou por trás, pela gola. A luz do barco varreu a água em arco, seguida por um tiro repentino. Leon não pensou em se esquivar mais uma vez. Eram um alvo indefeso.

— Fiquem onde estão — disse um alto-falante em turco. Evidentemente, era um tiro de advertência, disparado quando o tinham perdido de vista. Mais gritos vindos do convés.

— Solte-me — disse Alexei, quase inaudível.

— Agente firme. Estou segurando você — disse Leon, ignorando-o, mantendo-o na superfície.

Alexei olhou para ele de olhos arregalados e indefesos, como se Leon fosse a última imagem que veria.

— Por quê?

— Quase lá — disse Leon, empurrando o salva-vidas.

Alexei tossiu e se engasgou com a água.

— Estou cansado.

— Quase lá — repetiu Leon.

— Não, estou cansado. Chega.

Leon reparou que a cabeça de Alexei começava a pender. Será que havia perdido muito sangue?

— Ainda não — disse —, preciso de você.

Alexei olhou para ele.

Uma corda bateu por perto na água. Luzes.

— Agente firme!

Leon olhou para a corda, sem fôlego e ainda segurando Alexei. Um segundo para recuperar as forças.

— Movam-se! — Outro tiro disparado para o ar, como um chicote, seguido por gritos agudos no navio, que estranhamente pareciam de cães.

— Mande-os para o inferno — disse Alexei, mal erguendo a cabeça.

— Não podemos ficar na água. Congelaremos.

— Não sinto isso.

— Pior ainda. Deveria sentir.

— É mesmo? — disse Alexei, olhando para cima. — Ah.

Pegou a mão de Leon, com um leve sorriso, um estranho aperto, sem sacudir, sem expectativa de ser rebocado, apenas fazendo contato. Leon olhou para ele, surpreso — a lente da câmera abriu o foco. Um garoto na rua, somente um vislumbre antes que fugisse novamente.

— Tudo bem — disse Alexei, balançando a cabeça e olhando para o barco. — É sua jogada. — A voz soou débil e fora do ar, um fragmento do silêncio que ocupava a mente de Leon, o relógio parando, era quase o fim.

O barco de Gülün oscilou nas proximidades, o motor ligado e os policiais apontando, aos gritos, para a corda. Ruídos distantes e ruídos ao fundo, onde o relógio acabara de estar. Não havia um movimento seguinte, apenas um acesso automático ao salva-vidas, e depois um gancho que os arrastou para observá-los. E o *Victorei* nas mãos de Gülün e os passageiros novamente ansiosos no convés. Aquela sua ideia de um lugar do qual eles nunca desconfiariam...

— Pegue a corda!

Uma tábua de salvação flutuando à frente de Leon, uma corda. Era sua jogada.

Soou a sirene do barco outra vez, um grito estridente de alarme quebrou o silêncio na mente de Leon, uma sensação de picadas nas mãos entorpecidas. Não, não era uma sirene, era uma buzina diferente vinda de trás, outra luz piscante em meio às ondas. Leon girou os olhos, e a sombra se converteu em luz ofuscante. Menor que o barco da polícia, uma amurada de madeira polida, o tipo de lancha que se via amarrada à frente das *yalis* e cuja velocidade servia apenas ao lazer. Outra sirene estridente desabou por cima, seguida por um disparo do barco da polícia, provavelmente no ar, um aviso. Estalidos de um alto-falante.

— Não atirem! Idiotas!

A lancha deu uma guinada em marcha lenta ao lado de Gülün, como um esquiador ao final de uma corrida.

— Você está louco? Atirando em mim? — Era Altan, furioso.

Seguiu-se uma troca de insultos que o ronco dos motores impediu Leon de ouvir. Lançaram outra boia, desta vez da lancha. Nova gritaria entre os barcos, Altan assumindo o comando. Leon distinguiu por entre as luzes o rosto de Gülün, nervoso e petulante.

— E eles? — perguntou ele, apontando para o *Victorei*.

— Deixe-os ir — disse Leon, agora bem próximo. — Eles não...

— Você, meu amigo, não está em posição de pedir nada — retrucou Altan. — Segure-se nisso. Leve-os para o barco — disse para alguém a bordo.

— Não — disse de repente Alexei. — Só depois que o navio sair.

Altan piscou os olhos, surpreendido pela interrupção de Alexei.

— Não seja ridículo. Você vai congelar.

— Então se apresse — disse Alexei, de olhos nivelados, como se Altan fosse um pescador, um subalterno. Voltou-se para Leon. — Não é o que você quer?

Leon assentiu.

— Então.

Altan soltou um grito irritado para Gülün, e voltou-se para os dois.

— Ele disse que os homens já estão fora do navio. Entrem.

— Então, sinalize para que o navio saia. Não veio aqui atrás de mim? Esse é o preço. Ou levarei este aqui junto comigo. — Firme, sem transparecer que Leon o apoiava, um blefe tão sutil quanto a braçada de um nadador.

Altan se deteve por um segundo, frustrado.

— Eles não devem pagar por mim — disse Alexei, trincando os dentes de frio. — Sinalize.

Altan se voltou para o barco de Gülün. Outra discussão, e depois um rosnado de Altan, dando ordens, os ombros de Gülün encolhendo e amolecendo. Leon sentiu a água contra o queixo, à espera, os pés agora eram o próprio frio. Uma sequência de luzes projetadas em direção ao *Victorei*, seguidas pelos gritos de um policial no alto-falante. Um segundo de atraso para a tradução, seguido por um burburinho e por gritos exultantes que ecoaram do navio. Leon pôde ver que as pessoas davam palmadas nas costas de Mihai, que por sua vez olhava em sua direção de testa franzida, sem saber ao certo o que fazer. Leon ergueu a mão e acenou para ele. E o navio se pôs em movimento com um tremendo ronco nos motores. Mais aplausos. Mihai ergueu a mão e retribuiu o aceno com ar perturbado, já que deixava alguém para trás.

— Entre — disse Altan, apontando para a corda.

— Depois que o navio se afastar — disse Alexei, ainda fazendo uma improvável barganha.

O navio começou a se distanciar, levantando os barcos menores que vinham a reboque.

— Está tudo certo? — perguntou Alexei a Leon.

Leon olhou para ele, sem palavras de agradecimento, tentando enxergar novamente o que havia por trás dos olhos dele.

— Você, sempre incansável para os judeus — disse Alexei, tentando ser irônico de pestanas fechadas, mas com a voz enfraquecida e os olhos caídos.

Leon se sacudiu e a água respingou no rosto de Alexei, que, por sua vez, abriu os olhos depois de quase tirar um cochilo e deu uma braçada até o salva-vidas de Altan. Uma vara comprida com gancho alcançou a boia e os puxou. Em seguida, mãos erguidas. Alexei continuou agarrado a Leon até que foram içados, separados e enrolados nos cobertores. Só depois do primeiro sinal de calor, Leon começou a tremer.

— Ele está sangrando. Foi atingido por um tiro.

— Posso ver — disse Altan, acenando para que um dos homens examinasse o ferimento. Gritou para Gülün, que ordenou ao barco da polícia que se afastasse. — Ele está decepcionado — disse para Leon. — Também fez um bom trabalho. — Gülün fez uma saudação mal-humorada.

Por trás do barco da polícia, o *Victorei* se tornava uma sequência de luzes ao longo do Mármara. Dinheiro de Tommy e preço do açougueiro, seja o que for que tenha custado. Leon enrolou-se ainda mais

no cobertor.

— Ele está desmaiado — disse um dos homens de Altan, amparando Alexei.

— Ele perdeu muito sangue — disse Leon.

— Assim como Enver — disse Altan suavemente, observando-o. Virou-se para o piloto. — Siga em frente.

A lancha recuou como um cano de espingarda quando o motor entrou em ação, jogando todos para os lados. Girou em direção ao Bósforo. Madeira polida, era a embarcação de um rico.

— O que está fazendo aqui? — disse Leon, agora com a cabeça confusa. — Gülün...

— Prefere o barco dele?

— Ele trabalha para você.

Altan deu de ombros.

— De alguma maneira. Mas nem sempre sabe o que faz.

— Não? — sussurrou Leon, cansado demais para falar. Reparou no piloto, um rosto familiar com uma bandeja na mão. — Lancha de Lily — disse, por fim.

— Uma cortesia.

— Gülün nos encontrou.

— Não, eu é que sugeri a ele. Uma boa ideia, por sinal. Inteligente. Um navio de judeus.

— Foram subornados por mim. O que podiam fazer... — Leon não terminou a frase, interrompido pelo aceno de Altan.

— Para onde seguiam?

— Chipre — disse Leon, em tom neutro.

Altan inclinou a cabeça enquanto refletia.

— Nunca cogitaria isso — disse, como num elogio.

— Mas você sabia sobre o navio — disse Leon, pausadamente, enquanto pensava que tanto fazia.

— Não tudo.

— Como? — disse Leon, com ar estúpido. — Como você...? — Queria saber, mas temia.

— O pescador — disse Altan. — Paguei a ele. Mais.

Um segundo depois, Leon reagiu com um sorriso. Uma resposta de Istambul. Nem Kay, nem Mihai, traições complicadas, só um preço de mercado.

— Ele ainda está desmaiado — disse o homem que estava com Alexei.

— Peça por rádio que mandem um médico para a casa de Lily.

— Nós vamos para a casa de Lily? — perguntou Leon, confuso.

— Prefere a polícia?

— Por que a casa de Lily?

— Poderemos conversar.

— Fale — disse Leon, com a voz distante.

— Fazer planos.

Leon tentou se concentrar nisso, e logo desistiu.

— Você se referiu ao Enver. Ele foi...?

— Espero que não tenha sido você. Ele tinha família.

Leon não disse nada.

— Não, claro que teria de ser ele — disse Altan, olhando para Alexei, desfalecido sob o cobertor. —

Lembre-se do tipo de homem que ele é.

Leon olhou para o alto, sem entender.

— E depois, é mais fácil.

— O quê?

— O que os norte-americanos querem.

— Os norte-americanos — repetiu Leon, a mente frágil e enevoada, como a garoa leve ao redor.

Altan assentiu com a cabeça.

— Ora. — Leon soltou um suspiro suave. — Você está trabalhando para nós agora.

— Trabalho para a Turquia — rebateu Altan de imediato, atingido em algum nervo. — Só para a

Turquia. — Relaxou os ombros. — Mas agora estou em posição para oferecer... um favor. Aos amigos.

— Que favor? — De novo, os tremores, um vento gelado.

Altan abriu a mão em direção a Alexei.

— Ele está sendo oferecido a nós?

Altan capturou o olhar de Leon.

— Eu sei. Tanto trabalho. Muito inteligente. Você me surpreendeu. Mas tudo bem — disse, abrindo a

mão agora com o *Víctorei* ausente, restando apenas a noite. — Os norte-americanos não o querem no

Chipre. Eles o querem em Istambul.

Leon tentou seguir o raciocínio, um enigma por ora insolúvel. Agitou-se sob o calor do cobertor, o

barco batia contra as ondas, fazendo espuma, sem resistência, deixando-se levar.

* Pessoas recrutadas pelos nazistas entre os prisioneiros dos campos de concentração, durante a Segunda Guerra Mundial, para executar tarefas como enterrar os mortos ou limpar as câmaras de gás. [n. e.]

A Ponte Galata

Ele acordou com o sol no rosto e um macio arrastado de chinelos pelo corredor, como suaves pinceladas. O quarto de Anna, algum outro hospital. Mas o edredom por cima era de cetim, e a luz contra a parede ao longe, colorida, flutuando em fragmentos de cores pelo vidro. Um dos quartos de Lily, do velho *selamlık*, odor de café fresco. Uma silhueta chegou à porta e tornou-se uma mulher.

— Vou avisar madame — disse, do outro lado da porta, antes que Leon pudesse dizer alguma coisa.

Ele se sentou e o edredom escorregou pelo corpo nu. Puxou-o e o manteve contra o peito. O carvão em um braseiro ardia ao canto. Mexeu os dedos dos pés, testando. Recuperado da água gelada.

— Achei que você dormiria mais — disse Lily, seguida pela mulher que carregava uma pilha de roupas. — Tudo seco. Foi um trabalhão para tirar a roupa molhada. Como se sente?

— Onde está Alexei?

— O romeno? No café da manhã. Quer dizer, a essa altura, almoçando. Já de olho em Ayse, e ontem à noite estava quase morto. Homens, *c'est incroyable*.

— Por que aqui?

— Às vezes, ajudo Murat. — Ela olhou para ele. — Mas agora isso é um segredo nosso, está bem? — Acenou para que a empregada colocasse as roupas em cima da cama. — É melhor se vestir. Estamos na sala do jardim. — Saiu andando e se deteve, sorrindo consigo mesma. — Então, agora já sei.

— O quê?

— Como você é quando acorda de manhã. Sempre me perguntei. O cabelo todo arrepiado. *Un petit garçon. Adorable*.

— Não me sinto nada adorável.

— Ufa — exclamou ela, de mão erguida, e em seguida deixou-a cair e voltou aos negócios. — Depressa. Murat está esperando.

Mas só Alexei estava na mesa, com uma expressão suave e alegre, como se acordar no luxo fizesse parte da ordem natural das coisas, o próximo giro da roda.

— Que lugar é este? — perguntou, acenando para que a empregada trouxesse mais café.

— A casa de uma amiga.

— Amigos como esse em Istambul. Imagine então como deve ser nos Estados Unidos. — Quase piscou os olhos, divertindo-se. Olhou para Leon. — Tudo bem com você?

— Que horas são?

Alexei olhou para o céu, o relógio dos camponeses.

— Quase meio-dia.

— Já o remendaram? — disse Leon, apontando para o curativo no braço de Alexei.

Alexei balançou a cabeça.

— Porém, nada mais de tênis — disse e, ao ver que não obtinha uma resposta, acrescentou: —

brincadeira. — Algumas horas antes, ele arrastava Leon para o fundo da água.

— Ah, vocês dois. Bom — disse Altan, ao entrar.

Alexei se enrijeceu, cauteloso.

— Todo mundo se sentindo melhor? — perguntou Altan.

— O que estamos fazendo aqui? — retrucou Alexei.

— Uma convalescença fora de vista. A polícia não vai incomodá-los agora, mas não vamos provocá-los. — Ele olhou para Alexei. — Você precisa ficar inteiro para os norte-americanos.

— E quem vai me levar? Você?

— Não. Leon. Isso é trabalho dele.

Alexei aceitou a resposta com um grunhido.

— Quando?

— Assim que eles chegarem aqui. Enquanto isso, aproveite o dia. É sempre bom depois de uma chuva, não é? Tudo muito claro.

Uma ironia involuntária, a cabeça de Leon ainda confusa.

— Chegarem aqui de onde? — disse. — Do consulado?

— Não, de Ancara — disse Altan, sem dar mais detalhes.

— Por que, então, o navio? — perguntou Alexei, desconfiado. — Todos os acordos...

— Comprometidos — disse Altan. — Tivemos de retirá-los assim que soubemos.

Leon olhou para ele, tentando encontrar sentido para aquilo.

— Comprometidos? — disse Alexei.

— Uma palavra para a polícia. Felizmente, interceptada — disse Altan, um tanto displicente. — Acho que alguém não gosta muito de você.

Agora, tudo sem sentido.

— Mas o navio se foi — disse Leon, alarmado. — Você não o deteve depois.

— Fizemos um acordo — disse Altan, apontando para Alexei. Olhou para o relógio de pulso. — Talvez cheguem lá hoje à noite.

— Na Palestina — disse Leon, estranhamente aliviado, pelo menos alguma coisa tinha dado certo.

— Mais provavelmente com a frota britânica do Mediterrâneo. E, depois, de volta ao Chipre. Mas isso nós não podemos controlar, não é? — Olhou para Alexei. — Agora, cabe a eles.

Alexei anuiu com a cabeça, também olhando para ele.

— O que me pergunto é se você fará alguma coisa por mim. Enquanto estivermos esperando.

Alexei não disse nada.

— Você conheceu Melnikov. Agora, é uma figura proeminente aqui. Muito interessado na Turquia. Isso seria muito útil... uma questão de datas. Quando você o conheceu. Depois de Stalingrado, eu sei, mas quando exatamente?

— Útil para quem?

— Para a Turquia.

— Eu não estou trabalhando para a Turquia.

— Não, para os norte-americanos. Mas temos um acordo com eles.

— Que eles perguntem, então.

— Farão isso. Mas talvez não tão cedo. Um pequeno problema para eles. Mas algo mais para nós. Nada para você, suponho. — Altan fez uma pausa. — Um homem persuasivo, esse Melnikov. Houve um turco... bem, nascido em Kars, de mãe turca, aparentemente uma fonte digna de confiança, mas de pai russo, um russo durante a guerra. Foi quando Melnikov o persuadiu. Para fazer um trabalho. Contra a Turquia. Sabemos o que resultou para ele... Norilsk. Não foi a recompensa que ele esperava. Apareceu

outro homem e ele...

— Não sei de nada.

— Pelo nome, não. Se você fez, um trabalho fácil para nós. Somente um nome. Mas, se tivéssemos as datas... Poderíamos combinar as datas. Uma questão de eliminação. Onde estava Melnikov? Quando? Não é tão difícil. De qualquer maneira, os norte-americanos vão querer saber. Então, é um exercício para você. Já que você está aqui.

Alexei olhou para Leon.

E por que não? Um pouco de alguma coisa para Altan. O *Victorei* já estava longe. Leon piscou os olhos e fez um aceno positivo de cabeça.

— Exatamente, não é possível — disse Alexei.

— Bem, faça o melhor que puder — disse Altan, casualmente. — Movimentos gerais. Algum documento lá. Talvez ajude. Colocar as coisas para fora. Uma coisa e depois outra. Mais café? Ayse? Roubarei Leon por alguns minutos. Arranjos para mais tarde. Você ficará bem aqui.

Alexei ergueu os olhos, uma discreta centelha de ansiedade, como se ainda estivesse agarrado à jaqueta de Leon no mar.

— Há um jardim, se você quiser descansar — continuou Altan —, mas nada para além disso, por favor. Não queremos correr qualquer risco. Sem decepcionar os norte-americanos.

Conduziu Leon pelo *sofa* até o terraço de frente para o Bósforo, ocupado pelos barcos. Alguns vasos de gerânios ao sol.

— Que tal começarmos? — disse Altan, meio para si mesmo.

— Enver — disse Leon, a primeira coisa que lhe ocorreu. — Você sabia da existência de todos os passaportes.

— Quando alguém quer ser outra pessoa, é sempre interessante. — Altan se deteve. — Quer saber a respeito de Enver? Ele não tem importância nenhuma. Portanto, isso é desnecessário. Um louco, aquele. — Acenou com a cabeça para a sala do jardim atrás. — Duas crianças. E agora tenho de arranjar uma pensão para a viúva. Quem é que me dá o dinheiro para isso?

— Talvez os seus novos amigos norte-americanos — disse Leon, jogando verde. — Não estão pagando por ele? — Outro olhar em direção a Alexei, que estava mais atrás.

— Pagando? Talvez você não entenda como isso funciona.

— Como é, então?

Altan lançou um olhar, quase uma reprimenda.

— Acalme-se, sr. Bauer. Leon. Nós estamos trabalhando juntos agora, você sabe.

— Como isso aconteceu?

— O embaixador. E o seu sr. Barksdale.

— Quem?

Altan sorriu.

— Uma novidade para mim também. De Washington. Ele veio especialmente para isso. De avião militar.

— Especialmente para quê?

— O sr. Bishop trabalhava para ele. De modo que gerou preocupação.

— E você pensou em dar um telefonema para ver se poderia fazer alguma coisa por ele.

— Não. Foi ele que me ligou. Pediu minha ajuda. Havia ligações durante a guerra, você sabe. Canais oficiais.

— Mas não era oficial.

Altan meneou a cabeça.

— Se você diz.

— E quanto você pediu por Alexei?

Altan olhou para ele, sem decidir se estava ofendido ou se seguia em frente.

— Por que não? — continuou Leon. — Se os russos queriam pagar. Por que você deveria trabalhar de graça?

Altan pegou um cigarro e o acendeu com a mão em concha contra a brisa, um minuto parado.

— Tenho de explicar uma coisa. Nós agora precisamos dos norte-americanos. Então, os ajudamos. Não há preço para isso. Como poderia haver? Sem eles, estaríamos... — Abriu a mão no ar, deixando a frase se concluir por si mesma, e depois se voltou para Leon. — Não podemos mais ser neutros.

— E o que aconteceu com o ato de equilíbrio? Entre nós e o urso.

Altan esboçou um sorriso.

— Já os conheço melhor agora. Colegas. Não precisamos mais fingir. O urso quer nos devorar. Vocês, não. O que você escolheria?

— Enfim, nós temos Alexei. E o que você ganha?

Altan deu uma tragada e olhou para o Bósforo, ganhando tempo para enquadrar uma resposta.

— Muito bonito, não acha?

— Não na noite passada.

— Não. Mas olhe agora. Para mim, sempre bonito. Ásia, Europa. — Altan apontou para trás e para a frente. — E Istambul, a ponte. Vocês é que dizem. Não nós, vocês. Uma ponte para quê? Talvez para alguns contos de fadas na cabeça de vocês. Bizantinos. Otomanos. Não a ocupação, os navios britânicos lá. — Apontou a cabeça para a água. — Vergonha. Soldados de volta. Esfarrapados. Não, garotas dançando e sorvetes. Histórias. Vocês são apaixonados pelo passado. Bem, talvez todos nós sejamos um pouco. — Virou-se e olhou fixamente para Leon. — Não achamos que seja uma ponte. Achamos que é o centro. O mundo se acostumou a se espalhar daqui para todas as direções. Durante anos. Mas acabou encolhendo. Peça por peça, e depois todos de uma vez. E agora somente nós aqui. Turquia. Ou seja, precisamos manter isto. O urso nos devoraria; aliás, sempre quis nos devorar. E agora isso é uma tarefa fácil. Não há mais império. Esta cidade? Um remanso. Sim. — Ergueu a mão, sem objeções. — Eles pensam assim. Vocês também. E agora há somente turcos aqui, e quem se preocupa com turcos? Então, fazemos com que vocês se importem. Fazemos com que sejam nossos amigos. Camaradas. Ah. Contra os camaradas. — Jogou o cigarro em direção à água, feliz com o jogo de palavras. — Enfim, fazemos o que podemos. Para os nossos amigos. Um pequeno preço a pagar. — Uma pausa. — Por isso era tão importante encontrá-lo, mesmo que tivesse que recorrer a Gülün. Uma questão de Estado — afirmou. — Mas você tratou de fugir. Muito inteligente. — Balançou a cabeça. — Palestina. Não Grécia.

Leon olhou ao longe, surpreendentemente feliz.

— Achei que você o entregaria aos russos.

— Leon. — Altan pareceu confuso, como se Leon não tivesse ouvido. — Nós o entregaremos para os russos.

Leon girou o corpo, o ar nos arredores subitamente parou. Tudo parado, barcos, ondas, tudo parado nos arredores.

— Eu lhe disse ontem à noite — explicou Altan. — Os norte-americanos não querem esse homem. Não agora. Não se puderem usá-lo na troca.

— Na troca — repetiu Leon, em tom neutro, nenhum som nos arredores, nem o dos pássaros. Na sala do jardim, Alexei estaria anotando datas e pedindo mais café a Ayse. — Troca pelo quê?

— Pelo homem deles no consulado. Agora, um peixe bem maior que o nosso romeno. Matar o sr. Bishop. Quem será o próximo? Talvez você. Informações de Jianu, você sabe... por quanto tempo?

Meses, no mínimo, ou anos. Útil, mas não tão importante quanto alguém que ainda está operando lá dentro.

Leon imaginou Alexei de volta a Laleli, estendendo a mão, apertando um limão invisível.

— Se ele ainda está lá dentro — disse, com a voz arrastada, um pensamento e depois outro. — Esse alguém pode ter sido...

— Bem, isso é o que você vai descobrir.

— Eu.

— Sim, claro. Você faz a barganha com Melnikov. Quem mais? Não posso ser visto como um obstáculo. A esta altura, já devíamos estar lá dentro. Será que esse alguém não está vigiando?

Leon olhou para a água automaticamente.

— Ele está lá — continuou Altan. — E agora outro homem morto. Eles precisam agir. Por isso, Barksdale telefonou. Você pode ajudar? E claro que eu sabia que você devia estar com Jianu. Então, tudo poderia ser arranjado. Se eu pegasse você a tempo. E peguei. — Estendeu a mão para o alto e abaixou a voz. — Jianu não é mais tão importante. Esse outro é.

— E por que os russos o trocariam por Alexei?

— Ninguém é perfeito. Para eles, questão de princípios... até de emoções — disse Altan, corrigindo-se. — Lembra-se de Melnikov na festa? Não se preocupe. Eles farão a troca. Não podem se dar ao luxo de deixá-lo ir e servir de exemplo. O único lá dentro? Agora, é apenas uma questão de tempo para que os norte-americanos o peguem. Precisam fazer isso. E toda essa confusão... aparecendo aqui, aparecendo ali, virando tudo de cabeça para baixo. É mais fácil entregá-lo. Mais vale mandar Jianu de volta para pegá-lo depois.

— Então, e aquela charada de antes? — Leon olhou para a casa. — As pessoas voando de Ancara.

— Leon. Prefere que ele pense que é você que o está levando para os russos?

Os animais eram alinhados ao longo dos portões, um alinhamento destinado a tranquilizá-los, pacificá-los, isso facilitava todo o resto. E qualquer açougueiro sabia disso.

— Mas antes você consegue algumas datas por intermédio dele. — Espremendo forte, só deixando a polpa.

Altan deu de ombros.

Leon olhou de relance para as ripas de madeira da varanda. Era como se estivessem abrindo, como o choque de um alçapão, e por um segundo seu corpo pendurado no ar.

— Leon.

Não mais alto que um eco débil, um som sugado pelo vácuo. No Bósforo, um turbilhão de aves silenciosas mergulhou em direção ao indistinguível, peixes, seres infelizes que se debateram na superfície e submergiram.

— Eles o matarão.

— Acabarão fazendo isso.

As aves se reagruparam e fizeram um mergulho rasante em seguida.

Leon olhou para Altan.

— Não farei isso. — Respirou descompassado, como se estivesse agarrando um colete salva-vidas.

Altan olhou para ele, surpreso.

— Não fará o quê?

— Entregá-lo para os russos.

— Acha que está trabalhando por conta própria? Você faz parte disso. Isso já foi decidido. — Altan se pôs cara a cara com ele. — Não acredita em mim? Eu telefono e você mesmo pergunta para Barksdale. É o que eles querem.

De repente, o estômago de Leon revirou e ele teve uma câibra. Claro que não precisava telefonar para saber que era verdade. Você faz parte disso.

— Eles o matarão — repetiu.

— Isso o preocupa? E, pelo que percebi, nenhuma lágrima por Enver.

— Eu não o matei.

— E também não matará o outro. Para quem está trabalhando? Para ele? Os norte-americanos querem uma troca.

— Faça isso você mesmo.

Altan balançou a cabeça.

— Por que seria eu a sugerir isso a Melnikov? O homem do consulado não significa nada para nós... problema dos norte-americanos. Melnikov vai acreditar em você. Já acha mesmo que você trabalha para eles. E pelo que parece... ele está certo. — De novo, cara a cara. — Não é?

A lógica cercou Leon, que segurava as ripas.

— Só fui designado para buscá-lo — disse baixinho para si mesmo.

— No início, todos nós pensamos assim. Isso é fácil. Depois, aprendemos. Você não pode ser sentimental. Por ele? Você tem que pensar no que é importante para você. — Altan esperou um pouco. — Já está decidido. — Uma outra olhada para Leon. — Falei de você para Barksdale. Bebek, o negócio todo. Confiam em você para fazer isso.

Leon olhou para trás, sem dizer nada. Falei de você. Enfim, tarde demais. O silêncio falou por ele.

— Bem — disse Altan. — Agora, aos arranjos. Encontre-se com Melnikov. Deixe que ele decida o local para a troca. Assim, ele não suspeita. Mas em algum lugar público. Você leva Jianu e ele leva o homem deles... O que será que Melnikov dirá para ele?

Alinhava-os em um matadouro.

— E que seja um lugar onde o seu pessoal possa estar por perto. Você não quer fazer um espetáculo. Seja lá o que disser, ele estará armado e você, também. Acho que concorda com isso. Mas não o homem dele... ou Jianu. Sem drama. Eles gostam de trocas formais... começa aqui, você ali, um encontro no meio. Como um duelo. Sempre com medo de truques. Eles acham que todos são como eles. — Altan ergueu um dedo. — Mas... rápido, hoje mesmo, se possível. Não quero manter Jianu aqui. De qualquer maneira, é melhor para eles também. Antes que o homem deles suspeite. — Olhou para o alto. — Um lugar de onde ele não possa escapar se perceber o seu pessoal.

— O meu pessoal — disse Leon.

Altan abriu a mão, um gesto de oferta.

— Mas você não pode estar envolvido.

— Nem sempre os homens de Gülün usam uniformes. Mas você os vê na porta e sabe que não há saída. Já os homens de Melnikov... você nem terá de adivinhar. Cossacos. Fora daqui. — Altan sugeriu com os ombros que eram corpulentos. — Nada se encaixa. É melhor um lugar com saídas. Basílica de Santa Sofia, algum lugar assim. Mas deixe que ele escolha. Uma garantia para que ele não pense que é uma cilada. Eles gostam disso.

— E se eles começarem a atirar?

— Não farão isso. Queimariam o filme deles para uma próxima vez.

Leon ergueu os olhos.

— Um dos homens deles em Washington, talvez. Fale com ele sobre a troca em outro momento.

— Um homem em Washington — disse Leon, com o estômago de novo apertado.

— Bem, sempre há. Mais que um. Então, por enquanto ele não está seguro do que você quer dizer, e todos eles encontram-se abaixo... uma coisa boa para você. Do contrário, ele vai querer que você pense

que há. Mas deve haver. É sempre mais seguro jogar essa carta. Qual é o problema? — perguntou Altan, tocando no rosto de Leon. — Ah, se nosso amigo já jogou? Faça-os sempre pensar que você tem mais. Leon, como ele poderia saber? Acha que eles diriam isso a ele?

Leon olhou para a água. As pessoas ouvem coisas, às vezes por acaso. E as pessoas mentem. De repente, a visão do apartamento em Laleli novamente, arrumado, mochila equipada, Alexei pronto para partir e debruçado sobre o tabuleiro, tramando jogadas.

— Então, sua primeira reunião. Em algum lugar neutro. Onde o Emniyet não possa notar — disse Altan, sorrindo. — Debaixo do meu nariz, um encontro inocente.

— O bar no Park.

— Como durante a guerra? Dias fáceis para nós. Vocês se vigiavam uns aos outros. Não. — Altan pensou um pouco. — No Pera. A sra. Bishop. Você e ela no bar. Melnikov entra e a cumprimenta... ele a conheceu aqui, no dia da festa. Você o convida a se sentar. Ela precisa sair. Um compromisso. Ou qualquer outra coisa já combinada. — Olhou para o alto. — Você é bom nessas coisas. Tente não sair do hotel com ele. Enquanto estiverem lá, um dos nossos homens estará de olho em você, e depois disso... — Fez o movimento de lavar as mãos. — Ele nos perceberia atrás. Até nós.

— E quanto a mim? Ele não vai de me...

— Naturalmente. Então, depois apanhe a barca para Üsküdar. Haverá um táxi, não se preocupe, ele o reconhecerá. O pessoal dele levará mais tempo para pegar um táxi. E eles se confundem no lado asiático. — Altan olhou para o relógio. — Você estará de volta a tempo para o chá.

— Já está com tudo acertado — disse Leon.

— Não, nem tudo — retrucou Altan preocupado, não tinha entendido o tom de Leon. — Agora, o telefonema. Vamos passar por cima disso. Como conseguiu o número? O número privado dele. Ele vai achar que todos os telefones do consulado deles estão grampeados.

— Estão?

— Hum. Só esse. Mas como você o teria conseguido? Não é algo que se distribui à toa.

— Georg — disse Leon, sem sequer pensar. — Georg me deu.

Altan olhou para o alto.

— Ótimo. — Balançou a cabeça, satisfeito. — Georg. Ótimo.

Leon entrou no jogo.

— Encontrei o homem que Georg disse que vocês estavam procurando.

— Que homem? — disse Altan, abaixando a voz, também jogando.

— O tradutor. Fluente em romeno, russo. Arranha o alemão. Foi difícil, mas encontrei.

Altan silenciou por um momento, repassando a conversa na cabeça, e depois sorriu discretamente.

— Quer dizer que o encontrou.

Uma porta abriu-se atrás deles.

— *Domnul Jianu* — disse Altan, usando o termo romeno como uma cortesia. — Já acabou de almoçar?

— Você tem um cigarro? — perguntou Jianu a Leon, dizendo em seguida para Altan: — Cigarros norte-americanos. Isso mima a gente.

— Isso é tudo que eles têm nos Estados Unidos — disse Altan, em tom agradável.

Leon entregou o maço a Jianu, com a mão firme. Como estaria seu rosto? Algum rubor o denunciava? Mas talvez os outros só vejam o que procuram, como no espelho mágico, uma aparência suave e reconfortante de alguém que pensamos conhecer.

— Tudo combinado? — perguntou Alexei, acendendo o cigarro.

— Quase. Um telefonema — disse Altan.

Alexei ergueu os olhos.

— Eles querem ouvir pessoalmente de mim — disse Leon. — Querem se assegurar. — Nem mesmo um nó na garganta, a voz também suave, era uma outra pessoa.

Alexei balançou a cabeça, aceitando.

— Vamos ver se a linha está livre agora — disse Altan, saindo do lugar. — É melhor ficar dentro de casa. — Olhou para Alexei e para a casa. — Os barcos também têm olhos.

— Mas você seria um dos que estariam vigiando — disse Alexei. — Pensei...

Altan olhou nos olhos dele.

— Não só eu — Fez menção que seguiria para dentro da casa. — Leon — disse, enquanto entrava.

Leon continuou plantado no terraço, à espera de Alexei, que, por sua vez, jogou fora o cigarro, ainda observando Altan.

— Tenha cuidado com esse cara — disse Alexei, em tom íntimo, algo que começava a haver entre os dois. — Não confio nele.

Leon olhou para a água, de novo com medo do próprio rosto.

— Mas ele está certo. Nunca se sabe.

— Não — disse Alexei, seguindo até a porta e pondo a mão no ombro de Leon.

Leon olhou ao redor. Os pássaros já tinham saído. Será que alguém estava mesmo à espreita? Observando o quê? O longo terraço branco, as lanchas amarradas nos postes, os raios de sol sobre as janelas francesas. Bonito, plácido, calmo como as águas onde os peixes estavam antes.

— Como devo agir? — perguntou Kay, passando a mão no cabelo, com nervosismo.

— Como alguém que está tomando chá.

— Chá. Mata Hari costumava ficar aqui. Pelo menos é o que diz o folheto. Aposto que ela nunca tomou chá.

— Em momentos como esse, tomava.

Era cedo e apenas umas poucas pessoas estavam no bar do Pera, o sol de inverno ainda aquecia as paredes de damasco. Abajures franjados, almofadas de veludo, um luxo à altura dos vagões do Orient Express.

— Não acho que eu seria capaz de fazer aquilo.

— O quê?

— Dormir com generais. Surrupiar o que eles têm nos bolsos.

— Não acho que se faz assim agora — disse Leon, abrindo um meio sorriso.

— Não — disse ela rapidamente, outra passada de mão no cabelo. — E como se faz?

— Você bebe e se mostra feliz por estar comigo.

— E desapareço quando ele chegar aqui.

Leon assentiu com a cabeça.

— E volto ao quarto sem ao menos saber do que se trata. — Ela olhou para a xícara. — Feliz por vê-lo. Estou assustada por ver quão feliz fiquei. Achei que não o veria de novo.

— Eu disse que eu...

— Eu sei. E você voltou. — Ela ergueu os olhos. — Por quanto tempo?

— Uma última coisa. E depois acabou.

— Até uma próxima vez.

— Não. Só essa.

— Sério? — disse ela, pegando o próprio dedo. — Será que é assim que funciona? Apenas sair? Achei

que era como no exército. — Pegou um cigarro, algo para pôr na mão. — Quando decidi isso?

— Hoje.

— O que houve hoje? — perguntou ela, olhando para o alto.

Ele balançou a cabeça.

— Nada.

— Nada — ela repetiu, acendendo o cigarro. — Pelo menos, não disse que era por mim. Talvez eu também tivesse acreditado. — Jogou fora o palito de fósforo. — Sou uma companheira fácil.

— Só no início.

Ela ergueu as sobrancelhas e sorriu.

— É isso aí. Você deveria estar feliz por me ver.

— Melhor? — disse ela, abrindo um sorriso e depois abaixando os olhos. — Será que você vai voltar?

Ele assentiu com a cabeça.

— Espere por mim.

— Você sabe que eu realmente senti isso. Um salto. Aqui. — Ela levou a mão ao estômago. — Só de ouvir. — Ela bateu a cinza do cigarro, mexendo-se e olhando ao redor da sala. — De qualquer forma, quem está vigiando?

— Não sei — respondeu ele, seguindo o olhar dela.

— Quer dizer, quem deveria estar vigiando?

Quem seria? Altan deve ter um homem. Será que Melnikov se arriscaria sozinho naquele encontro? Barksdale ainda está inseguro em relação a ele? O *barman*? O garçom? A turca de chapéu?

— Não sei — repetiu Leon, ouvindo-se em meio ao absurdo da situação. — Todo mundo. O tempo todo. Enquanto você continua na coisa. Sempre há alguém. É assim que é. O tempo todo. — Conversava consigo mesmo. “Você faz parte disso.”

— Você vai dobrar essa colher.

Ele olhou para as próprias mãos, os polegares apertavam a haste de aço fina e polida.

— Você pode fazer isso. Seu rosto não denuncia nada, e então ouço um estalo e percebo que o tempo todo acontece alguma coisa.

Ele deixou cair a colher, olhando ao longe, alguém na mira.

— Diga o que você estava pensando. Agorinha mesmo. Não faça nada. O que você realmente estava pensando.

Ele pegou a colher e observou-a.

— Diga.

— O que você faz — disse ele, ainda com os olhos baixos, como se estivesse lendo — quando não há uma coisa certa a fazer? Só faz a coisa errada. De um jeito ou de outro.

Kay não disse nada por um momento, não esperava por isso.

— E você não pode mais evitar. Fazer alguma coisa. — Ele ergueu os olhos. — O que você faz? — Não era propriamente uma questão, nem para ele mesmo.

— Não sei. — Ela olhou no fundo dos olhos dele. — Você está falando de mim?

— O quê? Não. — Ele estendeu a mão para pegar um palito. — Eu não quis dizer... — Uma pausa. — Não — repetiu, suavemente.

— Oh — exclamou ela. Apenas um som e um rosto ruborizado pela surpresa. Estendeu as mãos e cobriu as mãos dele. — Então, o quê?

Ela o atraía, como se estivessem na cama, sem segredos.

Ele olhou para ela de relance e balançou a cabeça em negativa.

— Nada.

— Nós poderíamos levantar e sair daqui agora — disse ela, ainda segurando a mão dele e de olhos fixos nele. — Seguir em frente, só isso. Antes que aconteça algo mais. Poderíamos fazer isso.

Através das portas, passa um dos homens de Gülün, sob a rédea de Altan, depois pelo consulado. “Falei de você.” Altan estava à espera.

— Não posso — disse ele, puxando a mão.

Ela manteve as mãos em cima da mesa.

— Por que não? Uma última coisa. Que última coisa é essa?

Bem, o quê?

— Podemos descobrir quem matou Frank.

— Frank. — Um arremesso. Puxou as mãos. — Como assim? O que está querendo dizer? É o que ele vem fazer aqui?

— Não.

— Você está fazendo isso por mim? Não. Importa quem foi? Alguém, só isso. E isso não muda nada.

— Da próxima vez será outra pessoa. Talvez eu.

Ela olhou para ele com os olhos faiscantes e depois desviou os olhos, numa retirada. Pegou um cigarro para se acalmar.

— Você acha que um russo fez isso — disse.

— Não este russo. Sorria novamente. Ele chegou.

Por cima do ombro de Kay, Leon notou que Melnikov hesitava à porta, seguindo depois até eles. Fez o que se esperava que fizesse — surpreendeu-se ao vê-los e lembrou-se de Kay na festa de Lily. “Não queria se intrometer”, mas acabou persuadido e sentou-se, isso de maneira desajeitada e com tal estranheza que fez tudo parecer autêntico. Leon então pensou em Lily flutuando por entre os convidados. Melnikov pediu vodca. E, depois de esgotar um roteiro preparado, continuou sentado e na expectativa da ação de Leon, num silêncio que poderia ser notado por qualquer um na sala.

— Já volto — disse Kay. — Toaleta. Vocês me desculpam?

Melnikov levantou-se enquanto ela se retirava. Uma formalidade seguida por uma pergunta a Leon.

— Onde ele está?

— Seguro. Podemos fazer nesta tarde.

— Quanto você quer? — Duro, sem o ritual lúdico do Bazar.

— Uma troca. Seu homem no consulado.

— Que homem?

— O que matou Frank.

— Esse homem não existe.

— Existe, sim. Frank o encontrou e por isso foi morto. E depois seremos nós. Já sabemos que ele está lá. Mas queremos acelerar as coisas. Os dois já não são mais úteis. Uma troca.

Melnikov pensou a respeito.

— Que garantia tenho de que você está com ele?

— Poderá vê-lo. Eu trago o meu e você traz o seu. Não venha de mãos vazias. É uma oferta única. Escolha o lugar.

— E nada de dinheiro. Nem mesmo uma propina para você.

— Talvez da próxima vez.

Melnikov olhou para Leon, sem saber ao certo como agir.

— Isso não é difícil. É pegar ou largar.

— E se eu largar?

— Ficamos com os dois. Péssima aritmética para você.

Melnikov deu de ombros.

— Mas ele já falou.

— Só para mim. Senão, a esta altura já estaria em Washington. Ele gosta de esperar o movimento certo... jogador de xadrez. Mas você sabe disso. Ele mesmo disse que você era um pouco lento. Então, acho que a informação dele ainda é boa.

Melnikov sentou-se, irritado.

— Estamos perdendo tempo. Você vai querer garantias. E nós também. Pode trazê-lo hoje?

Melnikov relutou, passando a ponta da língua entre os lábios, com o apetite de um lobo.

— Talvez você se surpreenda — disse, por fim.

Leon olhou para ele. Feito. Uma vida descartada numa fração de segundo. Enver escorregando no banho.

— Só se você não aparecer.

Melnikov bufou, pegou o copo e o esvaziou.

— Você escolhe o lugar — disse Leon novamente.

— Bem, meu Deus, você aqui, grande como a vida. Cheguei a pensar que você já tinha ido para *casa*.

Barbara King e Ed Burke surgiram atrás.

Leon levantou-se e beijou a face que ela ofereceu.

— Espero que apareça na minha recepção. Deixei cerca de uma centena de mensagens.

Ela se voltou, a fim de ser apresentada para Melnikov, Ed por trás, a presença física de um russo era perturbadora, um verdadeiro bicho-papão.

— Não é um pouco cedo? — disse Barbara, notando o copo. Em seguida, Kay de volta. — Kay. — Estendeu a sílaba. — Pensei em lhe telefonar. Sei como são esses primeiros dias.

De repente, um grupo de pessoas de fora de Sirkeci, todas se movimentavam, saindo do caminho umas das outras. Melnikov desconfiou, suspeitando de armadilhas. Mas o quê? Kay estava com um princípio de pânico, saíra do lugar por um momento e agora aquelas pessoas se agitavam lá na porta. Ed se afobou sem nenhuma razão, talvez embaraçado por Leon, um encontro interrompido. Só Barbara se divertia, observando o vestido de Kay, tomando a confusão como uma evidência, uma inocente detetive caseira.

— Ed, já conhece Ivan Melnikov?

Ed relutou e mal conseguiu dar um aperto de mão, e Melnikov se retraiu, de modo que por um segundo Leon se perguntou se eles já não se conheciam. Melnikov manteve uma máscara impassível. “Talvez você se surpreenda.”

Leon observou as outras mesas, as pessoas conversavam entre si, ou então fingiam. “Tente não sair do hotel”, fora a recomendação de Altan. Mas como continuar ali naquela hora?

— Nem mesmo uma bebida? — disse Barbara. — Um *citron pressé*? Nunca a vejo.

— Já estou atrasada — disse Kay, abalada.

— Não pode esperar um pouco? Dez minutos.

Leon flagrou o pensamento de Kay, um movimento por trás dos olhos.

— O cabeleireiro não espera — disse ela.

— As mulheres e seus cabelos — disse Melnikov, indulgente, como se não tivesse nada mais a dizer.

— E nós também. Sinto muito — disse Leon.

— Também indo para o cabeleireiro? — disse Barbara, brincando.

— Consulado. — Ele se virou para Melnikov. — Prometi que estaria de volta ali pelas...

— Para receber o novo cara? — perguntou Ed, agora interessado. — Foi o que disseram... mas você já deve ter se encontrado com ele. Seria a primeira coisa que ele faria... — Fez uma pausa. — Como ele é?

Melnikov olhou para Leon. Provavelmente, o novo chefe, conhecido por Leon.

— Ele é de Washington, Ed — respondeu Leon, mantendo a calma. — Você sabe. Acho até que compram os ternos no mesmo lugar.

Logo depois, eles estavam no saguão, Ed e Barbara deixados no bar, mas ainda olhando para eles. Tudo era um ponto de interrogação.

— Bem, já é hora de sair — disse Kay, passando a mão na parte de trás do cabelo.

— Sra. Bishop — disse Melnikov, pegando-lhe a mão. — Foi um prazer.

Sem demoras, alguém que seguia uma agenda. Ele saiu da frente para que Leon pudesse se despedir.

— Obrigado pelo chá — disse Kay, de olho no bar.

Leon segurou a mão dela.

— Faremos isso de novo — disse. Uma frase para Melnikov e os mensageiros. E depois disse baixinho. — Espere por mim.

Ela estremeceu, como se uma lufada de vento tivesse acabado de atravessar a porta.

— O quê?

Arregalou os olhos e olhou para ele fixamente.

— Só tive uma sensação estranha. — Levou a mão ao braço dele e o segurou.

— O quê?

Ela olhou para a porta, Melnikov à espera.

— Eu não sei — disse, ainda agarrando-o com os dedos. — Apenas uma sensação.

Leon olhou para trás, por cima do ombro.

— Ele está de olho.

Ela puxou a mão.

— Tudo bem — disse, e segurou a manga da camisa dele. — Espere. Eu sei. O que você disse antes.

Duas coisas erradas. Não são as mesmas. Não podem ser. Você precisa decidir.

— Não é bem assim.

— Você quer saber. — Ela não o ouviu. — Será que fiz a coisa certa? Mas, pelo menos, você fez uma escolha — disse, com intensidade, como se não houvesse ninguém na sala. E depois abaixou a cabeça. — Bem, ouça. — Soltou a manga dele. — Fiz a coisa certa?

— Kay...

— Ainda não sei. É melhor você ir — disse ela, olhando outra vez para Melnikov.

Leon olhou para ela, desconcertado, querendo tocá-la, a sala cheia de olhos, o relógio marcando as horas novamente.

— Espere por mim — disse. Era um código para tudo o mais.

— Uma mulher atraente — disse Melnikov, mais à frente na rua. — Não por este caminho. — Até a Tünel, um trajeto já escolhido. — E agora, viúva.

— Pois é.

— Você era chegado a ele?

— Não muito.

— Eu o conhecia. Um sujeito cuidadoso. Mas não com nosso amigo Jianu. Nunca entendi isso. Não sabíamos... devo lhe admitir. Talvez tenha sido fácil para você. E então, o que houve? Um sujeito tão cuidadoso.

— Confiou nas pessoas erradas.

— Mas ele confiava em você — disse Melnikov, de um jeito que fazia sentido para ele. — E na esposa. Duas vezes errado, acho. E agora você me pede para confiar em você.

— Você não virá sozinho. Nem eu. Portanto, podemos confiar um no outro. Como um intervalo.

— Intervalo...

— Quando se para o jogo. Só uma trégua. Para fazer a troca. E depois o jogo recomeça.

— Mas sem dinheiro — disse Melnikov, ainda remoendo a ideia. — Achei que vocês o estavam mantendo por isso.

— Talvez dessa maneira ele seja mais valioso para nós.

— Nós. E como isso é mais valioso para você? — Ele olhou para Leon. — Um homem de muitas lealdades, o nosso Jianu. E você?

— Apenas uma — disse Leon, sem demonstrar irritação.

— A bandeira norte-americana — disse Melnikov, os olhos ainda céticos, a voz quase de escárnio.

E o que era aquilo? A capa do *Saturday Evening Post*. Mas aquilo era antes. E agora era alguém que fazia uma negociação.

— Você já tentou isso. Com Georg. Não quero dinheiro nenhum.

— Foi outra coisa, então. Que o fez desistir de uma gratificação. — Arquivava coisas para o futuro. Mas Leon estava quase fora disso. Só faria sua jogada.

— Talvez ele não valha tanto quanto pensávamos.

Melnikov o observou por um momento, calculando novamente, e voltou a andar. Já perto da praça, um bonde fez uma curva com um rangido.

— Você não sabe como conversar com ele — disse, sem rodeios.

— Mas você sabe.

— Sim. Ele vai conversar com a gente.

Leon olhou para a praça, ensolarada, uma trégua das nuvens. Sentiu o frio de um porão alagado. Certamente, gritos. Afinal, todo mundo gritava. Todo mundo abria o bico.

Os passageiros saíam da estação do funicular.

— Bem na hora — disse Melnikov.

— Para onde vai? Precisamos...

— Reparou naquilo? Os passageiros sempre o pegam para subir. Um troco? Um preço baixo para evitar a colina. E para baixo? Quase sempre vazio. Privado.

Os poucos que embarcavam seguiram até o carro da frente, tentando ser os primeiros.

— Está vendo? — continuou Melnikov, entrando no último carro. — Ninguém. Um bom lugar para conversar. Sem ouvidos.

Exceto os do homem que entrou em seguida e ficou em pé ao lado da janela, até que Melnikov revirou os olhos e o fez sair e entrar no outro carro, numa retirada quase cômica. Um dos homens de Melnikov, também ansioso, ou apenas um transeunte? Soou a campainha, as portas fecharam-se, e o bonde começou a descer pelo túnel, concreto velho e lâmpadas sem lampadário, talvez parecido com o porão de Melnikov. Os dois a sós.

— Já estamos seguros — disse Melnikov. — Quantos homens você vai levar?

Tudo era negócio, negociava-se um contrato, como se estivessem em um dos bancos de rua Vovvoda, no sopé da colina. Garantias. Procedimentos. Entregando alguém para ser morto. Encontro no funicular e subida de bonde, no meio do caminho, e depois novamente engolidos por uma passagem estreita, os olhos de Melnikov sem desgrudar dele, alguém que matara os próprios homens. Meios para um fim. Mas que fim era esse agora?

Na estação, Leon teve de se policiar para não sair correndo antes que as portas se abrissem por inteiro.

— Seis horas, então — disse Melnikov.

E estava feito e acabado, o passeio claustrofóbico, os olhos de Melnikov.

Atravessaram Tersane, esquivando-se dos carros, e de volta à vida real que se abria à frente: odores do mercado Karaköy, pescadores amadores que lançavam anzóis da ponte, bondes, carros, vendedores

ambulantes e os minaretes mais além, um cenário observado mil e uma vezes, mas agora banhado de luz natural, uma cidade maravilhosa outra vez. Já estava feito e acabado.

— Você não disse onde — disse Melnikov.

— Você escolhe.

Melnikov abriu a mão, devolvendo a escolha para Leon.

— Em algum lugar movimentado — disse.

Leon repassou os cartões-postais na cabeça. Não deveria ser a Basílica de Santa Sofia, com sua escuridão e seus afrescos. Taksim, carros esperando por perto? Um bonde chegava de Eminönü e outro chegava do lado oposto, como segundos marcando passos, a multidão alheia pelos arredores. Ele se deteve, quase rindo do óbvio.

— Aqui — disse, apontando. — Ponte Galata.

Eles saíram cedo, e Alexei vestia um colete salva-vidas.

— Mais barcos — disse. Mas não era a traineira rangente de pesca, e sim uma das lanchas elegantes com acabamento em madeira de Lily.

— Tomara que você também não tenha medo de voar — disse Altan.

A história era uma corrida até o aeroporto e um transporte militar que deveriam ter ocorrido dias antes.

— Então, por que o barco?

— O aeroporto fica no lado europeu — disse Leon. — Não podemos nos arriscar na balsa de carros. Seríamos vistos. — Mantinham a segurança. — Relaxe.

Alexei fez uma careta, resignado, a lancha se chocava contra as ondas, oscilando para cima e para baixo.

Cruzaram com a mesquita Dolmabahçe e Leon olhou para o alto da colina para localizar a janela do seu apartamento. Claro, correspondência à espera e o sr. Cicek imaginando o que a polícia queria. Alexei olhava para todos os lados. Era a primeira vez que realmente olhava para a cidade esparramada nas colinas sob a tênue luz da tarde. Leon olhou para o relógio. Estava quase escuro, mas nessa época do ano havia um longo anoitecer, com luz suficiente para que Melnikov os visse da ponte.

Seguiram em direção ao estuário Chifre de Ouro, e depois em marcha lenta para se colocarem à vista da ponte, os guindastes e atracadores dos estaleiros à frente.

— Eles não vão esperar que a gente desça o Chifre — disse Altan, apontando para as fábricas e para as águas poluídas de óleo mais à frente. Observou a ponte de binóculos.

— Quem? — perguntou Alexei. — Os norte-americanos?

— Não. — Altan se deu conta do que tinha dito. — Seja quem for. Força do hábito — disse, tão casualmente que passou como uma desculpa.

— Não há ninguém na ponte agora — disse Alexei, que não se referia à multidão.

— Como sabe?

— Olhei. Quando passamos por baixo. Quem sabe olhar não precisa de binóculos. Os leões se sentam na mata, olham ao redor e numa fração de segundo já sabem de tudo, um movimento e já sabem.

Altan fez uma careta.

— *Aslan* — disse, em tom irônico. Leão.

Leon olhou para a ponte. De que maneira poderia olhar e enxergar? Um movimento numa fração de segundo, naquele lugar sempre em movimento? Os arcos de ferro, os pontões abaixo, as pessoas se aglomerando para sair das barcas, um nível inferior com restaurantes de peixe e barracas, bondes lotados

passando por a vastidão do mercado... tudo na mesma, nada fora do lugar. Quanto tempo faltava? Girou o corpo e olhou para as docas, sem olhar para Alexei. Kasim Pasa, perto da curva, e depois os estaleiros onde o *Victorei* estivera em quarentena.

— Alguma notícia do navio? — perguntou a Altan.

Altan levou algum tempo para responder.

— Ah, os judeus. Não. Como eu poderia saber? Não os seguimos até a Palestina.

— Eu gostaria de saber — disse Leon, como num pedido.

— Sabe que alegavam um tifo a bordo?

Leon assentiu com a cabeça.

— Recuperação milagrosa. Isso custou dez mil dólares. Medicina turca.

Altan olhou para ele, mais constrangido que ofendido.

— Quantos no navio? — perguntou Alexei.

— Quatrocentos — disse Leon. — Um pouco mais.

— Você salvou quatrocentos judeus — disse Altan a Alexei, em tom irônico e provocativo.

— Eu só lhe devia uma vida — disse Alexei a Leon.

— Você não me deve nada — disse Leon rapidamente.

Alexei pôs a mão no peito.

— *Bereket versin*. — Uma saudação turca abreviada.

— Você sabe turco? — perguntou Altan, surpreso.

— Algumas palavras. Você vai pegando. — Ele olhou para Altan. — *Aslan*.

Altan olhou para a ponte.

— Por que estamos aqui? — perguntou Alexei a Leon. — O que acontece agora?

— Ainda não está na hora. Está chegando um carro. — Leon apontou para o lado de Eminönü. Onde Melnikov estaria esperando, na grande praça, cheia de ônibus e de barracas de cavalas fritas vindas dos barcos atracados. — Eu o levarei e estará feito.

Alexei olhou para ele, sem dizer nada.

— Nada demais — disse Leon, inquieto.

— E por que trouxe uma arma? — perguntou Alexei, olhando para o bolso de Leon.

— Caso... — Leon se mostrou vago.

— Caso eu saia correndo? — disse Alexei. — Tão cuidadosos, esses norte-americanos. Para onde eu iria? Torço para que em Washington não sejam tão cuidadosos. Será um longo trabalho se não acreditarem em mim.

— Evite então o homem dos soviéticos lá — disse Leon, constrangido. — Se quiser despertar alguma confiança. Ou era só para mim? Para me manter interessado...

Alexei virou-se para a ponte, sem responder.

— Nos lugares altos — continuou Leon. — Aquele que ninguém conhece. Quem não está lá. Ele está?

Alexei continuou calado.

— Ele deve estar — disse, por fim. — Não acha? Alguém tem de estar. Um movimento seguro. —

Olhou para Leon. — Para me manter valioso, só isso.

Alexei puxou a gola do paletó e sentou-se.

— O que ele acha que vai encontrar? — disse, olhando para Altan, que estava na proa da lancha e ainda esquadrinhava a ponte.

Leon juntou-se a ele no banco, e as jaquetas se tocaram.

— Dez minutos — disse Altan por cima do ombro. — Prepare-se.

Alexei puxou a mochila para mais perto.

— Bem, isso é um adeus, então — disse a Leon. Abaixou os olhos, estranhamente hesitante. — Sabe aquele trabalho que mencionei a você... o de treinamento do seu povo? Se pudesse comentar isso para alguém. Caso isso possa ajudar. Uma palavra sua...

Leon o interrompeu com um meneio de cabeça a cada palavra, como um puxão da manga.

Levantou-se e debruçou-se na amurada, como se para ver alguma coisa na água.

— Diga-me. Mesmo que já não se importe com o assunto. Quer dizer, já estamos aqui. Então, acho que não é...

Alexei arqueou uma sobrancelha.

— O que você fez em Străulești?

— Por que pergunta isso agora? — disse Alexei.

Leon olhou para ele, à espera. Assim, a coisa fica mais fácil.

— Seu navio não foi o suficiente?

— Eu quero saber.

Um longo silêncio enquanto Alexei olhava para as próprias mãos.

— O que você disse... — insistiu Leon.

— O quê? Nem lembro mais o que disse. Mas você tem de saber. O que aconteceu... — Alexei olhou para a cidade velha. — Em outro mundo. — De novo, silêncio. Olhou em seguida para Leon. — De fora. Apenas de fora. Nunca fui de dentro. Não disse isso? Tudo verdade. Marcas na carne, ganchos... eu não fazia parte daquilo. Loucura. Eu estava de fora. — Uma pausa. — Como um guarda. Sei lá do quê. De fora. — Olhou para o alto. — Mas eu ouvia. Era isso que queria saber? Se eu ouvia?

— Não.

— Não, ainda bem. Não dê ouvidos. Se algum dia lhe perguntarem — Alexei olhou para Leon —, o que você vai dizer? Eu tinha de fazer isso? Você só pode dizer que eu estava lá. Mas de fora. Eu estava de fora. — Uma pausa. — Acha que faria alguma diferença? Se eu não tivesse estado lá?

Leon calou-se.

— Nenhuma. Talvez uma diferença para mim — continuou Alexei, abaixando a voz. — Não teria ouvido. Mas não para eles. — Alexei respirou fundo. — Então, pare de me perguntar isso. Espere mais alguns anos, até que veja como as coisas são. E depois pergunte.

— E essa é a verdade.

— Eu disse isso?

Leon balançou a cabeça.

— Todos mortos.

— Isso é certo. Estou aqui para contar. Todos mortos. Não só eles. Todos. Gente que eu conhecia.

— Sendo assim, você não estava de fora.

— Quer me culpar por isso? Precisa encontrar alguém para que faça sentido? — Alexei gesticulou com a mão. — Siga em frente. Isso fará alguma diferença? — Sacudiu a cabeça. — Já estão mortos. Quer justiça para eles? Não será neste mundo.

— Tudo bem, vamos — disse Altan, apontando o cais para o piloto. — Cuidado com os degraus.

Alexei olhou para Leon.

— As coisas eram assim naquele tempo. Agora, é diferente.

Leon olhou para trás. Nenhum grito daquele tempo. Nada para ouvir. Uma simples troca, pessoas que passam.

— Boa sorte — disse Altan, ajudando Alexei a se equilibrar para sair do barco. Amistoso.

Alexei desceu dois degraus, de mochila nas costas.

— Gülün e seus homens estarão no topo da escada — disse Altan a Leon, olhando em direção à ponte.

— Não olhe para ele, ou o *aslan* saberá. — Foi sarcástico. — Só vocês dois. Até que seja tarde demais. E traga de volta o homem de Melnikov. Tomara que não seja um turco, depois de tudo isso.

Leon continuou parado, olhando fixamente para o lábio superior de Altan. Sem bigode.

— Tudo bem?

Tudo bem. Uma questão de minutos, isso é tudo. Quantas vezes... Alexei tinha feito aquilo? O que ele queria era entregar os nomes em Washington, Altan já tinha deixado tudo pronto na casa de Lily. Seria mais fácil. Mas, quando Leon saiu do barco, os minutos pareceram infinitos. Altan acenou e afastou-se.

Os dois tomaram o caminho para a ponte pelo mercado de Karaköy, esquivando-se de poças de gelo derretido estriadas de sangue de peixe e de fios de verduras murchas. Gatos à espreita de sobras por trás das barracas. A comida era mais farta perto dos degraus da ponte, mexilhões recheados e braseiros com castanhas.

Pararam no topo por um momento, para tomar fôlego antes de entrar na multidão. “Não olhe para Gülün, para ninguém, continue andando.” Encontro no meio do caminho, sem vantagem para nenhum dos lados. Não muito rápido, como se passassem formalmente em meio ao tiroteio, com a diferença de que nos filmes de faroeste não haveria ninguém nas ruas. Os transeuntes encolhidos e Melnikov estariam vestidos de preto, o que os identificaria. Em vez disso, vendedores de água com vasilhas de prata amarradas às costas, *hamals* com carrinhos de rodas e um vendedor ambulante de *simit* com uma bandeja de broas equilibrada à cabeça.

Leon sentiu a arma no bolso. Nada apropriada para usar no meio da multidão, apenas no caso... No caso de quê? De haver um tiroteio? Embora Altan não tivesse comentado a respeito, só agora Leon se dava conta. Alexei reconheceria Melnikov, não era um desconhecido, e teria de ser persuadido a seguir em frente, a continuar andando. Talvez houvesse até um tiro, se ele tentasse fugir. No pé ou no joelho, assim seria entregue vivo para Melnikov. A arma era contra Alexei.

Melnikov estaria armado do outro lado e pronto para usar a arma, e seu prisioneiro seguia inocente até o último minuto. Talvez até o momento em que reconhecesse Leon. O homem que tinha matado Frank e que poderia matar de novo, e que nesse meio-tempo os traía a favor dos soviéticos. No caso, seriam duas pessoas negociadas, não só Alexei. A justiça da fronteira, talvez a única existente. Pense a respeito quando levar alguém aos tribunais.

— Que tipo de carro? — perguntou Alexei. — Norte-americano?

— Não sei. Não disseram. Em frente à mesquita, só sei isso.

A cada passo, chegavam mais perto. Passou os olhos pelos pescadores enfileirados na amurada, na expectativa de que algum girasse a cabeça e não se mostrasse como pescador. Um sentimento semelhante ao de uma caçada, preparando-se para matar um leão à espreita na mata.

Os dois estavam ao lado da ponte do Chifre de Ouro, e o tráfego vinha de trás. Talvez uma rajada de tiros de um carro em movimento, os russos eram capazes de qualquer coisa, de qualquer emboscada. Mas só passavam táxis em direção a Sirkeci. “Não olhe para trás, isso será notado por Alexei”, que, a essa altura, ainda estava desprevenido. Confiava em Leon e confiava no carro que o estaria esperando. Tudo como o planejado. Então, por que o espanto, o aperto no peito, como se também estivesse sendo levado a julgamento? Com o tempo, fica mais fácil trair, dissera Alexei. Leon olhou para ele. Agora, ansioso, quase infantil, talvez como nos dias de Bucareste.

Leon esquadrinhou a multidão à frente. Provavelmente, um quarto do caminho já fora percorrido. Mais à frente, Melnikov. Talvez você se surpreenda. Alguns adolescentes saíram correndo pela escada até o restaurante abaixo. Onde almoçara com Kay, observando os minaretes, e Ed, embaraçado ao dar de cara com eles. Anos antes.

Quantas vezes ele atravessara aquela mesma ponte, sentindo-se feliz? E agora um arrepio e tudo prestes

a mudar. Mesmo à meia-luz, as coisas pareciam mais nítidas, como se soubessem e se deixassem lembrar porque ele se perguntaria sobre isso um dia. E o que diria? Eu estava de fora. Só ouvia. Olhou de novo para Alexei. Uma cabeça estatelada no chão do banheiro porque estava no caminho. “Eu não sou você.” Uma onda de pânico subiu pela garganta, como bile. “Eu não sou você.” Mas a essa altura tudo estava em movimento, e Melnikov em meio ao mar de cabeças que vinham do lado oposto. O vendedor de *simit* apareceu de novo e bloqueou a visão. Leon curvou-se um pouco para a esquerda.

Um chapéu à vista. A mesma borda flexível do chapéu usado no funeral de Tommy, quando ela acabara de chegar de Ancara. Sem saber se era apropriado fumar na rua. Mais tarde, acanhada à luz da janela. E agora ao lado de Melnikov. Não. Leon continuou andando. Kay ergueu a cabeça e olhou para a multidão. Procurando-o? Ou estaria ali por conta de alguma história inventada por Melnikov para deixá-la à vontade? O russo tornou-se mais visível, um pouco acima do ombro direito de Kay, como se ela fosse um escudo a ser usado antes de ser jogado fora. Alguém de Ancara. Setor russo. Não. A voz dela soou no ouvido dele, silenciando o trânsito, e deixando-o aturdido com todas as palavras que ela já tinha dito. É mesmo real? Ou nada disso é real? Mas vinha em direção aos dois.

— O que houve? — perguntou Alexei, alerta, sentindo um perfume ao vento.

— Nada — respondeu Leon, em tom oco, vazio.

Nada. Errado a respeito de tudo. Andar a pé, sem se deter. Às vezes, a vida muda em um segundo e não volta mais a ser o que era. A mão escorrega até a água. Um tiro disparado do cais. Mais vozes, e depois Altan no terraço. Você precisa pensar no que é importante para você. Significava outra coisa. Mas o quê? Nem mesmo um segundo, menos, e tudo mudaria para sempre. Um segundo mais, e ele seria deles. Assassino por acaso? Não. Um deles. Torcendo pescoços, jogando as pessoas no lixo. Talvez ele já tivesse ido, talvez o segundo já tivesse passado. Alexei ainda não os tinha visto e ainda não sabia qual seria o carro.

— Não — disse Leon em voz alta, sem se preocupar em abaixá-la.

Alexei ergueu a cabeça e olhou atentamente para ele. O estalido de um galho na floresta.

— Não faça isso. Não olhe. Escute. — Rápido, a mente a toda a velocidade. Os outros ainda por chegar. — É uma cilada. Está vendo a escada? — Logo à frente, alguns minutos mais no mesmo ritmo. Leon pegou a arma e a enfiou no bolso de Alexei, rápido como um ladrão. — Passe a mochila. — As mãos em cima uma da outra, e em seguida apenas a de Leon. — Quando eu avisar, direto para a escada. E depois...

— Fugir. — Alexei terminou a frase.

— Sinto muito — disse Leon, e a palavra não era suficiente para o que queria dizer.

— E você?

Sem tempo para uma resposta, sem tempo para nada. Quase na escada.

— Pronto? — perguntou Leon, levantando a mochila. — Agora.

Empurrou o vendedor de *simit* com a mochila. O homem tombou para a frente e a bandeja lançou os *simits* no meio da multidão que estava a certa distância da escada. Gritos de espanto e olhares em volta, seguidos de correrias para ajudar o homem, um rebuliço geral. Leon ergueu os olhos e só então Kay o avistou. Melnikov surgiu por trás e olhou para a direita de Leon. Acabara a comoção, e ele seguia a sombra de Alexei com os olhos. Alexei se deteve quando o viu e olhou de boca aberta para Leon mais atrás, movendo as peças. Um segundo, tempo suficiente para que Melnikov sacasse a arma e atirasse. Um estalo cortante e metálico da bala contra o ferro, seguido pelos gritos e murmúrios de pânico e pelos *simits* que se esparramaram outra vez por entre as pessoas que corriam para se proteger. Outro disparo, enquanto Alexei desaparecia na escada. Melnikov empurrou Kay para o lado e saiu correndo, dispersando os que estavam próximos e que se apertavam contra o parapeito da ponte. Quando ele

chegou à escada, olhou para Leon, ofegante e com o rosto transtornado, antes de se lançar para baixo.

Lá de baixo, Leon ouviu os gritos de protesto das pessoas que tinham sido empurradas. Lembrou-se do povo nas compras e das filas nos restaurantes. Outra cilada. Por que tinha escolhido aquele lugar? Mas que outro lugar teria escolhido? Pelo menos era uma vantagem, um minuto para escapar.

Os homens de Melnikov saíram correndo em direção à escada. Leon girou a cabeça. Os homens de Gülün, antes invisíveis, corriam para o lado de Karaköy, mais abaixo. Engarrafando tudo. Lá embaixo, as mulheres agachadas e os homens aos gritos, Leon imaginou Alexei correndo em direção à liberdade de Eminönü e olhando os homens de Melnikov, que o perseguiram mais atrás. Frenético, correndo à frente, as barracas de um labirinto. Baterias, sapatos e brinquedos voavam pelos ares com os esbarrões das pessoas. Outro disparo, um som diferente.

A ponte esvaziava à medida que as pessoas fugiam do fogo cruzado para as extremidades. Um bonde passou ao largo e algumas se penduraram na lateral. Kay levantou-se, ainda olhando para Leon, com ar confuso, e pulou quando ouviu um tiro lá embaixo. O que ela estava vendo agora? E antes? Errara a respeito de tudo.

Ela olhou para trás, uma checada de relance, e depois olhou para Leon, seguida por outra mulher vestida à moda ocidental, que, além de não ser uma turca, era alguém que Leon conhecia. Mas agora não a reconhecia. Fora do lugar. Se bem que logo a reconheceu, ainda mais confuso. Dorothy Wheeler. Que sabia onde estavam todos os arquivos, os arquivos que talvez Frank tivesse encontrado. Que tinha andado atrás de Kay, próxima de Melnikov. Talvez você se surpreenda. Mais tiros lá embaixo, uma troca de tiros de ambos os lados.

De repente, Alexei chegou ao topo da escada, um movimento para trás, e a cabeça emergiu como a de um coelho fora do buraco, ou melhor, como a de uma raposa de olhos desesperados e calculistas escapando de uma caçada. Olhou em volta, a estrada quase vazia, o trânsito parado em ambos os lados. Saiu em disparada de volta a Karaköy, os braços bombeavam enrijecidos em direção a Leon, fazendo-o sentir uma onda de adrenalina. Mais rápido. Já próximo, um instante de sorte, só isso. Mas a raposa sempre perde. Leon se deu conta de que a ponte era como um amplo campo aberto, sem cobertura, uma ilusão de fuga. Em vez de salvar Alexei, só tinha dado uma vantagem para que o matassem. Mas pelo menos corria, era tudo que se podia esperar, uma perseguição começava.

— Leon. — Kay também vinha em direção a ele. Dorothy estava fora de vista. — Graças a Deus.

— *Stoi! Jianu!*

A explosão de um disparo de Melnikov do alto da escada, mais gritos vindos do parapeito. Alexei girou a cabeça e olhou por cima do ombro, e tomou um segundo tiro no peito. O impacto o fez rodopiar e tombar para a frente, e ele então se arrastou para trás, a nona e última vida, ainda com força para erguer a arma. Mão trêmula, tentando acertar o alvo. Leon empurrou Kay para o solo e cobriu-a.

— Abaixese. — A voz soou rouca, como se fosse de outra pessoa.

Outro estalo no ar, à direita. Melnikov grunhiu, soltou um grito de surpresa e olhou para cima. Silêncio feérico de um instante que se expandia no tempo. Melnikov levou a mão ao lado do corpo e caiu de joelhos lentamente, como a queda do tronco de uma árvore. Alexei ainda estava curvado, embora já se movesse em passos desajeitados. Cambaleava para uma linha de chegada invisível. Em seguida, outro disparo de Melnikov, dessa vez sem atingir o alvo, mas que acelerou o tempo novamente. Alexei tentou se apressar, mas os pés pesados tropeçavam em si mesmos, até que ele se deteve e caiu na estrada; a arma caiu ruidosamente mais à frente.

— Não se mova — disse Leon a Kay. Levantou-se e saiu correndo até Alexei, cego para tudo ao redor, com a voz de Kay atrás, os outros correndo em direção a ele, os pescadores de cabeças erguidas no parapeito.

— Jianu! — gritou Melnikov novamente, desta vez um grito fraco.

Soaram pés na escada, Gülün ordenou alguma coisa aos berros.

Leon abaixou-se ao lado de Alexei, que a essa altura engolia ar e vertia sangue pelo peito.

— A arma — disse ele, rouco, desviando os olhos para o lado. — Pegue a arma.

Leon fez isso.

— Jianu!

Leon olhou para trás. Melnikov estava de pé e tinha a mão no estômago.

— Então — disse Alexei, ainda respirando aos suspiros.

— Espere um pouco. Chamaremos uma ambulância — disse Leon. Mas o que ele queria?

Alexei balançou a cabeça em negativa e piscou os olhos para a arma.

— Você faz isso. Não eles.

Leon congelou e a arma esfriou subitamente na mão.

Alexei meneou a cabeça.

— Está na hora.

Leon olhou para ele.

— Meu amigo. — Alexei cravou os olhos em Leon. — Eles não.

Sapatos arrastaram-se na estrada e Leon ouviu. Melnikov se movia.

— O que está fazendo? — perguntou Kay a Melnikov, a certa distância.

— Faça isso — disse Alexei, com outro piscar de olhos, uma terrível permissão. Depois de encostar a mão amolecida e coberta de sangue no braço de Leon, arregalou os olhos com tamanha convicção que deixou Leon enxergar o que ele realmente era. — Por favor — acrescentou, com voz débil.

Leon ajoelhou-se, paralisado. Um segundo. Alexei olhou para ele, como se não houvesse mais ninguém na ponte. “Por favor.” Leon atirou. Alexei estremeceu da cabeça aos pés, um choque elétrico, os olhos ainda mais arregalados, e depois tudo resolvido, quieto.

— Você está louco? — gritou Melnikov, agora próximo, e de novo uma correria barulhenta na ponte.

Leon girou o corpo, como se quisesse proteger Alexei, já morto. Acontece que Melnikov não mirava em Alexei, apalpando o lado do corpo que sangrava e com os olhos faiscantes de fúria.

— *Durak* — disse, cuspiendo.

O disparo surpreendeu Leon, que nem teve tempo de se esquivar. Naquele lugar? Daquele jeito? Por que naquela hora? Qual era a questão? Para Melnikov, esse disparo não era mais que bater o pé. Explodiu literalmente no peito de Leon, um calor abrasivo, com alguma força, como se tivesse o rosto empurrado para trás, e o tombo.

— Não! — Kay soltou um grito e golpeou Melnikov. Mas ele apontou a arma de novo e plantou os pés separadamente, enraizados. Ela estendeu a mão na tentativa de impedi-lo, mas ele a esmurrou, afastando-a.

— *Durak* — disse outra vez para Leon, erguendo os olhos à medida que se aproximava e logo erguendo a arma por instinto. Seguiram-se gritos em turco e uma explosão, tão estrondosa que Leon achou que explodia atrás de seu ouvido. Desta vez, Melnikov não emitiu nenhum ruído, só olhou para o outro buraco na túnica e tombou. Leon pôde ver Gülün ajoelhando-se perto do corpo, com a arma na mão. Alguma coisa ininteligível em turco, ordens.

— Leon — disse Kay, debruçada sobre ele, com a voz estridente, quase um lamento. Kay era só um escudo. Dorothy. Mas o que ela sabia? Será que tinha passado adiante? Por que teria feito isso? Dinheiro? Talvez perdida em alguma ideia que não conseguiu abandonar, como Georg. Logo surgiriam as perguntas. Meses de perguntas e apertos. Julgamento, caso fosse útil. Faxina. Protegendo os flancos. E depois outro Melnikov plantaria outra Dorothy e começaria tudo de novo. Dorothy trocada. E, afinal,

Alexei tinha valido o preço. Algumas vozes da rua soaram altas no ouvido de Leon, e depois mais fracas, distanciando-se, e de repente anoiteceu e escureceu.

Em algum ponto da consciência, Leon mantinha a curiosidade sobre o que estava acontecendo. Será que uma luz branca realmente aparecia no final de um túnel? Será que ele seria envolvido e se integraria a essa luz? Alexei também teria visto... Não havia uma luz. Rostos nebulosos, como um filme sem iluminação suficiente, acercando-se e envolvendo-o. Phil na cabine de comando, acenando. Georg passeando com o cachorro por Yildiz. Mihai na amurada do navio, sorrindo discretamente. E depois Anna. No jardim da casa de Lily, naquela primeira primavera, os dois preocupados porque estavam felizes. Antes que alguma coisa acontecesse. O rosto de Anna tão próximo que quase o tocava. Todos os rostos de uma vida. Depois, desvaneceram.

— Finalmente — disse uma voz. — Chamarei a enfermeira.

Luz. Não aquela outra luz envolvente, apenas a luz do dia. Paredes brancas.

— Leon?

Um rosto. Mihai. Leon tentou falar, a língua estava presa.

— Água.

— Sim, sim.

Um canudo de plástico, um líquido fresco desceu pela garganta seca.

— Já disseram que você desidrataria, mesmo com o soro.

Agora, o rosto de Mihai em foco, preocupado.

— Onde estou?

— Na clínica de Obstbaum. Tive de transferi-lo. Risco de infecção no hospital. Até Kleinman assegurou. Depois de uma cirurgia.

— Uma cirurgia.

— Ele teve que extrair um pedaço do seu pulmão. Atingido pela bala. Respire um pouco. Sentiu? Um pouco menos. Nada de cigarros, talvez seja o lado bom da coisa. Se formos considerar, não é tão bom assim para o seu trabalho.

Leon tentou sorrir e molhou os lábios rachados com o canudo.

— Você teve sorte, sabe disso? Por uma questão de centímetros... — disse Mihai. — E olhe agora. O homem do momento. Cuidado ou acabarão lhe dando uma medalha. Ou algo assim. Por quê? Por ser sortudo. — Deu de ombros. — Mas é para isso que eles servem, não é mesmo?

Leon tentou acompanhar o raciocínio, ainda abatido.

— Como chegou aqui? Você estava...

— Como? De trem. De Alepo. Como sempre.

— Quantos dias?

— Dois. Você estava apagado. Talvez o rabino Pilcer tenha orado por você. Ele tem uma linha direta — disse Mihai, apontando o dedo para o alto. — Quer dizer, ele acha que tem. Alguém deve ter. Você quase morreu.

— Sim.

— Sim? Você sabia?

— Foi algo diferente de tudo o mais — disse Leon, olhando para o teto e depois para Mihai. — Eu vi você.

Mihai ficou paralisado de espanto e deixou a água de lado.

— Maravilhoso. Com asas? Isso é o que acontece? Um tanto decepcionante.

Leon esticou o lençol e cobriu a mão de Mihai com a sua. Mihai olhou para o alto, pego de surpresa e sem saber como responder.

— E o navio?

Mihai balançou cabeça.

— Todos são e salvos. Quatrocentos novos cidadãos. Então, obrigado por isso.

Leon balançou a cabeça em negativa.

— Agradeça a ele. A Jianu. Ele é que induziu a polícia a deixá-los partir.

— Por quê? Pelos pecados cometidos? Acha que ele sentia alguma coisa? Não aquele homem...

— Como pode saber?

— Você sabe tudo do homem que tenta cortar sua garganta.

Leon calou-se e olhou para a janela, tudo era complicado demais.

— Nunca se esquece disso. Nunca — continuou Mihai, tocando no próprio pescoço, simulando o corte de uma faca. Desviou os olhos. — De qualquer maneira, ele acabou. Já pagou. Era o que eu dizia desde o início. Desde a primeira noite.

— Não o matei por isso.

— Por que o matou, então? — perguntou Mihai pausadamente, olhando para Leon. — Não foi por isso? Por quê, então?

— Ele me pediu.

Mihai não disse nada.

— Queria que eu fizesse isso.

— Leon — disse Mihai, gentilmente —, talvez tudo isso tenha sido muito rápido. Muita conversa. — Fez uma pausa. — Foram os russos, segundo Altan. Há testemunhas. Talvez tudo ainda esteja um pouco confuso. Todos aqueles medicamentos...

— Não o último tiro — disse Leon. — Foi meu. — Esticou-se na cama. Como se isso fizesse alguma diferença agora. Altan já manipulava o ocorrido. Você não pode lutar na nova guerra sem que tenha mentido sobre a anterior.

— É mesmo? — disse Mihai, condescendente.

— Era a coisa certa a fazer — continuou Leon, com a voz sumindo, vaga.

— Talvez seja melhor descansar agora. Vou dizer para a enfermeira...

— Não. — Leon o pegou pela mão. — Diga. Quero saber. Diga...

— O quê?

— *Durak* — disse Leon; foi a primeira coisa que lhe ocorreu. — Você sabe russo? O que quer dizer *durak*?

— Tolo.

Leon sorriu.

— Sim. Faz sentido. Ele acharia isso.

— Quem?

— Melnikov. Ele disse isso antes de atirar em mim. Foi como agi. Mas não naquela hora. Antes. — Leon ergueu levemente a mão, passando-a no ar. — Estava errado a respeito de Tommy. De tudo. *Durak*. — Ergueu os olhos. — Estou feliz pelo navio. Além do mais, foi por isso que voltou? Há outro? Poderá tirar mais gente?

— Não de Istambul. Já não é mais tão fácil assim. Itália.

— Mais tifo? — perguntou Leon.

— Não. Saindo da Romênia. É mais seguro pelo oeste. Por Viena, longe dos russos. Istambul acabou

para nós. O gabinete... não sei quanto tempo.

— Você está indo para a Itália?

— Não. Palestina. Lar. — Mihai olhou para cima, hesitante, o tom casual. — Você também podia ir. Por que não?

— Para fazer o quê? Cultivar laranjas?

— Lutar. Os britânicos vão fazer uma bagunça lá. Os árabes nos odeiam. Como os poloneses. Haverá...

— Outra guerra. — Leon terminou a frase.

— Mas não vamos perder essa. Você gosta muito disso tudo. — Mihai acenou para que fizessem os curativos de Leon. — Venha para a Palestina.

— Com um pulmão.

— Não somos tão exigentes. Aceitamos quem está do nosso lado. — Mihai respirou fundo. — Há outras formas de luta.

Leon se virou.

— Eu não estou com ninguém.

— E por que deu dinheiro para o *Victorei* sair? E depois, quem você verá quando estiver quase morrendo? — Uma piada para manter uma porta aberta, uma saída, se fosse necessário.

— Também vi Phil.

Mihai inclinou a cabeça.

— Meu irmão. Abatido por um tiro. Às vezes eu pensava que fazia isso por ele. Ajudar. Trabalhar para Tommy. Mas isso só se diz para si mesmo. Para facilitar a coisa. — Leon virou-se e encarou Mihai. — Como se pode ajudar alguém que está morto? Então, quem eu ajudaria dessa vez? Anna?

Mihai desviou os olhos, desconfortável.

— Não. Quatrocentos continuam vivos. E há mais por vir. — Hesitou. — Poderia ser útil para os britânicos. Já que não é judeu. — Outra pausa. — O que o prende aqui?

— Não posso levá-la para lá — disse Leon, calmamente. — Quer que a deixe aqui? Faria isso?

Mihai recostou-se meio perdido, levantou-se e dirigiu-se à janela.

— Eu? Não. — Olhou para fora. — É melhor você dormir. — Agora, confinado no quarto.

— Eu estou acordado.

Mihai tocou algumas plantas no peitoril da janela, inquieto.

— Então, é aquela mulher. Ela vem todo dia.

— Kay? A mulher de Frank...

— Sei quem é ela. Quem é ela para você?

Leon não disse nada. “Veremos.”

— Ela sabe sobre Anna?

Leon assentiu com a cabeça.

— Acredito que não seja apenas uma amiga. — Mihai ergueu a mão antes que Leon dissesse alguma coisa.

— Ela está aqui?

Mihai olhou para o relógio.

— Logo. Todos os dias. — Abriu um meio sorriso. — Turnos. Eu e depois ela. — Ergueu os olhos. — Ela ficou com medo de perdê-lo. Achou que você só despertaria depois que ela partisse.

— Depois que ela... — Visão de Kay caminhando de chapéu pela ponte, o escudo de Melnikov, dessa vez não se detendo, partindo. — Quando? — Era tudo que Leon podia dizer.

— Não sei. Ela tem prioridade. Eles arranjaram tudo.

Eles. Tentando pensar, a mente confusa, avaliando o que ouvia.

— Então, diga. O que é o quê. — Mihai olhou para o alto. — Eu não julgo.

Mas o que havia para dizer? Nada decidido. E então era isso.

— Quando ela vem? — Começava a se mover. A mão no lençol.

— Relaxe — disse Mihai, procurando detê-lo. — Você está entubado. Pode arrebentar aquilo. —

Apontou para o soro. — Deixe-me ver. Sabe muito bem que talvez não seja bom para você. Quer dizer, a comoção. Acalme-se. Vamos. Não sairei até que esteja... melhor.

Tão melhor que Leon sentiu que os olhos fechavam e que Mihai saía por uma faixa estreita, como se observasse alguém através de uma veneziana. Ouviu uma voz ansiosa na parte de trás da cabeça e depois uma outra ao longe, a voz de um homem, alemão.

— Só alguns minutos, certo? Ele acorda e apaga. Se isso acontecer, deixe-o desligado. Ele precisa de sono.

— Tudo bem. — A voz de Kay, o perfume dela.

— Ele pode não reconhecer você.

— Mihai disse...

— Mihai. Agora o Mossad distribui diplomas médicos.

Na porta, cabeças inclinadas uma para a outra, mas Kay estava inquieta, nervosa, desviando os olhos para a cama. Do jeito que a tinha visto na primeira manhã na Tünel, segurando o cigarro, nervosa e incerta em relação às coisas.

— Kay — disse Leon, e a palavra grudou um pouco na garganta.

— Viu só — disse ela a Obstbaum, apressando-se em direção à cama. — Ele me reconhece.

Obstbaum meneou a cabeça, mostrou o relógio de pulso para ela e saiu.

— Graças a Deus — disse ela a Leon, pegando a mão dele. — Eu estava tão preocupada.

— Você está indo embora — disse ele, com a garganta mais limpa.

Ela retirou a mão.

— Mihai já disse. Ele disse. Eu queria que fosse eu mesma a dizer.

— Altan a obrigou a partir.

— Por que ele faria isso?

— Sem testemunhas. Ele está construindo a própria história. Não o que aconteceu.

— Leon — disse ela, acalmando-o. — Havia gente lá. Na ponte. Foi... em público.

— Ele a colocou como prioridade. — Tentou colocar as coisas, uma depois da outra, montando-as. —

Ele quer mandá-la para fora do país. Já declarou alguma coisa a eles?

Ela olhou para ele, desconcertada.

— Não faça isso. Por favor. Você quase morreu na ponte. E ainda está... — Uma pausa. — Eu mesma. Eu é que quero partir.

— Por quê?

— Não posso ficar aqui — respondeu ela, segurando o lençol. — Não tive tempo para pensar... enquanto você estava desacordado. Nunca fiz isso antes. Foi sempre... mais tarde, conversamos sobre isso mais tarde. Sempre depois. — Roçou a mão dele. — Quero voltar para casa.

— Mas você não pode...

— Ficarei com minha irmã por algum tempo — disse, ignorando-o. — Até uma enlouquecer a outra. Como sempre fazemos. E depois... sabe-se lá o que virá. O seguro de Frank não vai durar muito. — Ergueu os olhos. — Não é o que quer saber?

— Não.

Ela foi até a mesa de cabeceira, ocupando-se.

— Pensei muito em como dizer isso e agora... — Entregou-lhe um copo com um canudo. — Aqui.

Continue bebendo.

Ele bebeu um pouco d'água e observou enquanto ela circulava a cama.

— Você está toda vestida. — Terno e blusa de gola fechada, alfinete de prata na lapela. Batom.

— Abriu uma passagem para hoje. Não a pegaria se você ainda estivesse...

— Hoje? — Ele tentou se apoiar no travesseiro.

Ela ajeitou o travesseiro para ele.

— Eu não iria sem dizer adeus — disse, e se deteve enquanto afofava o travesseiro. Sentou-se ao lado dele e passou a mão em sua testa. — Oh, Deus, como faço isso?

— Não faça isso. Não vá.

— Fique você. Ainda há muito para ver. — Ela assumiu um tom de guia turístico e logo mudou o tom.

— Acontece que eu não quero ver mais nada. Eu não quero me preocupar com água potável. E me perguntar o que as pessoas estão dizendo. Todos esses chiados pelos alto-falantes. Quantas vezes por dia as pessoas são obrigadas a rezar?

— Cinco — disse ele, calmamente.

— Tudo bem. — Ela balançou a cabeça. — Não é nada disso. É que... tomei consciência. Lá na ponte. Sabe o que significou para mim? Vendo-o morrer?

— Por que você estava lá? O que Melnikov disse para você? — Ainda queria saber.

— Que você perguntou por mim. Que você... — Ela acenou com a mão. — Ora, o que isso importa? Acho que ele me levou para que você fosse até o fim. Realmente, não *perguntei* a ele. — Abaixou a cabeça. — Eu deveria ter sabido. Você... não me pediria isso. — Ergueu a cabeça. — E depois começou tudo. As armas. Gente morta. — Olhou para ele. — Eles disseram que nada disso aconteceria. As armas. Era só uma negociação, até você... — Hesitou. — Por que você fez aquilo?

— Não era uma negociação — disse ele, agora com a garganta seca.

— Mas eles disseram..

— Sabíamos o que eles fariam com ele. E depois que terminassem o assunto com ele. — Leon se deteve, puxando as palavras, que ainda ficavam para trás. — Não é a mesma coisa... estar de fora. E dentro. Colocando-os nos ganchos.

— Dentro — repetiu Kay, tentando acompanhar.

Ele fechou os olhos, enfraquecido demais para esclarecer.

— Ele se confidenciou comigo — disse.

Ela olhou para ele, um instante de atraso, como se estivesse traduzindo.

— Então, você o ajudou. E eles também atiraram em você — disse, por fim. — Achei que você estava morto. Ficou tão... parado. Parado. Mas ainda estava respirando. Olhos abertos. E disse alguma coisa. Achei que era a última coisa. Lembra? Lembra do que disse?

Ele balançou a cabeça em negativa, esperando.

— Você disse o nome dela. Chamou por ela. Olhou diretamente para mim, de olhos abertos, e chamou por ela.

— Kay.

— Não, tudo bem. É que fiquei sabendo quando ouvi. Como se alguém me sacudisse. Ela era o amor de sua vida. Ainda é. — Ela se deteve. — Ainda é. Eu... só era a outra. — Mordeu o lábio. — Fui vê-la. Fui pelo corredor. Queria ver como ela era. — Assentiu com a cabeça, respondendo a uma pergunta silenciosa. — Se era mais bonita que eu. E acabei não entrando. Não cheguei perto o suficiente para saber. Não quis saber. E se ela não fosse? Era melhor achar que era.

— Não faça isso.

Ela estendeu a mão e o acariciou na testa.

— Eu sei. As coisas são como são. E não são de um jeito que você possa... — Puxou a mão. — Só que eu também gostaria disso. De ter isso. Então, talvez encontre um parceiro, depois de voltar para casa. Não de maneira tão emocionante. — Torceu a boca e apontou para a cidade lá fora. — Talvez alguém que jogue golfe e ande de trem. Mesmo assim... o amor de minha vida. Como ela.

Kay inclinou-se e beijou a testa de Leon.

— De qualquer maneira, prefiro pensar que ele existe. — Olhou dentro dos olhos dele, com um semblante suave. — Não queria que fosse você. Seria muito injusto, não é? Apenas alguns dias. Pensei isso enquanto você estava dormindo, quantos eram, e depois pensei “não conte”. E se foram dois ou três, alguns poucos dias, e isso parecia... — Deteve-se. — Então, melhor não.

Ele se esticou e tocou o rosto dela, o tubo balançou, como se também fosse parte de uma cadeia que era necessário segurar.

— E você sabe, talvez já seja suficiente. Prove o gosto. E pare antes... — Ela desviou os olhos. — Nunca se vê isso no início. Não sei por quê. De que outra maneira poderia acabar? O que eu achava que era. O que você achava que era.

Levou a mão de volta a cama e levantou-se.

— Então. Melhor assim. Enquanto ainda sentimos... — Foi até a cadeira e pegou o chapéu e a bolsa. — Você sabe que assim se torna mais fácil. Você dessa maneira. — Apontou para a cama do hospital. — Com todas essas coisas no seu braço. Enfim, precisa ficar onde está. Senão... Sabe muito bem como seria. Você se levantaria e me tomaria nos braços e como eu poderia partir? — Os olhos dela se encheram de lágrimas. — Acho mesmo que foi você. O homem certo.

Ela caminhou até a cama, curvou-se e o beijou na testa, um beijo de despedida. Ele a enlaçou com os braços, puxando-a para mais perto, e o beijo tornou-se outra coisa, um segredo, até que ele sentiu seus lábios se unirem com os dela, a umidade em suas bocas se misturando.

— Ouça — disse Kay. — Mais tarde você vai pensar coisas diferentes sobre mim. — Colocou os dedos nos lábios dele antes que ele pudesse falar. — Vai pensar, sim. Só quero que se lembre. Essa parte era verdadeira. Será que vai se lembrar disso?

Ele não disse nada, temendo que ela afastasse as mãos e realmente partisse.

— Seu carro chegou. — Obstbaum apareceu na soleira da porta.

Ela girou a cabeça.

— Já vou. — Mal conseguiu falar.

Obstbaum permaneceu à porta, e ela então apenas apertou a mão de Leon, um adeus diferente.

Ainda preocupada com o que isso podia parecer para ele, inclinou a cabeça em direção ao corredor. E, depois, o silencioso quarto no final.

— Espero que ela retorne. Pense em como ela se sentiria. Ao saber que você esperou por ela.

Kay girou o corpo para sair. Leon descansou a mão na cama, embora a mente ordenasse ao corpo que a alcançasse, mas Obstbaum, ainda à porta, o fez tombar para trás. Quando ela chegou à porta, o médico já tinha saído, mas era tarde demais para alcançá-la e aos poucos ele afundou o corpo nos lençóis, isso o fez se sentir na ponte, pensando que estava prestes a morrer.

— Você faria uma coisa por mim? — perguntou Kay, virando os olhos marejados de lágrimas.

Ele ergueu os olhos, sem forças para um simples aceno, sabendo que ela percebia isso.

— Não fale para ela. Sobre nós.

Ele esperou.

— Ela não gostaria. Mas não por isso. Por mim. Eu quero ser aquela sobre a qual você não pode falar. Eu quero muito.

Retiraram o cateter de Leon naquela mesma tarde e lhe deram sopa, o primeiro alimento ingerido. Era importante sair da cama e se movimentar, e ele caminhou pelo quarto em passos de bebê, arrastando o soro com ajuda de uma enfermeira. Só alguns passos até a porta, e depois de volta e um descanso na poltrona. Ali pelo final do dia, poderia ir ao banheiro sozinho. Altan chegou exatamente quando anoitecia.

— Já fora da cama? Isso é um bom sinal — disse, acendendo a luz do teto.

Sentado na poltrona, Leon ergueu os olhos. Fazia algum tempo que estava de olhos cravados no chão.

— Um pouco triste, sentado no escuro. — Altan puxou outra poltrona, num movimento abrupto, e deixou uma pasta ao lado. — E você, um sortudo. O último homem de pé... a expressão não é essa?

— O que dirá sobre o que aconteceu?

— O que direi? O que aconteceu.

— Não, não dirá isso. Foi uma confusão danada. E Jianu está morto. Ninguém o pegou. E então, o que dirá? — A voz de Leon ainda estava fraca, quase um coaxar.

— Bem, quanto a isso. — Altan cruzou as pernas e recostou-se, o rosto parcialmente na penumbra, o bigode piscando fantasmagórico, de um lado para outro no lábio. — Todos estão mortos. Exceto você. Portanto, a história é sua. — Encarou Leon. — De como se mataram uns aos outros.

— E Gülün finalmente recebe uma medalha.

— Não, isso não seria conveniente — disse Altan, pegando um cigarro e o acendendo. — Oficial turco atirando no russo? Muita gente ficaria aborrecida. Ora — exclamou, observando o rosto de Leon. — Não é permitido, não é mesmo? — Olhou para o cigarro. — Algo só entre nós.

— Então, quem matou o russo?

— Jianu. Uma troca de tiros entre todos. Infelizmente, alguns inocentes no caminho. — Olhou para Leon. — Felizmente, alguns se recuperaram.

— E eles vão acreditar nisso.

— Por que não? É o que todo mundo quer. O que convém. Jianu morto, o que os russos queriam. E você sabe, eles também vão agradecer pela morte de Melnikov. Um tipo brutal, até para eles. Já ouviu falar de Stalingrado? Os próprios homens dele? Acho que ficarão aliviados por essa morte. Claro, não vão admitir isso. — Altan girou o cigarro no ar. — Os norte-americanos vingaram o sr. Bishop. E nós? A nós, só resta protestar contra ambos os lados. Armas nas ruas. Colocando em perigo os cidadãos turcos. Foram exigidas desculpas. Até os russos estão constrangidos. Um excesso. Eles deviam aprender com os otomanos. O cordão de seda. Sem barulho. Nada de banguê-banguê. Porém, muito eficaz. Claro, eles não vão aprender com isso. Não faz parte da natureza deles. — Ergueu os olhos. — Mas, dessa forma, temos pelo menos uma história aceitável.

— E quem atirou em mim? Se eles se mataram uns aos outros.

— Jianu. Antes. Se dissermos que foi um russo, essa história não terá fim. Protestos oficiais. Aceno de espadas. Todos em guerra santa. Por ora, já é suficiente. Jianu era esse tipo de homem. — Olhou para Leon. — Primeiro, o sr. King. Depois, o pobre Enver. E agora Melnikov. E você.

— Poderá pensar algo mais enquanto estiver nisso? Poderá lançar alguns casos não resolvidos no arquivo? Cristo. Alexei matou todo o mundo. É o que devo dizer?

— Você já disse. — Altan ergueu a pasta. — Acha que só o Emniyet faz isso? Um jeitinho nas coisas?

— Tamborilou na pasta. — Já temos as declarações. Gülün confirma a sua. Sem medalha dessa vez, mas com outra recompensa pela descrição. — Fez uma pausa, captando o pensamento de Leon. — Acha que ele é corrupto. O antigo império. Meu amigo, todos mudam a história. Os russos? Acreditaram nas suas próprias histórias por tanto tempo que... — Deixou a frase terminar por si mesma. — E agora os norte-

americanos. Você só está aprendendo a viver no mundo. — Encarou Leon. — Atiraram uns nos outros. E você está recuperado. É a história conveniente.

— Mas houve testemunhas. Nem todas são homens de Gülün. E você se livrou dela. Mandou-a para casa.

— Quem? Ah, a fiel sra. Bishop.

— Não podia correr risco algum com ela. E faz dela uma prioridade.

— Leon, ela não precisa de ninguém para fazer isso. Ela não tem outra opção... — Uma pausa. — Ainda não sabe? Ela não contou a você?

Leon não disse nada e apoiou o braço no encosto da poltrona.

Altan soltou um suspiro pelo nariz.

— Ela deixou isso para mim. — Apagou o cigarro. — Uns tolos, esses norte-americanos. Usar a própria esposa. Uma ideia também dele, segundo o que ouvi. Por quê? Para economizar dinheiro? Por que não usá-la se sobrava tempo para ela? Para conseguir o quê? Fofocas nas festas em Ancara? Amadores. — Era uma avaliação de Alexei, também. Uma sacudidela profissional de cabeça. — E o resultado? Complicações. — Rolou um olho até Leon. — Emoções. Não há lugar para isso. Ela queria negociar. O assassino do marido dela. — Olhou ao longe. — Talvez ela tenha sentido... bem, qualquer motivo. Falei para Barksdale que isso não era necessário. Não desista de Jianu. É só uma questão de tempo. Mas preferiram ouvi-la. Uma amadora.

De repente, Leon também a ouviu dizendo: “era só uma negociação, até você... por que você fez aquilo?”.

— Usar uma esposa é sempre um erro. Pense no risco de usar uma esposa contra o outro.

— Mas eles não estavam... — Uma frase obtusa de Leon, incentivando o outro a continuar, curioso e com a voz em eco.

— Ainda assim, um risco. Dois. Que comprometem qualquer operação.

— Não. Ela nunca disse uma palavra.

— Claro que não. Você era a operação.

Leon sentiu frio nas costas, o ar atravessou a roupa de hospital. Depois, de novo pesado, o corpo afundou na poltrona.

— O que não quer dizer que tenha feito isso direito. — As palavras de Altan soaram distantes. — Não ofereceu nada a ela. Cheguei a pensar que ela o tinha nas mãos. Mas ela não conseguiu.

— Não. — Outro eco de Leon.

— Você não expôs Jianu a ninguém. Nem mesmo a ela. — Altan se mostrou estranhamente admirado.

— Eu não poderia — disse Leon, com ar distante.

— Leon?

Ele olhou para o alto, agora ouvindo Altan com clareza.

— Meu dever era mantê-lo seguro. Tudo se resumia a isso. Todo o ocorrido. Mantê-lo vivo. — Leon revirou a boca, como se tivesse ouvido uma piada, e retomou a voz habitual. — Mantê-lo vivo.

Altan ergueu as sobrancelhas, como uma enfermeira cuidando de um paciente.

— Todos vocês o queriam — disse Leon. — Todos. E depois, ninguém.

Altan mudou de posição na cadeira.

— A meu ver, um verdadeiro desperdício. O que ele pode fazer por alguém agora, morto?

— Nada. Isso é o que ele queria.

Altan olhou para cima, em dúvida quanto a isso.

— E tudo isso para pegar Dorothy — disse Leon, uma ideia ainda implausível.

— Não.

— Não?

— Um homem desonesto demais, esse Melnikov — disse Altan, recostando-se e se empertigando na poltrona. — Não acho que ele confiava em você. Sua amante não era uma garantia de que você manteria a arma no bolso. A sra. Wheeler era uma distração. Um biombo para ocultar outra pessoa. Claro, você poderia acabar percebendo o engano. Todas essas perguntas sem respostas. Mas depois, tarde demais. Ele se foi.

— Quem? — perguntou Leon, ouvindo pela metade.

— O sr. Wheeler. Adido naval, um especialista no mar Negro. E, pelo que parece, em muito mais.

Leon ergueu a cabeça. Outra piada, em algum canto.

— Alexei sempre disse que a resposta estaria em Ancara — disse.

— Sim. Um lugar lógico.

— Ela sabia?

Altan balançou a cabeça em negativa.

— Os soviéticos nunca usariam o marido e a esposa. São muito experientes para isso — disse, pontuando. — Ela não sabia de nada. Claro que isso veio à tona. Um casamento estranho. Mas talvez não. O que nós sabemos? Mas havia suspeitas. A mulher que percebia as coisas. Enfim, talvez ela soubesse e não soubesse. As duas coisas. É possível, não acha?

— Sim.

— De qualquer forma, prendemos o sr. Wheeler antes que ele fugisse, então não haverá sofrimento para ela. Permitirei apenas perguntas educadas.

— Você o prendeu?

— O mar Negro era um lago otomano. No passado. Sempre que o urso tem um interesse... tratamos de saber por quê. Algumas perguntas. Mas agora os norte-americanos estão com ele. — Altan abriu a mão. — Pagaram por ele. Você pagou por ele.

Um rosto do qual Leon nem sequer se lembrava, debruçado na mesa de Dorothy.

— Ele seguiu com isso? Armando para ela?

— Leon — disse Altan, com paciência simulada. — Qual seria o sentido em dizer a ele? Nunca se sabe como as pessoas poderão reagir. Claro que ele não estava em posição de objetar. Seria tirado daqui. E, se mais tarde ele a chamasse, talvez ela se recusasse. Já me disseram que elas costumam fazer isso. Devido às condições de lá. Mas chegamos a ele antes.

Altan recostou-se outra vez, satisfeito, como se tivesse acabado de dar um nó na gravata, com as declarações contidas na pasta. Dorothy também teria de fazer a mesma coisa. O que ela sabia e não sabia. Deixar para trás.

Leon olhou da poltrona.

— Vocês são todos uns bastardos, ou não são? Todos vocês. Tommy e... — Parou por aí, cansado demais para seguir o próprio pensamento. — Bastardos.

Altan olhou para ele e balançou a cabeça lentamente, ironizando o comentário.

— Mas por uma boa causa — disse. Levantou-se, caminhou até a janela e girou o corpo. — O que pensa a respeito?

Outro eco, a voz dela outra vez. O que pensa a respeito? No início. Talvez não pensasse nada.

— Uma boa causa — disse Leon, em um tom áspero de desprezo. — Que causa?

Altan estacou, sem se mostrar abalado. Pegou outro cigarro.

— Sabe há quanto tempo fazemos isso? Faz duzentos anos ou mais que o império acabou. Depois disso, só alternativas ruins. Boas para alguns, talvez, mas ruins para nós. Quanto dinheiro se pediu emprestado? Quantas terras descartadas. Alternativas ruins. Mas sobrevivemos. Encontramos um equilíbrio entre elas.

Solução otomana — disse, com ironia. — Prefiro pensar que é um tipo de sabedoria. A vida é assim, não acha? Sobretudo as alternativas ruins. Tudo que se pode fazer é mantê-las equilibradas.

— Você é que perderam o império — disse Leon, sem rodeios.

Altan olhou por entre a fumaça, irritado.

— E também aprendemos com isso. Às vezes, uma alternativa ruim é pior que outra. *Ferengis* que nos induzem a lutar uns contra os outros. E por isso nos mantemos de olhos abertos. Precisamos saber como as coisas são. Saber é a única maneira de nos proteger.

— E pouco importa o que têm de fazer. Quem têm de matar.

Altan deu de ombros.

— Não é um mundo perfeito. E por quem você está de luto?

Leon desviou os olhos.

— Ninguém.

Todos eram descartáveis, como ele próprio ao receber um tiro da arma de Tommy.

— Bem — disse Altan, saindo da janela. — Neste trabalho, é importante... não esquentar a cabeça. — Pegou a maleta, colocou-a em cima da mesa e abriu-a. — Foi interessante vigiá-lo. Não achei que você se sairia bem. Tantas complicações. Mas com bons instintos. Você... é engenhoso. Isso não se aprende nos treinos. Só essa fraqueza me preocupava... é um erro estabelecer laços pessoais. Confiar num tipo como Jianu. Claro que ele se aproveitaria disso e tentaria escapar. Você foi negligente. Mas, no fim, fez o que tinha de fazer. Então, aprendeu com isso.

Leon ergueu os olhos. Outra história.

— Já sabe que o matei.

— Foi o que disse Gülün. Confesso que isso me deixou aliviado. Não sabia se você era forte o bastante para...

— Não foi bem assim.

— Não? Bem, dá tudo na mesma. — Altan puxou um papel. — Para os norte-americanos.

— O que é isso?

— Sua declaração. Como eles se mataram uns aos outros.

— Por que está fazendo isso? Que diferença isso faz para você?

— Se os norte-americanos souberem como realmente aconteceu, eles perderão a confiança em você para sempre. Dessa forma, talvez até possam lhe dar uma medalha.

— Eu não quero medalhas.

Altan balançou a cabeça.

— Ou algum trabalho. Talvez possam lhe dar um trabalho. Assine aqui. Mas isso tudo acabou para você. Motivos de saúde, talvez — disse, tocando o próprio peito.

— Acabou? — Leon esperava por explicações.

— Você não pode servir a dois senhores. Isso é uma tentação para jogar um contra o outro.

— Dois.

— Preciso confiar em meu pessoal.

— Seu pessoal.

— O pessoal que trabalha para mim. Acho que será bom para mim e para você. — Altan estendeu uma caneta. — Assine.

Leon olhou para ele, um leve estalido da fechadura o fez virar a cabeça.

— E se eu não assinar?

— Meu amigo, não queira colocar aquela arma em sua mão. Será tudo diferente. Para você. Vai começar tudo de novo. Em ambos os lados. E, desta vez, você estará com Jianu. Temos coisas melhores a

fazer. — Altan agitou a caneta.

— O que o faz pensar que eu faria isso? Trabalhar para você?

— Leon, os melhores guerreiros otomanos foram os janízaros. Todos estrangeiros. Todos leais. Eles serviram ao império. — Altan olhou mais além. — E o império serviu a eles.

— Eles eram escravos.

— Isso é só um modo de chamá-los. Encadeamentos de interesses próprios descreveriam melhor. Correntes de ouro. Você é um perfeito janízaro.

— Não quero nada de você.

— Não? Existem outras declarações aqui. — Altan curvou-se e puxou alguns papéis. — Para outro arquivo, pensei. Em algum lugar seguro. A do pescador. O que aconteceu em Bebek? Jianu não pode dizer mais nada. Agora, só você. Se um juiz acreditar em você. — Puxou outro papel. — Outra declaração de Gülün. Tão intrigante. Que razão você tinha para atirar em Jianu? Autodefesa? Um homem deitado e desarmado? Claro, podemos obter outras declarações. Das testemunhas na ponte. Portanto, sem dúvidas. Agora, dois homens mortos. Em Bebek, na ponte. Pense em quantas histórias poderíamos inventar para ligar um ao outro. Talvez você tenha uma de sua preferência. Mas o fato é que você estava lá, nos dois lugares, e matou os dois homens. — Fez uma pausa. — Leon. Mesmo com alternativas ruins, existem alternativas piores.

Leon olhou para o papel, onde declarava que não tinha feito nada, uma história cheia de boas intenções.

— Eu não sou um traidor.

— Sei disso. Um bom patriota. Leon, nós queremos que os norte-americanos nos protejam. Não queremos que você trabalhe contra eles.

— Apenas as fofocas nas festas? — disse Leon, sarcástico.

— Bem, a comunidade estrangeira. Na verdade, precisamos ter ouvidos nesse meio. Mas eles estão saindo de Istambul. A guerra acabou. Sem mais... — Um segundo enquanto procurava a palavra. — Estratégias. Se os russos fossem os únicos a sair. Mas não é o caso, por isso precisamos de outros ouvidos. Os amigos turcos deles. Você já conhece alguns. Amigos de Georg. O que esses amigos contam a eles? Um estrangeiro que fala turco... é um bem valioso. Um norte-americano trabalhando para mim? Nenhum turco jamais suspeitaria. É engenhoso. Pense nisso assim. É o que você faria para os norte-americanos. Só que fará para mim. Nada oficial. Do jeito que você gosta de trabalhar. — Uma pausa, o ar parado. — Para mim. Mas não contra eles. Você tem minha palavra.

— Sua palavra. — Leon quase soltou uma risada.

— Sim, minha palavra. — Altan mostrou os papéis. — Não a de Gülün. Nem a do pescador nem a de nenhum outro. Minha palavra. Você a tem. Então, pode ver que será um acordo perfeito entre janízaros. Com obrigações mútuas. Assine, por favor.

Leon pegou a caneta.

— E depois é melhor descansar. — Altan olhou para o relógio enquanto Leon assinava de cabeça para baixo um rabisco apressado, como se não quisesse que ninguém visse. — Obstbaum vai ficar com raiva de mim. Quer alguma ajuda? Para a cama?

— Não.

Altan enfiou a declaração na pasta.

— Então, estamos entendidos? Sabe, estou ansioso para isso. — Saiu andando até a porta. — Outra coisa — disse, parando. — Importa-se em me dizer algo? É uma curiosidade minha. Quem atirou no sr. King?

Leon não disse nada por um momento. Fazia quanto tempo que aquilo tinha acontecido? Olhou nos olhos de Altan.

— Eu atirei.

Altan inclinou a cabeça, um tanto surpreso.

— Você — disse. — Mas por quê?

— Legítima defesa.

Altan sorriu, como se Leon tivesse dito algo inteligente, e em seguida revirou os olhos, uma saudação cordial.

— Claro. Legítima defesa. — Balançou a cabeça enquanto saía. — É como diz Lily. Um habitante de Istambul.

Mais tarde, deitado na cama, Leon olhou para o relógio de parede e se deu conta de que tinha entrado no mundo atemporal de Anna. Na clínica não existiam horas nem dias, os instantes eram sempre iguais, sempre contínuos. Os pensamentos jorravam em sequência, aleatórios, sem outro propósito senão os próprios pensamentos, a menos que se tentasse segui-los. Já tinha pensado nos azulejos azuis em Cinili Camii, a Mesquita de Azulejos, em como sombreavam em cinza e azul-turquesa, e se perguntou se estava mesmo pensando em Kay, ou apenas na perfeita paz no pátio daquele dia, sentados perto da fonte, com ela dizendo que ele não pertencia àquele lugar. Fazendo perguntas. Para Frank. Mas ela havia parado em certo ponto. Talvez até mesmo naquele dia. Ele devia ter sabido e sentido isso depois que voltaram para Laleli. Era importante se lembrar de que ela havia parado.

Talvez a noite da festa, quando as coisas mudaram, observando-o com Georg. Ele viu o rosto arredondava outra vez, brilhando e suando de medo, desculpando-se. Foi a última coisa que ele fez na vida, era tarde demais para mudar. Mas alguém consegue mudar? Mesmo com uma chance? Também viu outros rostos, Barbara e Ed, comovidos com a morte e seguindo como antes, e soube o que isso significava para ele, de volta aos dias no escritório. Furtivas quintas-feiras com Marina, bebidas no Park, conhaque a cada noite no Cihangir, com seu memorial de fotos de guerra, tudo a mesma coisa, exceto as reuniões com Altan, o artifício que daria uma vantagem a todo o resto, e depois digerir tudo até que nada mais restasse. Visitas a Anna, sem ter nada a dizer, porque agora tudo na vida era segredo, até mesmo para ela.

Ele balançou o corpo fora da cama, apoiando-se até passar a tontura, e depois saiu se arrastando junto com o suporte do soro. No corredor, apenas a penumbra noturna e o suave e sibilante turco que ecoava da sala de enfermagem, uma mudança de turnos feita pelo supervisor, vida normal. Saiu andando calmamente pelo linóleo encerado sem fazer barulho com os chinelos. Lá no final, os raios da lua e a luz habitual do quarto de Anna banhavam o piso. Ela abriu os olhos quando ele a tocou na mão.

— Não tenha medo. Sei que é tarde. Não pude vir antes.

Depois de registrar a intromissão, a mão que a tocava, ela se retraiu com um branco nos olhos. Pensando em quê? Talvez todos os pacientes na clínica de Obstbaum tivessem a mesma vida mental, os mesmos pensamentos dispersos e desordenados.

— Estou no mesmo corredor — disse ele. — Isso a surpreende? Nunca pensei que um dia estaria aqui. E você, pensou?

Ele se deteve. Era como se dirigir a uma criança. Sem dizer o que o tinha levado até ali, isso ele nunca mais poderia fazer. Ed e Barbara seguindo em frente, como antes. Mas já não era como antes...

— Vou me sentar — disse. — Fiquei cansado. — Puxou a cadeira para perto da cama. — Tanta coisa para contar. Nem sei por onde começar.

Sentou-se e observou por algum tempo, procurando uma narrativa, e depois se levantou.

— Que engraçado — disse, pausadamente, enquanto se sentava outra vez. — Achei que estava fazendo a coisa certa. O tempo todo. Não pensei nisso quando o ajudei no mar. Como poderia fazer outra coisa? E também quando atirei nele. O tempo todo. Achei que era a coisa certa a fazer. Mas era ou não era? As duas coisas. — Ergueu os olhos, como se ela tivesse retrucado, e depois assentiu com a cabeça. — Foi ele que pediu. Fui o único que sobrou para ele pedir. E o que isso faz de mim? Não que alguém se importe. Ele não era...

O quê? Pensou em Alexei no *haman*, mostrando as cicatrizes, e na cara que ele fez na passagem no meio do caminho de Laleli, quase uma máscara mortuária.

— Um homem bom — completou. — Era o oposto. O oposto. — Repetiu isso para convencer a si mesmo. — Sossegado. Sempre pensei que eu fosse assim. Mas o que dizer? Estive pensando nisso, o que dizer?

Coçou por cima do curativo da abertura para o soro no dorso da mão. O pensamento girava.

— Durante a guerra, é tranquilo matar pessoas. Depois da guerra, isso não é mais assim. Uma vez que alguém começa nisso, pode simplesmente desligar e pronto? Como se tivesse um interruptor na cabeça?

Ergueu os olhos outra vez, mas ela não se mexeu e continuou com o rosto liso, sem uma ruga sequer.

— De um jeito ou de outro, está feito. E não se consegue fazer o mesmo de novo. — Cravou os olhos na janela. — Algo assim. Tudo que você fez. — Divagações, pensamentos sem sequência. — Conheci alguém.

Conteve-se, ouvindo a voz de Kay. Ela não gostaria.

— Também achei que era certo. E roubar o dinheiro. Tudo. E agora... — Mais um minuto, um silêncio sonífero. — Simplesmente aconteceu e a conheci. Não planejei nada. — Fez uma careta. — Ela planejou, eu acho. Não sei. Mas depois... de qualquer maneira, não era o que ela esperava, ela mesma disse.

O pensamento se distanciou e vagou pelo jardim. O ponto de onde tinha observado o quarto escuro junto com Alexei, dizendo adeus. Mas havia algo mais importante.

— Acredita que se possa mentir e dizer a verdade ao mesmo tempo? — Ele desviou os olhos para a janela. — Mentir sobre as coisas. Mas não sobre o que acontece entre duas pessoas. Isso tem de ser verdadeiro, não é mesmo? Ou não teríamos nada. Nem sequer por pouco tempo.

Ele se deteve ao notar que falava em voz alta e que assim ela poderia ouvir alguma coisa que não podia. Olhou para ela e cobriu-a.

— Quanto ao resto, não sei. Isso também é engraçado. Eu queria que Tommy me desse um trabalho e agora o tenho. Mas não para ele. — Inclinou-se para a frente.

— Precisamos pensar sobre o que fazer. Esse trabalho para Altan... não é exatamente ilegal, mas sabe-se lá o que é. E não vai ficar como está, por mais que ele diga o contrário. Ele quer me convencer de que eu posso me safar disso, de tudo, mas no minuto que eu não lhe servir mais... — Agora, o limão de Alexei. — São todos uns bastardos. Todos eles. Sempre descartam as pessoas. Nosso lado também.

Olhou para o teto.

— Mas tudo bem.

Pensou em Phil, ajoelhando-se com a equipe de terra.

— Precisamos sair de Istambul — disse com firmeza, planejando. — Ele acha que estou preso, mas não sabe a respeito do dinheiro. O restante está à nossa espera. Ninguém sabe. Poderemos usá-lo para sair. Há maneiras... é o que venho fazendo. Posso fazer isso. Sou engenhoso. — Uma piada triste para si mesmo. — Poderíamos ir para a Itália. Ajudaríamos Mihai com os barcos lá. Ou para qualquer outro lugar. Poderíamos ir para casa.

Ele inclinou-se, mas ela ainda estava parada e não havia nenhum lar refletido em seus olhos, de modo que eles continuavam no mesmo ponto: de passagem.

— Se você voltasse, não seria difícil fazer isso — disse. — Organizar as coisas. Altan não suspeitaria. E o que ele poderia fazer depois que tivéssemos saído? Você não pode querer ficar, onde quer que esteja. E estarei com você. Nunca a deixarei. Você sabe disso. Ela sabia disso. Ela sabia isso sobre mim. Nós poderíamos...

De repente, ele perdeu o fôlego e recostou-se na cadeira. Sabia que nada disso aconteceria e que todos os planos não passavam de uma última cartada, um último desafio, antes de ser envolvido pelas correntes de Altan.

— Pensei que tudo seria o melhor a ser feito. Algo que eu poderia fazer — disse em voz baixa. — Por conta da guerra. Não. Não só por isso. Emocionante. Pensei que seria emocionante. Ser uma daquelas pessoas do Park.

Sentiu um aperto no peito. Não era medo. Uma vida nova o olhava fixamente, implacavelmente. Não haveria outro começo, nem outras noites juntos no Cihangir. Então, o que dizer? Ambos trancados no silêncio de suas próprias razões. Até mesmo naquele lugar, tinha cautela com tudo. E agora também perdia Anna. De repente, por uma fração de segundo, o dedo dela pareceu se mover, talvez sentindo o mesmo que ele, como tudo realmente seria. E ele então estendeu sua mão e cobriu a dela.

— Vai ficar tudo bem, de verdade — disse rapidamente, tranquilizando-a. — Este é o melhor lugar para você, e quando estiver melhor... não se preocupe com Altan. Posso lidar com isso. Ele não é pior que os outros. Farei como fiz com Tommy. Só terei de mantê-lo interessado. A gente aprende essas coisas. E, na verdade, sou bom nisso. Por isso, ele... não quero que se preocupe com qualquer outra coisa. — Apertou a mão dela, puxando conversa com um brilho na voz, afastando-a de tudo, não apenas de Kay, de tudo que ele próprio teria de fazer. — Você sempre gostou daqui. Além do mais, se você é um dos janízaros e joga as cartas direito, acaba se tornando importante. Não seria incrível? A última coisa que esperávamos, mas... — Esfuziante, animava-a e a mantinha longe do resto. — E, se precisássemos, ainda teríamos o dinheiro. Então, não se preocupe com nada. Ficaremos bem. — Acariciou a mão dela. — Quando a olhei na ponte, você olhou do jeito que olhava quando nos conhecemos. Talvez isso signifique alguma coisa, não acha? Nada mudou. — Fez uma pausa. — Não para você. — Desviou os olhos para o jardim. — Logo será primavera. — Um mês depois, as olaias floresceriam ao longo de todo o Bósforo. — Você poderia voltar para ver isso.

Leon esperou mais um minuto pela resposta, e depois ninguém disse mais nada.

Nota do autor

Os horrores de Străulești, o naufrágio do Struma, o trabalho heroico de Ira Hirschmann para o Comitê de Refugiados de Guerra no resgate de judeus pela Europa e os esforços incansáveis do Mossad le Aliyah Bet (Comitê da Imigração Ilegal) são temas de registro histórico. Nesta narrativa, porém, são apenas o pano de fundo. Os acontecimentos e os personagens de *Passagem de Istambul* são fictícios.

Desde 1945, muita coisa mudou em Istambul. A cidade agora se estende para além das colinas e abriga mais de onze milhões de pessoas. As linhas dos antigos bondes elétricos estão desativadas. O lendário Park Hotel foi demolido para a construção de um estacionamento (com a mesma vista lendária).

Robert College é agora Universidade de Bósforo. Os nomes das ruas mudaram: a antiga rue de Pera já era na época a Istiklal Caddesi, mas a Aya Paşa Caddesi, onde Leon morava, agora é Ismet İnönü Caddesi, e assim por diante. Nesse país, que só passou a usar o alfabeto ocidental a partir de 1928, a grafia das palavras continua assumindo novas formas. Haghia Sophia (a Basílica de Santa Sofia) ou Aya Sofya? Abdülhammit ou Abdul Hamid? *Meyhanes* ou *mihanyes*? Grafias alternativas também se estendem até os Bálcãs. O porto do mar Negro pode ser Constância ou Constanta, e seu país Romênia ou România.

Frente a isso tudo, minha esperança era usar apenas os nomes dos lugares e as formas das palavras vigentes em 1945, mas as fontes materiais apresentavam as mesmas variações e inconsistências, e, no final, isso me fez optar pelo que seria mais familiar ao leitor e, às vezes, pelo que era de minha preferência. Claro, como sabe qualquer visitante grato a Istambul, muita coisa não foi alterada. Os belos edifícios do Sinan ainda emprestam seu eterno perfil à cidade, e os pescadores e vendedores de *simit* ainda se alinham na ponte Galata.

Copyright © 2012, Joseph Kanon

Título original: Istanbul Passage

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves

Editora: Débora Guterman

Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Luiza Del Monaco

Assistente de direitos autorais: Renato Abramovicius

Edição de arte: Carlos Renato

Serviços editoriais: Luciana Oliveira

Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Leandro Rodrigues

Revisão: Vanessa Rodrigues e Tulio Kawata

Diagramação: Jussara Fino

Capa: Estúdio Bogari

Imagem da capa: © Klemenr/Dreamstime.com

Versão Digital: Cristina Vicente

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K24p

Kanon, Joseph, 1946-

Passagem de Istambul [recurso eletrônico] / Joseph Kanon ; tradução Márcia

Frazão. - 1. ed. - São Paulo : Benvirá, 2013.

320 p., recurso digital : il.

Tradução de: Istanbul passage

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8240-093-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Frazão, Márcia, 1951-. II. Título.

13-02802 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

08/07/2013 08/07/2013

1a edição, 2013

Ebook adquirido na Livrarialivros.com